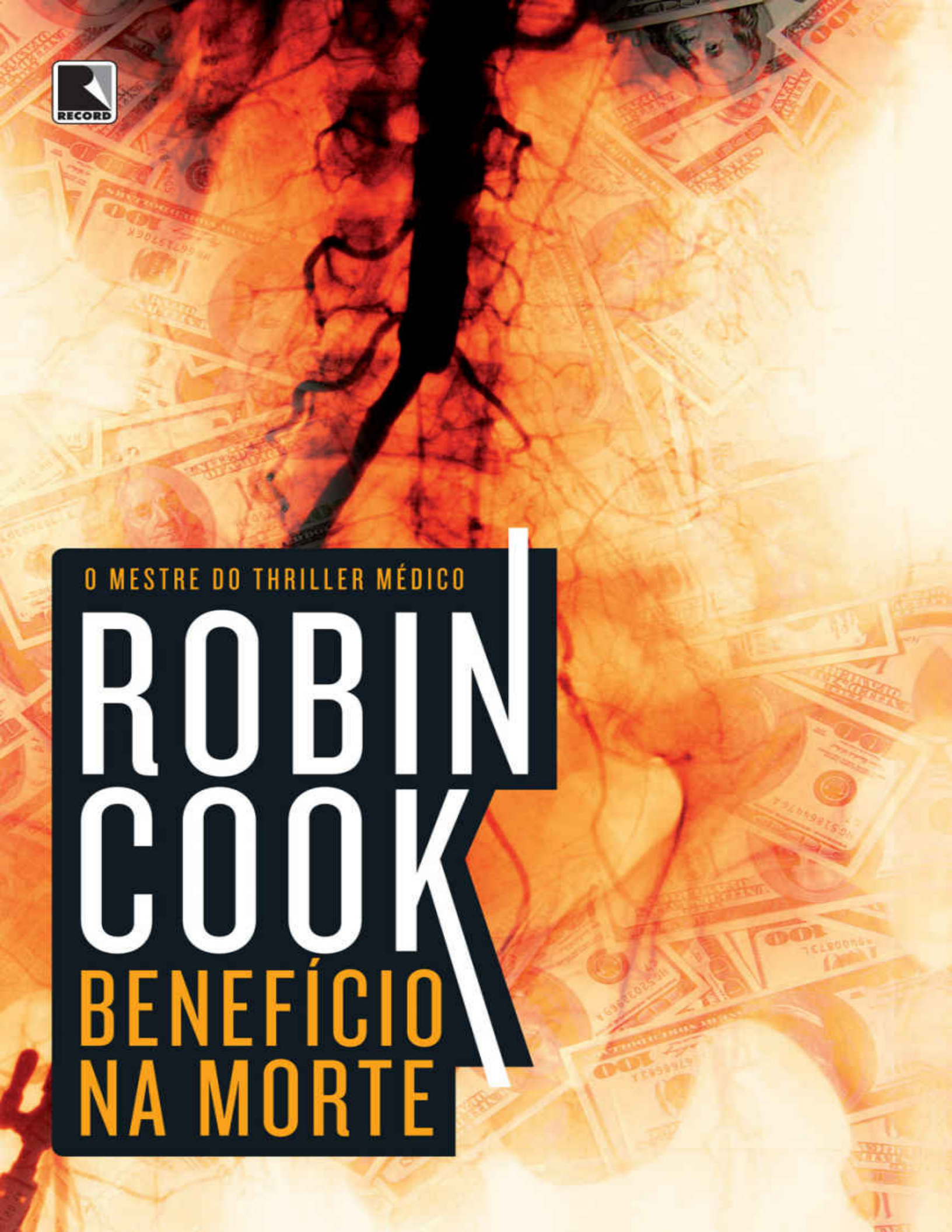

RECORD
O MESTRE DO THRILLER MÉDICO
ROBIN COOK
BENEFÍCIO NA MORTE

ROBIN COOK

BENEFÍCIO NA MORTE

Tradução de
ALICE XAVIER

1ª edição

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Cook, Robin, 1940-
C787b Benefício na morte [recurso eletrônico] / Robin Cook; tradução Alice Xavier. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2015.
recurso digital

Tradução de: Death benefit
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
agradecimentos, prólogo, epílogo
ISBN 978-85-01-10419-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Xavier, Alice. II. Título.

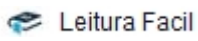
15-20903

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS:
Death Benefit

Copyright © 2011 by Robin Cook

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10419-9

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para todas as crianças adotivas

AGRADECIMENTOS

Um escritor precisa ter muitos amigos: pelo menos este escritor precisa. Há aqueles que não se importam em receber um telefonema, muitas vezes inesperado, e serem indagados sobre fatos ou preferências, ou que estão dispostos a ler um rascunho ou perfil de personagem e dar uma opinião. Vocês sabem quem são, e eu lhes agradeço. É claro que sempre há Joe Cox, que sabe mais sobre leis e sobre o mundo dos negócios do que eu jamais saberei, e Mark Flowenbaum, um patologista forense legítimo. E, naturalmente, Jean Reeds Cook, uma leitora exímia que não me permite deslizes. Obrigado a todos.

PRÓLOGO

KRASNOYARSK, RÚSSIA
14 DE MARÇO DE 2011, 16H22

Prek Vllasi tocou com o indicador da mão direita sua cicatriz de lábio leporino, onde a fenda palatina tinha sido grosseiramente suturada quando ele ainda era bebê. Repetia esse gesto centenas de vezes por dia, principalmente quando estava sob pressão. Nesse momento, dentro de um salão imundo no décimo andar de um edifício abandonado, no meio de um conjunto residencial da era soviética na cidade de Krasnoyarsk, ele ficava mais nervoso a cada minuto.

Prek verificou a hora mais uma vez e olhou para Genti Hajdini, que estava recostado a uma mesa dobrável, bocejando de vez em quando e limpando uma das unhas com a ponta do canivete. Cada vez que o via, Prek se espantava um pouco com as linhas retas do nariz adunco de seu subalterno. Do ângulo que olhava, o nariz lembrava a ponta afiada de uma foice. Sim, tinha certeza de que os chechenos viriam, Genti acabara de lhe garantir pela décima vez. Contatos confiáveis na Albânia, sua terra natal, tinham garantido isso. Embora pudesse senti-la, Prek apalpou a pistola Makarov que trazia enfiada no cinto, às costas. A bolsa da Puma com quinhentos mil euros estava no chão. Genti escondera as armas e o dinheiro em uma carga de frutas da Turquia transportada em um caminhão que ele dirigiu até o interior da Rússia. Não era de se admirar que estivesse cansado.

Não havia nada mais a fazer senão esperar.

O dia estava gelado. A temperatura beirava os vinte graus negativos e dentro de uma hora e meia o sol teria se posto. Do lado de fora, o céu estava da mesma cor terrosa que os edifícios e o solo. Prek começou a caminhar de um lado para outro pelo salão, que no passado deve ter sido um espaço comunitário do conjunto residencial da periferia. Ele era meticuloso; tinha lido a respeito de Krasnoyarsk. Mais ou menos 65 quilômetros ao sul, na margem do rio Yenisei, ficava a cidade de Zheleznogorsk, mais conhecida por seu antigo nome soviético, Krasnoyarsk-26. Era uma cidade abandonada, onde foram instaladas fábricas que processavam sabe-se lá que materiais estranhos e perigosos destinados a produzir sabe-se lá que agentes de destruição. Plutônio destinado à produção de armamentos tinha sido processado em três reatores nucleares locais, e o último deles fora fechado recentemente. Durante anos os soviéticos se limitaram a despejar o lixo radioativo das usinas nucleares diretamente no rio, até que pensaram melhor e cavaram centenas de poços para os quais bombearam o dejeto letal, enviando-o para o subterrâneo. Prek sabia que zumbindo nas cavernas em torno dessa área havia radioatividade equivalente a centenas de Chernobyls, o que era um motivo a mais pelo qual ele ficaria muito feliz em sair logo dali.

Dois homens entraram sem falar nada. Magros e musculosos, de aparência rude, usavam sobretudos pretos e idênticos. Genti ergueu a cabeça.

— Artur? Nikolai?

Um dos homens se adiantou e parou a uns três metros de Prek.

— Eu sou o Artur — disse ele e apontou para o colega. — Este é o Nikolai.

Prek voltou a olhar para onde estava Genti, que assentiu com a cabeça. Esses eram os nomes que haviam sido informados a eles: Artur Zakoyev e Nikolai Dudaev.

— Essa quantia que vocês pediram é um bocado de dinheiro — disse Prek em russo.

— O material não é fácil de conseguir — disse Artur. — Se fosse fácil, para que vocês precisariam da gente? Aliás, para que vocês precisam disso? Vão explodir algum lugar?

Artur abriu um sorriso irônico: referia-se ao fato de que a substância podia ser usada para fabricar detonadores de armas nucleares.

Prek sentiu repulsa: tinha visto dentes melhores numa mula.

— O que vamos fazer é da nossa conta — disse Prek. — Como saberemos se é autêntico? Tem que ser de boa qualidade, não qualquer porcaria velha que vocês estavam guardando num galpão.

— Vocês precisam confiar em nós. É para isso que nos pagam. Trouxeram o dinheiro?

Prek baixou o olhar para a bolsa, que chutou na direção de Artur. Em seguida observou Nikolai, que estava um pouco atrás e à direita do chefe. *É a segunda vez que ele olha o relógio*, pensou Prek. Artur deu um passo adiante e se agachou com as mãos à frente. Todos conheciam o procedimento: manter as mãos abaixadas e à vista, junto ao corpo. Artur abriu o zíper da bolsa e retirou dela um maço de notas de cem euros, que folheou com o polegar. Prek reparou que Nikolai verificava o relógio mais uma vez.

Ele está esperando alguém, pensou Prek. Olhou para Genti, que observava Artur contar o dinheiro. *Está esperando alguém que se atrasou.*

— Agora vocês têm que confiar em mim — disse Prek, com pressa. — O dinheiro está todo aí, portanto, quero pegar a mercadoria.

Artur se levantou e ergueu as mãos.

— Tudo bem, tudo bem.

Com o braço direito ainda levantado como se estivesse fazendo um juramento, Artur pôs a mão esquerda no bolso direito do casaco e puxou um objeto pequeno. Prek se balançou nos calcanhares. Não teria tempo de reagir, mas sabia que Genti era capaz de atirar na cabeça dos dois chechenos em segundos. Porém, o objeto não era uma arma, mas um pequeno recipiente de alumínio de 7,5 cm de comprimento por 2,5 cm de diâmetro. Prek avançou e recebeu o frasco, que guardou no bolso da calça. Nikolai disse algo que Prek não entendeu, e sem mais uma palavra os chechenos se viraram e foram embora. Artur ia agarrado à bolsa contendo o dinheiro.

— Vamos embora — disse Prek em albanês.

Quando chegou ao corredor, dobrou à esquerda, a direção oposta à da vinda, e por onde os chechenos seguiram.

— O carro está lá atrás — disse Genti, mas Prek já corria, dirigindo-se à escada, que ficava no lado mais distante do edifício.

Ouvia-se gente falando em tom alto, vozes que ecoavam, vindas da outra escada, e o som de tachas de metal do solado de botas batendo no cimento. Era

esse o cara que os chechenos estavam esperando, e não a Câmara de Comércio vindo agradecer aos albaneses pelo bom negócio. Felizmente a pontualidade dos russos não tinha melhorado muito desde a queda do comunismo.

De armas em punho, Prek e Genti desceram correndo as escadas. Prek viu à frente viaturas policiais estacionadas e furgões pretos de portas escancaradas. Ele se virou e saiu correndo para os fundos do edifício, e Genti o seguiu. Os chechenos corriam adiante, em direção a um solitário carro estacionado no canto de um pátio interno. *Droga de amadores.* Prek vislumbrou a oportunidade.

Os chechenos entraram rapidamente no carro. Artur deu marcha a ré e manobrou, virando o veículo de frente. Antes que pudesse engatar a primeira, Prek e Genti já estavam em cima deles e cada um atirou três vezes no para-brisa. Artur foi atingido e lançado para trás no banco, com o pé pisando fundo no acelerador. O motor ficou trabalhando em ponto morto. Prek e Genti abriram as portas e puxaram os chechenos para fora. Artur tinha morrido com os miolos estourados. Nikolai tinha levado dois tiros no pescoço e o sangue borbulhava em sua traqueia enquanto a vida se esvaía dele. Prek acelerou e partiu, procurando outra via de saída do conjunto residencial. O coração dele ameaçava explodir no peito e começou a praguejar em voz alta. Estava sentado em cima de vidro quebrado e era obrigado a se inclinar para a frente, evitando que sua cabeça tocasse nos restos de massa encefálica de Artur, espalhados no encosto do banco.

— O que aconteceu?! — berrou Prek.

— Eles entregaram a gente — explicou Genti. — Ali...

Apontou para a frente, onde havia um caminho que levava à saída do conjunto e dava acesso a uma estrada secundária. Genti sabia que se trafegassem sem para-brisa na rodovia principal, não demoraria nem cinco minutos até serem parados.

Ele soltou uma exclamação de felicidade enquanto Prek reduzia a velocidade na estrada de terra. Prek deu uma espiada e Genti virou a cabeça para olhar o banco traseiro. Mesmo suja de sangue, a bolsa da Puma estava em perfeito estado. Prek deu um soco no volante e se virou para Genti, e os dois ficaram um bom tempo dando risadas.

PARTE I

1

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
28 DE FEVEREIRO DE 2011, 7H23

A garota de 12 anos acorda assustada. Está deitada numa cama baixa e estreita, de colchão fino, cercada por um bando de meninas. Elas são mais velhas — 16, 17 anos — e observam com más intenções a garota deitada. Algumas reprimem risadinhas, outras estão sorrindo, mas não parece ser de felicidade — são sorrisos de expectativa. Ainda é noite. No amplo dormitório há outros beliches e a garota sabe que as companheiras, mesmo acordadas, não se mexerão para ajudá-la, pois têm noção do que está para acontecer.

Paralisada de terror, a menina não consegue reagir quando a turba cai sobre ela. Enquanto está sendo arrastada para fora da cama ela vê sua principal algoz, a líder do grupo, com o rosto contorcido num esgar ensandecido. Mesmo assim, ela sabe que não adianta gritar por socorro. Em algum lugar do dormitório ouve-se, de repente, o som alto de alguém batendo em algo. E o som se repete.

Pia Grazdani, 26 anos, acordou em pânico e suando frio, e por um segundo ficou sem saber onde estava. Respirou aliviada quando percebeu que estava segura em seu quarto no alojamento estudantil do Centro Médico da Universidade Columbia. Alguém batia na porta.

Respirando fundo, ela pulou da cama com seu pijama de flanela, deu três passos rápidos até a porta e a escancarou, depois de abrir a tranca. Como

imaginara, quem batia era George, seu colega do quarto ano do curso de medicina.

— Pia, você sabe que horas são? Hoje é um dia em que você não deveria se atrasar.

O tom não era tão veemente quanto a mensagem que transmitia. Com mais de 1,85 m de altura, George Wilson era quase 18 cm mais alto que ela; porém, quando na presença de Pia, de certa forma sempre se sentia mais baixo. Para ele, Pia era dona de uma personalidade obstinada e impetuosa, e às vezes conseguia ser muito instável.

Pia manteve a porta aberta e George entrou no pequeno cômodo. Deixando a porta se fechar, Pia virou-se e passou depressa ao lado dele, ao mesmo tempo que puxava a blusa do pijama por cima da cabeça. George olhou para as costas nuas de Pia, para o desenho das escápulas que emolduravam a impecável pele bronzeada. Parada diante da cômoda baixa, Pia tirou da gaveta algumas peças de roupa para usar naquele dia e percebeu o olhar de George pelo espelho.

— Foi mal, George, eu não conseguia dormir. Aí, quando consegui, comecei a sonhar. Você pode ir na frente, que eu encontro você mais tarde.

Dito isso, Afrodita Pia Grazdani concentrou-se na tarefa de se arrumar. Quando tirou a calça do pijama, o rapaz virou a cabeça e ficou olhando pela janela. Preferia admirá-la, mas teve receio. Em vez de observá-la, se deteve ante a paisagem espetacular que ele e os outros estudantes de medicina tinham se habituado a considerar corriqueira: a gigantesca ponte George Washington, que ligava Manhattan a Nova Jersey. O trânsito habitual do horário de pico das manhãs estava parado nas duas direções.

— Tudo bem, Pia, vou esperar.

Depois, procurando alguma coisa para dizer, acrescentou:

— Imagino que você ainda não tenha entendido como usar aquele despertador que lhe dei de presente. Não posso vir te acordar todo dia. Você precisa dar um jeito de chegar na hora. Se preferir, também pode usar o alarme do celular.

George se calou. Tinha voltado a atenção para o quarto e ficou imediatamente paralisado ao ver Pia escovando os cabelos negros. Sentiu uma tristeza imediata e avassaladora. Nas poucas vezes — exatamente quatro — em que Pia e George dormiram juntos, ela lhe pediu que fosse embora antes que

ele adormecesse. E, em todas essas ocasiões, ela ficou parada diante daquela mesma penteadeira, de costas para ele, enquanto escovava os cabelos, exatamente como fazia agora. Após algum tempo, George constatara com desânimo que naquelas quatro preciosas ocasiões eles não tinham verdadeiramente dormido juntos, apenas fizeram sexo. Foram trepadas sem compromisso, de um jeito bem machista.

George tinha um porte atlético e boa aparência, o estereótipo do jovem estudante de classe abastada, além de fartos cabelos louros e rebeldes e um sorriso fácil. Durante a graduação, ficara sabendo que muitas patricinhas o consideravam "um tesão". Nunca faltaram amigas com segundas intenções. Mas desde muito cedo George havia estabelecido o objetivo de ser médico, e não quis compromisso com nenhuma delas. Consequentemente, a vida sentimental de George se resumira a uma série de aventuras fortuitas e romances passageiros, com pouco envolvimento emocional. Ele sabia que havia magoado algumas mulheres, e isso ficava mais claro agora que a situação se invertera e chegou a vez dele de ficar magoado, pois tudo era diferente com Pia. Ela parecia não se importar, e aquilo o deixava louco. Em várias ocasiões ele se propôs a esquecê-la, por ela ser emocionalmente traumatizada ou bloqueada, mas não conseguiu. Em vez disso, ficou até obcecado, em certa medida. George queria desesperadamente ter uma relação amorosa com a moça, mas não tinha ideia do que ela queria nem da razão pela qual o caso deles não evoluiu. Durante os três anos e meio do curso de medicina, ele não parou de tentar.

— O que você está esperando? — indagou Pia rispidamente quando saiu de seu minúsculo banheiro ainda passando um batom claro, que era mais protetor labial que maquiagem.

A moça pegou o jaleco branco de estudante de medicina, vestiu-o e pendurou o crachá do centro médico no pescoço. Depois ficou segurando a porta aberta atrás de si, como se quem tivesse esperado fosse ela.

Desnorteado, como de costume, George despertou do que se poderia considerar uma breve crise convulsiva e a seguiu porta afora. Quase teve de correr para alcançá-la, pois Pia caminhava apressada pelo corredor em direção aos elevadores.

Pia continuou andando depressa enquanto eles deixavam o alojamento e dobravam à direita, em direção ao complexo de edifícios do Centro Médico da Universidade Columbia. Localizado no bairro de Washington Heights, na Broadway, ele se estende ao longo da região norte do eixo da ilha de Manhattan. E mesmo àquela hora da manhã o lugar já estava movimentado.

Vestidas com jalecos brancos de comprimentos variáveis, as pessoas mais decididas que se deslocavam pela 168th Street eram os médicos, estudantes e funcionários dos hospitais e institutos de pesquisa. Os pacientes e seus familiares que vinham chegando eram mais hesitantes, tentando descobrir para onde precisavam ir, e estavam obviamente apreensivos quanto às razões que os levavam até ali e quanto ao que aconteceria ao longo do dia.

George levantou a gola do casaco para se proteger do vento rascante que vinha do rio Hudson e era canalizado para a 168th Street pela curva da Haven Avenue. No dia seguinte começaria março, mês em que a temperatura poderia subir para 15ºC a qualquer momento, ou então poderia até nevar. Naquele instante o frio não era excepcional, mas um lembrete de que o inverno continuava com algum poder.

George e Pia tinham de ir para prédios diferentes para iniciar a disciplina eletiva daquele mês. O quarto ano de medicina era cursado com uma série de rodízios de um mês de duração por várias especialidades, o que incluía um período eletivo no qual os estudantes podiam escolher a matéria específica de seu interesse. Aquele era o mês em que Pia deveria trabalhar com pesquisa, como ocorrera durante o mesmo período no terceiro ano. George trabalharia em radiologia, como no ano anterior. Essas escolhas eram particularmente relevantes, uma vez que, três semanas antes, George, Pia e o restante da turma de 2011 tiveram acesso a seus resultados nos programas de residência médica. Graças ao excepcional desempenho acadêmico dos dois e às enfáticas recomendações dos professores, tanto Pia quanto George conseguiram vagas no Centro Médico da Universidade Columbia: Pia em clínica médica e George em radiologia. Graças a uma dispensa especial, Pia começaria em paralelo o programa de doutorado em genética molecular, que lhe permitiria continuar seu trabalho laboratorial enquanto cumpria os créditos da residência médica.

Naquela manhã, o famoso geneticista molecular Dr. Tobias Rothman, vencedor de um Prêmio Nobel e de um Prêmio Lasker, estava aguardando Pia

no Centro de Pesquisas Médicas William Black. Além de reconhecido por suas admiráveis realizações, o Dr. Rothman era ainda mais famoso no centro médico por ser uma pessoa de difícil convívio no trabalho, graças à total e irrestrita falta de traquejo social. Rothman não suportava gente burra. Na verdade, não suportava ninguém, exceto seu assistente de pesquisa de longa data, o Dr. Junichi Yamamoto. Quando Pia começou a disciplina eletiva do terceiro ano no laboratório de Rothman, George ficou apreensivo por causa da reputação do cientista, mas sua preocupação se atenuou, pois ele sabia por experiência própria que ela mesma era uma pessoa complicada. Ele conhecia a capacidade de Pia de enfrentar a maioria das situações. Mas, para surpresa de todos, até da própria estudante, ela se entendeu maravilhosamente bem com o afamado e temido pesquisador. Na verdade, fora Rothman quem sugerira a Pia fazer o doutorado na Columbia, cumprindo a parte prática no laboratório dele. Antes de Pia, ele nunca tinha sido mentor de ninguém. Durante algum tempo houve especulações descabidas sobre o que estaria acontecendo entre a estudante de medicina de beleza exótica e o homem rabugento e universalmente detestado, mas respeitado, e principal celebridade da área de pesquisa no centro.

— Pia! Espere! — gritou George.

Do seu jeito tipicamente distraído, Pia já havia deixado George para trás na multidão. Driblando as falanges de estudantes de medicina que, com seus jalecos brancos, dirigiam-se para o edifício William Black, George correu para alcançar Pia no momento exato em que ela ia entrar no prédio e a puxou de lado. A moça encarou George, arregalando os grandes olhos castanhos como se surpresa em vê-lo após, teoricamente, ter caminhado na companhia dele.

— Você quer almoçar comigo mais tarde? Hoje é o primeiro dia; então, eles devem pegar leve. Sei que provavelmente a minha rotina vai se complicar daqui para a frente.

— Não sei, George. O Rothman é... Você sabe, ele é...

— O Rothman é um idiota antissocial, é só o que eu sei.

— Não vamos discutir. Sei o que você e praticamente todo mundo acha, mas o cara tem sido legal comigo. Aliás, não sei o que ele está planejando para mim hoje, nem pelo restante do mês. Só sei que não posso planejar almoços com ninguém antes de descobrir o que tenho que fazer durante o dia.

— Eu posso dizer o que a maioria acha que ele está planejando para você.

— Ah, dá um tempo! — reagiu Pia, irritada. — Isso de novo, não. Eu já falei várias vezes que o cara nunca avançou o sinal nem fez qualquer comentário vulgar perto de mim. Ele é um gênio que pensa estar cercado de gente burra, e talvez tenha razão, pelo menos em parte. Só está interessado no trabalho dele, e eu também. Estou totalmente ciente da reputação de antissocial dele, mas tenho sorte de ele me tolerar. Mal posso esperar para entrar lá. No decorrer do dia, se eu tiver um tempo livre, ligo para você.

Por uma fração de segundo, George ficou furioso. De repente seu cérebro foi invadido por um ciúme descontrolado do imbecil do Rothman. Todos o detestavam, e aqui estava a mulher pela qual ele sentia uma obsessão romântica dizendo-lhe, em suma, que fosse embora, pois ela mal podia esperar para encontrar o velho tarado, em vez de marcar com ele o que poderia ser o último almoço do mês. George respirou fundo enquanto observava a postura obviamente desdenhosa de Pia. Num lampejo, ele tornou a se perguntar por que continuava atrás dessa mulher quando ela parecia estar apenas tolerando a companhia dele.

George sabia, por instinto, que não deveria se importar tanto com o fato de ela planejar ou não encontrá-lo para o almoço, mas não conseguia evitar. Esse era mais um episódio de uma longa lista. Na última vez em que fizeram amor, que era como George queria pensar no que Pia chamava de "transa", ele tentou não dar importância a seu sentimento por ter sido dispensado por ela. A reação de Pia na ocasião, como agora no caso do almoço, fora de irritação. Naturalmente, depois de sair do quarto dela, em vez de se sentir bem por ter sido franco, ele se angustiou com a possibilidade de tê-la afastado de vez. Mas isso não aconteceu. Pelo contrário. Dois dias depois George recebeu uma mensagem de voz surpreendente no celular: "Talvez você devesse telefonar para Sheila Brown", e em seguida um número de telefone. George ligou para Sheila Brown e teve uma das conversas mais estranhas de sua vida. Ele descobriu mais sobre o passado de Pia do que ela jamais revelara.

— Alô, meu nome é George Wilson. Pia Grazdani me pediu que ligasse para você.

— Oi, George, ela me avisou que você telefonaria. Fui a assistente social e terapeuta dela por um tempo. Pia me disse que eu podia conversar com você.

— Ah... tudo bem...

Assistente social? Qualquer que fosse a expectativa de George, não era essa.

— Sei que é extremamente incomum uma terapeuta conversar com um desconhecido sobre uma paciente, mas Pia me pediu que fizesse isso.

Psicoterapeuta? Interessante.

— Numa situação normal, eu não revelaria a você quem sou. Estou infringindo regras da minha profissão. Mas Pia me convenceu a fazer isso. E se eu puder ajudá-la a superar tudo por que passou, estou disposta a fazer o que for preciso.

"Trabalhei muitos anos com a Pia; ela foi criada em lares adotivos, inclusive passando pelo que era conhecido como escola reformatória. Por causa disso, digamos que ela sempre achou muito difícil se envolver em qualquer relacionamento. É um problema de confiança. Ela não falou muito de você, mas considero encorajador o fato de ela ter pedido para eu me apresentar a você. Acho que quer que você saiba alguma coisa sobre ela, mas não consegue dizer ela mesma. Então, pediu a quem sabe fazer isso melhor. As ideias dela sobre privacidade e laços afetivos são diferentes das da maioria das pessoas."

Infelizmente, o rapaz sabia disso por experiência própria.

Sem entrar em detalhes, Sheila o incentivou a "continuar tentando" com Pia, pois, na opinião dela, ele seria "benéfico" a ela. Sheila concluiu dando a ele o número do telefone de seu consultório, para que ele o tivesse além do número do celular, no caso de querer voltar a conversar. George nunca telefonou e, apesar das alegações de Sheila, ele questionou o profissionalismo daquela conversa. Ao mesmo tempo, gostou de saber. Nunca abordou o assunto diretamente com Pia, revelando estar ciente da passagem dela por lares adotivos, mas tentou fazê-la se abrir em relação à própria infância, em termos genéricos. Infelizmente ela sempre respondeu que aquele era um assunto que não queria discutir. Era um tema proibido. George não se importou; deixou a questão de lado e não pensou mais no assunto. Estava dando à moça todo o tempo de que precisava.

George soltou o ar pelos lábios franzidos. O breve intervalo lhe deu a chance de se controlar e não falar coisas de que teria se arrependido mais tarde. Tentou até disfarçar a própria irritação.

— Bom, espero que seu dia corra tão bem quanto o esperado — disse ele finalmente. — Sei que você sabe se cuidar, Pia, mas ainda não sei como consegue aguentar trabalhar com ele.

— Não preciso ser amiga dele, George. Isso não é o jardim de infância. Se ele me tolera e me permite aprender com ele, pode ajudar na minha carreira. É só o que eu quero. Somos adultos, não precisamos ser amigos.

Pia já havia usado esse argumento antes, e George ficou na dúvida se ela estaria se referindo a Rothman ou a ele. Seu receio de ser abandonado por ela voltou à tona.

— Tudo bem! — encerrou George, levantando as mãos num gesto de rendição. — Foi mal por eu ter falado nisso.

— Pare de se desculpar! — repreendeu Pia, olhando o relógio. — Você parece um bobalhão quando fica pedindo desculpas. Agora eu realmente vou chegar atrasada.

Pia se afastou apressada. George se perguntou a que horas ela teria se levantado se ele não tivesse passado em seu quarto para acordá-la. Não pôde deixar de reparar que Pia nem se dera ao trabalho de agradecer, quanto mais de assumir um compromisso para almoçar com ele. Infelizmente, tudo aquilo era *pro forma*.

Pia mostrou a identidade ao segurança, assim como fizeram todos os outros estudantes, na maioria do primeiro e do segundo ano, que estavam a caminho das aulas que começavam às 8h. Em vez de segui-los, ela pegou o elevador para o 14º andar do Centro de Pesquisa William Black e seguiu para o espaçoso laboratório de Rothman. De todos os pesquisadores do centro, ele era o que tinha a maior área a seu dispor. No momento que atravessou a porta de metal e entrou no conjunto de salas de pesquisa, ela sentiu que o dia no laboratório já estava em plena efervescência. Os três técnicos pesquisadores, Panjit Singh, Nina Brockhurst e Mariana Herrera, faziam hora ao lado da cafeteira comunitária, depois de terem calibrado todos os instrumentos que necessitavam de ajustes diariamente. Exigente com tudo o que comia e bebia, Rothman mantinha em seu escritório uma máquina de Nespresso que somente ele e seu assistente, o Dr. Junichi Yamamoto, podiam usar.

— Bom dia, Srta. Grazdani — disse a secretária de Rothman, Marsha Langman, por trás da mesa. Uma sobrancelha excessivamente definida se ergueu quando ela olhou o relógio na parede oposta. — É melhor não fazer disso um hábito.

Pia seguiu o olhar da mulher e viu o relógio. O ponteiro dos minutos tinha acabado de se movimentar: eram 7h49. A estudante parou e se voltou parcialmente em direção à dublê de servente e secretária de Rothman, excessivamente leal ao chefe, para a reprimenda inevitável.

— Você sabe que ele gosta que todo mundo chegue cedo — disse a secretária em tom acusatório.

— Eu não estou atrasada — retrucou Pia.

Os estudantes começavam as aulas e outras atividades às 8h, a não ser que tivessem dado plantão na noite anterior, nas matérias específicas que o exigiam.

— Ah, mas também não está adiantada. Mas não vamos começar o mês com o pé esquerdo. E devo avisá-la de que terá companhia em sua sala: um funcionário da manutenção está lá tentando consertar um problema na fiação. O sistema de segurança caiu.

— Quanto tempo ele vai demorar?

Marsha, uma afrodescendente de meia-idade com um jaleco longo que seu cargo não exigia, fez uma cara de quem diz: *Como vou saber?*

Pia ficou irritada. Mal tinha espaço para ela no que era descrito generosamente como sala.

— Será que o chefe vai ter tempo para mim agora de manhã?

Pia era uma das poucas pessoas que não reverenciavam Rothman e esperavam que ele fosse falar com elas. Enquanto fazia a pergunta, a moça virou-se para encarar a secretária. Os técnicos do laboratório ficaram calados. Pia se perguntou se eles teriam programado a hora do cafezinho para coincidir com a chegada dela, previsivelmente não adiantada o suficiente, e estariam tentando escutar alguma coisa que pudesse virar fofoca.

— Você sabe como ele está sempre correndo — respondeu a secretária. — Está sob pressão para terminar sua experiência mais recente com *salmonella typhi* em colaboração com o Dr. Yamamoto. Precisamos enviar por e-mail o artigo para a revista *The Lancet*, amanhã ou depois.

Marsha sempre falava como se estivesse envolvida ativamente na pesquisa. Era parte de sua estratégia para erguer barreiras e criar armadilhas para quem pretendesse falar com Rothman. Ela o vigiava como um cão de guarda assassino.

— Ele está lá dentro desde as 6h. — "Lá dentro" era o laboratório de biossegurança nível 3, frequentemente citado como BSL-3, onde vinha sendo realizada a pesquisa com cepas de salmonela. — Vou dar um jeito de ele ficar sabendo que você quer falar com ele.

— Muito obrigada — respondeu Pia, o olhar entregando sua irritação.

"Dar um jeito de Rothman ficar sabendo" significava apertar um botão e falar com ele pelo interfone. Como detestava perder tempo, ela terminara o último projeto para o qual tinha sido designada por Rothman. Precisava se reunir com ele para descobrir o que faria naquele mês. E agora, para complicar as coisas, havia um operário na salinha dela.

Pia tinha uma sala por pura sorte. Poucos tinham esse privilégio no laboratório. Quando o principal assistente de Rothman foi demitido, depois de discutir com o chefe sobre algum detalhe insignificante de procedimento laboratorial, seu sucessor, Arthur Spaulding, tomou posse de uma sala mais próxima da área de biossegurança nível 3, e Pia herdou o espaço que fora de Spaulding.

Ao ver a porta entreaberta, Pia ficou indignada. Havia ali arquivos confidenciais, ainda que poucos no planeta fossem capazes de entender o que havia neles. Quando entrou, viu que sua bancada, que também servia de escrivaninha, estava ocupada: havia uma planta da rede elétrica e, em cima dela, ferramentas e fios espalhados. Num canto do cômodo minúsculo e sem janela havia uma escada, e no degrau mais alto uma pessoa, a cabeça e os ombros escondidos dentro do forro aberto. Três painéis tinham sido removidos e estavam apoiados na parede.

— Com licença! — disse Pia bem alto. Quando não obteve resposta, chamou ainda mais alto: — Ei, você aí em cima!

As palavras de Pia fizeram o homem se encolher e bater com a cabeça num cano do teto. Ele soltou um palavrão e saiu devagar de dentro do forro. Depois de uma rápida olhada em Pia, ele desceu da escada. Tinha uns 45 anos e a cabeleira grisalha, e usava um macacão azul-escuro. Sua testa tinha rugas

profundas, a face era encovada, e possuía a pele descorada de um fumante crônico. O corpo era magro, porém musculoso. No crachá estava escrito "Vance Goslin".

— Quanto tempo você vai demorar? — perguntou Pia, as mãos na cintura.

Goslin foi arrebatado imediatamente pela beleza notável e exótica da moça, sua pele luminosa e perfeita, os lábios carnudos e, talvez mais que tudo, por seus imensos olhos escuros. Contribuíam para o encantamento a confiança e a franqueza que ela demonstrava. No mundo de Goslin, moças com aquela aparência agiam de outra forma. Sentiu por ela mais do que uma atração qualquer: ficou intrigado.

— Depende de quando vou descobrir qual é o problema — respondeu Goslin, e apontou para duas áreas na planta sobre a mesa. Ele tinha um sotaque forte, que Pia julgou reconhecer, principalmente por causa do nome dele. — Se o problema estiver aqui vai ser fácil resolver. Se estiver ali, vai ficar mais difícil, mas de um jeito ou de outro vamos resolver. Talvez até dê para acabar hoje à noite.

Acenou com a cabeça como se tivesse terminado de se explicar, mas continuou a avaliar o corpo bem-feito de Pia, como fizera enquanto falava. Ele nem disfarçava, como se isso fosse normal. Seu olhar acabou chegando ao crachá do hospital.

— Grazdani — enunciou, levantando as sobrancelhas com ar interrogativo. — Puxa, que sobrenome estranho.

Pia não falou nada, levando-o a pensar que ela fosse meio surda.

— Seu sobrenome é estranho. É italiano? — perguntou ele, falando mais alto. Exibia um sorriso zombeteiro, como se soubesse que o nome não era italiano. Era sua forma de flertar.

— Não, não é italiano. E por que está gritando?

Só em duas ocasiões na vida Pia tinha falado de sua ascendência albanesa, e essa não seria a terceira, não com aquele homem. Em Nova York viviam milhares de albaneses e ela se lembrava do idioma o suficiente para reconhecer o sotaque quando o escutava. Certa vez, quando Pia estava comprando uma fatia de pizza, dois rapazes atrás do balcão começaram a falar descaradamente dos atributos físicos dela em seu idioma, até que a moça lhes perguntou em inglês se queriam que ela conversasse com o gerente sobre a indelicadeza deles.

— Na verdade, posso arriscar que é albanês — disse Goslin, mantendo o sorriso. — Sou descendente e tenho muitos amigos albaneses aqui em Nova York. Trabalham em manutenção, como eu. Praticamente dominamos esse ramo...

Pia não estava prestando atenção. Menos de uma hora antes ela estava sonhando com o pesadelo da infância, e agora este homem lhe recordava outro pesadelo — o pai —, o que fez aumentar sua irritação. Embora ela não o estivesse incentivando, o funcionário da manutenção continuava falando, tentando envolvê-la na conversa.

— E então, você é de onde? — perguntou ele.

Semicerrando os olhos, inclinou a cabeça de lado, como se estivesse a ponto de adivinhar. A situação não era incomum para Pia; muitos, principalmente homens, tentavam adivinhar sua ascendência baseando-se na aparência dela, e em geral sugeriam que fosse grega, libanesa ou mesmo iraniana. Mas Pia não cairia na lábia desse cara, ainda que ele tivesse acertado quanto ao sobrenome. O pai dela era albanês, embora a mãe fosse italiana.

— Sou americana — informou Pia. — Anda depressa com isso aí. Vou precisar da minha sala daqui a pouco.

— Você faz o quê? — prosseguiu Goslin, tentando continuar a conversa.

Pia não respondeu. Saiu da sala e só parou um instante para apanhar umas pastas de que poderia precisar.

Surpreendendo os técnicos do laboratório, que haviam deixado o cantinho do café e posicionaram-se em suas respectivas bancadas, Rothman surgiu de repente, saindo da unidade de biossegurança. Isso os espantou porque todos esperavam que o chefe fosse passar o dia trancado lá, como vinha acontecendo nas últimas semanas. Rigoroso na obediência às normas, ele passou pela câmara pressurizada e tirou o traje de segurança do laboratório, vestindo roupas comuns. Sem o jaleco, ele parecia mais um banqueiro que um cientista-pesquisador que acabara de lidar com a salmonela extremamente letal que causa a febre tifoide. Embora antissocial, ele se vestia com apuro, incongruência que remetia à preocupação dele com a opinião alheia. Mas a verdade é que não se importava. Vestia-se tão somente para si, e dia após dia o traje era o mesmo: um conservador terno italiano com paletó de três botões, camisa branca bem passada, gravata azul-marinho combinando com o lenço do

bolso e sapatos pretos tipo mocassim. Não era um homem alto, mas andava todo esticado e parecia ter mais altura. De movimentos rápidos, era uma figura que intimidava, com sua postura marcialmente ereta e uma expressão facial que não convidava ao diálogo. Os cabelos castanho-escuros eram cortados de forma conservadora, para combinar com o terno. Sua única concessão à moda atual era a quase invisível armação dos óculos, de titânio.

Quando Rothman se encaminhou para a sala dele, os olhos dos técnicos o seguiram. Para eles, ficou logo claro o que tinha motivado Rothman a sair da unidade de biossegurança. Ao avistar Pia ele fez gestos para que ela o seguisse. Quando a porta da sala se fechou, os assistentes trocaram olhares maliciosos, temperados por um ciúme coletivo. Todos sabiam que, com a pressão para escrever o artigo para a *Lancet*, o cientista jamais teria deixado a unidade de biossegurança para falar com eles. Na opinião dos técnicos, Pia era uma espécie de queridinha do professor, e o fato de não ser muito amistosa jogava contra ela. Tal qual seu orientador, sempre estava ocupada para bater papo e tinha uma atitude reservada. Além disso, todos a consideravam bonita demais para ser estudante de medicina, e pensavam, com um toque de maldade, que ela seria mais adequada para fazer um papel de estudante de medicina em algum seriado de televisão. Para a equipe do laboratório, Pia era um mistério, ainda maior por causa dos boatos que afirmavam que ela quase se tornou freira.

Se pudessem ver o que ocorria na sala de Rothman, os técnicos talvez não tivessem sentido o menor ciúme. O chefe e a aluna davam a impressão de estar envolvidos em algum ritual secreto, em vez de em um diálogo. Eles nem se entreolharam durante o breve encontro. Depois de comunicar à aluna seu desejo de que ela editasse o artigo sobre salmonela para a *Lancet*, Rothman pegou uma das duas cópias de cima da mesa e se pôs a estudá-la com atenção. Pia parecia igualmente absorta, olhando para os próprios pés com os braços cruzados. À medida que o silêncio incômodo se alongava, um leigo talvez conseguisse identificar a falta de traquejo social de ambos; se tivesse tempo suficiente, um psicólogo poderia ir mais longe, do ponto de vista de diagnóstico.

Finalmente Rothman inclinou-se sobre a mesa e entregou uma cópia do artigo a Pia.

— Trate de deixá-lo no mais alto nível. Preciso dele pronto amanhã de manhã. Depois conversaremos sobre o que você vai fazer esse mês.

Ele ainda não tinha olhado para ela.

— Eu sei que você sempre esteve mais interessada na minha pesquisa de células-tronco do que na de salmonela, e por mim tudo bem. O mérito é seu, considerando que finalmente sabe alguma coisa prática de genética, em vez do lixo que ensinam a vocês em sala de aula. E só mais uma coisa: o maldito reitor empurrou para mim mais dois alunos para um mês de eletiva. Então, quero que você pense um pouco no que eles podem fazer enquanto estiverem aqui. Não vai ser fácil; tenho certeza de que não servem para nada.

— Onde estão, e como posso encontrá-los?

— Devem começar amanhã. O Dr. Yamamoto vai apresentá-los a você. O principal é que não quero que tomem muito tempo do Junichi, porque ele parece gostar desse tipo de idiotice. Preciso que ele se concentre no trabalho que estamos fazendo.

— Com aquele cara da manutenção na minha sala, não posso fazer nada.

— Pelo que entendi, ele termina o serviço ainda hoje. Então, tudo isso fica para amanhã.

Rothman nunca estava interessado nos detalhes da administração de seu imenso laboratório. De repente, concentrou-se novamente na leitura do artigo para a *Lancet*.

Sem se deixar despachar por Rothman, Pia disse:

— Há uma coisa que preciso conversar com você. Os resultados da seleção para a residência médica já chegaram. Vou ficar aqui na universidade, frequentando um programa conjunto em que faço o doutorado em biologia celular com você, conforme me ofereceu tão generosamente, e completo a residência em clínica médica. Bom, né?

— Bom coisa nenhuma! — reagiu Rothman, veemente, seu famoso mau humor vindo à tona. — Não gostei nada disso. Já disse uma vez, aliás, dezenas de vezes. Seria uma total perda de tempo você fazer residência em clínica médica, exatamente como foi para mim. Acho que é óbvio que você é, assim como eu, uma pessoa perfeita para a pesquisa, não para clínica médica. Você deveria ficar aqui no laboratório em tempo integral! Foi exatamente o que defendi na minha carta de recomendação para o programa de doutorado.

Um certo grau de tensão ficou pairando no ar. Por alguns segundos nenhum dos dois disse uma palavra. Também não se entreolharam.

— Mas tenho que pensar nas freiras — retrucou Pia.

A formação de Pia tinha sido parcialmente financiada pelas Irmãs Missionárias do Sagrado Coração, uma ordem religiosa internacional situada em Westchester County. Aos 18 anos, tendo passado da idade para viver em lares adotivos, Pia fugiu para a ordem religiosa em busca de segurança emocional. Embora no começo tivesse pensado em se tornar freira, mudou de ideia depois de concluído o equivalente ao ensino médio e uma parte da formação superior na Universidade de Nova York. Consequentemente, a relação com as freiras, em especial com a madre superiora, tornou-se mais condescendente. Ela já não faria o noviciado, mas ainda completaria a formação em medicina e depois iria para a África ajudar nas obras missionárias da instituição.

Mesmo após receber bolsa integral na Universidade de Nova York e na Faculdade de Medicina da Columbia, Pia tinha contado com a expressiva contribuição das freiras, e era natural que se sentisse em dívida com elas.

— Eu não posso deixar de cumprir uma promessa que fiz há dez anos. Mesmo concordando com você sobre minha personalidade se adequar mais à pesquisa, acho que terei de levar adiante o plano original de me tornar médica, e, pelo menos por um tempo, atender à necessidade da ordem.

Uma enxurrada de obscenidades escapou dos lábios de Rothman. Ele balançou a cabeça, incrédulo.

— Aqui estou eu, oferecendo a você a oportunidade de fazer parte da história da medicina com minha pesquisa de células-tronco, e me vejo tendo de me preocupar com um bando de freiras em Westchester. — Calou-se por um momento para organizar as ideias. — De que valores estamos falando aqui?

— Não entendi.

— Ora, não seja boba. Quanto você acha que está devendo a elas em dólares?

— Não acho que eu possa pensar nesses termos.

— Não vamos complicar. Me dê um número, qualquer que seja.

Pia pensou por um momento. Não era uma tarefa simples. Ela jamais tinha atribuído um custo à educação que recebeu das freiras, que lhe proporcionaram

a sensação de estar protegida dos males causados pela vida adotiva. Ela deu de ombros.

— Ah, sei lá. Talvez uns cinquenta mil. Ou coisa assim.

— Pois está combinado; você vai pedir um empréstimo de uns cinquenta mil no meu banco, e eu assino como fiador.

Pia ficou momentaneamente sem saber o que dizer. Em sua vida, jamais recebera apoio financeiro de ninguém, e muito menos na ordem dos cinquenta mil dólares. Ela ficou sem saber como reagir.

— Não sei o que dizer — murmurou.

— Então não diga nada! Voltaremos a esse assunto, mas por hoje preciso que você se dedique totalmente a esse artigo para a *Lancet*. Ele precisa ser avaliado por outros olhos, e os dados estatísticos precisam ser conferidos.

Rothman se levantou de trás da mesa. Com a atenção direcionada à folha de papel que estivera examinado de forma intermitente, ele saiu do escritório. Pia ficou atônita. Basicamente ele tinha acabado de emprestar a ela uma quantia enorme, e lhe pedido ajuda num documento de importância vital.

— Tudo bem, já tenho trabalho a fazer — disse baixinho. — Agora só preciso tirar aquele cara da minha sala.

Saindo pela mesma porta atrás de Rothman, ela se dirigiu à bancada na qual organizou seu espaço temporário de trabalho.

2

CONVENTO DA ORDEM IRMÃS DO SAGRADO CORAÇÃO
WESTCHESTER, NOVA YORK
28 DE FEVEREIRO DE 2011, 19H20

Munida com a promessa do Dr. Rothman de lhe prestar apoio financeiro, Pia marcou para aquela noite uma entrevista com a madre superiora do convento das Irmãs do Sagrado Coração. Aquele não era um encontro pelo qual ansiava. Pia lembrou que, anos antes, a madre superiora a encontrara na amurada do convento, uma adolescente que na época tinha brigado com sua família adotiva e morava a alguns quilômetros de distância. A madre levou a garota para dentro e elas conversaram. O resultado foi que, no fim de semana seguinte, Pia voltou com a permissão da família para ajudar informalmente no convento. O restante já se sabe, e culminou com a decisão de entrar para o convento quando alcançou a maioridade, com a intenção de talvez fazer o noviciado.

Pia agradeceria pelo resto da vida à madre superiora pelo que fizera nos anos após sua mudança para o convento, principalmente por ter representado uma enorme diferença para melhor no que experimentara até então no sistema de adoção temporária. Embora se tratasse de mais uma instituição, Pia finalmente havia encontrado a paz. Ela constatou que a madre superiora se dedicava não só a ajudá-la a se adaptar ao modo de vida do convento, mas também a apoiá-la na navegação das águas agitadas do mundo real, fora da tranquilidade do santuário. Foi por insistência da madre que Pia se interessou pelo ambiente

universitário e se tornou uma aluna excelente, em vez de mediana. Mas a conclusão do equivalente ao ensino médio e o acesso à universidade lhe permitiram se conhecer o suficiente para perceber que a vida de freira não lhe convinha. Em vez disso, preferiu seguir carreira na medicina, área na qual sentia que poderia se destacar e encontrar uma serenidade equivalente à da vida monástica. Afinal, durante toda sua tumultuada experiência de criança adotada, ela sempre vira o médico como a condição *sine qua non* do poder e do controle do próprio destino. Mas a decisão acarretou consequências, principalmente em relação à madre superiora.

Cinco anos antes, Pia tinha marcado um encontro semelhante com a madre. Foi quando a moça comunicou que não seria freira, e sim médica. O encontro tinha sido tenso, porque a religiosa ficou obviamente decepcionada e deixou isso claro. Mas, ao mesmo tempo, encorajou a nova carreira de Pia, e comentou que os médicos eram muito necessários nas missões humanitárias da ordem na África oriental. Agora, ao entrar no escritório simples na madre superiora, sabia que estava enfrentando uma situação tão difícil — ou talvez até pior — do que ao desistir do noviciado. Quanto mais pensava em suas metas, mais achava que Rothman estava certo ao acreditar que ela era excepcionalmente qualificada para a pesquisa médica.

— Pia, minha querida, que bênção ver você! Todo mundo está com saudade. As irmãs perguntam por você todo dia.

— E que bênção vê-la, reverenda madre!

Pia manteve os olhos fixos nas próprias mãos, enquanto se contorciam em seu colo. Estava no auge da ansiedade. Esperava que essa ansiedade não se refletisse na voz. Vestia-se com simplicidade — um vestido preto na altura dos joelhos e escarpins básicos. À primeira vista, a madre superiora parecia ter a mesma aparência do encontro anterior. O hábito da ordem religiosa contribuía para tal percepção. Mas Pia podia ver que o tempo estava deixando sua marca. A freira se deslocara devagar quando deu a volta na mesa para falar com a visitante. Da perspectiva de Pia, a mão da idosa, quando ela a pousou em seu ombro, dera a impressão de estar mais magra e delicada do que na visita do mês anterior.

Na curta viagem de trem ao deixar Manhattan, Pia foi ensaiando o que ia dizer. Queria deixar tudo claro para não haver mal-entendido. Estava confiante

na própria decisão, mais do que estivera na sala de Rothman; sabia, porém, que a madre superiora tinha um talento excepcional para ignorar o que alguém estivesse dizendo enquanto ela conduzia a conversa por um caminho mais condizente com seus próprios interesses e opiniões.

Durante a troca de gentilezas, a memória de Pia evocou rapidamente as mudanças extraordinárias que sua vida sofreu desde que chegara ao convento, no que lhe parecia, naquele momento, ter sido uma encarnação atrás. Agora Pia cursava o quarto ano da Faculdade de Medicina da Columbia, por mais inacreditável que parecesse até para ela mesma. Recordava a enorme dificuldade que teve para convencer a universidade a aceitá-la. Lembrou que tinha sido obrigada a explicar os motivos que a levaram, aos 18 anos, a decidir ingressar numa ordem religiosa católica com obras missionárias na África. Sua experiência na Universidade de Nova York fora muito bem-sucedida. Desde o início a secretaria de admissão da universidade estava totalmente convencida de que, na qualidade de jovem emancipada da adoção temporária, Pia representaria um valioso acréscimo à rica diversidade de alunos de graduação da instituição.

Em contrapartida, a Universidade Columbia expressou desde cedo a preocupação com seu histórico e as potenciais consequências deste sobre o senso de independência da candidata e sua capacidade de criar empatia com os pacientes. Esse receio não foi declarado abertamente, mas Pia entendeu o recado, sobretudo quando lhe pediram que se submetesse a uma entrevista com um dos psiquiatras do centro médico. Presumindo que se não estivessem interessados nela não lhe teriam solicitado a entrevista, Pia concordou. Surpreendentemente, a entrevista se revelou mais agradável do que ela esperava. O psiquiatra conhecia bem as fragilidades do programa de adoção temporária de Nova York e pareceu solidário quando soube que dos 6 aos 18 anos ela estivera sob a proteção questionável do sistema. Infelizmente, Pia nunca tinha conseguido uma adoção ou lar permanente.

Embora o psiquiatra não fosse autorizado a acessar os dados pessoais da candidata, ela foi muito aberta e relatou suas experiências, ainda que minimizasse os detalhes mais importantes. Pia admitiu saber que agora percebia que fora vítima de abuso e que tinha sido obrigada a crescer sem a presença de uma figura protetora em sua vida, mas acrescentou que as

experiências, em vez de tornarem-se um obstáculo, iriam fazer dela uma médica mais competente. Também fez pouco caso de certas somatizações, como um breve episódio de distúrbio alimentar na adolescência, e dos pesadelos recorrentes que ainda tinha.

À medida que a entrevista progredia, a sinceridade da moça foi recompensada, pois o psiquiatra também foi franco com ela. Na verdade, ele confessou estar sensibilizado com a maneira dela de lidar com as circunstâncias e admitiu que suas experiências podiam mesmo torná-la uma médica melhor, principalmente se ela se interessasse por especialidades como a pediatria. Declarou estar especialmente impressionando por suas notas altíssimas na Universidade de Nova York, pelo resultado quase perfeito no exame de admissão à escola de medicina, e pelo fato de ela ter conseguido sucesso como atriz na companhia de teatro universitária. Ele afirmou que tudo aquilo indicava o compromisso dela com sua meta de se tornar médica e que tinha se adaptado muito bem à vida cotidiana, apesar de tudo. Também revelou que a recomendaria enfaticamente para admissão à turma de 2011.

Depois da entrevista com o psiquiatra, Pia ficou eufórica e esperançosa de que a aceitassem. Porém, meses depois descobriu que aquilo não tinha sido suficiente para convencer o comitê de seleção. Aparentemente, alguns integrantes relutavam, achando o risco excessivo, apesar da recomendação do psiquiatra. Para conquistar a vaga foi necessária a inesperada intervenção de última hora de duas pessoas: a madre superiora, que se ofereceu para ajudar e enviou uma enxurrada de e-mails cuidadosamente redigidos e persuasivos; e o Dr. Rothman, que na época fazia parte da banca de admissão pelo período obrigatório de três anos. Pia soube dessa surpreendente reviravolta nos fatos alguns anos depois, quando trabalhou com Rothman durante a eletiva no terceiro ano. Em um dos encontros normalmente incômodos dos dois, ele trouxe o assunto à baila. Revelou algo que, segundo declarou, ninguém mais sabia: que ele próprio tinha passado pelo sistema de adoção temporária do estado de Nova York porque era uma criança hiperativa e problemática. Seu problema só foi diagnosticado muitos anos depois, quando, já adulto, ele mesmo reconheceu que tinha a síndrome de Asperger. Pia ficara atônita e ainda estava. Respeitando a confissão do professor, ela nada disse sobre o que ele revelou.

— Da última vez que você marcou uma reunião para falar comigo — continuou a madre superiora —, trouxe más notícias para nós no convento, dizendo que tinha decidido não fazer mais o noviciado. Minha intuição me diz que hoje você veio aqui por motivos semelhantes. Espero que eu esteja errada. Aqui no convento nós a amamos e temos muito orgulho de você e de suas conquistas.

Pia ergueu os olhos por um momento e encarou o olhar firme da madre superiora, mas não conseguiu sustentá-lo. Quase imediatamente desviou a vista, e ficou observando o crucifixo na parede acima do ombro da religiosa, pensando em dor, sacrifício e traição. Respirou fundo para tomar coragem. Como sempre, a madre superiora estava muitos quilômetros à frente dela, e pelo visto sentiu o que vinha por ali.

— Estou começando mais um mês de pesquisa no laboratório do Dr. Rothman.

— Ele é um homem talentoso. O Senhor foi generoso com ele.

— Ele vai fazer história como pioneiro da medicina regenerativa. Seu trabalho com células-tronco vai ser seminal e quero participar dele.

— Pelo que eu sei, você já faz parte dele. Pelo que você me contou, ele gostou de você. Não que isso me surpreenda. De que forma posso ajudá-la?

Pia baixou os olhos para as mãos. Sentiu uma ponta de culpa. Depois de tudo que a madre superiora tinha feito por ela, ali estava a religiosa se oferecendo para fazer mais.

— Acho que vou querer fazer pesquisa médica em tempo integral. Quer dizer, não quero ir para a África.

Pronto, falei, pensou Pia. Sentiu um alívio imediato. Por alguns segundos houve silêncio no ambiente. De súbito ela percebeu como fazia frio.

— Sei que isso é uma grande mudança, pois eu tinha me oferecido para ir à África, como uma forma de retribuir à senhora e à ordem por toda a ajuda que me deram todos esses anos desde que fiz 18 anos.

— Sua ida à África era em seu interesse, não no nosso — esclareceu a madre superiora. — Pia, por favor, não se precipite. Sei que posso parecer antiquada, mas há algum homem envolvido? Deve haver. É o seu fardo por ser tão bonita. Peço a Deus que o Dr. Rothman esteja agindo com honradez.

Pia reprimiu um sorriso. A sugestão da madre superiora era tão distante da realidade que ela achou graça. Se ela e Rothman tinham dificuldade em fazer contato visual, imagine algo mais íntimo.

— Posso lhe garantir que o Dr. Rothman tem sido bastante respeitoso.

— Deus tem maneiras infinitas de nos colocar à prova — continuou a madre superiora.

— Reverenda madre, não acredito que Deus esteja me colocando à prova. Garanto à senhora que isso não envolve nenhum homem. Tomei essa decisão porque é meu desejo e porque Deus me deu uma aptidão para esse trabalho. Mas eu gostaria de ressarcir o convento. Graças à generosidade do Dr. Rothman, tenho cinquenta mil dólares à disposição. Gostaria de doar esse dinheiro para o convento.

— Estou disposta a aceitar qualquer doação, mas não como ressarcimento. Por nosso serviço você não nos deve nada. Afinal, sua presença já foi pagamento suficiente.

— Eu gostaria muito de doar o dinheiro — disse Pia.

— Como queira, mas tenho outro pedido a fazer. Não quero que você se esqueça de nós. Espero que você ainda nos visite de vez em quando. Se nos esquecer, isso sim será uma traição.

Pia, que estivera observando o crucifixo atrás da madre superiora, viu-se de repente sem ação. Com a confiança subitamente estremecida, ficou olhando para o chão, sentindo-se pequena e insignificante. *Trair*. *Traição*. Da primeira vez que encontrou a palavra "trair" num romance, aos 11 anos, foi pesquisar o significado no grande dicionário escolar. A definição lhe pareceu perfeita. Era aquilo que sua família havia feito, eles a tinham traído. *Traição* era a tragédia que a perseguira desde os 6 anos, no dia em que a polícia irrompeu pela porta do apartamento em que ela morava com o pai e o tio e a colocou nas garras do programa de adoção temporária da cidade de Nova York.

3

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
1º DE MARÇO DE 2011, 7H30

Ela sabe que o homem é importante, mas não consegue se lembrar do nome dele. A garota está de pé diante de uma mesa comprida, com um vestido simples e muito largo, de um tom cinza sem graça; está com os ombros curvados para a frente e as mãos grudadas uma à outra diante do corpo, os cotovelos apertados contra os flancos. Mesmo sentado o homem é muito grande. Na verdade, ele é enorme e está inclinado para a frente, falando com ela, sem olhar em seus olhos, mas diretamente nos seios. Ela não consegue entender o que ele diz. Ela foi má, comportou-se mal, precisa ser castigada, é só o que ela sabe.

Agora consegue ouvi-lo. Ele é ainda maior do que antes, e lhe ordena que se endireite, que levante os ombros. Por que está usando essa roupa sem contornos definidos? Pia se lembra de ter 15 anos, ou no máximo 16. O homem é o diretor da escola, e parece que ela está no fundo da sala, observando essa garota que é ela, mas não é ela. O diretor empurra a cadeira para trás e fica em pé. Dando a volta na mesa, aproxima-se dela com um sorriso cruel e lascivo. "Pia...", ele ordena. "Pia..."

— Pia... Pia!

Pia se senta na cama e suspira aliviada. Sua camiseta está colada ao suor de suas costas quando ela se inclina para a frente, ouvindo George chamá-la do outro lado da porta. Ela o deixa entrar e vai se vestir apressada, jurando que na

noite anterior tinha se lembrado de programar o despertador. Seu relógio biológico costumava despertá-la sem falta às seis da manhã, mas, nas últimas semanas, por causa dos pesadelos recorrentes, ela tivera dificuldade para dormir. Sentia-se exausta. Não tinha descansado o suficiente. Depois da visita à madre superiora, ela retornou ao laboratório de Rothman. Quando finalmente voltou a seu quarto no alojamento e caiu na cama já eram 4h23 da manhã.

Enquanto se vestia, foi recordando o encontro com a madre superiora, que relatou parcialmente a George no caminho até o centro médico.

— Estou feliz por você ter ido encontrá-la — disse George enquanto eles caminhavam sob o sol revigorante da manhã. — Quer dizer, você nunca ia entrar para a ordem, e não consigo vê-la na África fazendo seja lá o que for que os missionários fazem atualmente. Não conheço nenhuma freira, mas não consigo imaginá-la sendo uma.

A lembrança de Pia saciada e nua na cama depois de um dos quatro encontros amorosos deles passou como um relâmpago na mente de George. Reparando que Pia o encarava, se encolheu. Será que ela havia conseguido ler a mente dele? Não era a primeira vez que tinha esse tipo de preocupação.

— Acho que para mim não teria sido um problema me tornar freira e fazer os votos, George. Nem estou afirmando que nunca o farei. Eu vi como é a vida no convento, e é muito pacífica. Bem diferente do mundo aqui de fora. As freiras se amparam mutuamente. É uma vida segura.

George imediatamente se sentiu pouco à vontade, como se estivesse sendo paternalista com Pia. Sabendo o que ela passara durante a infância, não poderia condená-la por querer um pouco de segurança na vida. Mas daí a entrar para o convento parecia um exagero.

— Acho que o que eu quero dizer é que de certa forma parece um modo de fugir da vida. E existem outras formas de estar seguro que não sejam ir se esconder num convento.

— Não acho que se tornar freira seja se esconder. Pelo contrário. Elas têm que se doar inteiramente ao mundo que escolheram.

Elas também não traem umas às outras, pensou Pia.

Tinham chegado ao edifício do centro de pesquisas William Black.

— Na verdade, acho que você estará se escondendo de um jeito equivalente se acabar passando sua carreira toda trabalhando lá dentro com o Rothman —

disse George, indicando o edifício com um aceno de cabeça.

Para ele, a medicina tinha a ver com ajudar diretamente pessoas que ele podia ver e tocar, de forma individualizada, influindo em suas vidas. No que lhe dizia respeito, a área de pesquisa era muito fria, abstrata e povoada de autocráticos antissociais como Rothman, tão receptivo e caloroso quanto um arquivo cheio de algoritmos.

— E então, que tal almoçarmos juntos hoje? — perguntou George, mudando de assunto e sempre esperançoso.

Conforme antecipara, não tinham se encontrado para almoçar no dia anterior. Nos três anos e pouco que se conheciam, nunca tinham marcado um encontro oficial para almoçar. Almoçaram juntos várias vezes, mas nunca foi um evento planejado. Durante os dois primeiros anos tinham horários muito parecidos, e o encontro simplesmente acontecia. Mas agora que ele estava cursando uma eletiva de radiologia e Pia ficava enfiada no laboratório de Rothman, sabia que a probabilidade de se encontrarem por acaso era quase nula. Mas George não entendia por que ainda se dava ao trabalho de perguntar, uma vez que tinha certeza de que o encontro não aconteceria. E por que ele era sempre tão compreensivo?

— Desculpe, George, mas não tenho como confirmar nada — respondeu ela. — Ontem fui obrigada a passar o dia inteiro no laboratório e voltar à noite para trabalhar em um dos artigos do Rothman para a revista, e ainda não acabei. Além disso, vou me encontrar com ele em algum momento para descobrir o que ele está planejando para mim pelo restante do mês. Duvido muito que eu consiga até almoçar.

Pia ficou aborrecida ao ver que o irritante funcionário da manutenção permanecia na salinha dela. Estava de novo na escada, só que dessa vez virado em outra direção. No dia anterior, enquanto ela trabalhava no artigo de Rothman em uma das bancadas no próprio laboratório, reparou que ele saiu ao meio-dia e ficou ausente por quatro horas. Ela se preocupava por que, naquele ritmo, ele passaria uma semana atrapalhando e impedindo que ela trabalhasse em seu lugar de costume. Mesmo sendo pequeno, aquele era seu escritório, e

ela podia deixar objetos espalhados em cima das bancadas, algo impossível de fazer no laboratório principal.

Quando pôs a bolsa na mesa repleta de ferramentas, Pia fez barulho para ter certeza de que Vance notaria sua presença e sua irritação.

— Oi, você aí em cima! — chamou ela bem alto.

Vance tirou a cabeça do forro e, ao ver Pia, desceu a escada, sorridente, limpando as mãos num trapo.

— Oi, Srta. Grazdani! Como está? Quando saiu ontem, senti sua falta.

— Reparei que o senhor tirou quatro horas de almoço. Devia ter me avisado que ficaria fora por tanto tempo. Eu poderia ter vindo trabalhar aqui no meu escritório. De qualquer jeito, ontem o senhor achava que ia terminar. O que houve? Quanto tempo isso ainda vai levar?

— Ah, o conserto está sendo mais difícil do que eu imaginava. Só posso dizer que estou fazendo o melhor que eu posso. Assim que eu descobrir que diabos está errado, resolvo o problema rapidinho e dou o fora daqui.

Pia se limitou a dar um suspiro de irritação e levantar a bolsa.

— Senhorita Pia, eu trouxe uma surpresa para você. Preparei um sanduíche a mais para o almoço de hoje: um para mim e outro para a senhorita. Que tal fazer uma boquinha comigo? Eu faço um sanduíche de pastrame com pão ciabatta sensacional. O que me diz?

Ele estava sorrindo de novo. Meu Deus, como os homens eram previsíveis! Pia fez cara feia: o sujeito estava delirando? Ela não pretendia ficar para descobrir nem queria encorajá-lo.

— Trate de andar depressa com esse conserto, por favor! — Pia retrucou asperamente. Em relação ao sanduíche oferecido, não se deu ao trabalho de responder.

Pia deu meia-volta, tornou a entrar no laboratório principal e deixou a bolsa na bancada que utilizara no dia anterior. Mas em vez de começar a trabalhar, foi até a mesa de Marsha para descobrir por onde andava o chefe naquela manhã. Para sua surpresa, foi informada de que Rothman a esperava na sala dele. Satisfeita, Pia entrou depressa pela porta aberta. Logo notou que ele estava enfrentando o mesmo problema que ela: algumas placas do forro tinham sido removidas, e fios que lembravam espaguete balançavam nos buracos. Diversas ferramentas estavam espalhadas sobre uma das bancadas e algumas

jaziam largadas pelo chão. No canto havia uma escada apoiada na parede e a câmera de segurança não estava no suporte.

— Bom dia, Dr. Rothman — cumprimentou Pia com uma voz melodiosa. Ela nunca sabia o que esperar do humor dele, mas sempre contava com o melhor. — Marsha me disse que o senhor estava me esperando.

— Senhorita Grazdani, como se escreve "cateter"? — perguntou Rothman, sem se incomodar em olhar para a folha de papel que segurava. Ela viu que era uma parte do texto para a *Lancet* em que ela estivera trabalhando.

— C-A-T-E-T-E-R. Por quê?

— Ora, como tudo indica que sabe escrever essa palavra, me pergunto por que sentiu a necessidade de inventar uma versão alternativa para ela no meu artigo.

Pia tinha trabalhado no artigo de Rothman fazendo diversas sugestões de mudanças na estrutura e reescrevendo uma seção inteira que considerou pouco compreensível. Tarde da noite, na pressa de terminar, não tinha submetido o texto à revisão ortográfica.

— A gente fica se perguntando o que ensinam a vocês, se é que ensinam alguma coisa, na Universidade de Nova York. Havia diversos erros de ortografia e dois erros de gramática.

Por experiência, Pia já sabia como Rothman trabalhava. Essas alfinetadas que dava na ortografia e na gramática significavam quase com certeza que ele tinha aceitado as mudanças feitas por ela na estrutura do artigo. Quem vivesse à custa de cumprimentos e elogios morreria de fome ao trabalhar para Rothman, que considerava a perfeição no trabalho uma obrigação. Os incompetentes não duravam muito, então, os únicos detalhes dignos de menção eram os pequenos erros. Rothman girou no assento para encarar seu Mac e começou a "catar milho" no teclado. Pia supôs que ele estivesse incluindo as mudanças feitas por ela no texto original. Sentou-se sem esperar convite. Se fosse contar com isso, ficaria de pé o restante do dia.

Pia gostou de trabalhar no artigo da *Lancet*. Ela apreciava a linguagem científica e parecia ter facilidade com esse tipo de texto. Ao longo dos três anos anteriores, ela colaborou com Rothman nos estudos dele sobre a salmonela e chegou a receber crédito como coautora em diversos deles. Foi um trabalho estimulante. Rothman dava sequência à inovadora e premiada pesquisa que

havia realizado sobre a virulência da salmonela, que resultou em seus prêmios Nobel e Lasker. Virulência era a capacidade do microrganismo de invadir e matar suas células hospedeiras, uma habilidade que a salmonela desenvolveu de forma especial. Ao longo dos anos Rothman havia descoberto, classificado e definido as cinco "ilhas", ou áreas de patogenicidade, codificadas no genoma da salmonela. Também identificou vários fatores relacionados à virulência, como toxinas específicas e resistência a antibióticos, que tinham contribuído para a salmonela ser a maior causa de doenças transmitidas por meio dos alimentos aos seres humanos no mundo. Anualmente, a salmonela causava a mortalidade e a morbidade de vários milhões de indivíduos; a febre tifoide matava sozinha mais de meio milhão de pessoas, uma situação que Rothman estava empenhado em mudar, aproximando-se um pouco mais a cada ano de seu objetivo.

Quando Pia começou a trabalhar no laboratório de Rothman, ficou mais interessada na pesquisa de que ele se ocupava havia pouco tempo, a de células-tronco, e esperava atuar nessa área. Mas o Dr. Rothman tinha outros planos e quis que ela adquirisse experiência com a pesquisa continuada de salmonela realizada por ele. Com o passar do tempo, ela foi se tornando tão dedicada quanto ele à microbiologia, totalmente fascinada por bactérias e vírus em geral, e pela salmonela em particular, além de pelo ambiente microscópico que habitavam. Logo começou a adorar os aspectos científicos envolvidos nessa área, e também a emoção de trabalhar com um dos maiores especialistas no assunto. Ela começou a sentir prazer em refinar seu conhecimento de genética para algum dia poder dar sua própria contribuição à pesquisa básica. Foi entendendo aos poucos o quanto a atividade de pesquisa podia ser estimulante e como se adequava bem à personalidade dela.

Pia ficou observando o Dr. Rothman digitar. O nível de concentração dele era realmente notável. Num minuto estava falando com ela, no seguinte, totalmente absorto, como se ela já não estivesse presente. Pia não levava nada do comportamento dele para o lado pessoal. Depois que Rothman confidenciou que sofria de síndrome de Asperger, ela procurou se informar e aprendeu que essa condição clínica influenciava muitos aspectos da personalidade dele, até mesmo agir como se ela não existisse, algo que estava fazendo naquele momento. Em vez de se irritar, ficou pensando no conteúdo

do artigo que estava encarregada de reescrever. Tratava de estudos que Rothman estivera realizando com *salmonella typhi* cultivada no espaço, na Estação Espacial Internacional que orbitava o planeta. Rothman descobriu que o cultivo em ambiente de gravidade zero tornava a bactéria muito mais virulenta que a bactéria-controle cultivada na Terra. Ele acreditava que as condições no espaço imitavam de algum modo e em grau acentuado as presentes no íleo do ser humano, estimulando a bactéria a procurar os genes das ilhas de patogenicidade para produzir proteínas efetoras. Pia era uma das poucas pessoas que sabiam que naquele momento, no freezer de estocagem da unidade de biossegurança, havia três cepas da salmonela cultivada no espaço e imensamente virulenta. Também sabia que o que Rothman queria fazer era descobrir como a ausência de gravidade provocava essas mudanças, na esperança de encontrar um modo de neutralizá-las não só no espaço, mas também no íleo humano.

Embora Pia tivesse aprendido a ficar esperando quando o assunto era Rothman, sua paciência tinha limites. Depois de alguns minutos ela tossiu de leve. Tinha descoberto por acaso que o som da tosse parecia quebrar a concentração de Rothman mais que qualquer outra coisa. Quase imediatamente ele olhou pela lateral do monitor de seu computador e empurrou uma caixa de lenços de papel na direção dela. Rothman tinha fobia de gente tossindo perto dele. Afinal, acreditava fervorosamente na teoria dos "germes". Pia pegou um dos lenços, uma atitude obrigatória.

— Muito bem, Srta. Grazdani, para este mês sua tarefa será...

O rosto dele tornou a desaparecer da vista dela. Retomou a digitação com dois dedos, mas pelo menos continuou falando. Não dava para ver os olhos dele, mas Pia preferia assim, e ele também, já que os dois tinham problemas em manter contato visual não apenas entre eles, mas com todo mundo.

— Quero transferi-la para nossa pesquisa com células-tronco induzidas. Você fez um trabalho extraordinário com a salmonela, mas chegou a hora de começar a atuar em outra área.

Um sorriso de empolgação surgiu no rosto de Pia. As palavras de Rothman eram música para seus ouvidos.

— Estamos fazendo descobertas verdadeiramente revolucionárias que envolvem organogenia.

O coração de Pia bateu acelerado. Era a primeira vez que Rothman falava com ela sobre o trabalho com células-tronco. Organogenia ela sabia o que significava, uma vez que a palavra era autoexplicativa, e era a vanguarda da pesquisa com células-tronco. Representava o último obstáculo para a criação de órgãos que poderiam ser transplantados em pacientes, como corações, pulmões e rins. Pia se emocionava ao pensar que Rothman estava dando enormes saltos rumo ao progresso. E a ideia de fazer parte dessa empreitada provocou nela um arrepio na espinha.

— Nesse estágio, nosso maior problema é o fato de que as técnicas de cultura de tecidos foram ficando defasadas ante os avanços realizados por nós. As técnicas atuais de cultivo de tecidos foram desenvolvidas para lâminas de células, não para órgãos sólidos. Tenho certeza de que você consegue entender o que isso significa. Diz respeito à oxigenação e à remoção de dejetos metabólicos, e à simultânea manutenção do equilíbrio ácido-básico dentro de parâmetros extremamente estreitos. Em essência, tem sido uma ação combinada de forçar os limites da bioquímica e da engenharia. Tivemos alguns avanços impressionantes em termos de equipamentos, mas que não foram acompanhados pelos meios de cultura envolvidos. O problema que está nos atrasando agora é o equilíbrio ácido-básico. Meu palpite é que o pH está variando demais e nós não conseguimos entender o motivo. O que eu quero que você faça é se transformar numa especialista em meios de cultura de tecidos e descobrir a causa desse problema com o pH, entendeu?

— Acho que sim. — Ela conseguiu dizer. Tinha aprendido que contestar qualquer diretriz determinada por Rothman não era uma boa estratégia. Os detalhes podiam ser discutidos depois, mas não no calor do momento.

— Ótimo! Então, mãos à obra! E quando eu acabar de fazer essas alterações no texto vou pedir a Marsha que lhe dê uma cópia para você fazer a revisão final. Agora, suma daqui!

A digitação de Rothman se acelerou, com alguns toques seguidos de diversos trechos deletados. Pia continuou sentada apesar das ordens de Rothman. Sentia que aquela seria toda a informação que obteria no momento sobre a disciplina eletiva do mês, e não era muita. Estremeceu um pouco por dentro. Ela esperava trabalhar em algum aspecto da pesquisa de salmonela, como tinha feito anteriormente. A cultura de tecidos era uma nova disciplina

para ela, e a missão que teria pela frente parecia um projeto inteiro de doutorado, não a tarefa de um mês. Ela precisaria de muita ajuda de Rothman e dos outros técnicos, especialmente de Nina Brockhurst, cuja função era cuidar das instalações e das experiências de cultivo de órgãos de Rothman, que incluíam os banhos. No passado, Nina demonstrara abertamente seu ressentimento contra Pia, alegando que Rothman dava mais atenção para ela. Ciente de que sempre haveria intrigas entre pessoas que trabalham juntas, principalmente quando o chefe exibia um comportamento tão difícil de interpretar, Pia levou a situação na esportiva.

Mas independentemente de sua carga de trabalho e da atitude da colega, ela sabia que aquele mês seria fascinante. Ainda que a tarefa dos banhos e soluções não fosse, diante daquilo, muito estimulante, representava um conhecimento vital que ela ia adquirir, aprendendo as técnicas básicas do cuidado de órgãos recém-criados, uma etapa crucial na transição do estudo da organogenia em camundongos ao estudo da organogenia em seres humanos. O principal é que o trabalho se enquadrava na área de células-tronco: o lugar onde ela acreditava que realmente queria estar.

Pia tornou a tossir, desta vez no lenço de papel que tinha na mão. O rosto de Rothman surgiu novamente de trás do Mac. A expressão do cientista demonstrou surpresa diante da constatação de que ela ainda estava ali.

— Fui conversar com a madre superiora no convento ontem à noite — informou Pia. — Disse a ela que não queria ir para a África.

— Ótimo — comentou Rothman. Seu rosto desapareceu de novo e a digitação recomeçou.

— Ela disse que tudo bem, mas acho que não ficou muito feliz.

— Isso é problema dela, não nosso. Você fará muito mais do que Deus faz estando aqui no meu laboratório em vez de em algum lugar perdido na África.

— Ela disse que não quer ser reembolsada.

— Parabéns para ela. Pois então não a reembolse.

— Eu acho que deveria. O senhor ainda está disposto a ser fiador do empréstimo de cinquenta mil dólares?

— Estou, mas acho que é loucura de sua parte. Ela não quer receber o dinheiro de volta, ou alega que não quer. Guarde seu dinheiro.

— Ela usou a palavra "traição" — disse Pia.

Sabia que estava distorcendo a razão pela qual a madre superiora tinha escolhido usar aquela palavra, mas o fato de tê-la usado ainda incomodava Pia.

Rothman deu uma risada curta.

— Traição! Ela está só tentando incutir algum sentimento católico de culpa em você, Pia. Pelo amor de Deus, dê a ela o dinheiro, se acha necessário, e dê o assunto por encerrado. Vou pedir a Marsha que tome as providências com meu banco. Como você é aluna do quarto ano de medicina, com certeza tem crédito. Lembre-se, a vida é sua, e não da madre superiora. Agora vá embora daqui e comece a trabalhar.

Pia se levantou e deixou Rothman entregue à digitação. Passando por Marsha, ela pensou em ir à biblioteca. Seu plano inicial era ler tudo que conseguisse ter à mão e que tratasse de engenharia de tecidos. Não tinha dúvida de que seria uma quantidade absurda de informação.

4

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
1º DE MARÇO DE 2011, 13H15

Depois de ter baixado os livros e artigos que surgiram nos resultados de uma pesquisa no Google que fez na biblioteca, Pia dedicou a manhã a ler, sentada em profunda concentração numa área de bancadas que ficava fora de sua salinha sem janelas. Tinha uma vaga noção da presença do funcionário da manutenção fazendo seu trabalho, mas não dera muita atenção àquilo até que ele surgiu por trás dela. Sem se importar com o fato de Pia estar com os fones do iPod nos ouvidos, ele teve a audácia de dar uns tapinhas no ombro dela.

— Pia, minha querida, você não deseja reavaliar meu convite para o sanduíche de pastrame? Não vai se decepcionar.

— Mas nem pensar! — retrucou ela enfaticamente, na esperança de que ele entendesse a mensagem como uma resposta definitiva.

O homem deu de ombros sorrindo, e fez um aceno ridículo, como se Pia tivesse sido amável em vez de mordaz. Ela estava começando a achar que Vance era o tipo de cara que gostava de ser rejeitado. Irritada, tornou a colocar os fones e voltou à leitura. Quando ouviu seu nome ser chamado outra vez, ficou lívida, imaginando se seria obrigada a ordenar ao sujeito que a deixasse em paz. Arrancando os fones, ela ergueu os olhos e viu o assistente do Dr. Rothman, o

Dr. Yamamoto, parado diante dela entre um rapaz e uma moça com jalecos compridos e recém-lavados, de uma brancura radiante.

— Senhorita Grazdani, eu gostaria de lhe apresentar aos novos estudantes que ficarão conosco este mês — disse o franzino Yamamoto, com o que parecia uma espécie de sorriso semicongelado no rosto.

No centro médico, o Dr. Yamamoto era com frequência considerado um perfeito exemplo da teoria de que os opostos se atraem. Era muito querido, de fala macia, solícito e comunicativo, sempre pedindo aos outros que o chamassem de Junichi: era o positivo da imagem negativa de Rothman. Também em contraste com o chefe, Yamamoto sempre se vestia de modo casual, com uma camisa havaiana por baixo do jaleco não muito limpo. Reconhecido por ser brincalhão, o Dr. Yamamoto era considerado o mentor das elaboradas e brilhantes "pegadinhas" em seus tempos de estudante da graduação, com destaque para a inútil e dispendiosa viagem de um estudante de medicina excepcionalmente presunçoso a uma "convenção" em Genebra que nunca se realizou. No lado sério, a característica mais destacável do Dr. Yamamoto era sua devoção completa e total a Rothman e ao trabalho deste. Havia no centro médico um consenso de que Rothman era o cérebro e Yamamoto, o executor. Eles eram yin e yang.

— Talvez você conheça Lesley Wong e William McKinley — disse Yamamoto.

— É o mesmo nome do presidente — disse o rapaz —, mas pode me chamar de Will.

Will deu um passo à frente com um enorme sorriso nos lábios, a mão estendida. A Faculdade de Medicina da Universidade Columbia tinha uns 640 estudantes espalhados pelos quatro anos de formação. Em geral, nos dois primeiros anos o foco era adquirir conhecimento em ciência médica, com períodos cada vez maiores dedicados à apresentação dos estudantes aos pacientes. O terceiro ano era o principal ano clínico, com a maior parte da atenção voltada para clínica médica e cirurgia. No quarto era realizado um rodízio por várias subespecialidades clínicas, combinadas com disciplinas eletivas de acordo com o interesse de cada estudante. Em Columbia a ênfase era dada à medicina acadêmica. Lesley e Will eram alunos do quarto ano, da mesma turma de Pia. Ambos se viram repentinamente interessados em

pesquisa, razão pela qual foram designados a passar um mês no laboratório de Rothman.

Pia apertou a mão que Will estendia em sua direção e se levantou.

— Pia. Grazdani.

Ela reparou que Will era alto, até um pouco mais que George, cuja estatura era acima da média. Como George, Will tinha cabelos louros e revoltos.

— Você é a amiga de George, não é? — perguntou Will.

— George? Ah, sim, claro.

— Eu me amarro no George, ele é um cara sensacional. Jogamos basquete juntos com frequência.

— Eu sou Lesley Wong — apresentou-se a outra moça, apertando a mão de Pia.

Por um momento houve um silêncio incômodo. Pia olhou brevemente para os dois estudantes, entendendo que eles deviam ser os mencionados rapidamente por Rothman no dia anterior, sem que o assunto tivesse sido retomado. Rothman tinha dito alguma coisa sobre ela pensar em algo para eles fazerem, como se ela já não estivesse bastante ocupada. De um jeito ou de outro acabaria sendo mais uma tarefa.

Lesley e Will retribuíram o olhar de Pia. Tampouco estavam muito entusiasmados em conhecê-la. Para os dois, a descoberta de que tinham sido designados para o laboratório de Rothman equivalia a serem enviados a algum lugar do inferno de Dante. O cientista era famoso por destruir a autoconfiança dos estudantes, fazendo-os sentirem-se idiotas, algo que invariavelmente eram, levando em conta o conhecimento enciclopédico do laureado pesquisador. E eles também tinham ouvido falar de Pia. Ela era conhecida como dona de inteligência excepcional, além de estranhamente indiferente. Em complementação ao currículo normal, tinha mostrado interesse precoce em pesquisa. Para a maioria, já era esforço suficiente ser um acadêmico de medicina. Exceto por sua proximidade com um dos alunos mais populares da turma, George Wilson, fato que depunha a favor dela, Pia nunca tivera tempo nem inclinação para ser especialmente amistosa com muitos colegas. E a tudo isso se somava a fofoca de que ela e Rothman tinham um "rolo" qualquer, uma vez que, afora o Dr. Yamamoto, Pia era a única pessoa com quem ele tinha afinidade no centro médico inteiro.

Lesley olhou para Will, mas ele observava Pia fixamente. Quando Lesley e Will receberam a notícia de que trabalhariam ali, ela contou ao colega que no primeiro ano tinha se sentado ao lado de Pia todos os dias, durante um mês inteiro, mas tinha certeza de que a outra não se lembraria. Lesley, que ainda não tinha conseguido definir se Pia era extremamente focada no próprio trabalho ou apenas mal-educada, considerava a última opção como a mais provável. Quanto a Will, ele estava empolgado por enfim estabelecer uma parceria com Pia, algo que tinha desejado durante três anos e meio. Primava por se apresentar a todas as estudantes que julgava atraentes, mas isso era o mais perto dela que ele tinha chegado.

— Muito bem, as apresentações estão feitas — resumiu Yamamoto, aliviado porque a etapa não tinha sido tão constrangedora quanto ele pensava que seria. Agora sim podia passar ao que interessava. — Se estiverem de acordo, podemos ir para minha sala. Gostaria que você também viesse, Pia. Há umas coisinhas que precisamos conversar e depois podemos todos dar uma olhada nos banhos de órgãos com o Dr. Rothman.

Yamamoto abriu um sorriso e saiu andando, com os dois novos estudantes em seu encalço. Pia seguiu atrás, relutante em abandonar a leitura, mas ao mesmo tempo instigada. Ainda que estivesse trabalhando ali há muito tempo, não tinha visto os banhos de órgãos. E embora tivesse passado mais tempo com o Dr. Yamamoto do que com Rothman, tinha a impressão de que conhecia mais o chefe que o assistente. A seu ver Yamamoto era mais enigmático que Rothman. Julgava-o um sujeito amável, mas que à sua própria maneira era tão exigente quanto o superior. Ele também não tolerava burrice, mas suas recriminações e correções eram feitas com mais amabilidade e num tom de voz mais baixo. Com o tempo, Pia tinha aprendido que era ainda mais importante prestar atenção no que Yamamoto falava, apesar de ele ser mais moderado.

— Muito bem, pessoal, sentem-se.

O estado do escritório de Yamamoto, em comparação com o de Rothman, era tão diferente quanto a personalidade deles. Parecia que um furacão tinha passado pela sala do assistente: livros, periódicos, arquivos, documentos e papéis se espalhavam por toda parte, inclusive sobre as duas cadeiras dispostas em frente à mesa. Mesmo sem vê-la, os visitantes tinham fé de que havia uma mesa ali, pois cada centímetro quadrado estava coberto de papéis, inclusive

uma pilha de periódicos acadêmicos posicionados de forma a impedir que algum curioso pudesse verificar se o médico estava ou não sentado atrás da mesa ao passar.

— Tirem esses papéis daí — instruiu Yamamoto, enquanto Pia e Lesley Wong recolhiam a papelada de cima das cadeiras, mas procuravam em vão uma superfície livre onde colocá-los. Yamamoto fez um gesto indicando o chão, sugestão que as moças aceitaram. Ele se apoiou na beirada da mesa e cruzou os braços.

— Você pode pegar uma cadeira no laboratório — indicou a Will.

— Não tem problema, posso ficar em pé — respondeu o rapaz.

— Acho adequado fazermos uma pequena revisão e recapitular parte do material de introdução, para vocês poderem apreciar melhor o que estão prestes a ver — propôs Yamamoto. — Hoje vocês vão ganhar um presentinho. Recebi permissão especial do Dr. Rothman para lhes mostrar nosso programa de banho de órgãos, que até agora tem sido mantido meio que em segredo. Não poderia ter ficado em sigilo completo porque há muita gente trabalhando aqui, estamos num centro médico muito frequentado. Como o professor e eu estamos perto de publicar, o segredo já não é um aspecto tão vital, pois a universidade já providenciou o registro das patentes necessárias. De qualquer forma, achamos melhor vocês não comentarem com ninguém o que virem hoje. Combinado?

Todos os estudantes assentiram com a cabeça.

— Pois bem, vamos começar do começo. Mas não quero fazer disso um monólogo chato, portanto, me ajudem. Alguém me diga o que é uma célula-tronco.

Os três estudantes se entreolharam. Will respondeu:

— Em termos simples é uma célula imatura indiferenciada que tem o potencial de se tornar uma célula madura diferenciada.

— Exatamente — aprovou Yamamoto. — Um exemplo é uma célula-tronco da medula que pode se transformar numa célula sanguínea adulta. Essas células são frequentemente chamadas de células-tronco adultas. O que é uma célula-tronco pluripotente?

Lesley se adiantou:

— É uma célula-tronco capaz de se transformar em qualquer um dos trezentos e tantos tipos de células que compõem o corpo de um organismo multicelular como o ser humano.

— Novamente está certo. Vocês estão tornando isso muito fácil para mim.

Pia sentiu uma onda de impaciência invadi-la. Ansiava para ver a unidade dos banhos de órgãos. Se dependesse dela, preferiria ficar de fora de qualquer sessão de revisão.

— Como eram obtidas as células-tronco pluripotentes até uns quatro ou cinco anos atrás?

— Eram obtidas de blastocistos — respondeu Pia de imediato. Queria encerrar aquela breve palestra.

— Correto — aprovou Yamamoto. — Blástulas de óvulos fertilizados, significando embriões em estágios muito incipientes. Por que houve um problema que acarretou sérios atrasos à pesquisa de células-tronco?

— Porque a pesquisa ofendeu gente de mente conservadora — respondeu Pia. — Principalmente nos Estados Unidos, foram impostas limitações ao que podia ou não ser feito em matéria de pesquisa de células-tronco usando verbas governamentais.

— Boa resposta — comentou Yamamoto. — Agora uma pergunta mais difícil. Digamos que a pesquisa feita com células-tronco embrionárias tivesse sido autorizada a prosseguir sem impedimentos. Alguém pode dizer qual teria sido o principal problema, se a pesquisa tivesse avançado até o ponto de usar as células-tronco para tratar pacientes?

Nenhum dos estudantes se mexeu.

— Deixem-me dar uma dica — propôs Yamamoto. — Estou me referindo a um problema imunológico.

— A rejeição! — exclamou Lesley com os olhos brilhando.

— Isso mesmo. Rejeição, significando que qualquer utilização de tais células-tronco embrionárias teria causado uma reação de rejeição de algum grau. Algumas técnicas teriam atenuado o problema, mas sem eliminá-lo por completo.

Os três estudantes concordaram. Tudo o que Yamamoto estava dizendo eles já tinham escutado antes.

— Agora, alguém pode definir "células-tronco pluripotentes induzidas" em comparação com células-tronco embriológicas? É com essas células que o Dr. Rothman e eu temos trabalhado exclusivamente.

— São células-tronco pluripotentes feitas de células maduras, normalmente um fibroblasto, e não células do óvulo — explicou Pia. — Elas são "induzidas" por proteínas específicas de modo a serem revertidas da condição de fibroblastos maduros para a de células-tronco.

— Exatamente — disse Yamamoto. — E não é uma maravilha que ela funcione? Por muito tempo um dos dogmas da ciência biológica era que a diferenciação celular era uma via de mão única, ou seja, que o processo nunca podia ser revertido. Porém, as pessoas deveriam saber que esse dogma é falso. Afinal, é do conhecimento de todos que certos animais são capazes de fazer partes do corpo crescerem novamente, como as estrelas-do-mar e as salamandras. O câncer também poderia ser considerado uma dica de que o processo de diferenciação pode ocorrer na direção oposta, uma vez que muitos cânceres se compõem de células imaturas que surgem em órgãos povoados por células maduras.

Pia percebeu que estava verificando a hora no relógio e se endireitando na cadeira. Ela queria acelerar a sessão de revisão, mas não sabia como. Rosnou por dentro quando Lesley fez a pergunta:

— Como é exatamente que as células se revertem de maduras a imaturas?

— Da mesma forma de como tudo mais é realizado na célula — explicou Yamamoto. — Ligando e desligando genes. Lembre-se de que cada célula eucariótica, isto é, uma célula com núcleo, contém uma cópia do genoma inteiro de um organismo. O que quer dizer que cada célula nucleada detém toda a informação necessária não só para se construir, mas para construir o corpo inteiro. Como isso funciona é um processo chamado expressão genética, que significa ligar e desligar os genes numa espécie de balé molecular. Eu sei que vocês aprenderam tudo isso nos cursos de genética da faculdade durante seus dois anos iniciais em Columbia. De qualquer jeito, a maturação celular avança por meio de uma sequência de ligamentos e desligamentos dos genes adequados. Costumava-se pensar que os genes funcionavam pela produção de proteínas específicas, um gene por proteína. Mas agora sabemos que é muito mais complicado, pois o número de genes existentes é significativamente

menor do que se acreditava antes. Para a célula ir na direção oposta da maturação, a sequência precisa ser revertida. Vocês estão conseguindo acompanhar até agora?

Os três estudantes anuíram. Apesar da impaciência, até Pia estava achando a revisão de Yamamoto fascinante. Como todos os outros pesquisadores, tinha consciência de que a ciência biológica estava desdobrando seus mistérios num ritmo cada vez mais rápido e estonteante. O século XIX tinha sido da química, o século XX, da física; o século XXI decididamente ia ser da biologia.

Yamamoto olhou o próprio relógio. Como atendendo à expectativa de Pia, ele disse:

— Temos de acelerar essa recapitulação se quisermos alcançar o Dr. Rothman na unidade de banhos de órgãos. Voltemos à nossa conversa sobre as células-tronco. Agora que temos o tipo pluripotente induzido que evitará os problemas de rejeição imunológica e será algo mais aceitável para os religiosos conservadores, qual é o primeiro passo no sentido de torná-los úteis ao tratamento do paciente doador do fibroblasto? Alguém sabe?

Yamamoto foi olhando o rosto de cada um.

Will deu de ombros e arriscou:

— Torná-los maduros de novo, só que dentro do tipo de célula de que o paciente necessita.

— Obrigado, Will — aprovou Yamamoto. — Na verdade, isso é exatamente o que há anos vem ocupando os pesquisadores de células-tronco: descobrir como regular a expressão genética de tal modo que as células-tronco amadureçam e se tornem o tipo de células que compõem o corpo, como células do coração, células dos rins, células do fígado e assim por diante. Agora, os pesquisadores de células-tronco, inclusive o Dr. Rothman e eu, se aperfeiçoaram muito na tarefa. Mas é nesse ponto que nós dois nos separamos da maioria e estamos prestes a inaugurar a medicina regenerativa do século XXI, capaz de prolongar e melhorar a qualidade de vida. Conseguimos dar grandes saltos na capacidade de fazer essas células maduras se organizarem formando órgãos completos. Ou seja, conseguimos encontrar uma série de genes estruturais e outros processos de transcrição responsáveis pela criação do arcabouço reticular que forma a base de um órgão tridimensional. Depois de obtida a estrutura, foi relativamente fácil colonizá-la com as células adequadas.

É um processo chamado organogenia. Vejamos, por exemplo, o fígado. Embora nós e outros tenhamos conseguido cultivar, durante anos, células hepáticas, jamais conseguimos organizá-las para formar um fígado inteiro, com colágeno, nervos e vasos sanguíneos, o conjunto completo. Agora nós podemos fazer isso. E estamos fazendo com uma eficiência que aumenta progressivamente. É sensacional.

— Imagino que estejam fazendo isso com modelos animais, certo? — perguntou Pia.

— Claro que sim! A maioria, camundongos. O campo inteiro das células-tronco tem uma experiência muito longa com o modelo dos roedores.

— E vocês acreditam que o que descobriram será aplicável a células humanas?

— Acreditamos, não apenas na teoria. Simultaneamente estivemos realizando essa pesquisa utilizando células humanas.

Yamamoto levantou o braço esquerdo e, com a mão direita, puxou para baixo a manga do jaleco. Orgulhosamente apontou no antebraço algumas cicatrizes de uns 3 cm, formadas em épocas diversas.

— Fui uma espécie de cobaia para a fonte de fibroblastos humanos. Embora a maior parte da nossa pesquisa seja feita com camundongos, temos alguns órgãos humanos funcionando igualmente bem, órgãos que poderiam ser usados para me tratar se eu precisasse de algum deles. Vocês vão ver em alguns minutos. Alguma pergunta antes de irmos para a unidade?

Depois de olhar para cada um dos estudantes Yamamoto aguardou um pouco. Por fim, disse:

— Muito bem, vamos fazer nossa visita. Espero que estejam preparados. Estão prestes a visitar o futuro.

Ele endireitou o corpo, mantendo a postura ereta.

Quando as moças começaram a colocar de volta nas cadeiras os papéis e publicações que tinham removido antes, Yamamoto acenou indicando que não se incomodassem. O grupo saiu do escritório com Yamamoto à frente e percorreu toda a extensão do enorme laboratório, pois a unidade de banhos de órgãos ficava localizada no extremo oposto à unidade de biossegurança. Durante o percurso, alguns dos técnicos ergueram os olhos de suas ocupações e

observaram os visitantes com ar intrigado. Visitas àquela unidade não aconteciam com frequência.

Primeiro eles entraram na antessala da unidade de banhos de órgãos, onde havia toucas, batas, botinas, máscaras e luvas. Do outro lado do laboratório, na entrada da unidade de biossegurança, havia um cômodo semelhante. Eram espaços que protegiam a entrada das unidades. O interessante é que se adotavam procedimentos opostos: para a unidade de biossegurança, a indumentária visava à proteção do visitante; para a de banhos de órgãos, ela era chamada de precaução reversa e se destinava à proteção das espécies em confinamento. Só depois que todos estavam vestidos e conferidos por Yamamoto, o grupo prosseguiu.

5

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
1º DE MARÇO DE 2011, 14H

O Dr. Yamamoto digitou uma combinação de números no pequeno teclado, destrancando uma porta. Por acaso, Pia reparou que se tratava do mesmo código usado para acessar a unidade de biossegurança, uma sequência composta pela hora e data de nascimento de Rothman. Yamamoto afastou-se para o lado e fez um gesto para que os três estudantes entrassem numa sala bastante moderna e com forte iluminação, tomada pelo ruído suave e hipnótico de água corrente. À medida que avançavam, Pia sentiu uma brisa leve. Ela sabia que isso ocorria porque o ambiente tinha pressão positiva, significando que o ar saía da sala, em vez de entrar. Era o contrário da unidade de biossegurança, na qual o fluxo laminar penetrava no ambiente.

Depois de passar pela porta, Pia protegeu os olhos com a mão por causa da forte luz azul que vinha das luminárias de fibra óptica. Pia supôs que as luzes tinham alguma função na esterilização do ambiente. Parada ao lado do grupo, ela contemplou a cena diante de seus olhos. Eles haviam entrado num espaço amplo todo pintado de branco. Pia ficou intrigada ao ver como esse laboratório combinava com o restante da área de trabalho de Rothman. Parecia maior do que talvez fosse. No fundo da sala uma pessoa vestida com trajes protetores idênticos ao dela estava inclinada sobre uma bancada de aço inoxidável

montada sobre rodas, fazendo alguns ajustes num painel de controle. Havia três filas de carrinhos semelhantes. Pia contou trinta deles no total. No topo de cada um havia recipientes retangulares de acrílico e com dimensões variadas que lembravam aquários. Abaixo deles viam-se prateleiras que continham equipamentos diversos. Cada um também tinha acoplada uma haste que sustentava um painel de controle com um visor de LED. Um dos carrinhos estava bem perto de Pia, à sua esquerda, e ela se aproximou para dar uma olhada mais minuciosa. Lesley e Will a seguiram.

Este era um dos banhos de cultivo de células, cujo líquido mantido em contenção seria investigado por Pia durante aquele mês. Ela se inclinou para averiguar o interior do recipiente. Continha um minúsculo objeto translúcido e suspenso no líquido por uma espécie de teia de aranha. Segundo ela descobriria depois, os fios eram feitos do mesmo material das teias de aranha de verdade. Ela viu que o objeto estava conectado por tubos da espessura de um filamento a uma pinça central onde todos eles se juntavam. Um cabo mais espesso saía do banho e descia para o interior do carrinho, onde havia um dispositivo em forma de cubo com múltiplos visores de monitoramento das condições do ambiente interno. Um instrumento de ampliação montado num braço móvel também estava instalado no carrinho. Pia o manobrou para colocá-lo numa posição que permitisse uma visão melhor do objeto. Este, embora minúsculo, tinha a aparência de um rim. A maioria dos tubos continha um líquido vermelho e ao lado deles passava um tubo maior, cujo líquido era transparente. Os vermelhos possivelmente funcionavam como veias e artérias. O transparente tinha a função de um ureter, para remover a urina produzida pelo órgão diminuto. Num dos lados do vasilhame havia um jato semelhante aos que se acoplam aos filtros de piscina, só que em miniatura. Ele estava pulsando em ritmo muito acelerado. Leves turbilhões do líquido circulavam pelo vasilhame, fazendo a superfície do órgão pulsar de leve.

— Descobrimos que é preciso manter o líquido dos banhos em constante movimento. Mas o movimento precisa ser cuidadosamente modulado. Às vezes, o banho severo provoca uma onda capaz de perturbar o órgão.

Yamamoto tinha se postado ao lado dos estudantes. Ele notou que Pia havia endireitado a postura e observava a amplidão do laboratório.

— É extraordinário, hein? — disse ele, falando diretamente com ela. — Como eu vejo isso todo dia, acabei considerando algo corriqueiro.

— Como os órgãos são gerados? — perguntou Pia.

— Em recipientes de cultura de tecidos projetados para imitar o ambiente uterino do camundongo, em termos de temperatura e com ondas pulsantes próximas do ritmo normal do coração do animal, cerca de 550 batimentos por minuto. Conforme eu disse antes, o processo todo, primeiro nas placas de cultura de tecidos e depois nesses banhos de órgãos, é um balé da expressão genética, com uma fidelidade cuidadosa à sequência e ao ritmo. Ele começa com uma porção de células-tronco pluripotentes induzidas, que são mantidas em grande proximidade por meio de filamentos semelhantes a teias de aranha. Lembre-se de que para formar um órgão inteiro são necessárias as três camadas germinativas: ectoderma, mesoderma e endoderma. Depois que o órgão atinge um porte que permita manipulação, ele é transferido para esses banhos a fim de se desenvolver até alcançar o tamanho pleno.

— Existem aqui outros órgãos além de rins? — perguntou Will.

— Claro que sim — disse Yamamoto. — Até agora, obtivemos os órgãos transplantáveis habituais, como fígado, pâncreas, pulmões e coração. O programa dos rins é o mais avançado, pois foi com os rins que começamos. Para provar que estamos no rumo certo em nosso trabalho, já transplantamos alguns órgãos, com total sucesso, em camundongos específicos dos quais foram retirados os fibroblastos. E deixe-me revelar mais um grande salto que estamos prestes a dar. Descobrimos que realizar a organogenia com múltiplos órgãos funciona até melhor do que o cultivo isolado, o que quer dizer que temos preparações nas quais os óvulos em desenvolvimento estão ajudando um ao outro, com o coração bombeando a solução de perfusão, e os rins removendo os dejetos metabólicos.

— O senhor acha que futuramente será capaz de produzir um novo organismo completo? — indagou Pia com uma ponta de horror.

— No ritmo em que estamos progredindo, vejo isso como uma possibilidade definitiva, embora não consiga imaginar o pretexto para fazê-lo.

Pia estremeceu quando se deu conta de que Frankenstein, aquele pesadelo do século XIX, podia perfeitamente ressuscitar e assombrar o século XXI, de forma muito mais plausível. Se a organogenia Rothman-Yamamoto funcionava

bem para rins, coração e pâncreas, não havia por que não funcionar igualmente bem para o cérebro.

— Onde estão os órgãos humanos? — perguntou Pia.

Yamamoto deu alguns passos ao longo da fileira de rins e apontou para uma cuba de acrílico maior.

— Este é humano, como se pode notar pelo tamanho. Também é uma das preparações compostas com um coração humano para fazer a perfusão interna dos rins.

Pia ficou olhando para o banho, surpreendida pelo que estava vendo. O rim parecia humano, mas o coração, não. Ela perguntou a razão a Yamamoto.

— Boa pergunta. Como a oxigenação do líquido de perfusão está sendo feita pelo oxigenador da prateleira de baixo, não precisamos de um coração com quatro câmaras, uma vez que duas bastariam. Portanto, alteramos o projeto do coração.

Mais uma vez Pia se admirou.

— Vocês têm tanto controle sobre o processo de organogenia que é possível alterar a arquitetura tridimensional geral?

— Definitivamente. Como você mencionou, depois que fizemos as descobertas originais da organogenia, nosso progresso tem sido fenomenal, e o ritmo não está diminuindo.

A pessoa que Pia tinha visto antes terminou o que estava fazendo, adotou a postura ereta e se encaminhou até o grupo. Quando foi se aproximando, e apesar de estar usando máscara cirúrgica, a surpresa de Pia aumentou quando constatou se tratar do Dr. Rothman. Usando uma espécie de óculos de lentes espessas e escurecidas, ele parecia uma figura fantasmagórica, como o estereótipo do cientista louco em seu covil. Ela sabia que era verdade o que o Dr. Yamamoto tinha dito lá fora: este era realmente um trabalho inovador. Na corrida das células-tronco, para passar do nível do que era hipotético e promissor para a aplicação clínica, Rothman e Yamamoto tinham avançado muito mais que qualquer outra equipe no planeta.

Rothman levantou os óculos para o alto da cabeça quando parou junto a eles. Olhou para Yamamoto.

— Eles já ouviram uma breve introdução?

— Sim, doutor.

Rothman anuiu. Embora aquilo não fosse algo de que gostasse nem que achasse fácil de fazer, ele sabia que durante os anos seguintes seria obrigado a mostrar seu trabalho a muitos investidores interessados no ramo da biotecnologia. Yamamoto o havia ajudado a preparar um roteiro que Rothman ensaiou repetidas vezes com a esposa. A explicação aos estudantes seria uma espécie de ensaio geral.

— Bem-vindos ao laboratório de organogenia da Universidade Columbia — disse Rothman.

Yamamoto tossiu discretamente na mão em concha; Rothman não conseguia alterar nem um pouquinho o texto ensaiado.

— É de conhecimento geral o fato de existirem atualmente quinhentas mil pessoas em fila de espera para transplante de órgãos neste país, e são pessoas em estágio terminal. A lista aumenta à razão de quinhentas pessoas por mês. É o mesmo número aproximado dos que morrem mensalmente. Para agravar esses dados cruéis há milhares e milhares de outros pacientes que poderiam se beneficiar de um transplante de órgão, embora não estejam ainda numa situação de risco de morte. Obviamente as circunstâncias atuais e a oferta de órgãos viáveis, sejam de doador vivo ou de indivíduos mortos recentemente, não chegam nem perto de atender à demanda. Mesmo para os pacientes que tenham a sorte de receber um órgão, a compatibilidade muitas vezes fica longe do ideal, significando que acabam relegados a uma vida de imunossupressão com terríveis consequências para a saúde. O que estamos fazendo aqui, de forma racional e econômica, é criar órgãos a fim de resolver simultaneamente o problema da oferta e a questão imunológica. Esse objetivo ainda não foi alcançado, mas estamos conseguindo progredir de forma significativa. No estágio atual, estamos buscando financiamento externo para reforçar a produção em múltiplos centros pelo país afora. O que vocês estão vendo nessa fileira de banhos são rins criados de células-tronco derivadas de fibroblastos. Células de tecido conjuntivo de um camundongo específico.

Yamamoto tentou interromper o chefe para avisá-lo de que estava repetindo informações já mencionadas, mas não conseguiu chamar a atenção de Rothman. Ele estava empolgado.

— Eu uso essas lentes para poder trabalhar com os tubinhos, mas podem acreditar no que digo, cada órgão está acoplado a uma bomba que faz circular

uma solução semelhante ao sangue para o interior da artéria principal do rim e para fora de sua veia principal. O órgão está conectado por uma cânula, ou tubo fino, que liga o ureter a um orifício onde sua produção de urina pode ser recolhida. Essa é uma das funções realizadas pela unidade de monitoramento abaixo da cuba. Todos os dados são transmitidos ao computador para podermos ver de que modo pequenas flutuações nas condições gerais afetam o rim e seu desenvolvimento. Cada rim em breve será implantado de novo no mesmo camundongo que forneceu os fibroblastos originais. Já fizemos isso duas vezes, sem que ocorresse nenhum fenômeno de rejeição.

Rothman apontou para outro grupo de banhos.

— Esses recipientes contêm pâncreas, cujas necessidades diferem muito das dos rins. Inicialmente houve mais dificuldade que com os rins para dar início ao processo de organogenia, mas os revezes foram resolvidos e agora estamos nos saindo igualmente bem. Com os pâncreas tivemos que ter muito cuidado com a integridade das conexões com o duto pancreático, pois as secreções do pâncreas contêm enzimas digestivas. No começo, algumas de nossas preparações foram digeridas por elas mesmas.

— Houve algum problema de teratomas? — perguntou Pia.

Diferentemente dos outros estudantes, ela não se sentia intimidada por Rothman. Sabia que os teratomas, um tipo de tumor evolutivo, eram temidos pelos biólogos que trabalhavam com células-tronco.

Por um momento Rothman titubeou. Não estava contando com interrupções em suas falas ensaiadas. Com exceção do som de líquidos em movimento nos banhos de órgãos, um breve silêncio reinou.

— Absolutamente nenhum teratoma — disse Yamamoto, indo em socorro do chefe, de cuja personalidade peculiar ele estava muito consciente.

Como se esquecido da presença dos estudantes e de Yamamoto, Rothman direcionou sua atenção para uma pequena luz que surgiu de repente. Ela piscava, acompanhada por um alerta agudo emitido pelo painel de controle de um dos banhos. Sem pensar um segundo nem buscar explicações, Rothman se dirigiu à fonte do ruído, tornando a colocar os óculos à medida que se distanciava.

— Este é um alarme que indica o começo de uma alteração em algum aspecto dos parâmetros do banho — explicou Yamamoto.

Os estudantes observaram Rothman se afastar. Lesley e Will não conseguiam acreditar que tinham estado na presença do famoso pesquisador e sobrevivido sem serem menosprezados. Pia ficou intrigada com o alarme:

— Se ninguém estivesse aqui para ouvir o alarme o que teria acontecido?

— Não seria problema — disse Yamamoto. — Toda informação é seguida em tempo real pelo computador da universidade, e o Dr. Rothman e eu temos aplicativos em nossos iPhones que nos teriam alertado imediatamente.

— O Dr. Rothman me falou sobre um problema com a solução da cultura de tecidos. Ele estava se referindo aos fluidos desses banhos?

— Tenho certeza de que sim — confirmou Yamamoto. — Estamos tendo uma dificuldade constante em manter o equilíbrio do pH. Ele pediu a você que cuidasse desse problema? Porque se pediu, seria de grande ajuda. Não é nada muito sério, mas nenhum de nós teve chance de analisá-lo. Sei que me sentiria muito melhor se pudéssemos resolver a questão.

— Vou me esforçar ao máximo — prometeu Pia. — O problema é que estou começando da estaca zero. Nunca tive experiência com cultivo tecidual.

— Isso não pareceu preocupá-la em relação à salmonela — observou Yamamoto.

Pia sorriu por trás da máscara. Recebeu o comentário do médico como um elogio.

— E quanto a Lesley e Will? Talvez fosse bom eles me ajudarem.

— Ótima ideia — aprovou Yamamoto. Olhou para Lesley e Will. — O que vocês acham disso?

Os dois deram de ombros e disseram em coro:

— Parece uma ótima ideia.

Quando iam deixando a unidade de banhos de órgãos, Pia se virou no último instante. Olhou para trás e viu Rothman cuidando do banho. O alerta eletrônico havia parado. Outra vez lhe veio à mente o pensamento do cientista louco em seu covil, e ela tornou a estremecer. Tinha visitado o futuro naquela sala e se empolgava em fazer parte dele. Ao mesmo tempo sabia que podia haver um lado sombrio naquilo. A ciência biológica tinha avançado quase depressa demais, e o problema da ciência é que ela não pode ser desaprendida.

6

GREENWICH, CONNECTICUT
1º DE MARÇO DE 2011, 15H30

Edmund Mathews foi atender à porta de sua mansão à beira-mar, numa área superexclusiva da já restrita cidade de Greenwich, no estado de Connecticut. Normalmente ele não estava sozinho em casa, mas Alice, sua mulher, tinha ido à cidade com uma amiga para fazer compras, e Ellen, a babá, ainda não tinha voltado da escola com Darius. Não havia nenhum jardineiro no terreno da propriedade, nenhum empregado na casa, nem pintores, decoradores, entregadores, mecânicos, cozinheiros, nem qualquer outra pessoa em lugar algum. A casa de dez milhões de dólares estava silenciosa e vazia, exatamente do jeito que ele gostava.

Deve ser o Russell, pensou Edmund. Ele e seu parceiro Russell Lefevre tinham resolvido tirar folga nessa terça-feira porque o trabalho deles estava a ponto de entrar num ritmo alucinado. Seria o último dia livre que teriam em meses, e agora tudo indicava que ele ia perder parte da tarde. Russel tinha telefonado minutos antes, parecendo transtornado, e dissera que queria encontrá-lo imediatamente em casa para falar sobre algo importante. Russel tinha o hábito de insistir em conversar cara a cara sobre qualquer assunto delicado. Na Morgan Stanley, quando eles trabalhavam juntos com títulos mobiliários lastreados em ativos, os telefonemas deles eram gravados, para o caso de uma das partes não recordar direito os termos da negociação. Edmund

duvidava muito de que atualmente alguém fosse querer ficar escutando a conversa, mas o velho hábito persistia em Russell. Ele era uma pessoa preocupada e sempre tinha sido assim.

Edmund abriu a porta e cumprimentou Russell. O sócio era um homem alto e esbelto, de cabelos louros abundantes com uma mecha grisalha. Estava usando um uniforme branco de jogar tênis, com um suéter nos ombros. Para um homem que normalmente se vestia com apuro, ele parecia desarrumado. Quando não estava de terno, Edmund preferia uma camiseta velha e shorts, mesmo no inverno. Ele era mais robusto que Russell, mas sem excesso de peso, e mantinha o cabelo curto e bem aparado com visitas semanais ao barbeiro da cidade.

Edmund percebeu que Russell tinha estacionado seu Aston Martin DB9 de qualquer jeito no acesso de veículos, e não em uma das vagas de garagem, como preferia o sócio. O Aston Martin era um belo exemplar de engenharia automotiva, mas, na opinião de Edmund, um carro muito pretensioso para o uso diário. A espalhafatosa pintura cor de vinho só exacerbava tal sensação. Edmund preferia a provocação explícita aos outros proporcionada por seu Escalade preto, mas para satisfazer o prazer de dirigir, adorava sair com seu Morgan conversível pelas estradas vicinais do interior de Connecticut. Seu verdadeiro motivo de orgulho e alegria era usado raramente: em sua garagem havia uma Ferrari 250 GTO que lhe custara milhões de dólares na época em que isso não parecia uma extravagância.

— Estamos com um problema — informou Russel quando eles entraram no vestíbulo.

— Já imaginava. Vamos para a cozinha — propôs Edmund, que preferia, se possível, manter as discussões de negócios fora de casa. Este ia ser um daqueles dias em que não lhe restava escolha.

Russell e Edmund tinham trabalhado como corretores de derivativos na Morgan Stanley. Edmund era dos melhores funcionários da empresa, ágil e decidido e brilhantemente capaz de encontrar alguém para segurar com ele uma posição de mercado. Ele sabia que como corretor Russell tinha algumas limitações, mas sua mente de analista quantitativo lhe permitia fazer um cálculo de risco rapidamente; além disso, Edmund podia confiar nele para avaliar a viabilidade de alguma coisa que estivesse planejando. Russell tinha

visto o potencial de ganhar dinheiro com as CDOs — as obrigações de dívida colateralizadas —, produtos financeiros singulares que aproveitavam o mercado de crédito imobiliário problemático para criar investimentos aparentemente sem risco, que podiam render bilhões em créditos para empresas, e dezenas de milhões para os corretores. Com o preço dos imóveis em sua curva de crescimento aparentemente irreversível, os investimentos eram "seguros como casas", conforme gostavam de dizer aqueles que entendiam do assunto.

Com o passar do tempo, revelou-se que muitos executivos das corretoras que estavam vendendo CDOs e das instituições financeiras de diversas praças que as compraram, inclusive a Alemanha e o Japão, ignoravam de todo o que era uma CDO. Eles sabiam o que era ABS, ou título mobiliário lastreado em ativos, mas no caso das CDOs, os ativos eram obrigações hipotecárias reunidas num pacote, fatiadas e vendidas em lotes. Muitos empréstimos individuais que lastreavam as obrigações eram créditos hipotecários de risco que nunca seriam pagos, e bastava alguns empréstimos não serem honrados para o pacote inteiro ficar inadimplente, o que era inevitável.

Quando Russell explicou a Edmund exatamente o que a crise dos créditos de risco significaria para os CDOs e outros produtos financeiros, e para o sistema como um todo, Edmund ficou horrorizado e empolgado ao mesmo tempo. Imediatamente, e em segredo, usou seu próprio dinheiro para vender ações a descoberto de sua própria firma e apostou no fracasso de outras empresas expostas a CDOs. Ele continuou a vender as obrigações condenadas até mesmo quando o desastre tornou-se inevitável. Ganhou quantidades alucinantes de dinheiro e depois de um tempo confidenciou a Russell, um leal funcionário da empresa que nunca teria considerado agir daquela forma, o que estava fazendo. Conforme previu Edmund, Russell quis entrar no negócio e Edmund deixou-o participar.

Quando a catástrofe bancária eclodiu, houve muitas vítimas: investidores que perderam seu capital, acionistas que viram seus papéis perderem todo o valor, incontáveis trabalhadores que ficaram desempregados. Homens como Edmund Mathews e Russell Lefevre não estavam entre eles. Em meio ao clamor de que os banqueiros envolvidos deviam ir para a prisão, eles saíram da empresa levando quase cem milhões de dólares de indenização.

Edmund tinha curtido um pouco seu primeiro fim de semana de desempregado, levando Darius para o treino de futebol e deixando em casa o BlackBerry, jantando na cidade com Alice e outro casal, lendo o jornal de domingo. Mas às 9h05 da primeira segunda-feira, ele já estava morto de tédio. No home office, com duas televisões sintonizadas no canais Bloomberg e MSNBC, ele ficou matando o tempo, fazendo pequenas transações de algumas dezenas de milhares de dólares em sua conta on-line. Às dez da manhã, telefonou para Russell e sugeriu que voltassem ao jogo, mas por conta própria.

— E aí, Russell, qual foi o problema? — perguntou Edmund, depois de entregar ao visitante um copo de água gelada.

Os dois estavam cada um numa ponta da bancada central de uma cozinha moderna. Edmund jogou um descanso de copo para Russell antes que ele colocasse o copo suado em cima da tábua de carne.

— Eu estava jogando tênis com Teddy Hill...

— Teddy Hill? Ele deve estar com 65 anos. Espero que você tenha pegado leve com o coroa.

— Ed, o assunto é sério. Eu jogo com o Teddy porque ele conhece todo mundo, e me conta o que ouviu por aí. Como fez hoje. Quando ele me contou, eu praticamente saí correndo da quadra e o larguei plantado lá.

— Ele contou o quê, Russell?

— Nossas ações estão sendo vendidas a descoberto.

Russell tinha razão: o caso era mesmo sério.

Naquela primeira manhã de segunda-feira de suposta liberdade Edmund descobriu, quando telefonou para Russell, que este ansiava tanto quanto ele por começar a fazer alguma coisa. Edmund não sabia, mas Russell precisava ganhar dinheiro. Em 2008 ele se viu com uma grande quantidade de imóveis, uma carteira de propriedades na Flórida e na Califórnia que de repente ficou valendo muito menos que as hipotecas pendentes. Quando Russell sanou o problema, ficou com pouco dinheiro e precisou alavancar sua indenização por demissão transformando-a em algo mais substancial.

Conforme tinham feito muitas vezes em seus tempos de colaboradores de um grande grupo empresarial, os dois passaram um fim de semana num hotel em Boca Raton, reunidos para fomentar e discutir ideias. Antes de se sentarem para discutir, Russell insistiu em ir ao shopping local comprar camisetas para os quatro filhos. Edmund ficou esperando o colega do lado de fora da Gap e olhando os passantes.

— Olhe para essa gente, Russell — disse Edmund quando o parceiro voltou. — O que você está vendo?

— Famílias, carrinhos de bebê, casais, um monte de velhos. Que ideia você andou tendo?

— Você acertou: os velhos. Isto aqui é a Flórida, famosa pelas laranjas e pelos velhos. E o que os velhos têm?

— Sei lá. Pagam prêmios altos no seguro do carro?

— Isso também — disse Edmund —, mas essa geração compra muito seguro de vida.

E Edmund revelou a Russell a ideia que tivera: chamava-se "Life Settlement".

Os sócios imaginaram que tinham descoberto um ótimo negócio. Russel passou semanas fazendo cálculos, enquanto Edmund se aconselhava discretamente com seus antigos contatos: advogados, corretores, banqueiros, especialistas em avaliação de risco de crédito e administradores de fundos de cobertura. O negócio era lícito e viável. E Russell garantiu que os detalhes financeiros não tinham furo.

— O único jeito de essa ideia não dar certo é acontecer o Segundo Advento e Jesus Cristo impedir as pessoas de morrerem — avaliou ele.

— E nós sabemos que isso não vai acontecer.

A empresa LifeDeals, Inc. foi criada no começo de 2010, com Russell como CEO e Edmund como diretor do conselho administrativo. O capital inicial foi a maior parte dos cem milhões de dólares que eles tinham ganhado com o desastre da crise do subprime, dinheiro que usaram para comprar apólices de seguro de vida de milhares e milhares de americanos desesperados por dinheiro vivo. Edmund contratou os corretores mais agressivos que conhecia e os orientou a contratarem gente ainda mais desesperada, para saírem pelo país afora comprando apólices e pagando no máximo 15 centavos por dólar. Havia

milhões de americanos que precisavam de dinheiro para tratamentos de saúde de longo prazo, ou para financiamento de uma cirurgia quando eles não tinham um seguro de saúde ou mesmo quando o tinham — fato cada vez mais frequente —, mas a cobertura não era abrangente, ou o plano de saúde encontrava um jeito de não pagar. A LifeDeals era obrigada a pagar o restante dos prêmios, mas quando o mutuário morria — o que acabava acontecendo —, a indenização era dos dois sócios.

Em seis meses a diretoria da LifeDeals sentiu-se suficientemente confiante para oferecer ações da empresa na bolsa de valores. Edmund e Russell eram detentores de opções que os tornaram novamente muito ricos, mas queriam capitalização para comprar mais apólices. A estatística favorita de Edmund era de que havia mais de 26 trilhões de dólares em apólices de seguro de vida soltas no mercado e prontas para serem colhidas. O plano deles era começar a securitizar as apólices, agregando-as e vendendo obrigações. Dessa vez os ativos que lastreavam os títulos de crédito eram inexpugnáveis, garantidos pessoalmente pela dona Morte. E todos os dias milhares de pessoas estavam desistindo das apólices que pagaram durante anos. Já não podiam mais arcar com os prêmios. Estavam esperando para serem depenadas.

Edmund gostava de pensar que sua empresa algum dia poderia valer um trilhão de dólares.

— Quem está fazendo isso? — perguntou Edmund.

— O Teddy não sabe. Ele ouviu de um amigo que ouviu de um amigo. Mas ele confia na pessoa. Jura que é verdade.

— Isso é só alguém querendo bancar o esperto — disse Edmund.

— Não, é uma aposta maior — disse Russell. — Seja lá quem for, a pessoa tem certeza de que nós vamos por água abaixo.

— Então é melhor a gente descobrir quem é antes que isso aconteça.

Russell conhecia as consequências tão bem quanto Edmund. Eles precisavam de um grande investidor institucional que subscrevesse o pacote securitizado montado por eles. Caso circulasse no mercado a informação de que a LifeDeals estava tendo suas ações vendidas a descoberto, um parceiro

desses seria difícil de encontrar. Todo mundo se lembrava do que tinha acontecido em 2008.

— Precisamos começar a preencher a documentação necessária imediatamente — disse Russell referindo-se às 3Fs, as declarações trimestrais que os administradores de instituições de investimentos eram obrigados a enviar à comissão de valores mobiliários.

— E eu preciso começar a dar uns telefonemas.

Russell tinha deixado Wall Street com mais relacionamentos intactos que Edmund, e podia facilmente se ligar na central de fofocas. Afinal, a comunidade financeira era muito pequena. Edmund não precisou dizer nada. Os dois sabiam o que estava em jogo.

7

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
1º DE MARÇO DE 2011, 19H30

Afastados das outras pessoas, Pia, Lesley e Will permaneciam sentados depois do jantar no refeitório do hospital, que já estava quase vazio, segurando xícaras de chá e de café. Ver aquilo em que Rothman e Yamamoto estavam trabalhando deixou os três jovens em estado de choque. Como estudantes de medicina, tinham plena consciência, do ponto de vista acadêmico, do que estava sendo feito no laboratório; mas terem visto aquilo com os próprios olhos tornava tudo mais real e concreto. Estiveram no futuro, e a experiência era difícil de ser assimilada.

— Não consigo voltar ao normal — declarou Lesley Wong. — Ainda estou deslumbrada. Cultivar órgãos a partir das próprias células-tronco de um paciente... uma coisa assim vai revolucionar a medicina.

— Com certeza vai revolucionar o tratamento das doenças degenerativas — destacou Pia. — Vai possibilitar a cura, em vez do mero tratamento dos sintomas.

— Futuramente poderíamos cultivar nossos próprios órgãos e congelá-los para quando precisássemos deles — completou Will. — Puxa, eu fico pensando como será que a universidade vai dividir os lucros obtidos com uma descoberta médica dessa importância. Isso vai ser grande... Yamamoto disse que

a universidade registrou patentes, mas vocês não acham que ele e Rothman deveriam receber algum tipo de remuneração extra? Você não acha, Pia?

Pia acompanhou Lesley e Will ao refeitório não porque desejasse companhia, mas porque ainda estava empolgada com o que tinha visto e queria falar a respeito. Depois que o Dr. Yamamoto os conduziu para fora da unidade de banhos de órgãos, o trio se acomodou num canto do laboratório, com a intenção de discutir os fluidos da cultura de tecidos. Em vez disso, não tinham conseguido parar de falar do progresso realizado por Rothman na organogenia. Por mais interessados que estivessem, eles perceberam que ler os livros da biblioteca e fazer pesquisas na internet era um esforço inútil. Os manuais sobre esse assunto ainda não tinham sido escritos.

— Você está perguntando à pessoa errada — disse Pia, respondendo à pergunta de Will sobre Rothman e Yamamoto receberem parte dos lucros. — Não entendo de nada relacionado a dinheiro.

— Mas ele deve estar vislumbrando bilhões, não deve? Vou telefonar para o meu pai. Ele deve conhecer alguém que saiba.

— Seu pai? — perguntou Lesley.

— Sim, o agente de investimentos dele é muito bem relacionado.

— Acho que você não devia sair por aí falando de nenhuma dessas coisas para os outros — aconselhou Pia. — Principalmente para gente de fora do centro médico. Lembre-se do que Yamamoto recomendou. Pelo menos durante esse mês, enquanto você estiver trabalhando lá ou até que a principal publicação seja liberada.

— Você deve ter razão — reconheceu Will —, embora não possa ser tão secreto assim, como Yamamoto admitiu. Mas com certeza é melhor não contrariar o Rothman, principalmente com a fama que ele tem.

— Já me sinto satisfeita só de fazer parte disso — disse Lesley. — Eu ficaria feliz até de passar um mês controlando só a temperatura dos banhos.

— Depois de todas as histórias terríveis que ouvi sobre como Rothman tratava os estudantes, eu estava esperando o pior — confessou Will. — Mas, puxa, ele foi muito gentil com a gente. Talvez não soubesse que vínhamos hoje... ou não soubesse quem éramos.

— Com certeza ele sabia quem éramos — disse Lesley. — Acho que estava usando a gente para ensaiar a apresentação do progresso realizado por eles. Mas

seja qual for a razão, tanto faz para mim. Já fiquei feliz só em poder ver aquilo.

No fundo, era exatamente isso o que Pia estava pensando. Para ela, tinha sido uma experiência mágica visitar o santo sacrário de Rothman. A espera foi longa, mas Pia não se importou com isso. Tampouco se ressentia pelo fato de Lesley e Will terem passado pela mesma experiência no primeiro dia da disciplina eletiva. Para Pia, a sensação foi a de ter entrado numa dimensão física diferente. A sala e tudo que acontecia em seu interior pareciam pertencer a uma realidade muito distante do que estava no exterior. Ela se lembrava de um espaço branco, de um azul fosforescente, como num filme de ficção científica.

— Foi uma das experiências mais empolgantes da escola de medicina — opinou Will. — Eu adorei.

— Eu também — admitiu Pia. — Eu seria capaz de passar o dia todo ali em pé, só observando os banhos.

— Oi, pessoal — anunciou uma voz. Era George Wilson, parado diante da mesa, segurando uma bandeja do refeitório. Ele tinha acabado de sair da fila. — Esta reunião é particular ou um estagiário de radiologia cansado pode se sentar com vocês?

Os três estudantes se entreolharam, mas foi Will que respondeu:

— Não é particular não, Dr. Wilson! Oi, George.

— Will, como vão as coisas? — perguntou George.

Ele tentou esconder sua insatisfação ao ver McKinley sentado na companhia de Pia.

— Você já conhece Lesley Wong — disse Will, bancando o anfitrião. — E Pia, naturalmente.

— Oi, Lesley, como vai você? Pia, como foi o seu dia com Rothman?

George, que estava se sentindo extremamente constrangido por não ter sido convidado a se sentar, continuou parado ao lado da mesa dos colegas. Era tarde e ele tinha conseguido chegar ao refeitório pouco antes da hora de fechar. A última pessoa que esperava ver ali era Pia. A penúltima era Will McKinley, que costumava ficar metido no refeitório do alojamento da escola de medicina tentando passar cantadas em todas as estudantes.

— Estávamos justamente falando nisso — disse Pia, sem perceber o mal-estar de George. Entender indiretas sociais não era exatamente um de seus

pontos fortes. — Lesley e Will também estão fazendo as disciplinas eletivas no laboratório de Rothman. E quanto ao dia... Ele foi... Digamos que foi interessante.

— O maluco do Rothman está salvando o mundo — disse Will.

— O que você quer dizer com isso? — interpelou Pia. Havia aspereza em sua voz.

— Nada não — disse Will, erguendo as mãos como se esperando que Pia o atacasse. — Eu sei que você venera o cara...

— Eu *respeito* o cara...

— Olha, tudo bem, ele é obviamente uma espécie de maluco genial.

A expressão no rosto de Pia convenceu Will de que seria melhor ele mudar de assunto.

— O que estávamos imaginando é quanto dinheiro o Rothman deve ganhar se encontrar investidores para financiar seu projeto.

— Você é que estava imaginando — corrigiu Lesley.

— Sim, eu estava imaginando. Tem de haver uma fortuna nisso. Rothman está sentado em cima de uma mina de ouro, você não acha, George?

— Não tenho certeza se eu sei do que você está falando — disse George. — Mas posso ver que estou interrompendo uma reunião aqui.

Ele começou a se virar para ir embora, mas Will o deteve, agarrando a jaqueta dele pouco acima do cotovelo.

— Não vai embora não, senta aqui.

George olhou para Pia, e ela fez um gesto de cabeça indicando que se sentasse, e ele o fez, sem ter certeza se seria a coisa certa a fazer.

8

GREENWICH, CONNECTICUT
1º DE MARÇO DE 2011, 21H10

Edmund Mathews estava de novo junto à porta de sua casa, atendendo Russell. Dessa vez ele não telefonara antes; simplesmente mandou um torpedo avisando que já estava chegando. Só havia uma razão para ele estar de volta: tinha descoberto quem estava especulando com as ações da LifeDeals.

— Edmund, precisamos conversar.

— O que você descobriu?

— Vou precisar de uma bebida e você também. Pode me dar um uísque escocês?

Edmund sabia que Russell gostava do Talisker 18 anos que ele guardava no escritório e o levou para lá, fechando a porta ao passar. Edmund estivera sentado no cômodo lendo uma pesquisa, e tinha acendido a lareira. O ambiente cheirava levemente a fumaça e quando o dono da casa destampou a garrafa, o cheiro de turfa da bebida deu a eles a sensação de que estavam num pavilhão de caçadores nas montanhas da Escócia.

— Então, o que você sabe?

Após servir os dois copos com a bebida, Edmund entregou um a Russell, que ficou contemplando as chamas, com um cotovelo apoiado no console da lareira.

— Vamos lá, Russell, sou adulto e já ouvi más notícias em outras ocasiões. Desembucha!

— Gloria Croft — disse Russell, dando uma olhada de esguelha para Edmund e depois tomando o uísque todo de um gole só.

— Como é? Por um segundo achei que você tinha dito Gloria Croft.

— E disse. É a filha da puta da Gloria Croft. Ela está fazendo isso em plena luz do dia, por intermédio da BigSkies.

— Você só pode estar brincando comigo. Isso é uma puta de uma sacanagem!

Edmund estava berrando. Era exatamente por isso que Russell tinha ficado preocupado. Sabia que Edmund ia perder a cabeça. Ouviu-se uma batida na porta e a mulher de Edmund, Alice, surgiu pela abertura com seus belos cabelos louros.

— Oi, Russell. Edmund, o Darius está indo dormir...

Alice deu uma olhada no rosto do marido, retorcido num esgar de pura raiva. Percebeu logo que conseguir algo dele naquele estado seria uma tarefa impossível.

— Vou desejar boa-noite por você, então. Tchau, Russell — disse ela de repente, e se retirou fechando a porta.

A intromissão cessou os impropérios de Edmund. Ele serviu mais uma bebida para si, e outra para o sócio, fechou os olhos por um segundo e respirou fundo. Por que tinha de ser Gloria Croft?

— É melhor você me contar tudo.

Russell sentou-se num banquinho estofado junto à lareira. Edmund continuou em pé.

— Dei uns telefonemas. Na verdade só precisei dar dois. Liguei para o cara que contou ao Teddy Hill o que tinha escutado sobre a venda a descoberto e o cara entregou a fonte. Era uma pessoa que eu tinha conhecido em alguma convenção hipotecária em Las Vegas. Ele publica uma merda de boletim financeiro e a informação que tinha era privilegiada.

— Ele disse por que ela estava fazendo isso?

— Não, não falou muito. Acho que mudou de ideia depois de me passar a informação e desligou o telefone rapidinho. Estava nervoso. Ela é muito poderosa e a BigSkies tem muito dinheiro.

Edmund estava tendo uma sensação muito desagradável de déjà vu. Utilizando seu fundo de cobertura, a BigSkies, e apostando no fracasso das CDOs emitidas por outros agentes, entre os quais Edmund e Russell, Gloria Croft tinha alcançado grandes posições. Ela começou cedo, em 2006, quando ninguém mais estava fazendo isso e o custo era baixo. Centenas de milhares de dólares podiam se transformar em dezenas de milhões. Gloria estava seguindo sua crença de que as obrigações lastreadas em créditos imobiliários e avaliadas como AAA iriam fracassar e colocar em risco o futuro dos gigantes de Wall Street, como Bear Sterns e Lehman Brothers. Na época, poucos concordaram, pois seria impossível as ações dessas instituições caírem tanto. Mas caíram, e depois continuaram caindo.

Russell e Edmund ficaram calados, o primeiro olhando fixamente o fundo do copo e o segundo, o fogo que estalava na lareira. Edmund afastou a grade de proteção e jogou mais um pouco de lenha nas chamas.

— Ela tem muito colhão — disse Russell por fim.

— Tem mesmo.

— Mas isso é diferente.

— Nesse ponto você tem razão.

O pensamento dos dois sócios estava seguindo a mesma trilha. Os créditos hipotecários subprime eram um desastre; sua qualidade como ativo era péssima. No "Life Settlement", o paradigma criado por eles, os tomadores de crédito eram as maiores empresas seguradoras nacionais, algumas das instituições mais ricas do país. A característica principal era sólida, resumida em uma das frases favoritas de Edmund nos últimos meses: o que os donos de apólices de seguros vão fazer, deixar de morrer?

— Então o que ela está fazendo? — indagou Edmund depois de outra pausa demorada. — Isso não faz sentido. Nós conhecemos os dados financeiros, certo? Estamos garantidos por todos os lados. Em termos de atuária, calculamos o pior caso, gente que vive um pouco mais, Deus sabe por que motivo, e levamos em conta todas essas variáveis. A não ser que ela esteja nos prejudicando por motivos pessoais. Mas Gloria é esperta demais para isso. Muito mais inteligente que isso. Tem que ser algo que ela viu nos números.

— Se houvesse algo nos números *eu teria visto* — protestou Russell um tanto irritado.

— Eu sei disso, Russell. Ela está vendo algo que não está nos números. Na verdade não importa por que ela está fazendo isso; o fato é que está fazendo e nós podemos acabar com uma mão na frente e outra atrás. Puta que pariu!

— Então, o que vamos fazer?

— Temos que conversar com ela, descobrir o que sabe — disse Edmund. — Tentar fazê-la recuperar o bom senso. Quando ela entender qual é o ganho, talvez possamos dar uma força para ela.

Edmund estava se referindo a oferecer a Gloria uma vantagem para investir na empresa e uma participação na enorme fortuna que eles acreditavam que estava a caminho.

— Talvez seja isso mesmo o que ela quer, e esteja mandando sinais de fumaça — disse Russell.

— Puxa, ela podia nos telefonar e pedir — disse Edmund. Pensou um segundo. — Vamos ligar para ela agora mesmo.

— Agora? Já passa das nove da noite.

— Ligue para ela assim mesmo. A Gloria está sempre trabalhando. Com certeza não vou conseguir dormir hoje se não falar com ela. Você tem o número do celular?

— Tenho, sim, mas por que eu?

— Você fez negócios com ela. E se eu ligar, ela não vai atender. É simples assim.

Anos antes, Gloria tinha trabalhado para Edmund como uma humilde analista, dois empregos antes de se estabelecer por conta própria. O departamento de Edmund não aceitava muito a presença de mulheres, e as que trabalhavam ali tinham de jogar duro. Isso era o que Russell sabia. Havia muitos detalhes que não conhecia, mas o fato é que a coisa terminou mal. Russell estava presente por acaso da última vez que Edmund viu Gloria, quando ela saiu de um bar lotado de candidatos à condição de ex-corretores onde havia ido consolar um amigo demitido. Gloria foi embora porque Edmund, completamente bêbado, começou a gritar para ela:

— Foi por sua causa que esses caras perderam o emprego.

Muita gente argumentaria que os produtos vendidos por Edmund foram a causa principal da falência das firmas, provocando a demissão dos funcionários, e não os especuladores que se aproveitaram daquela oportunidade. Mas pela

perspectiva de Edmund, sua responsabilidade foi apenas efêmera e o papel de Gloria foi mais contundente.

Russell procurou o número de Gloria Croft em seu BlackBerry. Discou e Gloria atendeu depois de dois toques.

— Gloria, quem está falando é Russell Lefevre.

— Oi, Russell, como vai?

A voz de Gloria era calma e deliberada. Apesar da hora, ela não reagiu com surpresa ao ouvir a voz de Russell.

— Bem, obrigado, Gloria. Acredito que você também. Por onde tem andado? Espero que não esteja no escritório a essa hora.

Russell ouvia ao fundo sons que indicavam que sim.

— Estou só assistindo à abertura da Bolsa asiática. Imaginei que você fosse ligar. O Edmund está aí com você? Se quiser pode me botar no viva voz.

— Só um segundo, Gloria.

Enquanto Edmund revirava os olhos, Russell teclava nos botões do telefone, depois o colocou apoiado na garrafa de Talisker.

— Está pronto, Gloria — disse Russell.

— Oi, Edmund, como vai *você*?

— Estou bem, Gloria — respondeu Edmund tentando transmitir tranquilidade. Olhou para Russell com ar de desespero. Esta ligação era responsabilidade dele, por que não assumia o controle?

— Gloria, gostaríamos de fazer uma reunião com você — declarou Russell. — Temos umas coisas que gostaríamos de discutir.

— Que tipo de coisas, Russell?

A voz dela era despreocupada, como se estivesse se divertindo.

— Para de palhaçada, Gloria — esbravejou Edmund, toda a tranquilidade desaparecendo da voz. — LifeDeals, como você sabe perfeitamente bem.

— Ah, o mesmo Edmund Mathews de que lembro tão bem! Tão encantador. Se quiserem conversar, terei prazer em vê-los no meu escritório.

Aquela era uma manobra para demonstrar poder. Edmund simulou com a mão direita um vigoroso gesto de degola; não queria ir ao escritório dela e lhe ceder a ofensiva.

— Que tal um encontro para almoçar? — sugeriu Russell. — Lembro que você gosta do Terrasini. E faz tempo que não vou lá. Tudo bem por você?

Ele estava sugerindo o excelente restaurante italiano do centro da cidade que era, há muito tempo, um dos favoritos da comunidade financeira.

— Russell, me desculpe, mas estou com a agenda lotada. E vou passar o fim de semana fora. Até a semana que vem é aqui ou nada.

— Espere um pouco, Gloria.

Russell pegou o telefone e rapidamente colocou na função silenciosa, bem a tempo.

— Porra, quem ela pensa que é?

As veias do pescoço de Edmund estavam inchadas. Era como se Gloria ainda fosse sua empregada e tivesse lhe dado uma resposta malcriada.

— Edmund, ela botou a gente numa roubada e sabe disso. Nós precisamos descobrir o que ela está vendo. Se você não consegue suportar, me deixa ir lá sozinho.

— Não, não, eu vou. Como um maldito suplicante. Mas Gloria vai pagar por isso. No futuro, em alguma ocasião. E pra valer.

Pelo menos desta vez a curiosidade de Edmund superou sua vaidade. Russell voltou ao telefone.

— Gloria, foi mal pela demora. Alguma chance de a gente ver você amanhã?

— Que tal às nove da manhã?

Edmund fez um gesto obsceno com a mão direita, mostrando o dedo médio em riste. Aquele horário significava dirigir até Manhattan e disputar espaço com todos os outros motoristas. Edmund tinha aversão ao transporte público, portanto, ir de trem estava fora de cogitação. Ele fez mais uma vez o gesto de degola.

— Desculpe, Gloria, tenho um compromisso amanhã cedo e não posso faltar. Que tal marcar para as dez e meia?

— Tudo bem, Russell — disse ela se divertindo. Conseguia imaginar de que modo sua proposta fora recebida por Edmund.

— Então nos vemos amanhã — disse Russell para encerrar a ligação. Edmund deu um suspiro, agradecido pela pequena concessão.

9

406 PARK AVENUE
NOVA YORK
2 DE MARÇO DE 2011, 10H37

Edmund e Russell entraram no edifício de porte médio que ficava na Park Avenue, coração da cidade. Como seria de se esperar, durante a viagem de limusine executiva que os levou de Greenwich à reunião, Edmund ficara de mau humor. Russell tinha insistido para que fossem juntos. Queria ver se conseguia suavizar o estado de espírito do parceiro antes do encontro com Gloria Croft. Durante sua vida inteira Edmund tinha sido um tirano, e não se sentia à vontade em nenhuma situação sobre a qual não tivesse controle. Agora, além de não ter domínio sobre os acontecimentos, tinha a sensação de ser um joguete de uma mulher, e, para piorar, de uma mulher que já tinha sido sua subordinada. Russell duvidava do efeito que suas palavras calmas surtiriam.

Quando chegaram, Gloria usou um protocolo que tinha aprendido com Edmund, e ele sabia disso. Os dois foram levados para uma área com escritórios e convidados a esperar numa sala de reunião de paredes de vidro, onde os deixaram de molho por quinze minutos. A atenciosa recepcionista lhes ofereceu café e água. Do lado de fora, o ambiente parecia calmo e sossegado, e o silêncio só era quebrado pelo ruído do ar-condicionado. A imagem transpirava uma serena autoridade.

Então Gloria apareceu. Tinha mudado de visual desde a última vez em que Edmund a vira. Agora havia um ondulado discreto em seus lustrosos cabelos castanhos que iam até os ombros. Usava um tailleur com caimento perfeito, blusa azul-lavanda e sapatos pretos de salto alto. O decote era sutil, na medida certa. Ela parecia muito elegante e refinada.

— Senhores, me desculpem, foi um problema em Cingapura.

Russell e Edmund tinham se levantado quando Gloria entrou e ela se dirigiu a cada um para cumprimentá-los com um aperto de mão. Havia um leve sorriso, quase imperceptível, em seu rosto. Evidentemente estava se divertindo.

— Venham comigo!

Ela saiu depressa da sala de reuniões, e os dois visitantes recolheram os casacos e as pastas e a seguiram.

— Ela nos obrigou a correr atrás dela como se fôssemos dois cachorrinhos — resmungou Edmund entredentes.

Quando eles entraram no escritório de Gloria, ela já estava sentada à mesa. Na parede atrás dela havia uma gigantesca pintura abstrata, provavelmente muito cara. Sobre a mesa não havia nada, exceto alguns telefones grandes; às costas de Gloria as estações de trabalho estavam cobertas de prospectos e fichários. Uma parede inteira forrada de mogno exibia as obrigatórias fileiras de televisores que transmitiam os canais de noticiário financeiro. Gloria apertou um botão sob o tampo de sua mesa e a porta do escritório se fechou sem ruído. Quando ela falou, sua voz parecia tímida, mas Edmund sabia que ela era incapaz de sentir timidez.

— Eu me sinto como se tivesse voltado aos 25 anos. Naquela época eu parecia uma rêmora, aquele peixe com ventosa, rondando em torno dos grandes predadores, em busca dos restos de comida que eles deixavam para trás enquanto comiam. O mar ficava cheio de sangue. Era muito mais divertido do que hoje, vocês não concordam?

Edmund não gostou do rumo que a conversa estava tomando. Nem mesmo ele teria sido tão agressivo. Agora ela era o tubarão, eles, as rêmoras, e o que ela farejava na água era o sangue deles. Edmund ficou mordendo a língua até ela começar a falar sobre as "oportunidades" que havia encontrado por acaso no

campo dos créditos imobiliários de alto risco, algo que ela agradecia ao mercado (ou seja, Edmund e Russell) por ter colocado à disposição dela.

— Ora, Gloria — disse Edmund, tentando se controlar —, você não é tão esperta quanto pensa que é. Aquele lance do subprime nunca foi pensado para dar certo. Sabíamos que ia fracassar. Nós mesmos estávamos vendendo a descoberto.

— Talvez estivessem, mas só no fim. Eu já estava comprando swaps cinco anos antes de vocês. — Edmund bufou de desdém. — E vocês continuavam alavancando sua posição com a venda de títulos sem valor, até o Lehman se afundar. É ou não é?

Agora Gloria tinha tirado pelo menos uma das luvas de pelica. Achava que tinha as cartas mais valiosas contra a LifeDeals. Bastava se segurar um pouco e o jogo duraria mais tempo, mas ela havia colocado Edmund e Russell exatamente onde queria, e poderia se esbaldar com a reação deles se jogasse aquela mão agora. Se a LifeDeals não fosse uma empresa com ações na Bolsa, ela provavelmente ganharia a mesma quantidade de dinheiro no longo prazo. Tudo dependeria de até que ponto Edmund colocaria a própria sorte à prova. Naquela manhã, antes da chegada deles, ela se olhou no espelho do banheiro e disse: "Hora da vingança."

Gloria pigarreou e prosseguiu:

— Os corretores que venderam aqueles CDOs deviam ter sido presos. O mercado financeiro todo acabou manchado por causa daquilo. Foi imoral, ganancioso, egoísta... foi um *roubo*.

— Bobagem — reagiu Edmund. — Você mesma definiu: foi uma *oportunidade*. Você destruiu aquelas empresas. Suas impressões digitais estão nos cadáveres. O governo deu autorização aos credores hipotecários para fazerem contratos no mercado de subprimes. Todo mundo precisava de uma casa onde morar. Ninguém botou uma arma na cabeça de ninguém... Não entendo por que estamos remexendo em tudo isso outra vez. Nós já tocamos nossa vida para a frente. Você evidentemente não, mas eu sugiro que *supere isso*.

Edmund estava exercitando todo o autocontrole possível, falando devagar e sem sobressaltos. Russell sabia que o vulcão estava em ebulição, que a coisa toda estava ameaçando explodir. Edmund continuou como um robô:

— Estamos certos de que a LifeDeals é um sucesso e que vai provar isso num futuro muito próximo.

— É mesmo? — disse Gloria. — Olha, eu tenho meio milhão em derivativos de crédito que estão em risco e que me dizem que não. E vou comprar outros. Quer saber o que mais? Ficarei feliz quando eles forem por água abaixo, porque acho que vocês estão roubando de novo, só que dessa vez estão roubando do seguro de vida de gente vulnerável, pagando centavos a eles. São velhos desesperados por dinheiro, porque precisam fazer uma cirurgia e não querem ir à falência porque foram excluídos do nosso sistema de saúde.

Edmund massageou as têmporas. Eles eram financistas: ganhavam dinheiro e ponto final.

— O Supremo decidiu que apólices de seguro de vida são um patrimônio que o indivíduo pode comprar e vender — disse Edmund.

— Vocês estão pagando 15% do valor nominal. Quando podem, pagam 10%.

— Estamos oferecendo um serviço financeiro legítimo aos americanos idosos que por algum motivo precisam de dinheiro vivo. Não criamos a necessidade, só a estamos satisfazendo. Não é problema meu se a pessoa está pagando por uma nova prótese ou um cruzeiro para o Alasca. Talvez só queiram evitar que os filhos ingratos herdem o dinheiro. Não há nada imoral nem antiético nisso. Estamos ajudando a colocar dinheiro de volta na economia. Você devia nos agradecer.

— Ah, poupe-me, Edmund. Agora que o mercado hipotecário secou, alguns analistas espertos estão atacando o seguro de vida. É mais uma mina de ouro e danem-se as consequências para os envolvidos.

Russell percebeu logo que isso não levaria a lugar algum. Ele se inclinou para a frente em sua cadeira.

— Gloria, com o devido respeito, o Edmund e eu não viemos até aqui para debater a ética dos acordos de seguro de vida, embora eu deva dizer que eles estiveram por aí durante anos com pouca objeção. Podemos discordar sem levar para o lado pessoal. Gostaríamos de saber por que você tem tanta certeza de que nós estamos errados. Trouxe comigo umas pesquisas para debater com você.

Russell colocou os balanços financeiros diante de Gloria, juntamente com gráficos complicados que mostravam curvas de distribuição normal para a expectativa de vida dos indivíduos cujas apólices a LifeDeals tinha comprado, separando-as de acordo com as doenças sofridas pelos segurados. Ele descreveu o quadro completo, deixando que ela tivesse acesso a mais informação do que normalmente apresentavam aos candidatos a gerentes de fundos de cobertura. Depois explicou o plano, como eles iam securitizar as apólices transformando-as em títulos, o que resultaria em receitas incrementadas que seriam usadas para comprar mais apólices, para transformá-las em quantidades ainda maiores de títulos. Os títulos eram ponderados, o maior segmento concentrado em diabetes, o segundo em doenças cardiovasculares e o terceiro em doenças renais. Enquanto Russell falava, Gloria examinava os relatórios financeiros e os gráficos de Gauss. Não precisou gastar muito tempo na verificação. Quando terminou, colocou-os de lado como se não acreditasse em nada daquilo.

Por fim, Russell explicou que as curvas dos gráficos podiam prever com exatidão quando as apólices dariam retorno. Eles tinham incluído como fatores todos os outros dados convincentes, determinado o fluxo de caixa com bastante precisão, e comprado tantas apólices quantas permitia a receita disponível. Os dados atuariais eram abundantes e remontavam a cinquenta anos, mas poderiam ir até mais longe, se eles precisassem.

— Não deixamos nada ao sabor do acaso — afirmou Russell. — É à prova de fogo e se baseia em números reais. Com certeza algumas pessoas terão remissão espontânea, mas outros vão render dividendos mais depressa que o previsto. Tudo isso se fundamenta em matemática padronizada e a base sólida são as companhias de seguros. Talvez seja a melhor oportunidade de investimento que já existiu, apoiada pela decisão do Supremo, para não haver possibilidade de a indústria de seguros fazer lobby no Congresso para alterar leis e normas. As seguradoras vão pagar cada centavo que as apólices tiverem acumulado.

Russell parou de repente, sem fôlego. Os dois olharam para Gloria, que sustentou o olhar deles por alguns segundos. Fez-se silêncio.

— Você não está vendo? — insistiu Russell.

— *Eu* estou vendo — disse ela. — Vocês é que não estão.

— É pra valer. Analisamos os números de alto a baixo, e os confirmamos com todas as empresas de atuária. É pra valer. Temos a posse de cinquenta mil apólices...

Gloria deu um assobio.

— Qual é o prêmio de cinquenta mil apólices, Russell? Vocês devem estar pagando uns quatro a cinco milhões por mês. Se não começarem a ter um lucro significativo, vão acabar ficando sem capital até o fim do ano que vem.

Russell e Edmund sabiam que Gloria tinha razão. Para Edmund, não era novidade o fato de Gloria ser inteligente; do contrário, ele não a teria contratado no passado. Mas na situação atual eles estavam bem, estariam plenamente capitalizados até o fim do ano. Ele ficou se perguntando se ela estaria blefando, e começou a achar que sim. Até agora ela não tinha revelado nada a eles. Edmund estava se cansando disso.

— Gloria, tudo o que você falou é que somos uns filhos da puta mesquinhos e desalmados que passam o dia tirando dinheiro das velhinhas — disse Edmund. — Mas isso nós já sabíamos. Acho que você está jogando verde. Você disse a alguém que estava vendendo nossos títulos a descoberto para fazer a gente sair da toca e vir até aqui explicar nosso plano de negócio. E você está de parabéns, pois foi o que fizemos. Agora precisamos ir embora para não continuar tomando seu tempo. Ficaremos muito felizes em mandar um prospecto por mala direta no momento oportuno.

A expressão irritada de Edmund se transformou no insuportável olhar de desprezo que ela recordava de todas as ocasiões em que ele a descompusera no passado. Gloria abriu a gaveta do meio da mesa e tirou um marcador permanente. Olhando para Edmund, ela pegou um dos gráficos de Russell e copiou a curva de Gauss, só que mudando a curva para a direita daquela impressa no papel. Depois levantou o diagrama.

— Se acontecesse isso, o que acarretaria para vocês?

Russell olhou para o papel semicerrando os olhos. Era um gráfico de diabetes.

— Isso não vai acontecer.

— Concedam-me a satisfação de supor que sim. Em tese.

— Você está fazendo uma projeção de diabéticos crônicos vivendo dez anos a mais do que viverão. Eu já disse: isso não vai acontecer.

— Suponhamos que quarenta por cento das apólices que vocês possuem sejam de portadores de diabetes. Se tivermos uma curva como a que tracei, em vez da de vocês, calculo que serão vinte mil apólices em que vocês ficarão atolados por dez anos a mais. Isto é... uns... 240 milhões em prêmios que vocês não estavam contando em pagar. Isso causa um rombo no plano de vocês, não é? Talvez elas sejam a metade das apólices que possuem. Acho que a curva precisa avançar um pouco mais. Em quinze anos serão 450 milhões. A maior fonte de receita de vocês se transforma numa fossa de ativos tóxicos.

— Isso é hipotético e contraria cinquenta anos de dados atuariais. Cinquenta anos!

Edmund estava aos berros, mas Gloria olhava para Russell, que parecia preocupado.

— Sim, vocês têm cinquenta anos de dados *antigos*. Mas não estão olhando para o futuro. A tecnologia pode transformar uma mesa em um macaco em questão de minutos. Se vocês tiverem mais ideias iluminadas, tenham a bondade de compartilhá-las comigo. Também terei prazer em negociá-las a descoberto.

— De que diabos você está falando? — perguntou Edmund.

— Você sabe o que é uma célula iPS?

— Ouvi falar delas, sim — disse Edmund. — Alguma coisa relacionada a células-tronco. Mas não estou vendo...

— Células-tronco pluripotentes induzidas — disse Gloria. — Se você estivesse olhando o futuro e não o passado, talvez soubesse que as células iPS vão causar um enorme impacto na medicina regenerativa.

— Você quer dizer terapia com células-tronco? — perguntou Edmund. — Essa bolha que estourou há dez anos, todas aquelas empresas emergentes de biotecnologia? Hoje as ações valem centavos.

— Edmund, você ainda está falando sobre o passado. — Gloria insistiu. — Você não está levando em conta o futuro.

— Pois muito bem, Gloria, o que você está vendo em sua bola de cristal?

— Você já ouviu falar de Tobias Rothman, ganhador do Prêmio Nobel? Ou de Junichi Yamamoto? Do que eles estão fazendo em seu laboratório de pesquisa no Centro Médico da Columbia?

— Não — disse Russell, sentindo o teto pesar em cima dele.

— Fiquei sabendo por intermédio de um contato que acompanha as patentes da biotecnologia, que Rothman criou órgãos de camundongos, corpos inteiros, cultivados a partir da células iPS e que transplantou de volta para o mesmo camundongo doador das células. Agora, a qualquer momento, ele vai fazer isso com células-tronco humanas, se é que já não fez. Vai conseguir cultivar pâncreas para seres humanos. Para fazer insulina. Pâncreas feitos por encomenda para um paciente, sem possibilidade de rejeição. Você sabe o que isso vai causar?

Gloria apontou para o gráfico que tinha refeito e arrastou o dedo da curva de Russell até a versão de sua autoria, em vermelho.

— Isso aqui.

Ela se recostou na cadeira.

Russell tinha feito as contas de cabeça. Graças a vendedores particularmente competentes no Texas e na Flórida, eles tinham comprado muitas apólices de portadores de diabetes. Na verdade, Gloria tinha calculado por baixo. Elas compunham quase dois terços de tudo que possuíam. O que significava que podiam estar encrencados por quase 600 milhões em prêmios adicionais. Quem sabia se a ciência teria sucesso, e quando teria? E nem todo paciente seria beneficiado. Mas mesmo assim, se Gloria estivesse certa, o plano deles estaria arruinado. Haveria algum modo de desovar aquelas apólices? Poderiam securitizá-las? Será que alguém investiria na empresa, tamanha a dúvida sobre a natureza do risco? Essas perguntas estavam ocorrendo a Russell; Edmund só queria cair fora dali.

— Pense na LifeDeals como uma piscina — disse Gloria. — A água já está escoando e no curto prazo vai haver muito menos água entrando do que vocês planejaram. Vão acabar num mato sem cachorro.

Gloria estava se divertindo.

— Vocês querem um conselho? Duvido que sim, mas vou dar assim mesmo. Tratem de correr para securitizar e vender as porções no menor prazo possível, antes que outros comecem a ver que o terreno embaixo da LifeDeals está mais para areia movediça que para rocha. Quando isso acontecer, seus títulos vão ficar pedindo esmola. Se vocês forem espertos, e eu sei que são, vão dar um sumiço em parte do dinheiro que entrar da venda dos títulos, mas com certeza não vão conseguir recuperar todo o capital investido. A não ser que

atropelem a lei. O que nos traz de volta à estaca zero. Talvez vocês acabem na cadeia desta vez.

— Russell, temos que ir embora — disse Edmund, enquanto Russell reunia a papelada.

Edmund e Gloria se encararam e não desviaram o olhar. Gloria tinha feito sua jogada e viu que surtiu efeito.

— Que pena que vocês precisam sair correndo, rapazes, mas de todo modo eu tenho que sair para almoçar — disse ela.

Gloria entregou a Russel mais alguns documentos. Ela já havia decidido que mais tarde naquele mesmo dia fortaleceria sua posição contra a LifeDeals. Até certo ponto Edmund tinha razão. Ela queria que eles revelassem seu plano de negócios, e imaginou que Edmund, em sua arrogância, acabaria falando demais. Agora que conhecia o plano, considerou-o ainda pior do que esperava. Talvez ela tivesse perdido algum dinheiro com aquilo, mas possuía mais grana do que podia gastar em três encarnações.

A expressão no rosto de Edmund não tinha preço.

Enquanto esperavam o elevador, eles ficaram calados. Russell observou de esguelha o rosto de Edmund, e este tinha uma expressão que o sócio nunca vira. Entraram no elevador.

— Segura isso pra mim por um segundo — Edmund pediu a Russell, entregando-lhe a pasta e o sobretudo.

Edmund deu um passo adiante e socou a porta do elevador com a mão esquerda. Soltando um urro ele segurou a mão. A dor, quando surgiu, foi um alívio.

10

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
2 DE MARÇO DE 2011, 13H

Pia aprendeu rapidamente a se sentir à vontade no lugar que o Dr. Yamamoto gostava de chamar de "banheira", a unidade de banho de órgãos onde estavam sendo cultivados os rins, corações, pulmões e pâncreas de camundongos. Ela havia passado a manhã no local, colhendo dados sobre os níveis de pH dos banhos, e usando um tablet para ver o histórico dos poucos órgãos que não tinham vingado. Posteriormente, descobriu-se que apresentaram variações muito sutis de acidez ou alcalinidade em relação ao restante das amostras. A tarefa de Pia era monitorar os banhos, e ela tentava descobrir como instalar algum tipo de alarme em seu celular, como o que tinham Rothman e Yamamoto, que tocasse no momento em que um banho apresentasse uma pequena variação no pH.

O Dr. Rothman passou por lá algumas vezes. Pia tomou conhecimento, após conversar com o Dr. Yamamoto, que a equipe estava realizando simultaneamente estudos complexos e demorados, tanto ali nos banhos como no laboratório de biossegurança nível-3 situado no outro lado do complexo de salas de Rothman. O cientista, que alcançou a fama com o trabalho sobre salmonela, não estava cogitando abandoná-lo, mesmo que isso significasse trabalhar em níveis sobre-humanos de energia e concentração. Ele valorizava o

fato de ter acesso às cepas altamente virulentas que a Nasa lhe fornecia, e não sabia onde poderia obter mais daquele material após a gradual desativação do programa da estação espacial.

Lesley e Will tinham deixado o recinto para procurar o Dr. Yamamoto. Ficou decidido que além de ajudar Pia, eles iniciariam seu próprio estudo sobre os efeitos de variações sutis de temperatura dos banhos. Infelizmente a pesquisa chegou logo a um impasse, e eles preferiram consultar o assistente do Dr. Rothman em vez do próprio.

O Dr. Rothman entrou na sala, dirigindo-se à última fileira de banhos.

— Acho que temos um problema com o número 19 — declarou ele, aparentemente a ninguém em especial.

Pia se aproximou de Rothman, que mexia na unidade de monitoração embaixo do banho.

— O fluxo de sangue está comprometido. Como há um bloqueio, logo poderemos ser obrigados a fazer um corte no órgão para ver se o problema é de evolução ou se é algum tipo de embolia. Poucas viagens são mais longas que as do *in vitro* para o *in vivo*.

— Quanto tempo vai levar para começar com seres humanos? — perguntou Pia.

Rothman se encolheu um pouco e se virou para olhá-la, parecendo surpreso. Será que estivera falando sozinho?

— Estamos um pouco mais perto no caso dos rins que no do pâncreas. O rim é basicamente um filtro. Muito simples. Mas o pâncreas é muito complicado. Para mim é fascinante que uma glândula tenha tanta coisa a fazer e seja responsável por tarefas tão importantes.

— Hormônios e enzimas — disse Pia.

— Ilhotas de Langerhans. Sempre adorei esse nome. Elas foram descobertas em 1869 por um alemão de 21 anos chamado Paul Langerhans. Quando eu era adolescente, da primeira vez que ouvi a expressão achei que elas tinham sido batizadas assim por causa de ilhas de verdade em algum lugar.

Pia raramente tinha visto o Dr. Rothman tão alegre. Ele parecia se deliciar em seu covil. Pia achou que combinava com o temperamento dele gostar do nome das células produtoras de hormônio do pâncreas que secretavam insulina

e glucagon na circulação sanguínea para regular os níveis de glicose. Ou pelo menos, é o que deveriam fazer.

— Naturalmente, é necessário posicionar o pâncreas ao lado do duodeno para que ele injete suas enzimas no sistema digestivo. A ampola de Vater é outra de minhas favoritas.

Rothman estava se referindo à junção do duto colédoco com o duto pancreático, onde o alimento que passa pelo intestino é misturado com os agentes necessários para sua digestão e para controlar o nível de acidez.

— Mas ele fica enterrado tão fundo que até engana. Por isso o câncer de pâncreas é tão difícil de detectar, e tão letal. O órgão é tão suprido de sangue que o câncer tende a se espalhar muito depressa.

A mente de Rothman estava divagando. Ele parecia atipicamente relaxado.

— A organogenia do pâncreas também é muito ambígua. Todas as células que produzem hormônios e enzimas precisam ser geneticamente modificadas para criar a glândula, e nós estamos apenas começando a entender o processo.

Rothman tinha se encaminhado a outro banho.

— O pâncreas do camundongo tem uma notável semelhança com o nosso. Nesse campo já conseguimos muito progresso, mas quero acelerar as coisas.

Alguns cientistas trabalhavam na implantação de sensores de glicose e bombas de insulina em pacientes. Outros examinavam soluções de terapia genética em pacientes que ingeriam uma medicação contendo o vírus causador da produção de insulina na presença da glicose. Rothman estava encarando o problema da única forma que sabia: tentando fazer um gol de placa. Pia adorava tanta confiança e ambição. Achava que tinha absorvido um pouco daquela atitude depois dos três anos que passou trabalhando com ele. Ela também sabia o que os outros pensavam dele. Consideravam aquela confiança como arrogância da pior espécie, mas só seria arrogância se a presunção fosse deliberada. Não era que Rothman não se importasse com o que os outros pensavam. Ele nem sequer notava.

— Doutor, eu queria agradecer a você — disse Pia.

— Agradecer o quê?

— A oferta de empréstimo que me fez para eu pagar as irmãs.

— As irmãs lhe ajudaram, mas passado é passado. Você já não precisa delas. É hora de deixar para trás todos os problemas que o sistema de adoção lhe

causou, exatamente como eu fiz.

— Estou tentando — disse ela, referindo-se à superação das consequências de suas experiências de infância. Mas quanto a não precisar mais das freiras, ela não tinha tanta certeza.

— Meus filhos não são tão saudáveis quanto eu gostaria que fossem. Eu me sinto muito culpado — disse Rothman de repente, deixando-a surpresa. Ele raramente falava sobre sua vida, principalmente algo tão pessoal. A única outra vez foi quando ele admitiu que sofria de síndrome de Asperger.

— Puxa, que pena, eu nunca imaginei.

— Ninguém imagina — disse Rothman, com uma melancolia incomum. — Eu nunca falo sobre isso, mas é em grande parte o motivo de minha corrida com as células-tronco e a ciência das células-tronco.

Pia ficou sem saber o que dizer. O que se tornou subitamente claro foi por que Rothman, depois de tanto sucesso com o trabalho sobre salmonela, tinha feito um desvio tão grande em suas pesquisas científicas.

Rothman continuou observando o minúsculo pâncreas suspenso no fundo da cuba. Pia mal podia imaginar em que devaneio esperançoso a mente dele o transportava naquele momento. Ela o viu se desvencilhar daquilo quase fisicamente. Depois de dar mais uma olhada nos números do monitor, ele se afastou dela sem nada dizer. Era surpreendente e perturbador o jeito como conseguia se ligar e se desligar.

11

NOVA YORK
2 DE MARÇO DE 2011, 13H30

Depois de deixar o escritório de Gloria Croft, Edmund Mathews, ainda tomado pela raiva e sentindo a dor da mão esquerda inchada, virou na esquina da Lexington Avenue e procurou uma drogaria Duane Reade. Comprou um frasco de Motrin e tomou quatro comprimidos. A mão latejava muito, mas ele tinha certeza de não ter quebrado nenhum osso quando esmurrou a porta do elevador. Se tivesse usado a mão direita, certamente a teria fraturado. Russell Lefevre considerava o comportamento de Edmund imprevisível e alarmante durante seus ataques de raiva mas sabia que o sócio era dono de uma concentração fora do comum, da qual podia lançar mão em momentos como aquele. Edmund tinha a capacidade de destrinchar problemas complexos e atacar cada detalhe um por um, até estarem todos resolvidos.

Edmund mandou buscar o carro e os dois ficaram sentados dentro do veículo, estacionados em fila dupla na East 58th Street. Russell podia jurar que estava ouvindo as engrenagens da mente de Edmund em funcionamento.

— Precisamos começar a securitização do que nós temos antes dos outros — afirmou Russell.

— Com certeza. E analisar as apólices de diabéticos que temos — completou Edmund. — Verificar se talvez vá ficar mais barato cancelar

algumas em vez de continuar com elas. E precisamos dispensar uma parte dos nossos vendedores, até segunda ordem.

Edmund fez Russell telefonar para um contato na Goldman Sachs, um homem chamado McDonald, da divisão de títulos lastreados em ativos. Ele havia ficado interessado na LifeDeals, mas era cauteloso. Russell ainda achava que eles poderiam cooptar McDonald, um dos acionistas mais importantes, e fazia tempo que não conversava com ele. McDonald tinha alguns minutos disponíveis para um antigo cliente, e os dois sócios se dirigiram para a West Street, em Battery City Park, e para a matriz global da Goldman.

— Esse cara é arraia miúda, não tem visão — declarou Edmund depois do insatisfatório encontro. Russell tinha respondido todas as perguntas feitas pelos corretores sobre antecipar a securitização da carteira de acordos de seguro de vida. Mas os corretores não conseguiam ver o motivo da urgência. Da perspectiva deles, quanto maior o número de apólices que tivessem para compor o pacote, melhor seria o produto. E ainda não tinham realizado a exaustiva tarefa de tratar das questões jurídicas para criar os complexos CDOs e levá-los ao mercado. O que Edmund e Russell buscavam era se reassegurarem, depois do encontro com Gloria Croft. Quando saíram da Goldman, compartilharam a sensação de que a resposta dos corretores não era exatamente negativa, mas também não era extremamente positiva.

No carro, os sócios tomaram outra decisão. Conforme Gloria Croft tinha demonstrado de forma incontestável, o problema principal que estavam encarando era com os gráficos de índices de mortalidade nos quais se baseavam para a viabilidade da LifeDeals, e os danos que os avanços da medicina poderiam causar em termos de deslocar a curva para a direita.

— Precisamos falar com o Henry Green — disse Edmund.

Henry Green era o CEO da Statistical Solutions LLC, que tinha elaborado todos os dados atuariais, inclusive as curvas de sino. Edmund pegou o smartphone. Essa era uma ligação que ele desejava fazer.

— Henry Green, por gentileza... Tudo bem, diga a ele que Edmund Mathews está na cidade, e a caminho daí, e quer vê-lo imediatamente... Tenho certeza de que ele vai entender quando você falar com ele. Nossos dados

principais estão apresentando problemas. Surgiram novas informações e é preciso corrigi-los.

Edmund desligou e disse:

— Ele vai nos receber.

A LifeDeals tinha contratado a Statistical Solutions para um serviço dispendioso. Russell quis se armar com a melhor análise estatística disponível, quando eles saíram a campo para vender seu produto. Uma suposta lição tirada da tragédia do subprime é que os investidores queriam saber exatamente em que estavam se metendo. Talvez parecesse óbvio, mas não era. Russell queria ter em mãos os dados mais recentes para mostrar a um investidor, até apólices individuais, se ele fizesse questão de vê-las.

Henry Green, por sua vez, não gostou muito de receber o recado de Edmund Mathews, principalmente porque ele estava exigindo uma reunião de última hora. Russell Lefevre solicitara abrangência e profundidade na pesquisa realizada pela Statistical Solutions, fornecendo à empresa um prazo justo para apresentar o que tinha sido pedido. Em contrapartida, Edmund Mathews telefonava e queria respostas imediatas para perguntas complicadas. Para satisfazê-lo, Green fora obrigado a pressionar seu pessoal, espremendo até a última gota a capacidade de trabalho da empresa. A expectativa de Edmund era ver Henry abandonar tudo que estivesse fazendo sempre que ele telefonasse.

Edmund e Russell chegaram sem demora ao escritório da Statistical Solutions em Chelsea e em dois minutos estavam sentados com Green na sala dele.

— Edmund, você mencionou uma coisa ao telefone sobre "informações novas" — disse Green, hesitante.

— Isso mesmo — confirmou Russell, que queria muito evitar que Edmund começasse a berrar com Henry Green, como já havia acontecido antes.

— Apareceu um material novo e nós precisamos de sua opinião especializada para ver se temos de nos preocupar com isso.

Edmund suspirou diante da meia verdade.

— O que meu colega está tentando dizer, Henry, é que você talvez tenha errado em algumas de suas previsões, por margens que poderiam nos levar à bancarrota. Portanto, Henry, eu ficaria muito grato se você pudesse pegar aqueles gênios de que nos falou, que poderiam ter conseguido um emprego no

Google, e fazê-los vir até aqui nos provar que, afinal, são de fato inteligentes o bastante para conseguir amarrar os próprios sapatos.

O volume da voz de Edmund foi aumentando, e ele por pouco não estourou. Henry Green digitou um número em seu telefone e apanhou o fone.

— Sim, Laura, você pode pedir ao Tom e à Isabel para virem nos encontrar agora mesmo na sala de reuniões?

Green desligou o telefone.

— Senhores, vamos lá?

Todos que Edmund e Russell viam no escritório eram jovens. Henry Green pelo menos tentava parecer um empresário, com sua calça social e camisa escura, mas a cabeleira desgrenhada era pelo menos cinco centímetros longa demais. Os magos dos números, vestidos de preto, pareciam ter acabado de virar a noite depois da balada. A Statistical Solutions estava ficando famosa por todos os tipos de coleta de dados e solução de algoritmos, e muitos funcionários acabaram realmente indo trabalhar para gigantes no Vale do Silício que pagavam a conta deles na lavanderia e providenciavam acomodações para seus cachorros no local de trabalho. Para mantê-los na empresa, Henry Green era obrigado a ser igualmente tolerante e generoso. Desde que eles lhe fornecessem seis meses de trabalho intenso, Henry Green pouco se importava. A empresa estava sempre no azul.

Prevendo que o sócio fosse querer falar, Edmund se antecipou, dirigindo-se a Isabel e Tom.

— O que vocês sabem sobre pesquisas com células-tronco para o tratamento da diabetes?

— Eu sei o que são células-tronco — declarou Isabel Lee.

— Vocês incluíram isso nas projeções que fizeram?

— Incluímos o quê?

— O fato de que um professor emérito da Universidade Columbia está fazendo grandes progressos no sentido de criar pâncreas humanos em laboratório, para serem usados em transplantes. Se ele conseguir, vai prolongar a vida dos diabéticos.

— O que naturalmente seria ótimo — disse Isabel.

Nem ela nem seu colega Tom Graham gostaram de trabalhar com estatísticas de mortalidade para a LifeDeals, e menos ainda quando

descobriram o que o cliente estava fazendo com elas. Quando mencionaram sua preocupação a Green, ele a considerou irrelevante, dizendo que eles não estavam sendo pagos para fazer julgamentos de valor ético. Sim, o conceito de ganhar dinheiro com a morte alheia era repugnante, mas pagava bem.

— Sim, é um dia maravilhoso para a medicina e para os gordos, e pouco promissor para meus investidores — disse Edmund.

— Escutem aqui, demos a vocês plena permissão para traçar os parâmetros, usando dados atuariais e fazendo referência cruzada desses dados com nossas projeções de fluxo de caixa, e em lugar nenhum vimos qualquer informação sobre isso — disse Russell, recebendo de Edmund um aceno de aprovação.

— Russell, nós incluímos aumentos nas expectativas de vida e acrescentamos tolerâncias para acontecimentos inesperados, mas estavam limitadas a 5% — explicou Henry. — Conforme nós discutimos e vocês concordaram. Se descobertas importantes, originadas da pesquisa de células-tronco ou subprodutos do projeto do genoma humano, estão prestes a acontecer, como o pâncreas transplantável feito sob medida, nós não podemos ser responsabilizados. Não dá para prever coisas que acontecem uma vez a cada século.

— Então toda essa porra de pesquisa estatística é inútil — retrucou Edmund, erguendo as mãos num gesto que transmitia frustração. — Tudo isso não passa de masturbação mental.

— Nada disso — reagiu Isabel, nem um pouco intimidada. — São dados sólidos para a informação que tivemos. Se houve uma mudança de paradigma, então os números mudam e os gráficos precisam ser corrigidos. É muito simples. — Ela deu de ombros e voltou a se sentar.

Tom Graham estava examinando uma de suas unhas e não reagiu.

— Ah, então é assim! É isso o que recebemos! Opa, falha nossa, queiram nos desculpar, não pensamos nisso! Vocês estavam sendo pagos por nós para pensarem em tudo. Até parece que as células-tronco surgiram assim do nada. Afinal, que espécie de empresa você está dirigindo?

— Muito bem, não vamos nos exaltar — interrompeu Russell. — Henry, o Edmund pede desculpa...

— Não se desculpe comigo, mas com eles — disse Henry, indicando Isabel e Tom.

Isabel encarou furiosa Edmund, que acabou levantando a mão para falar. Isso era o máximo de contrição que iria mostrar.

— Olha, Henry, vamos precisar de alguns modelos novos, fundamentados em suposições que eu posso mandar para você por e-mail dentro de mais ou menos uma hora, assim que voltarmos à empresa. Precisamos saber como nosso fluxo de caixa é afetado por essas novas situações. Vocês terão que formular hipóteses, já que não dispomos de dados concretos. Ficaremos muito gratos se puderem fazer isso por nós. E precisamos disso imediatamente. Como você sabe, existe uma cláusula em nosso contrato...

— Sim, Russell, eu sei — cortou Henry. — Na realidade, por acaso dei uma olhada em nosso contrato quando vocês estavam vindo para cá. Faremos o trabalho para vocês, aprontaremos tudo para amanhã, o mais rápido possível. Como *você* sabe, Russell, existe no contrato uma cláusula mútua de cancelamento em 24 horas, dependendo das circunstâncias. Acredito que circunstâncias como a presente satisfazem perfeitamente essa cláusula. Portanto, considere isto seu aviso prévio.

Mais deprimidos do que estavam quando chegaram, Edmund e Russell nem tiveram ânimo para protestar. Eles se levantaram para ir embora.

12

LAR DE IDOSOS CASTLE TOWERS
PHOENIX, ARIZONA
2 DE MARÇO DE 2011, 11H50

No lar de idoso em que morava na periferia de Phoenix, Sally Mason sentou-se num banco ao lado da entrada, desfrutando ao máximo o restinho da brisa matinal, antes que o sol tornasse insuportável a permanência ao ar livre. Embora tivesse nascido no estado do Arizona e morado ali a vida inteira, fato de que se orgulhava, o calor sempre a afetava. Quando nasceu, em 1933, a população do estado inteiro era de apenas 450 mil habitantes; esse número era aproximadamente a população atual de Mesa, localidade que na juventude dela mal passava de um ponto no mapa.

Sally tinha combinado outra visita de Howard Essen, o corretor com quem se encontrara algumas vezes e com quem vinha falando ao telefone frequentemente nas últimas semanas. Sally gostava do fato de Essen não ser um corretor insistente, com certeza não tão impertinente quanto o homem que tinha vendido um seguro de vida ao marido dela no começo de tudo. Na verdade, ela gostava de conversar com Howard sobre a família dele, a mulher e três filhos, aos quais evidentemente ele era dedicado. Ele também tinha se interessado pela história dela no Arizona de seus tempos de menina, quando ainda se amarravam cavalos na porta das lojas do centro da cidade, de seu marido Preston, morto havia vinte anos, e pela filha única, Jean, e o filho dela.

Era um dia bom, em que ela não teria de viajar 45 minutos para passar tediosas e desconfortáveis horas submetendo-se a uma diálise.

Sally decidiu que anunciaria a Howard Essen que aceitaria a proposta dele.

Howard concordou com o pedido de Sally de ir ao meio-dia, pois ela desejava ter a tarde livre. Sally olhou o relógio — faltavam dez minutos — e, fechando os olhos, ficou pensando em Preston, como fazia na maior parte dos dias. Quando se conheceram ela era muito jovem, acabara de completar 18 anos. Quando ele entrou na loja de conveniências do pai dela, parecia tão elegante com sua farda da aeronáutica! No quinto dia seguido em que ele apareceu, ficou sem ter mais nada para comprar e não tinha nenhuma desculpa. Estava ali para ver Sally. A vida com Preston não fora fácil em algumas épocas, mas ele sempre foi um homem atencioso. Perto do fim ele contratou um seguro de vida para ela e deixou uma reserva de dinheiro para cobrir os pagamentos, com uma pequena sobra. Preston queria que Jean, a filha do casal, ficasse garantida e esperava que aquelas providências diminuíssem as preocupações da viúva.

Para a mãe, o dinheiro destinado à filha na apólice sempre pareceu uma grande soma. E assim foi até o genro falecer de repente, deixando Jean com um monte de contas e dívidas de cuja existência ela sequer suspeitava. A quantia que Sally conseguiu guardar depois de vender a casa comprada por Preston em 1965, o melhor ano dele como bombeiro hidráulico, tinha diminuído após ajudar Jean a pagar as dívidas. Agora Jean tinha de abrir mão da maior parte de sua herança para ajudar a mãe. Sally protestou um pouco, mas Jean insistiu, e ela sabia que a filha tinha razão. Preston Mason nunca teria hesitado, teria feito o necessário para ajudar a esposa a viver da melhor forma que conseguisse.

A doença renal de Sally estava no estágio 5, o terminal, e ela precisava de um novo rim. Mas havia milhares de pacientes na lista de espera e o governo tinha decidido parar de financiar integralmente os transplantes de pulmão, alguns procedimentos cardíacos e de medula óssea. Quanto tempo levaria para acrescentarem os transplantes de rins à lista? Sally não queria ficar esperando para descobrir. Não desejava passar os últimos anos de vida acorrentada a uma máquina; planejava recuperar a liberdade, mas isso tinha um preço. Ela precisava de no mínimo 250 mil dólares para a operação. Muito mais que o necessário para viver no lar de idosos. Sally tinha uma poupança e a filha

prometera que lhe daria algum dinheiro. Mas ainda faltavam dezenas de milhares de dólares, razão pela qual ela cogitou vender seu seguro de vida, quando essa possibilidade lhe foi apresentada.

O telefonema de Howard Essen viera num momento particularmente propício. Não foi coincidência, e Sally teria ficado furiosa se soubesse como tudo aconteceu. Howard localizava potenciais clientes por intermédio de uma rede informal de contatos que havia estabelecido em mais de vinte lares de idosos e casas de repouso. Ele pagava cuidadores, supervisores e recepcionistas de hospitais para que o informassem quando um residente relatasse certos problemas médicos ou pessoais, como ter começado a fazer hemodiálise, ou ter ido a um cardiologista, ou não poder ajudar a pagar as mensalidades da faculdade de um neto. Howard considerava de mau gosto essa estratégia, mas a seu ver não tinha muita escolha. Aqueles eram tempos difíceis, e ele precisava encontrar um modo de sustentar sua própria família. No caso de Sally, ela falou de suas dificuldades com um cuidador compreensivo, e ele sem querer mencionou o problema ao superintendente, que por sua vez telefonou para Howard.

Durante dez anos, Howard ganhou a vida de um jeito razoável, oferecendo crédito imobiliário para jovens habitantes do estado que queriam adquirir seu primeiro imóvel. Quando as coisas estavam correndo bem, ele foi apanhado na histeria coletiva da compra de imóveis. Como todo mundo estava oferecendo empréstimos a compradores sem comprovação de renda nem de suas condições de honrar o compromisso, por que ele também não o faria? E ninguém dizia que era algo negativo. Depois de mais de seis meses desempregado, ele conseguiu aquele trabalho na LifeDeals. Na verdade, eles vieram à sua procura buscando um corretor imobiliário outrora bem-sucedido, e lhe ofereceram um emprego remunerado quase exclusivamente por comissão. Quanto menos ele conseguisse pagar por uma apólice, maior seria seu salário. Ele conseguia dormir melhor à noite quando não tinha arrancado do segurado aquele extra. Não que ele imaginasse que teria sido tão fácil convencer Sally Mason.

Na primeira vez em que a visitou, ao se apresentar a Sally, ela perguntou:

— Essen, como a cidade da Alemanha?

— Sim, senhora, é isso mesmo.

Essa é esperta, ele percebeu logo de cara.

Howard vendeu seu peixe, mostrando a Sally os gráficos e as tabelas que indicavam quanto dinheiro ela pouparia se não tivesse de pagar os prêmios da apólice, e o que ganharia se investisse o dinheiro com inteligência.

— Então, se eu parar de pagar a apólice e usar o dinheiro da poupança, vou poder contar com essa quantia toda quando fizer, digamos, 102 anos?

Ela apontou para uma cifra muito alta junto a uma das projeções.

— Exatamente. E quem garante que com seu novo rim a senhora não vai viver mais vinte anos? Fundamentamos nossas projeções numa média histórica da taxa de retorno de uma combinação equilibrada de investimentos. Posso lhe dar o nome de um grande especialista em investimentos para ajudá-la com isso.

— Tenho certeza de que você pode, Howard. E qual é a possível taxa de retorno?

— Como eu disse, usando médias históricas, cerca de 8%, um pouco mais, um pouco menos.

— Puxa, Howard, quem me dera você tivesse telefonado uns trinta anos atrás. Aí eu não estaria nessa situação.

Dois minutos antes do meio-dia, Sally viu Howard aparecer em sua caminhonete Ford e estacionar. Ela acenou para ele, que se aproximou.

— Oi, Sra. Mason.

— Bom dia, Howard. Vamos fechar negócio.

O corretor sorriu para ela.

Como o quarto dela era pequeno, os dois foram se sentar na sala de jantar da instituição, onde ela se sentia mais à vontade. Howard tinha levado toda a papelada, que abriu diante de Sally para que ela assinasse. Sally pegou a caneta e depois a largou.

— Sabe, Howard, quando o Preston comprou a apólice, ele disse que esse seguro resolveria a vida inteira da nossa filha. Mas em vez disso, estou usando o dinheiro para me garantir mais dez anos, porque não posso confiar que o estado em que passei minha vida toda vá continuar a me ajudar. Estou quase sem dinheiro, minha filha também. Só tenho o meu neto, George, lá em Nova York, na faculdade de medicina; ele sempre disse que quer ganhar dinheiro para poder ajudar a mãe a sair do aperto. O George não sabe nada disso,

porque já está devendo mais do que o meu rim vai me custar. Ninguém tem dinheiro, todo mundo só tem dívidas. Como foi que a coisa chegou a esse ponto, Howard?

Howard Essen baixou o olhar. Eles conversaram um pouco sobre o emprego anterior de Howard e sobre a loucura da especulação imobiliária, e também sobre o pai de Sally, que, às vezes, antes do fim da semana, vendia fiado aos clientes, pois eles já não tinham nada do pagamento da semana anterior. Ele quase sempre se arrependia disso.

— Eu juro que não sei, Sra. Mason.

— Ah, Howard, acho que a gente tem alguma noção.

Howard ficou observando Sally Mason assinar o documento que transferia seu seguro de vida de meio milhão de dólares, em troca de pouco mais que 75 mil, 15% de seu valor. Depois de completada a transação, Sally não conversou muito com o corretor. Em alguns dias Howard deveria lhe entregar um cheque administrativo e uma cópia do acordo. Depois que o corretor terminou, se despediu e foi embora, teve vontade de voltar para casa e tomar outro banho. Sally resolveu que esperaria algumas horas antes de telefonar para o neto George e deixar uma mensagem. Queria ter certeza de que as coisas ainda andavam bem para ele em Nova York.

13

GREENWICH, CONNECTICUT
3 DE MARÇO DE 2011, 6H45

Edmund estava sentado diante da bancada central da cozinha de sua casa, com uma xícara de café, quando o telefone tocou. Ele atendeu no meio do primeiro toque. Era Russell.

— Desculpe se acordei você.

— Não acordou não, faz horas que estou acordado. Você ficou sabendo de alguma coisa?

— Henry Green me mandou um e-mail há uns dois minutos. A equipe dele reuniu alguns dados que querem nos mostrar hoje às nove da manhã. Qual é o horário mais cedo que eu posso passar para pegar você?

— Pode ser agora mesmo. O que ele disse sobre os números? Você ligou para ele?

— Não, no e-mail ele me pedia para não telefonar, só aparecer no escritório.

— Então não temos ideia do que eles estão propondo. Fantástico. Bom, venha assim que puder, já estou esperando.

Edmund desligou.

De tudo que ele vinha pensando desde a reunião da tarde anterior na Statistical Solutions, nada tinha lhe oferecido muito consolo. Mesmo sem ter a habilidade de Russell com os números, Edmund entendeu que estavam muito vulneráveis por causa das apólices de seguro que haviam comprado dos

portadores de diabetes. Esse público parecera uma base sólida para os negócios deles: vítimas de uma enfermidade disseminada e crônica, com graves complicações, e muitos segurados de baixa renda. Além disso, havia os diversos e-mails dos corretores relatando que tinham encontrado algum diabético cuja apólice estava tão atrasada que o titular estava a ponto de perdê-la. Esses eram os candidatos perfeitos, gente que ficava feliz em fazer acordos de dez centavos por dólar em troca de uma coisa que não valia nada.

Edmund não era homem de perder muito tempo com arrependimentos, nem recriminações. Se algo estava quebrado, consertava-se. O principal era se antecipar ao problema, antes que a situação se complicasse. Seu personagem histórico favorito era o general George S. Patton. Edmund admirava um homem de ação como aquele. Se em 1945 tivessem permitido a Patton chegar a Berlim antes dos outros, e o tivessem deixado prosseguir até Moscou, as consequências para o mundo teriam sido bastante diferentes. Esses grandes homens da história sempre eram atrapalhados por gente fraca e de visão estreita.

Não havia nada que Edmund odiasse tanto quanto o sentimento de impotência que o tomara desde os acontecimentos do dia anterior. Gloria Croft deu o primeiro tiro e Henry Green desferiu o golpe de misericórdia. Edmund se sentiu apanhado completamente de surpresa. Nem ele nem Russell tinham previsto aquela pancada. Esperava-se que Russell fosse o homem que cuidava dos detalhes, que conhecia gente que sabia o que estava acontecendo, a pessoa que tinha o ouvido colado no chão. Edmund dissera tudo isso a ele durante a longa volta de carro para casa na noite anterior, depois de saírem da Statistical Solutions. Gloria teria delirado com o enorme tempo que eles ficaram presos no engarrafamento.

Quando chegou em casa, Edmund já se fartara de metralhar o sócio com observações mordazes, e uma nuvem negra tinha se formado e se instalado em seu rosto. Alice passou outra noite evitando cruzar o caminho do marido e novamente Edmund teve poucas palavras para o filho. Na companhia da garrafa de uísque escocês, Edmund dedicou-se à feitiçaria: tentava esmiuçar o programa de simulação fornecido por Henry Green no intuito de encontrar alguma forma de limitar o dano que ameaçava o futuro da LifeDeals. Não era

capaz de usar mágica, mas tinha certeza de que devia haver algo que poderia fazer. Ele precisava marchar com seus soldados para Berlim.

14

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
3 DE MARÇO DE 2011, 7H15

O telefonema de sua avó, Sally, no início da noite passada, levou George de volta para mais perto de suas raízes. No dia anterior à ligação, ele encontrara Pia com Will McKinley na cantina do hospital. Lesley Wong também estava presente, mas George tinha se fixado no fato de Will McKinley ter dado um jeito de ficar ao lado de Pia por um mês inteiro de disciplina eletiva. E embora George se considerasse razoavelmente bem-sucedido com as mulheres, pelo fato de se relacionar com a maioria delas, Will sabia seduzir melhor as garotas e era menos escrupuloso. George não teria imaginado que Pia fosse se interessar por um cara como Will. O ciúme era um sentimento cruel, e mesmo com os quatro sentados juntos, a crença de que Will se deleitava com seu inquestionável constrangimento o incomodara. Will nunca escondeu o quanto achava Pia atraente, e em mais de uma ocasião perguntou a George o que este achava que Pia tinha visto nele. No fundo George gostou da pergunta indelicada porque revelava que, como os outros, Will os via como uma espécie de casal.

George conhecia suficientemente a avó para saber que ela não aprovaria Pia. Ou melhor, que não consideraria saudável seu constante interesse por ela. Com tudo que estava em jogo, George se perguntou pela milésima vez que sentido

havia em continuar mendigando o afeto da colega. Nem tanto pelo tempo gasto, embora tomasse bastante tempo, mas pela quantidade de energia emocional que ele dispensava a ela, analisando suas palavras e ações, pensando em planos para conquistá-la, preocupando-se com o bem-estar dela. Ele precisava guardar aquela energia para os estudos. Acima de tudo, ele queria ser o melhor médico que pudesse.

George sabia o quanto sua família estava se esforçando para que ele alcançasse seus objetivos. Depois de tantos revezes, parecia que estavam indo ladeira abaixo, como tantas famílias de classe média. Se ele não conseguisse se formar, sabia que a mãe e a avó, mesmo que não manifestassem decepção, ficariam devastadas.

George também sabia que Jean, sua mãe, tinha muitos problemas financeiros. Alguns anos antes ela se mudara para uma casa muito menor no mesmo bairro de Baltimore; apesar disso, ainda não parecia ter dinheiro sobrando. Jean tivera o azar, ou a falta de visão, de ir trabalhar em empresas decadentes depois que o pai de George morreu. Tinha sido contadora na siderúrgica Bethlehem Steel, em Sparrows Point, durante algum tempo; depois conseguiu um emprego na fábrica da General Motors e o perdeu. Quando o filho perguntava a ela sobre as finanças, a mãe sempre respondia que estava bem, e se recusava a deixá-lo ver seus extratos bancários. Embora George tivesse uma bolsa de estudos integral, ela nunca deixava de mandar para ele uma nota de vinte dólares sempre que podia.

— Você é estudante, George — dizia ela. — Trate de se concentrar em sua formação.

Quando Sally telefonou, eram cinco da tarde na costa leste, e ela não esperava que o neto atendesse o celular. Sua intenção era deixar uma mensagem de motivação, sem roubar dele nem um minuto do precioso tempo. Sally tinha uma noção exagerada do quanto o neto andava ocupado.

— Dia cheio?

— Nem tanto assim. Por enquanto ainda não estão nos matando. Na verdade, foi um bom momento para a senhora ligar, estou no intervalo. Estou cursando uma disciplina eletiva em radiologia, e eles não se matam de trabalhar como outras especialidades. Como foi o seu dia?

— Ah, você sabe, as coisas andam muito calmas por aqui. Você falou com sua mãe recentemente?

— Não. O que está havendo?

— Ontem aconteceu uma coisa interessante. Vendi a apólice de seguro de vida do seu avô para um homem muito amável. Vou receber o pagamento em alguns dias. Como você está em termos de dinheiro? Está tudo bem? Eu poderia lhe mandar um pouco.

— Eu estou bem — disse George, embora andasse constantemente com a grana curta. Mal podia esperar o 1º de julho, quando começaria a residência. Em vez de gastar dinheiro, receberia um salário. Não seria muito, mas qualquer coisa era melhor do que a situação em que se encontrava naquele momento. Apesar da bolsa de estudos, ele tinha contraído uma dívida considerável.

— Se precisar de dinheiro, me avise.

— Pode deixar — prometeu George, embora não tivesse intenção de pedir dinheiro à avó. — Nunca ouvi falar de alguém vender uma apólice de seguro de vida. Isso é comum?

— O Sr. Howard Essen, o comprador, disse que é muito comum.

— Eu não sabia — disse George simplesmente. Prometeu a si mesmo que quando voltasse a seu quarto tentaria se lembrar de pesquisar na internet sobre esse assunto. Então voltou à conversa sobre a saúde da avó, que ele sabia não estar muito boa, submetendo-se à diálise para manter-se viva.

Mais tarde, quando George pesquisou "Life Settlements" e leu a respeito do assunto, não ficou nada satisfeito. Pareceu que era mais um jeito de explorar os idosos, só que desta vez no mundo das finanças. Não conseguiu deixar de lado a preocupação de que alguém estaria se aproveitando de sua avó enferma, e tal pensamento o ajudou a reorganizar suas prioridades.

Pegando o casaco no armário, dirigiu-se aos elevadores. Ao chegar, pensou brevemente em Pia e se perguntou se deveria ir ao quarto dela para garantir que ela não perderia a hora. Mas apertou o botão de descida. Ora, se ela ia passar o dia com Will, poderia acordar sozinha. Em vez de ir ao quarto dela, ele decidiu pegar um café, e se presenteou com um começo de dia mais relaxado que de hábito.

15

STATISTICAL SOLUTIONS LLC
CHELSEA, NOVA YORK
3 DE MARÇO DE 2011, 9H17

Como de costume, Edmund tomou providências para que ele e Russell chegassem elegantemente atrasados à reunião na sede da Statistical Solutions. Foram recebidos com frieza por Henry Green e levados diretamente para a mesma sala de reuniões do dia anterior. O clima estava pesado, quase fúnebre. Alguns funcionários, inclusive o indolente Tom, que estava de camisa xadrez, bermudão cargo amarrotado e chinelo de dedo, estavam presentes. Não se via Isabel em lugar nenhum. Duas outras pessoas na sala, um rapaz e uma mulher, estavam vestidos de forma tão casual quanto Tom; outros dois homens, alguns anos mais velhos, usavam camisa social sem paletó, calça de preguinhas e gravata listrada. E corte de cabelo esmerado e conservador. O homem restante estava com um terno escuro e tinha a seu lado uma maleta executiva forrada de pele de avestruz.

Henry Green foi o primeiro a falar. Tinha diante de si diversos exemplares do que parecia um relatório encadernado.

— Obrigado, senhores, por virem aqui hoje. Como mencionei ontem, a Statistical Solutions LLC resolveu exercer a opção de rescindir o contrato de consultoria com a LifeDeals, Incorporated, ao fim do dia útil de hoje, 3 de

março de 2011. Ao fazê-lo estamos agindo sem preconceito, e em adesão aos artigos de nosso acordo inicial...

— Sim, sim, blá-blá-blá — disse Edmund, interrompendo Henry com rispidez. — Já entendemos, Henry, você está lendo para nós as letras miúdas das questões jurídicas, para pensarmos duas vezes antes de processá-lo por incompetência. "Se nossa informação não serve para nada, não bote a culpa em nós." Agora vamos fazer um joguinho. Levante a mão quem é advogado aqui nesta sala. Você? — perguntou Edmund, apontando para Tom, que ficou encarando Edmund e nem se mexeu. — Acho que não — comentou Edmund com um sorriso desdenhoso. — E vocês? — Edmund gesticulou na direção dos dois homens de camisa social e gravata. — Errei de novo. Para mim vocês parecem contadores.

— Senhor Mathews, estou tentando fazer isso da forma mais indolor e profissional que posso. Sim, pedi a nossos consultores jurídicos que viessem aqui, como o senhor tão astutamente observou...

— Agora ele está me chamando de Sr. Mathews — disse Edmund, girando na cadeira para se dirigir a Russell. — Decididamente, ele esteve conversando com os advogados.

— Tudo bem, Edmund, já chega — murmurou Russell. Estava cansado de ficar arranjando desculpas para livrar a barra de Edmund, quando ele perdia as estribeiras em público daquele jeito. Era como andar pela cidade com um adolescente rebelde e insuportável.

Na verdade, Russell e Edmund tinham discutido se deveriam chamar o próprio advogado para a reunião. Russell alegou que se cada lado levasse o seu, seria muito provável que a reunião fosse encerrada antes de começar. Um advogado ia falar, o outro ia contestar, e as duas empresas seriam aconselhadas a deixar o problema aos cuidados de seus representantes legais. O que Russell não tinha previsto era que Edmund perderia a cabeça no momento em que percebesse o advogado da Statistical Solutions, que se destacava dos demais, chamando atenção indevida. Já nervoso com tudo que estava acontecendo, Edmund considerou a presença do profissional uma afronta pessoal.

— Se me permite uma sugestão... — disse Russell. — Viemos aqui agora pela manhã por causa do relatório que vocês prometeram fazer para nós.

Vamos deixar para lidar com as questões legais de nosso relacionamento depois do encontro.

— Pois bem, Russell, muito obrigado — disse Henry, olhando de relance para Edmund, que parecia razoavelmente mais calmo. *Dentro de cinco minutos você não vai parecer tão calmo assim*, pensou Henry. — Então vamos continuar nossa apresentação. Há uma cópia de nossa carta de rescisão nos pacotes que daremos a vocês no fim da reunião, assim como uma nota completamente não discriminatória de nosso departamento jurídico, reiterando o objetivo de nossos serviços, que era o que eu estava tentando fazer alguns minutos atrás. Mas estou satisfeito de vocês estarem ansiosos para ouvir os resultados. Quero lhes garantir que colocamos nossos melhores profissionais para trabalhar nisso. Isabel Lee, que vocês conheceram e que não pôde estar presente aqui hoje, trabalhou nisso em tempo integral. O mesmo fez Tom Graham, diplomado há dois anos pelo MIT...

Edmund fez um gesto levantando as mãos espalmadas, como um árbitro de futebol indicando que o jogo prosseguisse. Ele queria os fatos, não as credenciais por trás dos fatos, e quanto mais tempo a informação demorava a ser dada, maior a percepção de que não seria agradável.

—... e Paul, que teve mais de cinco anos de experiência no ministério da Defesa.

Edmund ficou tamborilando com os dedos no tampo da mesa.

— Pois é, o trabalho que fizemos ontem à noite, e de fato levamos a noite inteira, foi estimar em quanto tempo o fluxo de caixa seria afetado por um deslocamento para a direita das curvas de sino criadas anteriormente por nós, no cronograma de resgate das apólices de seguro de vida que a LifeDeals tem em seu poder. Em mais um ou dois dias teremos o documento oficial, mas hoje queremos dar a vocês um relatório preliminar. Devo confessar que ficamos surpresos.

Henry fez uma pausa para tomar um gole d'água.

— Ficamos surpresos com a velocidade com que a menor alteração das curvas de sino vai afetar a situação financeira da empresa. Isso criaria um período no qual o pagamento dos prêmios precisaria continuar para manter os valores das apólices com renda limitada. Esse efeito é previsto por causa da inclinação acentuada dos declives das curvas de sino. Como todos sabemos,

uma vez que as apólices comecem a ser resgatadas pela LifeDeals, pode-se esperar que o caixa suba com muita rapidez, razão pela qual tínhamos recomendado enfaticamente a vocês que maximizassem a aquisição de apólices de acordo de seguro de vida em relação à capitalização. Todos entenderam isso?

Russell indicou vigorosamente sua concordância assentindo com a cabeça. Nada daquilo era novidade.

— Pois muito bem. Em seguida examinamos as estatísticas de expectativa de vida de indivíduos que tenham a sorte de, sob os atuais procedimentos de busca e distribuição, conseguir um pulmão, um coração, um fígado, um rim ou um pâncreas, dependendo da doença degenerativa que estiver envolvida. Descobrimos que receber um órgão altera notavelmente a expectativa de vida dessas pessoas. Percebam que nos dados preliminares que todos nós já tínhamos aprovado foram computados os índices padronizados de transplantes, e que na época essa era uma variável menor. Mas as novas circunstâncias, as potenciais novas circunstâncias, nos levaram a pesquisar mais a fundo essas estatísticas e encontrar pesquisas diferentes que antes não eram relevantes.

Henry parou para tomar mais um gole de água. Edmund estava a ponto de explodir.

— Há novas estatísticas que nos mostram em que medida os novos órgãos funcionam para os pacientes durante um longo período. Os dados antigos implicavam que os pacientes submetidos a transplante ainda tinham a propensão de afetar o novo órgão, qualquer que fosse ele, e quase sempre de forma adversa. Mas os novos órgãos, ou pelo menos uma grande porcentagem deles, funcionam bem durante muitos anos, num grau muito maior que o esperado inicialmente, desde que sejam altamente compatíveis. É claro que as novas medicações contra a rejeição de tecidos também ajudaram. Em vários casos, ou até na maioria, podem ser acrescentados dez a quinze anos na expectativa de vida dos pacientes. Em termos leigos, parece que você pode colocar um radiador novo num motor, e não importa muito como você está dirigindo. O radiador vai aguentar bem. Aplicamos essas estatísticas desenvolvidas recentemente às curvas de sino dos segurados da LifeDeals e não há como escapar. Se uma parcela dos segurados conseguir novos órgãos, as previsões para o fluxo de caixa são catastróficas. Naturalmente, quanto mais elevado o percentual, mais devastador será o efeito.

— Que percentual? — esbravejou Edmund.

— Bom, parece que o problema é que basta só um pequeno deslocamento para a direita e a questão do fluxo de caixa começa a se complicar quase de imediato. Bastam poucos pontos percentuais.

— O que você quer dizer com "poucos"? Cinco? Dez?

— Bem... cinco pontos já não é bom; dez seria, como eu disse antes, catastrófico.

— Portanto, bastaria que cinco a dez por cento dos diabéticos conseguissem um novo pâncreas — resumiu Edmund. — Qual é a probabilidade de que isso aconteça?

Houve um silêncio.

— Essas pessoas não são ricas. Não vão conseguir pagar por isso. É moleza.

— Não necessariamente — disse Tom Graham, se pronunciando pela primeira vez, sua voz surpreendentemente grave. — O que você disse sobre as pessoas não poderem pagar por isso. Veja as estatísticas. Haverá talvez 35 milhões de portadores de diabetes nesse país. Tratá-las custa algo em torno de 150 bilhões de dólares ao ano. Você acha que as seguradoras não vão cair em cima de uma oportunidade como essa? E que dizer dos programas estatais que são obrigados a pagar o custo dessas pessoas durante décadas? Isso sem mencionar os planos de saúde do governo. Até os políticos de extrema direita vão dar um jeitinho de calar seus moralismos em relação às células-tronco; afinal, quem não deseja devolver a saúde a vinte, trinta milhões de americanos? Se funcionar, cura as pessoas. E uma vez que não haja rejeição, o custo é *zero*. Seu pâncreas não está funcionando? Nós cultivamos outro para você, e de graça. As autoridades passaram décadas buscando uma forma de reduzir o custo com a saúde pública. A medicina regenerativa será a solução.

Isso era pior do que Edmund ousara pensar. Ele era um vendedor e sabia que ainda que nem todos os diabéticos conseguissem um pâncreas novo, num cenário em que havia a possibilidade de o doente poder receber um órgão novo, a ideia de fazer seguro de vida para diabéticos estava de repente parecendo fora de moda, antiquada, como investir em motores a vapor depois que o Ford T foi produzido.

— Isso tudo constará do documento final? — indagou Russell.

— Com certeza — disse Henry. — Está resumido no relatório que vamos entregar hoje a vocês.

— Naturalmente, tudo isso é confidencial.

— Naturalmente.

— Mas tudo depende de quando as células-tronco pluripotentes induzidas estarão disponíveis — disse Edmund. — Isso não vai acontecer na semana que vem. Pelo menos eu suponho que não. Quando será? Em dois anos? Cinco? Vocês examinaram essa questão?

— Talvez a Ginny possa dizer algumas palavras a esse respeito — respondeu Henry.

Sentada ao lado de Tom Graham, uma mulher alta de longos cabelos negros fez um gesto de cabeça para Henry. Vestia-se seguindo o mesmo estilo de Tom e estava usando uma camiseta que tinha na frente a imagem resplendente de um robô.

— Eu li as publicações especializadas que consegui encontrar na internet e tentei projetar alguma espécie de cronologia, mas os artigos dessa área não são muito especulativos. É uma nova tecnologia, portanto não há estatísticas para prever um salto tão grande numa coisa como a medicina regenerativa — disse Ginny.

Ela continuou falando sobre o rápido desenvolvimento já realizado na maturação de células-tronco e sua transformação em linhas de células específicas, realizada por cientistas do mundo todo.

— O próximo passo será transformar essas células em órgãos ou em aparelhos semelhantes a órgãos, por um processo chamado organogenia. Esse trabalho está sendo realizado na Rússia, na China e na Alemanha, mas onde vem obtendo o máximo sucesso é na Universidade Columbia, com os doutores Rothman e Yamamoto. Dizem que esses dois pesquisadores já têm órgãos inteiros formados, que foram transplantados para os camundongos que doaram as células com que os órgãos foram criados. Supostamente no mês que vem ou por aí será publicado um artigo na revista *Nature* sobre isso com todos os dados corroborativos. Pelo visto o êxito deles foi tão grande que já requisitaram autorização da FDA para a etapa seguinte — afirmou Ginny.

— E quando pode ser que isso aconteça? — perguntou Edmund.

— Eu falei ontem à noite com um amigo cientista — revelou Ginny. — Ele me disse que ninguém sabe, mas o melhor palpite é que seja nos próximos dois meses.

— Do ponto de vista de negócios, os números mostram fortes indícios de que em circunstâncias como essa a solução parcial seria possibilitada se a parte detentora das apólices tratasse de levantar capital imediatamente, como uma barreira de proteção contra a eventualidade recém-surgida — disse Henry, que estava assumindo o comando na esperança de encerrar a reunião.

Ele podia ver que o pavio de Edmund estava ficando mais curto a cada minuto. Agora, Green estava praticamente lendo palavra por palavra de um roteiro.

— Já testamos para vocês modelos de rendimentos fundamentados na ideia de securitizar porções de apólices de seguro de vida, e embora seja difícil projetar nos modelos a perspectiva de ativos degradados, no relatório final haverá uma recomendação de que se providencie a securitização imediatamente, e que uma parte significativa dos fundos obtidos seja reservada para saldar os prêmios das apólices que precisem ser custeadas por mais tempo que o previsto. Quanto aos acordos adicionais de compra de apólice, seria sensato só comprar as que envolvessem indivíduos com enfermidades claramente terminais, como câncer com metástase... esclerose lateral amiotrófica... e coisas do gênero.

A lista era muito mais longa, porém a repugnância que Henry sentiu acabou por dominá-lo.

Edmund achou que essa reunião só serviu para corroborar o que Gloria Croft informara a eles menos de 24 horas antes. Não era surpresa, afinal, Gloria era uma das melhores analistas que ele já tivera, e ela enxergou o problema antes de Edmund. Ele ficou perplexo por seu magnífico esquema de ganhar dinheiro estar ameaçado por dois cientistas loucos de que nunca tinha ouvido falar.

— Deixe eu lhe fazer uma pergunta — rosnou ele para Ginny. — Você encontrou essa pesquisa e conseguiu falar com um cientista para quem telefonou à noite e que afirma que a FDA vai dar luz verde a esse projeto capaz de revolucionar a medicina, e coisa e tal. Então, por que não estou lendo sobre isso no *New York Times?*

— Porque os pesquisadores e as universidades ficaram muito mais esclarecidos em relação à questão de patentes. Antes havia a pressa de publicar a pesquisa porque eles estavam loucos pela notoriedade, mas agora ficaram mais espertos. Há muito dinheiro para se ganhar em biotecnologia, e essa área da organogenia pode ser a maior de todas. Provavelmente vai deixar no chinelo as outras revoluções tecnológicas da história da medicina. Pode acreditar em mim, quando o trabalho de Rothman for publicado na *Nature,* estará em todas as páginas do *New York Times,* do *Wall Street Journal* e das outras mídias.

Edmund e Russell desceram calados no elevador. Era a mesma cabine que Edmund tinha socado no dia anterior. Ele tomara um analgésico que tinha em casa, e só estava sentindo um latejar leve na mão esquerda. Olhando de perto a porta do elevador, achou que tinha conseguido deixar o metal ligeiramente amassado. O problema é que lhe deu vontade de socá-lo de novo.

Só quando chegaram à rua, longe de ouvidos curiosos, eles começaram a conversar.

— O que você acha? — perguntou Russell.

— Acho que pagamos caro demais a esses idiotas. E vamos processá-los.

Encontraram o carro na frente do edifício e entraram. Edmund ficou pensando um momento, com a mente acelerada.

— Tudo bem, eis o que vamos fazer. Hoje. Obviamente, nada mais de diabéticos. Avisar aos vendedores: não fechem negócio nem que estejam falando com alguém ao telefone, nem que o sujeito esteja quase entregando os pontos e você esteja com a faca e o queijo na mão. Qualquer contrato que esteja em elaboração: cancelar. Cheques que estejam sendo preparados: cancelar. Botar alguém para revisar os contratos de quem está com diabetes ou alguma outra coisa. Agora estamos querendo essa alguma outra coisa. Mandar o advogado escrever uma carta no juridiquês mais incompreensível que puder, para dizer que já não estamos interessados em diabetes, e enviar a carta a esse pessoal. Apagar essas pessoas das estatísticas. Eles nunca tiveram diabetes. E precisamos de novas apólices. Focar nos fumantes. Sei que são os piores porque nenhum deles acha que vai ficar doente, e quando adoecem morrem depressa demais. Descobrir se podemos mirar nos fumantes ou ex-fumantes que

atrasaram alguns meses o pagamento. De toda forma eles estão mentindo. E oferecer a eles 25%...

— Mas o modelo... — atalhou Russell.

— Foda-se o modelo! — rugiu Edmund. — Você me entende? A partir de hoje não existe modelo. Não vamos mais ter uma *empresa* se essa merda afundar, e menos ainda um *modelo*. Porra, temos uma ferida na cabeça e eu fico aqui falando de botar band-aid!

— Potencialmente — disse Russell.

— Tudo bem, você tem razão, há uma chance de que essa pesquisa não chegue a lugar nenhum. Mas mesmo assim, seja como for, estamos metidos nisso até o pescoço. Gloria Croft já está vendendo nossas ações a descoberto, e vai falar no assunto sem timidez. Precisamos fazer alguma coisa. Não dá para a gente vender nossas ações e cair fora.

— Talvez fosse bom procurar o Jerry Trotter — disse Russell depois de uma pausa incômoda.

— Sim, eu estava pensando nisso mesmo — concordou Edmund.

O Dr. Jerred L. Trotter, um velho amigo de Russell e Edmund, administrava um próspero fundo de cobertura. Trotter era um sujeito que gostava de estar acima de outros, o que significava que não se importava em se meter um pouco em negócios escusos, se tivesse a certeza de escapar impune. Havia muitas áreas em que as agências regulatórias eram omissas, ou nas quais praticamente não havia regulação. Foi por intermédio dos talentos de Trotter, e lançando mão de alguns artifícios criados por ele, que Edmund tinha comprado derivativos de crédito inadimplente de sua própria empresa, enquanto continuava a vender títulos do subprime a seus clientes corporativos. Exatamente o tipo de tramoia com a qual Trotter se deleitava. Em especial quando recebia uma comissão generosa.

Edmund sondou Trotter bem no começo, na etapa de planejamento da LifeDeals. Ele tinha despachado Russell numa pretensa missão de sondagem de fatos. Jerry achava que um modelo assim poderia funcionar? Jerry considerava que esses eram bons ativos para servirem de lastro aos títulos? Jerry achava que

um número suficiente de investidores gostaria de comprar tal produto? Russell nunca mencionou que eles estavam procurando investidores.

Três dias depois Jerry telefonou, na maior empolgação: tinha examinado os números e queria participar do negócio. Depois de fingir ter pensado no assunto, Edmund admitiu relutante e dissimuladamente que Jerry investisse 25 milhões do próprio bolso e mais algum do fundo que administrava. Com certeza Trotter exigiria ser informado dessas novas condições de mercado. Não ficaria feliz, para dizer o mínimo, mas era um homem de ação e pensaria em alguma solução.

Enquanto os dois homens conversavam no banco traseiro do carro, o motorista aguardava instruções. Então, Edmund informou um endereço, e eles se puseram a caminho.

16

RESTAURANTE TERRASINI
CENTRO DE MANHATTAN
3 DE MARÇO DE 2011, 12H45

— Pessoal, não tinha jeito de eu vir me encontrar com vocês hoje. Foi aí que o Russell disse a palavra mágica: "Terrasini".

Todos riram, até mesmo Edmund, que estava se esforçando para se acalmar.

O Dr. Jerred L. Trotter, ex-cirurgião plástico, atual especialista em fundos de cobertura e investidor-anjo da LifeDeals, era o centro das atenções ao lado de Maxwell Higgins, seu sócio de longa data. No Terrasini sempre havia uma mesa à disposição de Trotter, e os quatro — Higgins, Trotter, Mathews e Lefevre — foram acomodados a uma mesa de canto no salão da frente do restaurante.

— Pensei: que mal faria? — disse Russell, tentando parecer despreocupado.

Edmund e Russell estavam contentes por Trotter ter podido encontrá-los sem agendamento, mesmo que aquilo tivesse significado ficar fazendo hora até o almoço.

— Você sabe que este é meu restaurante favorito. A não ser que seja eu pagando a conta, não é mesmo, Edmund?

— Esse perigo não existe, Jerry. Todo mundo sabe que pagar a conta é contra sua religião.

Jerry deu uma boa gargalhada.

— Você está certíssimo — disse ele bem alto, acenando com vigor para ninguém em particular; um garçom se aproximou sem demora.

— Em vez daquela taça de Barolo, pode trazer uma garrafa. Vocês estão de acordo? Aliás, pensando bem, traga as taças e depois de alguns minutos, pode trazer a garrafa. Eu preciso muito beber, depois da manhã que passei.

Edmund ficou observando Jerry, a irritação reprimida atravessada na garganta. Aquela pequena exibição acabava de lhe custar no mínimo uns duzentos dólares. Porém, cenas como essa eram parte do custo de fazer negócios com Jerry Trotter.

— Nenhum problema sério, Jerry, eu espero — disse Edmund.

— Tudo é uma merda de um problema — respondeu Jerry com a voz ainda alta.

Um homem vestido com um suéter caro, que tinha levado a família para almoçar, virou-se e encarou Jerry.

— Opa, desculpe, esqueci onde estava — disse Jerry ao homem.

— Eu achava que a gente devia ter se encontrado no escritório — disse Edmund. — Sabe como é, fica mais fácil para falar livremente.

Jerry Trotter, como tanta gente da área financeira, falava mais palavrões que um estivador. Isso não incomodava Edmund, mas ele queria discutir os problemas da LifeDeals sem ter de ficar se controlando na frente das pessoas.

— Eu preciso almoçar, Edmund — disse Trotter pegando o cardápio.

— Claro que sim, Jerry.

Edmund achava que Jerry Trotter devia conhecer melhor o cardápio que os próprios empregados do restaurante. Todo mundo insistia em ficar fazendo esses joguinhos infantis, ele pensou, ciente de que, mais uma vez, era ele quem servia de joguete. Edmund escrutinou o rosto de Trotter. Sabia que ele tinha no mínimo 60 anos, porém parecia mais perto de 45, com sua cabeleira parcialmente grisalha, algumas marcas de expressão discretas e olhos azuis com uma tonalidade de turquesa que fazia alguns perderem o fôlego quando os contemplavam. Se Trotter tinha feito algum tratamento estético, era de muito boa qualidade.

— Max, qual era mesmo aquele prato especial?

O garçom vinha chegando com as taças de Barolo.

— A massa? — Higgins conferiu no cardápio, com seu sotaque da elite londrina. — Orecchiette com molho de linguiça doce, broccolini, um toque de ricota. Parece delicioso.

— Ah, só de pensar já me dá tesão. Mas é óbvio. Posso pedir para quatro, pessoal? O que vocês me dizem? Um dia frio também pede sopa, na minha opinião. É o outro prato especial, sopa de abobrinha, um pouquinho de creme. É isso mesmo, Max? Traz pra todo mundo, por favor.

O garçom concordou que era uma boa pedida. Edmund fez questão de ficar mais uns segundos consultando o cardápio, depois o fechou e o devolveu ao garçom. Estava transtornado demais para discordar. Trotter fez o vinho tinto girar em sua taça. A coloração era de um maravilhoso tom de rubi, e, fosse outra a ocasião, Edmund estaria cantando louvores à bebida.

No mundo quase sempre exuberante da administração de fundos de derivativos, Jerry Trotter era uma espécie de celebridade. Já desfrutara de uma bem-sucedida carreira como cirurgião plástico, atendendo principalmente as mulheres endinheiradas do Upper East Side de Nova York, nas quais realizara cirurgias estéticas da face e das pálpebras, e levantamento de nádegas. Na verdade, Trotter era melhor ator que cirurgião. Como qualquer um na área médica, ele sabia que durante o curso de medicina as notas contavam mais do que a necessidade de demonstrar excepcionais habilidades físicas na hora de pleitear vagas para treinamento em especialidades cirúrgicas como oftalmologia, neurocirurgia ou cirurgia plástica. Trotter sempre teve o cuidado de tirar boas notas para compensar sua coordenação problemática, deficiente o bastante para fazê-lo considerar a cirurgia uma tarefa extenuante. Mas isso tinha sido no passado, pois para administrar dinheiro ele não precisava ter boa coordenação motora.

Trotter sempre gostara de cuidar das próprias finanças e de assumir riscos ocasionais. Depois de passar anos trabalhando seis dias por semana em seu consultório, ele tinha muito dinheiro para administrar. Havia muitos anos que Trotter conhecia Max Higgins, e suficientemente bem para saber que ele estava ávido por começar a se lançar no mundo dos negócios tendo por base seu posto de corretor na Goldman. Trotter fez uma proposta a Higgins: nós dois estabelecemos um fundo, você o administra e me ensina o que sabe, e eu entro com o dinheiro. O plano funcionou e Trotter logo descobriu que suas

pacientes confiavam nele e lhe eram gratas, e muitas ficaram felizes em deixar que ele investisse por elas. Trotter aprendia rápido e logo o fundo, que atendia pelo nome imodesto e pouco imaginativo de Trotter Holdings, estava a caminho de se firmar na faixa intermediária dos fundos de investimento.

— E então, Edmund, Russell, o que era tão urgente que vocês precisaram nos encontrar hoje?

Russell olhou para Edmund antes de começar. O tempo livre em que esperaram o encontro com Trotter permitiu que decidissem de que modo iriam dar a notícia. Ficaram sentados uma hora numa lanchonete na Lexington Avenue, traçando estratégias.

— Temos um problema potencial de relações públicas e queremos alertá-lo sobre isso. Achamos que você talvez consiga nos ajudar a sair dessa situação antes da provável divulgação. Digamos, cortar o mal pela raiz.

— Edmund, sua má fama finalmente o alcançou? — perguntou Jerry, sem de modo algum parecer que estava brincando.

— Soubemos de uma pesquisa médica que está sendo realizada — continuou Russell, para poupar a Edmund o trabalho de responder. — Está no estágio experimental; não há garantia de que vá dar certo nem nada, mas está sendo vista com mais seriedade em alguns setores que em outros.

— E de que modo isso afeta a LifeDeals? — perguntou Jerry, cujo olhar passava de Edmund para Russell, ainda que fosse este quem falava. Toda a jovialidade tinha deixado sua voz. Os dois garçons trouxeram a sopa e se afastaram em silêncio, percebendo a tensão na mesa.

— Talvez não signifique nada — acrescentou Russell. — Como eu disse, queremos nos antecipar a uma potencial publicidade ruim.

Jerry Trotter pegou a colher e provou a sopa. Estava deliciosa, é claro, mas sempre que tinha a impressão de estar a ponto de ouvir algo desagradável, seu apetite se embotava.

— Russell, você vai ter que me dizer com um pouco mais de clareza o que está acontecendo.

— Tudo bem, Jerry, naturalmente. Há dois pesquisadores da Universidade Columbia achando que podem cultivar órgãos artificiais usando células-tronco humanas que eles produzem a partir das células do próprio paciente. Obviamente não conheço detalhes, mas o processo se chama organogenia.

Deve dar início ao que será chamado de medicina regenerativa. Se eles conseguirem cultivar novos pâncreas, por exemplo, poderão ajudar diabéticos a viverem mais tempo. Mas por enquanto não passa de especulação.

— Andei lendo alguma coisa sobre essa ideia em uma das pesquisas que fizemos para a LifeDeals, mas parecia ficção científica — disse Jerry.

— Pelo jeito já não parece mais. O futuro é agora, como dizem. Ou talvez seja — disse Russell.

— Quanta gente está sabendo disso? — perguntou Max Higgins.

— Não muita — disse Russell. — Fora da Columbia e do campo de pesquisa com células-tronco, eu imagino que muito poucos.

— Como você ficou sabendo?

Houve um silêncio. Aquele era o ponto em que a coisa se complicaria.

— Gloria Croft nos contou — admitiu Edmund.

Max Higgins rapidamente entendeu as implicações, e muito antes de Trotter fez a Russell a pergunta crucial:

— Ela está agindo?

— Sim.

— E conhecendo a Gloria, ela está vendendo ações da LifeDeals a descoberto, não está?

— Isso mesmo.

— Espere aí, espere aí um minuto — disse Jerry. — A LifeDeals está sendo vendida a descoberto por causa de uma pesquisa que está sendo feita no laboratório da Columbia?

— Infelizmente sim, Jerry.

Higgins prosseguiu:

— Devo supor que foram feitos alguns cálculos que analisam as projeções de dinheiro vivo com base numa potencial descoberta revolucionária no tratamento de diabetes? E que as projeções não parecem tão boas?

— Ele está certo? — perguntou Trotter.

Em segundos Higgins tinha ido direto ao ponto central da questão.

— Em termos gerais, sim, mas veja bem...

— Então ele está certo? — insistiu Trotter.

— Como eu disse, ainda é cedo no...

— Você faria o favor de me dizer como essa... esse maldito *desastre* é o que você descreve como um problema de relações públicas?

Jerry estava espumando, e usava a colher de sopa para apontar primeiro para Edmund e depois para Russell. A mesa ficou em silêncio até Max Higgins tornar a falar.

— A ciência pode acabar fracassando, mas com a Gloria agindo, os investidores vão ficar alarmados quando descobrirem. Então o problema se refere ao mesmo tempo à Gloria e à ciência. Gloria é um barômetro. Logo, dessa perspectiva eles têm razão, Jerry, trata-se primeiro de um caso de relações públicas.

— E se a ciência tiver sucesso? — perguntou Jerry.

— Então teremos um problema maior — respondeu Edmund.

Jerry pousou a colher de sopa e tomou um grande gole de seu Barolo.

— Vocês não previram isso?

— Obviamente não — respondeu Edmund. — É uma descoberta revolucionária que acontece uma vez no século, quando muito. Não dá para prever quando se será atingido por um asteroide.

Agora ninguém mais comia. O garçom, aproximando-se pela segunda vez, perguntou se alguém ainda estava tomando a sopa e todos disseram que não. Sim, o prato estava ótimo, mas todos estavam preocupados. A sopa não consumida desapareceu.

Por insistência de Jerry, Russell o colocou a par do que eles sabiam sobre a pesquisa. Fez questão de dizer que não havia garantia de que fosse bem-sucedida; a maior probabilidade era de que não, porque na maioria dos projetos de pesquisa sempre havia algum obstáculo imprevisto e importante que surgia para dificultar os resultados almejados.

— Então quais são as chances de que dê certo? — contestou Trotter.

Edmund afirmou que não havia como saber. Ele então fez Russell falar sobre as consequências que semelhante eventualidade teria sobre o fluxo de caixa da LifeDeals. Conforme Edmund e Russell tinham combinado antes do encontro com Trotter, Russell optou por informações conservadoras.

— Qual é a nossa posição com vistas à oferta pública? — Jerry perguntou a Max, seu parceiro. Não se importou com o fato de que com isso talvez ofendesse os anfitriões do almoço.

— O período de bloqueio expira no dia 31 de maio — disse Max.

Quando um investidor participa de uma oferta pública inicial, não pode vender suas ações durante certo tempo, naquele caso, 180 dias. A Trotter Holdings estava na metade do período compulsório de bloqueio de venda, o que significava que Jerry Trotter e seu fundo estariam atolados com suas ações por mais três meses.

— Porra, qual é a probabilidade de Gloria Croft ficar de boca fechada por três meses?

— Escuta, Jerry, os seguros de vida ainda são um negócio de 26 trilhões de dólares — disse Edmund. — Há muito dinheiro para se ganhar. Essas apólices de diabéticos são basicamente uma gota d'água num balde. Não se trata de desovar as ações da LifeDeals, é um problema que precisa de solução. Foi por isso que viemos falar com você: você é o cara que resolve problemas, todo mundo sabe disso.

Edmund estava sendo intencionalmente bajulador e Trotter não se aborreceu com isso. É verdade, ele era um sujeito capaz de resolver um problema, mas aquele era um problema enorme, e um problema novo.

— A Gloria Croft é tão arrogante que não dá pra acreditar — continuou Edmund. — Ela ficou forçando a barra, dizendo que nossos títulos de seguro de vida eram um produto ruim, e blá-blá-blá. Chegou a dizer que devíamos ter sido processados por causa do subprime.

— Ela é uma filha da puta metida a boa moça, isso eu sei com certeza — concordou Jerry.

— Ela estava se divertindo quando nos contou sobre a pesquisa, ficou metendo o dedo na ferida.

Os pratos de massa foram servidos diante de cada cliente. Agora havia um pouco menos de tensão ao redor da mesa. O problema tinha sido identificado, havia um inimigo comum, e os quatro estavam do mesmo lado. Era possível resistir à sopa, mas a massa era uma proposta diferente, e todos comeram.

— Naturalmente, existe nesse caso a perspectiva médica, Jerry, e nós achamos que você pode nos ajudar com ela. E a Statistical Solutions está traçando projeções do efeito sobre os rendimentos, se suspendermos as apólices dos diabéticos. Mas vamos precisar de mais capital. Podemos ver se dá para cobrir essa deficiência de capital com iniciativas diversas. Já alertamos nossos

vendedores para voltarem ao mercado e correrem atrás dos pacientes de câncer metastático com apólices de valor alto. Comprar essas apólices custa mais dinheiro, mas é livre de riscos.

— Como assim, mais dinheiro? — perguntou Higgins.

— Demos autorização aos vendedores para oferecerem mais do que os 15 por cento de praxe. Os pacientes de câncer metastático não vão nos causar esse problema de não morrerem no prazo. Mas precisamos ser mais agressivos para encontrá-los.

— Tudo bem, Edmund, estou ouvindo sua proposta. Nem preciso dizer que o Max e eu vamos ter de pensar no assunto e conversar sobre esse negócio da pesquisa. E naturalmente queremos ver os dados da Statistical Solutions assim que vocês os receberem. Temos muitas reuniões hoje à tarde, portanto, vamos ter de comer e sair correndo.

Jerry engoliu mais uma garfada da comida, seguida de um restinho de vinho de sua terceira taça. As despedidas foram rápidas e menos efusivas do que os cumprimentos ao se encontrarem. Trotter e Higgins deixaram Edmund e Russell para trás, pegaram os casacos e entraram na limusine executiva que os esperava na 54th Street.

— E então? — perguntou Jerry já acomodado em seu banco. Rumaram para o sul pela Park Avenue.

— Gloria Croft — disse Higgins. — Essa mulher é um pitbull.

— Tenho a impressão de que é algo pessoal com Edmund. Talvez a questão esteja mais ligada a isso do que ao produto.

— Talvez sejam as duas coisas. Ela encontrou uma falha no modelo, e, se por coincidência está ligado ao Edmund Mathews, melhor ainda.

— Seja como for, temos que fazer algo. Não podemos deixar na mão desses dois; dá para ver que estão se afogando. Ainda falta muito tempo até podermos vender as ações.

— Eu concordo. Mas o Edmund tem razão numa coisa: ainda é um bom negócio, mesmo que com o modelo atual haja um buraco na estrada. Da nossa parte só vai ser preciso fazer um pouco de malabarismo e respirar fundo. Não é hora de entrar em pânico. Além disso, já que não podemos vender as ações da

LifeDeals, mesmo que quiséssemos não poderíamos entrar em pânico. Também concordo que num mundo ideal ele devia ter previsto isso. Mas nossa cuidadosa análise também não detectou nada. É uma função da época: a tecnologia está mudando depressa demais, exatamente como os mercados. Está ficando cada vez mais difícil incluir esse tipo de coisa como fator.

— Bom, acho que precisamos fazer nossa própria pesquisa. Ir a campo um pouco mais. Para isso, evidentemente, não podemos confiar no Edmund e no outro. Vamos botar um investigador na universidade, para farejar um pouco. E alguém pode tratar de desencavar alguma coisa sobre a Gloria Croft. Uma mulher daquelas não chega onde chegou sem sacanear uma porção de gente. E talvez pegar atalhos. Precisamos ter algumas perspectivas com que trabalhar, conseguir certa alavancagem.

— Tudo bem, vou providenciar. Esta para mim é novidade: vender ações a descoberto por causa de um avanço da medicina.

— É novidade para todo mundo. Talvez precisemos ser criativos — disse Trotter, observando o trânsito da Park Avenue se mover devagar sob uma insistente garoa vespertina.

Jerry Trotter sabia como entrar num recinto, e também como sair. Edmund não conseguia interpretar o que tinha acabado de acontecer. Com certeza Jerry ficou totalmente enfurecido quando soube do problema, mas na hora de se retirar pareceu mais calmo. A questão é que sua partida tinha sido muito repentina.

— O que você acha? — Edmund perguntou a Russell. Eles tinham pedido cappuccinos.

— Para mim, Higgins é o cérebro das ações deles. Ele consegue ver o contexto maior — avaliou Russell. — Quase não demorou para acertar em cheio o xis da questão. Decididamente eles entenderam o recado.

— Você acha que vão trazer sugestões? — perguntou Edmund.

— Acho que sim. Acho que acertamos em contar tudo no começo do jogo. Eu me sinto bem em ter Jerry Trotter e sua equipe trabalhando nisso conosco. Só espero que eles tratem logo de dar retorno.

— Meu palpite é que ele vai dar — disse Edmund. — Jerry não é do tipo de ficar só olhando enquanto os sessenta milhões de dólares dele viram uns trocados. Mas eu faço uma ressalva.

— Qual?

— Nunca consigo me convencer totalmente de que o Jerry esteja trabalhando *com* a gente.

17

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
3 DE MARÇO DE 2011, 18H23

Pia ergueu os olhos do que estava lendo e, ao ver que eram quase seis e meia, ficou se perguntando quanto tempo ainda teria de esperar. Estava sentada no laboratório deserto, fora de sua sala, que continuava interditada. Esperava por Rothman, que permanecia no laboratório de biossegurança tentando finalizar o artigo para a revista. Yamamoto pediu que esperasse porque Rothman queria falar com ela. Sobre o quê, ela não tinha ideia. Qualquer que fosse o assunto, aquilo a deixava pouco à vontade.

Mesmo sem ter sido um dos melhores dias para ela, foi interessante em alguns aspectos. Pia passara a manhã inteira lavando repetidas vezes os vasilhames de vidro. Pelo segundo dia seguido tinha se atrasado, e não só pelos padrões da secretária Marsha Langman. Foi a segunda manhã seguida que George não apareceu na porta dela, e Pia achou estranho. Aquilo a incomodava um pouco, porque se acostumou a contar com ele, embora ela própria fosse a primeira a admitir que George não tinha obrigação de acordá-la. Ela voltara a dormir mal, como já vinha acontecendo por uma semana ou mais. Como sempre, eram pesadelos que envolviam lembranças da infância, que ela lutava para reprimir e que a surpreendiam por sua nitidez. Mesmo depois de tantos anos, os pesadelos eram capazes de impressioná-la e de tirar o seu sossego.

O chefe dos técnicos, Arthur Spaulding, parecia se divertir com a situação dela. Enquanto estava no laboratório, fez questão de ficar passando ao lado de Pia sem dizer nada. E nem precisava, uma vez que seu sorriso de desdém era suficiente. Havia anos que Spaulding estava no centro de pesquisa, e ele gostava das coisas feitas à sua maneira. Só começara a trabalhar para Rothman havia um ano e meio, e se relacionava com ele exatamente como seu antecessor se relacionava com o chefe antes de ser demitido. Spaulding parecia se irritar com qualquer pedido insólito de Rothman; sendo este quem era, a maioria de seus pedidos era singular.

— Precisa de alguma coisa, Sr. Spaulding? — disse Pia na quinta vez que ele circulou por perto dela. — O senhor me dá a impressão de estar se esforçando para passar por aqui.

O técnico não disse nada e foi embora, pois Yamamoto de repente apareceu e se aproximou.

— Senhorita Grazdani, gostaríamos de conversar com você na unidade de banho de órgãos.

O Dr. Yamamoto não tinha dito nada diretamente sobre o fato de Pia ter chegado atrasada, e nem precisava; ela havia entendido o recado. Levantou-se depressa e foi ao laboratório para se juntar a Lesley e Will, que tinham passado a manhã ali. Eles estavam numa sala lateral com Rothman, que segurava numa das mãos uma brochura volumosa e apertava impaciente o visor de uma máquina recentemente instalada, que parecia uma grande impressora a jato de tinta.

— Dr. Yamamoto, parece que compramos um trambolho inútil — disse Rothman.

Will apontou para a fileira de tomadas na parede e Yamamoto se curvou para ligar o interruptor do filtro de linha. A máquina assobiou e balbuciou, voltando à vida.

— Alguém sabe o que é esta máquina? — perguntou Rothman, sem perder um segundo, e se abaixando para examinar as vísceras do equipamento. Quando chegou mais perto, Pia notou como os mecanismos da máquina eram complicados, com linhas de rastreamento e uma grande matriz que lembrava o cabeçote de uma impressora a jato de tinta. Ela abriu a boca, mas Lesley foi mais rápida.

— Uma impressora de órgãos?

Lesley tinha visto a capa do manual que Rothman estava segurando.

— Sim, para bioimpressão em 3D. Temos uma máquina mais antiga, mas esta é a nova. Alguém do fabricante virá amanhã nos mostrar como usá-la.

— Talvez fosse melhor esperar até amanhã para ligá-la, doutor.

— Não faz mal botá-la para esquentar. Sr. McKinley, o que o senhor sabe sobre bioimpressão em 3D?

— Acho que funciona como uma impressora normal, borrifando células vivas sobre uma lâmina de... Uma lâmina de alguma coisa. Ela vai de um lado para o outro construindo as camadas para formar uma estrutura tridimensional. As células podem com frequência se harmonizar para funcionar coletivamente. Até agora tem aplicação na fabricação de pele e cartilagem.

— É verdade, você pode imprimir um disco intervertebral. Aliás, talvez eu precise tentar fazer um amanhã — disse Rothman, esticando o corpo e massageando a coluna na região lombar. — Nós todos vamos ter que abrir o olho e ficar ágeis no uso dessa máquina. À medida que essa engenharia for evoluindo, vai ser mais rápido do que cultivar órgãos. No momento, estou pensando em usá-la para consertar defeitos nos órgãos que estamos produzindo. Mas quem sabe? O bom dessa tecnologia é que um órgão seria modelado como a imagem especular do órgão do paciente, com utilização de dados obtidos em exames de ressonância magnética. Como acontece com frequência na organogenia, a parte mais difícil não é replicar a função do órgão, ou glândula, mas sim conectá-lo ao resto do corpo. As veias, as artérias, os canais etc., precisam ser orientados adequadamente para tornar viável a cirurgia.

Rothman tinha encontrado um interruptor que ficou ligando e desligando. Depois abriu de novo o manual de instruções e imediatamente se concentrou na leitura.

Yamamoto acompanhou os estudantes até a saída. Will virou-se para trás e ficou olhando para Rothman.

— Espero que essa coisa ainda esteja funcionando quando o técnico chegar amanhã.

Os estudantes passaram o restante do dia monitorando os banhos de órgãos. Constataram que alguns tinham sofrido, espontaneamente, pequenas alterações na temperatura ou no pH, e os três falaram com Yamamoto sobre instalar um sistema de alarme até para essas pequenas flutuações. Pelo visto, mesmo eventos corriqueiros como esses poderiam ter impacto sobre os resultados. Isso era ciência de verdade, complexa e instigante para cada um dos acadêmicos. Will e Lesley trabalharam em parceria, mantendo uma distância respeitosa de Pia, que estava mergulhada em seu próprio mundo.

Depois que o Dr. Yamamoto dispensou os estudantes pelo restante do dia, pediu a Pia que ficasse mais uns minutos.

— O Dr. Rothman gostaria de falar com você mais tarde, depois que tivermos terminado no laboratório nível-3. Espero que não se importe.

— Claro que não — assentiu Pia.

Que outra coisa poderia ter dito?

18

CENTRAL PARK WEST, 1
NOVA YORK
3 DE MARÇO DE 2011, 20H30

Jerry Trotter e Max Higgins deixaram Edmund Mathews e Russell Lefevre com uma lembrancinha do almoço que os havia reunido no Terrasini. Foi uma polpuda conta que Edmund pagou, na esperança de que Jerry e Max fossem fazer algo que a justificasse. Ele estava razoavelmente confiante, pois sabia que os dois não eram de ficar parados diante de um problema. Eram conhecidos por fazer o que fosse preciso para resolvê-lo.

E Jerry e Max não decepcionaram. Uma hora depois de terem saído do restaurante, colocaram dois de seus melhores investigadores trabalhando em casos separados: um no laboratório de órgãos regenerativos na Columbia, outro no suposto passado condenatório de Gloria Croft, buscando obter algo que pudesse ser usado para controlá-la. Jerry sabia que todo mundo tinha lá seus segredos, principalmente o pessoal de Wall Street. Os detetives também receberam os nomes completos de Edmund e Russell, que deveriam pesquisar no Google para conseguir informação de antecedentes.

Jerry não pôde usar seu melhor profissional, na verdade uma mulher chamada Jillian Jones, porque ela já estava envolvida na investigação de uma empresa que, segundo Higgins suspeitava, estava falseando os resultados a fim de abrir caminho para uma tomada de controle acionário. Mas na qualidade de

detetives, Tim Brubaker e Harry Hooper estavam quase no mesmo nível de Jones. Eles fariam um trabalho minucioso e eram muito rápidos.

Essa foi a primeira vez na vida que Jerry incluiu três detetives particulares em sua folha de pagamento. Estritamente falando, Jones, Brubaker e Hooper não constavam da folha de pagamento da Trotter Holdings. Cada um era contratado na base do pagamento em espécie. Não havia documentação — nenhum contracheque, nem fatura, nem recibo. A ausência de recibo era porque Jerry acreditava que os três não exageravam as despesas declaradas. Para justificar seu padrão de vida perante a receita federal, os investigadores pegavam casos de vigilância doméstica legalmente remunerados, numa quantidade que gerava renda suficiente para ser declarada. Normalmente conseguiam fazer com que um serviço pago em dinheiro para alguém como Jerry "pegasse carona" num recibo de trabalho registrado pelo contador da empresa.

Jerry Trotter adorou esse procedimento meio ilícito, clandestino, porque divergia muito de tudo que ele tinha feito como cirurgião plástico ou gerente financeiro. Tudo que estava envolvido naquilo lhe agradava, e até dizer "Brubaker" e "Hooper" dava um leve arrepio; em sua imaginação, eram nomes perfeitos para detetives particulares. Era como estar em seu próprio filme. Brubaker e Hooper eram ex-policiais e já tinham visto de tudo; Jillian Jones também tinha visto de tudo, mas ninguém sabia em que trabalhara antes, nem se atrevia a perguntar. Ao contrário da maioria dos detetives particulares, ela sempre parecia apreensiva e se ofendia facilmente. Também era faixa preta no caratê e andava armada.

Como em outras ocasiões, Higgins se encarregou de todas as providências de ordem prática. Comprou três celulares pré-pagos e usou um para fazer uma falsa chamada de telemarketing, combinada de antemão, para os escritórios de Hooper e de Brubaker. O telefonema simulava ser de uma firma interessada em falar com o gerente-comercial sobre as máquinas de franquia postal do escritório. Isso identificava a origem da ligação. O primeiro dígito do número de telefone para retorno, multiplicado por cem, era a remuneração oferecida; os quatro últimos especificavam um horário de encontro no local de sempre. Brubaker e Hooper tinham o costume de verificar regularmente as mensagens e em meia hora já tinham recebido o chamado de Higgins. A promessa de uma

remuneração de trezentos dólares por hora os atraiu para um encontro às quatro da tarde num espaço reservado nos fundos do bar Flanagan's na Second Avenue. Higgins só precisou de cinco minutos para dar a eles suas ordens, um celular a cada um para fazer contato e mil e duzentos dólares de adiantamento pelo trabalho.

Outro aspecto do jogo que encantava Trotter era perguntar a seus rapazes como tinham chegado à informação. No começo nenhum dos dois quis falar sobre seu *modus operandi*, mas acabaram satisfazendo o capricho do cliente. Afinal, era ele quem assinava os cheques.

Quando o telefone tocou às oito e meia, Trotter estava se servindo do segundo Glenlivet em seu apartamento perto do topo da torre Trump International, na esquina da Central Park West com Columbus Circle. Ele morava num andar tão alto que não se preocupara em pendurar cortinas na sala de estar. Não queria que coisa alguma interferisse em sua vista do Central Park. Naquela noite, nuvens baixas e chuva eram tudo que ele conseguia ver. Ficou satisfeito ao constatar que se tratava de Brubaker. O número que aparecia em seu visor de cristal líquido era o do celular que Higgins dera a ele.

— Aqui é o B — anunciou Brubaker. Aquele era o codinome que ele usava por insistência de Trotter.

— Tão cedo assim? — espantou-se Trotter, mal conseguindo esconder na voz a empolgação infantil.

— Sim. Fingi que era jornalista e consegui falar diretamente com a secretária do laboratório. Quase não consegui fazer com que ela parasse de falar. Pensou que ao enaltecer o chefe estava lhe fazendo um favor. Ela acha que ele é tímido e precisa de publicidade. Ela até declarou isso.

— Então ela foi muito informativa.

— É, muito. Não entendi metade do que falou, mas estava bem informada. Estou transcrevendo eu mesmo a gravação, palavra por palavra. Não quero que nenhum serviço de transcrição veja esse material.

— Com certeza, muito prudente. Então me dê as manchetes.

— Tudo bem, os dois nomes que você mencionou são com certeza os caras...

— Rothman e Yamamoto — cortou Trotter, atropelando Brubaker.

— Porra, que sentido tem ficar usando códigos e todas essas manobras de filme de espionagem em que você insiste, se você mesmo não obedece? Sim, os caras são esses. O primeiro é o maioral.

— Foi mal — disse Trotter, xingando-se mentalmente.

— Tudo bem. Aí ela vai e me conta tudo o que eles estão fazendo; eu sou um repórter científico e consigo acompanhar aquilo tudo. Então peço a versão simples de divulgação, que eu possa usar para os leitores.

— Em que jornal ela acha que isso vai sair?

— Em nenhum. Eu falei que estava fazendo uma pesquisa para ver se dava para escrever uma matéria. Se desse, eu venderia e voltaria a ligar para ela.

— E se ela ligar para você?

— Ela não tem o meu número. Aleguei que isso era altamente confidencial da minha parte, e pedi a ela que não contasse a ninguém que tínhamos conversado, porque era uma história tão importante que outros repórteres logo saberiam, e eu quero chegar primeiro. Na verdade estou mesmo pensando em escrevê-la. Eu não estava mentindo para ela, vai ser um furo enorme.

O prazer de Jerry em brincar de Dick Tracy evaporou-se.

— O que você quer dizer com "enorme"?

— Bom, segundo ela, os dois estão perto de cultivar órgãos fora do corpo, órgãos perfeitamente compatíveis com a pessoa que precisa deles. Os testes têm trabalhado com cobaias animais e eles querem passar a usar células-tronco humanas.

— Quando?

— Quanto a isso ela foi um pouco cautelosa. Não porque não fosse me contar. Acho que ela não sabia e não quis admitir. Mas eles estão a meses de distância de mudar para células humanas; talvez faltem semanas, e com certeza não faltam anos.

— São semanas ou meses? A diferença aqui é importante.

— Bom, acho que preciso dar mais alguns telefonemas. Mas vai acontecer, muito em breve. Ele também está trabalhando numa outra coisa. É um negócio de cultivar na estação espacial cepas de salmonela que causam febre tifoide. Já imaginou uma coisa dessas? Até dá nojo a gente pensar pra onde vai o dinheiro dos nossos impostos!

— Nem me fale — concordou Jerry. — Então, B, muito obrigado. E me mantenha informado.

— Entendido, chefe.

Depois de conversar com Brubaker, Trotter ansiava por saber quanto progresso Hooper estava fazendo, se é que algum. Mesmo tecnicamente contrariando o protocolo, Trotter ligou para o novo celular de Hooper.

— Alô — disse Hooper, que atendeu ao primeiro toque. Estava no meio de telefonemas para investigar Gloria Croft e pensou que se tratasse da chamada de retorno de um dos contatos feitos.

— Oi, aqui é o chefe.

— Oi, chefe.

— O que está acontecendo? Já encontrou alguma sujeira?

— Faz só três horas que comecei. Ou nem isso.

— Qual é o esquema?

— Sou um caçador de talentos que procura alguém para trabalhar como alta executiva num banco importante. A diretoria quer uma mulher, por questão de imagem. Estou apurando informações sobre candidatos de minha pretensa lista.

— Nossa amiga não precisa de emprego, ela ganha milhões de dólares por ano — assinalou Trotter decepcionado. Propositadamente, tinha evitado usar o nome de Croft.

— Eu sei disso. Eles sabem disso. Mas as pessoas gostam de se exibir pelo *tanto* que conhecem. Acho que alguém talvez me diga o quanto ela não precisa de um emprego num banco. E nem da exposição de dirigir uma empresa pública, mais especificamente.

— Então você quer que alguém fique se gabando daquilo que conhece.

— Com certeza, todo mundo faz isso. A maioria. E o mundo financeiro é como um clube pequeno e competitivo que se alimenta de fofoca.

Bom, aquilo era mais plausível. Mais uma vez Jerry se surpreendeu com o quanto Hooper e Brubaker se pareciam no jeito de falar. Pareciam policiais do Brooklyn, e isso eles já tinham sido.

— Então você já derrubou alguma coisa da árvore?

— Acabei de falar com um sujeito que conheci no Morgan, há muito tempo. Eu disse que alguém o havia mencionado como possível referência, e

ele riu. Um autêntico babaca, acha que sou imbecil por ter cursado o Brooklyn College no turno da noite. Não gosto desses caras metidos a mauricinho. Mas ele sabe alguma coisa, tenho certeza. Está tentando me sacanear um pouco. Espero que não force a barra, porque está mexendo com o cara errado. Posso mandar rebocar o carro dele hoje à noite, e não será levado para o depósito do departamento de trânsito.

— É, tenho certeza de que você pode. É isso que me faz ser honesto em nossa relação.

Hooper deu uma risada e acrescentou:

— Tem mais uma coisa. Ele mencionou que eu deveria perguntar a um dos banqueiros citados pelo Higgins em nossa conversa de hoje à tarde. Disse que se queríamos sujeira sobre a nossa amiga, era para perguntar a ele, porque achava que ele tinha fodido ela, no sentido literal e figurado, nos velhos tempos em que os dois trabalharam no Morgan.

Trotter franziu a testa.

— Qual dos dois caras?

— O fortão de cabelo curto.

— Ora, *isso* é interessante — avaliou Hooper. — Não telefone para perguntar a ele diretamente. Transforme isso numa parte da sua investigação. Pode ser interessante.

— Entendi.

Enquanto desligava o telefone Trotter sorriu.

— Ah, Edmund, seu safado...

19

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
3 DE MARÇO DE 2011, 21H02

Pia esperou por mais de duas horas e meia que Rothman e Yamamoto terminassem seu trabalho no laboratório BSL-3. Ela aproveitou o tempo para estudar, lendo na internet artigos sobre engenharia de tecidos e impressão de órgãos, algo que, aliás, teria feito se tivesse voltado ao alojamento. Com o passar das horas e o estômago vazio começando a roncar, ela foi ficando cada vez mais preocupada que a conversa fosse girar em torno de seu atraso por dois dias seguidos. Por fim, os pesquisadores apareceram. Yamamoto foi embora em seguida. Sem dizer nada, Rothman acenou para que ela entrasse na sala dele, e foi direto ao assunto.

— Quero conversar com você sobre o futuro. Seu futuro. Quero saber se você está comprometida com esse trabalho.

— Estou sim, pra valer — respondeu Pia. Ela estava em pânico. — Sei que cheguei atrasada hoje de manhã...

— Segundo a Srta. Langman, você chegou atrasada duas manhãs seguidas.

— Ah, eu peço desculpas... — Pia gaguejou. Seus medos estavam se concretizando.

— Não adianta pedir desculpas — retrucou Rothman. — Estou preocupado com o que isso implica.

— Vou tomar cuidado para não acontecer de novo — prometeu Pia.

Rothman fez um gesto indicando que se calasse.

— Deixe-me falar, enquanto estou inclinado a isso. Como você sabe, não estou acostumado a conversar muito sobre essas bobagens. Não tenho tempo para isso. No ano passado confidenciei a você certa informação a meu respeito porque fui aos poucos sentindo a confiança de que você estava se transformando na pessoa que eu acreditava que pudesse ser. Lembre-se, conforme lhe contei, interferi para conseguir que você fosse admitida, quando outros, no maldito comitê de seleção de que fui obrigado a fazer parte, relutavam por causa de sua experiência como criança adotiva. Por ter passado pela mesma experiência, achei que você teria um bom potencial para ser uma pesquisadora.

— Eu cheguei à mesma conclusão. — Pia deixou escapar.

— Não me interrompa! — cortou Rothman. — No ano passado, quando revelei segredos a meu respeito que só eram conhecidos por minha mulher, bendita seja por me aturar!, e que eram referentes à minha infância como criança adotada e à minha síndrome de Asperger, não fui completamente franco. Disse que meus filhos não eram tão saudáveis quanto eu gostaria que fossem. Para ser mais específico, eles não só estão no espectro do Asperger, mas, o que é pior, sofrem de diabetes tipo 1. O fato de ter transmitido a síndrome de Asperger a eles já era razão suficiente para eu me sentir culpado e deprimido. A diabetes foi o cúmulo. Meu principal motivo de dedicação à pesquisa de células-tronco era conseguir que meus filhos ficassem curados durante a minha existência. Foi uma missão que me arrancou de uma séria crise de depressão. A depressão sempre foi o tormento da minha vida.

— Lamento sobre seus filhos — solidarizou-se Pia.

— Não estou contando isso para despertar compaixão. Quero que você me entenda melhor. Jamais concordei em ser o orientador de alguém, e não foi só porque minha síndrome me colocava em desvantagem social. Acho que não tenho tempo para as bobagens alheias, e isso inclui os estudantes do doutorado, e também os da graduação. Você foi a primeira. Achei que sua experiência como criança adotada a faria ter sucesso na dedicação solitária à ciência, e que você merecia uma chance.

— Acho que tem razão — admitiu Pia. — Sei que também estou lutando para superar problemas de socialização.

— Pia, a dedicação à pesquisa precisa ser total. Dois dias atrás você veio aqui e me disse que sim, que ia aceitar meu convite para fazer seu doutorado em meu laboratório. Ao mesmo tempo me disse que ia fazer uma residência em clínica geral. E aí esperou que eu ficasse satisfeito. O velho mito de o médico ser clínico geral e pesquisador ao mesmo tempo está totalmente ultrapassado. Isso não valia nem quando era praxe. A pesquisa é mais do que um emprego de tempo integral.

Foi uma das primeiras vezes em seus três anos e meio de relacionamento que Pia e Rothman sustentaram o olhar um do outro. Ficaram numa espécie de impasse em que nenhum dos dois quis ser o primeiro a desviar os olhos. Ambos estavam em conflito. Em sua tentativa de se tornar médica, Pia tinha mudado muito e superado obstáculos enormes. E agora estava tão perto! Dentro de alguns meses se formaria em medicina. O problema era que ainda não seria uma médica autorizada a obter licença oficial para exercer a profissão. Sem fazer a residência, sempre seria apenas uma acadêmica de medicina com mestrado.

Os dois desviaram o olhar.

— Admito que é difícil me entender — disse Rothman, interrompendo um silêncio curto —, ou pelo menos é o que minha mulher me diz. Ela me aconselhou a ter uma conversa com você.

— Ela sabe a meu respeito?

— Ela sabe de tudo em minha vida. Só assim podíamos ter sobrevivido como casal. Não é fácil viver comigo.

Tendo ensaiado esse discurso durante alguns dias, Rothman ficou relativamente à vontade depois de começar a falar.

— O que busco num colega é compromisso. Um estudante de medicina recém-formado não sabe nada. Não se ofenda. Mas se foram capazes de obter aprovação na faculdade, isso quer dizer que possuem os recursos intelectuais básicos para fazer pesquisa. Depois do lampejo inicial de inspiração que diz a você o que deve buscar, a maior parte do sucesso na pesquisa reside na perseverança. Reside em abordar todos os ângulos, perseguir cada pista. Estou misturando as metáforas, mas você entende o que quero dizer. O Dr.

Yamamoto foi na verdade um estudante muito medíocre, mas mostrava mais dedicação do que dez outros que tinham notas melhores. Eu já posso dizer que tipo de médicos seus colegas serão. A Srta. Wong está desesperada para ajudar os pacientes, e nisso ela vai ser muito competente. O Sr. McKinley provavelmente vai acabar fazendo alguma coisa chamativa, mas pouco exigente, como cirurgia, ou pior ainda, cirurgia plástica.

Pia ficou sem saber o que dizer.

— Gostei de vê-la tomar a decisão certa em relação às freiras. Isso me mostra que você está se orientando na direção da pesquisa, mas não quero que cometa os mesmos erros que cometi. Para mim, fazer residência em clínica médica foi uma enorme perda de tempo.

Rothman fez uma pausa.

— Acho que somos parecidos em algumas coisas.

Pia arregalou os olhos, depois enrubesceu e olhou para baixo. Não compartilhava a desenvoltura recém-descoberta de Rothman para discutir tais questões pessoais.

— Estou precisando de ajuda aqui. O Dr. Yamamoto não consegue dar conta de tudo, e não posso confiar em estudantes de medicina fazendo rodízio no laboratório. Não se ofenda. Nós dois estamos nos dedicando ao máximo, trabalhando ao mesmo tempo com salmonela e organogenia. Mas a universidade se comprometeu a nos ajudar, e tenho esperança de que vou poder contratar pessoal e passar mais tempo em laboratório para acelerar nosso trabalho em organogenia. Preciso de mais um pesquisador, no mínimo. E é por isso que estou falando com você sobre compromisso. Embora normalmente eu não tenha tempo para ouvir justificativas, diga-me por que chegou atrasada nesses dois dias.

— Na verdade não tenho uma justificativa — admitiu Pia. — Acontece que andei tendo dificuldades para dormir.

Mesmo sabendo que cometia uma injustiça, ela xingou George mentalmente por tê-la acostumado a ser despertada por ele.

— Por que você tem tido problema para dormir? É ansiedade?

— Pesadelos.

— Com o quê, se é que posso perguntar?

— Lembranças da infância. Uma velha história.

— Pia, acho que preciso saber mais sobre você. O que já me contou foi pouco, embora eu tenha procurado me abrir com você.

— O que deseja saber?

— Tudo!

Pia respirou fundo. Na vida surge, de vez em quando, uma encruzilhada decisiva que pode ser identificada como tal no momento em que está acontecendo. Ela percebeu que não podia se esconder nem se calar. O momento de se abrir era aquele. Ela nunca tinha falado sobre a infância, a não ser com sua assistente social, Sheila Brown. Respirando fundo novamente, teve a sensação de que o recinto se fechava a seu redor. A única luz naquela sala era uma pequena lâmpada de leitura em cima da escrivaninha, que colocava o rosto de Rothman num relevo de sombras.

— Eu me lembro da minha mãe. Não muito, só detalhes. Ela também se chamava Pia. Na verdade, meu nome é Afrodita, mas nós duas éramos chamadas de Pia. Às vezes, e de repente, o perfume de alguém, ou um gesto, me faz pensar nela. Minha mãe morreu quando eu era pequena. Não sei como morreu, e não sei nem como eu sei que ela morreu, mas o fato é que sei. Vivi em algum lugar da cidade com meu pai, Burim, e o irmão mais velho dele, Drilon, que morava conosco. Eles eram albaneses, albaneses de verdade, recém-chegados aos Estados Unidos, muito toscos. Meu pai ficava muito tempo fora, e eu era obrigada a ficar com meu tio, que era um verdadeiro canalha. Você tem água ou alguma coisa para beber?

Pia estava com a garganta seca.

Rothman apanhou uma garrafa no pequeno refrigerador sobre a máquina de café. Empurrou a garrafa e uma xícara pela superfície de couro da mesa dele.

— O meu tio, ele me bateu algumas vezes. Costumava ficar passando a mão em mim, nunca na presença do meu pai, era muito cauteloso. Ele me obrigou a tocar nele de forma inconveniente, para dizer o mínimo. Tirava fotos de mim, sabe como é, que ele mesmo revelava, e acho que vendia as fotos para outros nojentos da laia dele. Aquilo virou para ele uma espécie de negócio paralelo. Uma noite eu não me controlei e parti para cima dele.

— Que foi que você fez?

— Tentei fincar uma tesoura no pênis dele. Infelizmente errei o alvo. Ele sangrou um bocado. Lembro que mais tarde, durante o primeiro ano de

anatomia, quando o professor estava falando sobre artéria femoral, ele brincou que se devia evitar feridas perfurantes naquela área. Imagino que tenha sido ali que acertei meu tio. Quando ele saiu do hospital, me deu uma tremenda surra. Acho que alguém telefonou para a polícia e falou de uma menina com hematomas no rosto, porque alguns policiais foram me buscar. Meu tio e meu pai foram presos. E assim eu me tornei propriedade do serviço de assistência à infância da cidade de Nova York.

Ela tomou outro gole d'água.

— E seu pai?

— Desapareceu. Anos depois pedi a Sheila Brown, minha última e melhor assistente social, que me contasse o que aconteceu. Ela conseguiu descobrir que eles pagaram fiança e sumiram. Não tenho ideia de onde ele está, nem se está vivo. Acho que me convenci de que meu pai não tinha culpa daquilo que meu tio fez comigo. Quando eu estava em algum lar adotivo, ficava fantasiando que de repente ele iria aparecer e me resgatar de um desses lugares, mas ele nunca fez isso. Depois de alguns anos eu parei de ter esperança.

— Que idade você tinha quando foi levada para adoção?

— Seis anos. Desde o começo fui um problema para o pessoal da adoção. Meu pai não abriu mão da paternidade oficialmente, logo eu não podia ser adotada. Ele precisava se registrar antes na assistência à infância. Acho que eu não frequentava a escola. Ele teve a brilhante ideia de declarar que eu era muçulmana, coisa que ele talvez fosse, na condição de albanês. Sheila disse que ele devia achar que eu seria mais bem-tratada se fosse minoria; mas com isso nenhuma das agências religiosas quis saber de mim. Naquela época o sistema era dominado por organizações católicas, protestantes e judaicas. Logo, em vez de ter chance de conseguir alguma colocação razoavelmente adequada, fui posta numa espécie de lar coletivo, e um zelador tentou abusar de mim, como meu tio fez, mas eu o evitei. Por eu ter dado queixa, parece que aquilo me marcou como criadora de caso. Fui parar algumas vezes no juizado de menores. Tive sorte de não mandarem me prender, imagino, mas fui classificada como "uma pessoa que necessita de supervisão". Adoro essa expressão. Então o primeiro reformatório para onde me mandaram se chamava Wilhelmina Shelter for Troubled Children. Eu sempre me metia em problemas. Eles se

queixavam de mim por não olhar os cuidadores no olho. Interpretavam isso como falta do devido respeito, esse tipo de coisa.

Ela olhou para Rothman. Com o rosto impassível, ele balançava a cabeça quase imperceptivelmente.

— Quando eu estava com uns doze anos, me mandaram para a academia feminina de Hudson Valley, numa cidade chamada Eden Falls. Parece fantástica, não é? Eden Falls. O suposto educandário era uma instituição do século XIX. No passado mandavam para lá prostitutas adolescentes com o objetivo de ressocializá-las; mas quando estive lá só havia casos problemáticos e que tinham sido evitados por outras instituições. As meninas que ninguém queria adotar. Elas viviam naqueles bangalôs de pintura descascada, com encanamentos que não funcionavam. Era morrer de calor no verão, morrer de frio no inverno. Mas isso dava para aguentar. As outras garotas é que eram o problema. O lugar era dominado por gangues de meninas, pareciam famílias do crime. Bem organizadas: no topo os "papais", depois as "donas de casa", os "primos", os "tios" etc. Elas tomavam seu dinheiro, obrigavam você a fazer as tarefas delas, batiam em você sem o menor motivo. À noite se revelavam. Havia muita violência. Sabe como é, violência física e às vezes sexual. Os funcionários sabiam, mas não se importavam. As meninas da gangue eram muito mais eficientes que eles na manutenção da ordem. Eu tentava ficar à margem, mas no fim elas acabavam pegando todo mundo. Uma noite me acharam escondida e me atacaram num banheiro...

Fez uma pausa.

— Pois bem, encontrei na biblioteca um livro antigo sobre boxe e algumas meninas sabiam lutar um pouco de caratê; então montamos um curso improvisado de defesa pessoal. Eu estava decidida. Cada vez que elas vinham querendo alguma coisa comigo, eu revidava, e assim nunca fiz parte do que uma assistente social chamou de "sociedade secreta" delas. Eu me meti em muitas brigas, e passei muitos dias e noites na salinha do castigo, como era apelidado o confinamento na solitária. Uma vez passei a semana inteira lá. O que fiz foi pegar sozinha a líder do grupo que me atacou no banheiro, e lhe dei uma surra e tanto.

Pia ficou com medo de estar falando demais, porém Rothman só fez que sim com a cabeça quando ela o encarou.

— Eu me dediquei inteiramente às aulas disponíveis na Hudson Valley Academy. Foi a minha fuga. Havia alguns professores que se importavam. Eu estava decidida a não acabar engravidando e vivendo do dinheiro da assistência social, nem parar na cadeia como a maioria das garotas ao sair dali. A maior parte dos funcionários não se importava com o que acontecia nem com o que ninguém fazia, desde que não nos matássemos. Desculpe a franqueza, mas aquilo parecia um maldito lixão. Deixe a escória ali até completar 18 anos e adquirir o vício das drogas e depois solte essa ralé no mundo, sem orientação nenhuma. Boa sorte!

"O superintendente sabia que era o sistema que criava tantos problemas. O nome dele era Papitano. Tentou arrumar terapeutas e professores melhores. Chegou a tentar fechar a instituição, mas parou quando foi ameaçado.

"Eu sabia disso porque o superintendente vivia numa grande mansão no terreno da escola e algumas de nós costumávamos trabalhar na casa dele, fazendo limpeza e preparando a comida. O apoio que me deu foi me incluir na equipe e me designar aos bons professores. Mas ele era um trapalhão, além de agressivo. Acho que a mulher dele foi embora e nunca mais ele viu os filhos. Eu tinha 16 anos e, como passava muito tempo na casa dele, o cara se convenceu de que eu estava interessada nele, embora tivesse evitado todos os seus avanços. Uma noite ele bebeu muito e eu estava lendo na biblioteca, que era a única da escola toda. Ele foi lá dizer que me amava. Tive pena, mas ele me encurralou, e eu não gostei daquilo. Acho que explicou o olho roxo como tendo sido causado por um tombo que levou no chuveiro.

"Acho que mais que zangado, Papitano ficou foi constrangido, porque nada aconteceu comigo. Nada exceto ele querer me ver pelas costas, o que para mim foi muito bom. Em retrospecto, não acho que tenha sido por minha causa que ele me tirou de lá, mas sim para ele não cair novamente em tentação ou sei lá o quê. Mas no fim me arranjou uma assistente social boa e competente."

— Sheila Brown — disse Rothman.

— Sheila Brown. Era muito persistente e foi ao tribunal, e o Serviço de Proteção à Criança concordou em me mandar para um lar coletivo, de modo a obter meu diploma do ensino médio antes de me emancipar do sistema. Emancipação, esta é uma palavra muito bem escolhida. E então, graças a Deus,

eu saí de Eden Falls. Estava feliz por ir embora, mas aquele sujeito, o Papitano, o superintendente...

A voz de Pia foi sumindo e ela calou-se para recuperar o controle. Quando voltou a falar, o fez em voz baixa, inclinando-se para a frente, praticamente se dirigindo à mesa de Rothman.

— Sabe, eu estava mesmo começando a confiar nele. Achei que houvesse uma conexão entre nós. Mas antes que fosse embora ele se embebedou outra vez, e era um homem robusto. Tornou a me surpreender sozinha na biblioteca. Eu tinha baixado a guarda e ele me traiu.

A moça se calou. Os dois estavam tão imóveis que a luz da sala, controlada por sensor de movimento, apagou. A súbita escuridão total os fez reagirem com um salto. Imediatamente as luzes voltaram a se acender.

— Meu Deus, eu achava que eles tivessem consertado isso — disse Rothman. — Acontecia comigo o tempo todo.

— Você deve achar que eu tenho algum distúrbio de personalidade antissocial — disse Pia, arrependida de ter contado sobre seu passado violento. Tinha sido como a queda de uma barragem. — Na verdade eu nunca falei disso diretamente, assim desse jeito, com ninguém, a não ser talvez com a Sheila. Mas com ela não foi tudo de uma vez, foi com o passar do tempo.

— Não acho que você tenha um distúrbio de personalidade — disse Rothman. — Você fez o que precisava fazer, e eu a admiro. Minha experiência com adoção nunca chegou a ser tão ruim assim. Por ser filho de pais judeus, já de saída recebi uma condição satisfatória. Não foi fácil, fui obrigado a me virar sem receber grandes cuidados, mas em compensação eu era mais velho: na época tinha 11 anos. Também me permitiam passar as férias com um tio que mesmo sem ser dos mais carinhosos pelo menos era parente. Embora naquele tempo meu diagnóstico fosse apenas de transtorno de déficit de atenção com hiperatividade, meus pais não conseguiam lidar comigo, portanto desistiram. Em defesa deles posso dizer que eu era um osso duro de roer. Eles tinham mais quatro filhos e imagino que, quando nasci, o amor deles já se havia esgotado.

"Olha, Pia, não estou tentando fazê-la ter gratidão a mim, nem se sentir diferente a meu respeito, por causa do que lhe contei. Só estou dizendo que entendo em parte o que você está passando, e mais ainda depois do que você se dispôs a compartilhar hoje. Não é de espantar que tenha pesadelos, e, na

verdade, seus atrasos não me incomodam tanto quanto à Marsha e ao Junichi, principalmente depois de saber disso tudo. Ironicamente, eles se incomodam porque acham que isso me incomoda. A questão principal que desejo deixar para você refletir é que a pesquisa é a vocação em que eu me encontrei, apesar do meu passado e da minha síndrome de Asperger. E acho que o mesmo talvez se aplique a você, mas terá que tomar uma decisão. Não pode ser meio a meio. Precisa ser pesquisa ou clínica médica: não dá para escolher as duas coisas.

— Transtorno reativo de vinculação — disse a moça. — Uma das assistentes sociais da Hudson Valley Academy disse que eu sofria de transtorno reativo de vinculação. Suponho que queira dizer que não consigo estabelecer uma relação com ninguém.

— Ora, então acho que formamos uma dupla e tanto — disse o cientista e sorriu. Pia nunca o tinha visto sorrir antes, e por um segundo o rosto dele se iluminou por inteiro. — Pense em seu futuro. Não é preciso responder nada agora. Mas precisa decidir logo, para eu me preparar. Assim que nosso artigo for publicado na *Nature*, as coisas vão se acelerar.

Rothman se levantou.

— Agora preciso voltar para a unidade de biossegurança e passar mais uma hora lá.

Numa atitude típica da síndrome de Asperger, ele não fez mais comentários e foi embora.

Depois que o cientista saiu, Pia continuou sentada. Com exceção do ruído emitido por algum equipamento automático no laboratório, reinava o silêncio. Até a lâmpada da mesa se apagou, e só tornou a se acender quando ela agitou a mão no ar. Pia estava surpresa com os acontecimentos da noite. Sentia-se exposta, emocionalmente nua, e começou a temer que talvez Rothman, depois de pensar melhor, fosse concluir que ela era um risco muito grande. Ficou sentada na cadeira por mais uns dez minutos antes de se levantar e sair. Enquanto descia pelo elevador, começou a se sentir melhor, até certo ponto aliviada por ter desabafado. Porque tinha sido criado em orfanato, Rothman a entendeu. De repente veio a confiança de que tudo daria certo. Na opinião dela só se podia confiar no homem cujas ações correspondiam às palavras, ou ainda melhor, que agia sem pedir nada em troca. De todos os seus conhecidos só o

Dr. Rothman correspondia a essa descrição. Ela sabia que até George, por mais generoso que fosse, tinha lá seus objetivos.

Saindo para o frio da noite ela ainda não sabia o que fazer, mas era obrigada a admitir que as palavras de Rothman pareciam sensatas. E mesmo sendo difícil acreditar, ela sentiu que ele se transformara na figura paterna que ela nunca teve.

20

CENTRAL PARK WEST, 1
NOVA YORK
4 DE MARÇO DE 2011, 8H05

Quando o telefone de seu home office tocou pouco depois das oito da manhã, um Jerry Trotter muito nervoso atendeu prontamente. Estivera à espera de que o telefone tocasse, na expectativa de que fosse Harry Hooper.

— Acabo de tomar café da manhã com aquele sujeito do Morgan de quem falei na noite passada — disse Hooper, já entrando logo no assunto assim que Trotter atendeu.

— Você se encontrou pessoalmente com o cara? Foi a algum lugar tomar café com ele?

Trotter ficou espantado. Em geral, Brubaker e Hooper eram mais discretos, evitando encontros presenciais.

— Ele não quis dizer nada mais pelo telefone. Quis me encontrar pessoalmente, insistiu nisso. Às seis e meia da manhã. Ele acha que sou mesmo um recrutador, e quer mudar de emprego tipo ontem. Não vi problema nisso, pois não me parece que eu vá tornar a encontrá-lo.

— Mas o que você sabe sobre a profissão de caça-talentos?

— O que eu sei? Só pedi ao sujeito que me contasse tudo a respeito dele. Seus pontos fracos, onde ele imagina que estará daqui a cinco anos, toda essa

baboseira. Admiti que não conhecia ninguém que precisasse de alguém exatamente como ele, mas que sondaria oportunidades, me lembraria dele.

— Ele não pediu um cartão de visita?

— Eu disse que os meus tinham acabado. Falei que nas últimas semanas andei encontrando uma porção de banqueiros e que tinha subestimado a demanda. Quase me convenci de que estava mesmo tão ocupado. De toda forma, chegamos enfim ao ponto de conversar sobre sua amiga. Ela e o sujeito gordo para quem trabalhava na época decididamente dormiram juntos. E foi mais de uma vez. Um romance de verdade, quarto de hotel no meio da tarde, essas coisas, e não só umas trepadas de bêbados numa convenção.

— E como foi que ele ficou sabendo disso?

— Ele estava saindo com uma mulher que era muito amiga dela. Amigas mesmo, daquelas que contam tudo uma pra outra. Então ela confessa que está saindo com o tal cara, que é casado. Foi aí que revelou que se tratava do chefe dela. Exigiu que a amiga guardasse segredo, a fez jurar que não diria nada a ninguém, tudo isso. Mas a amiga contou ao meu informante. Como você sabe, informação tem valor, e tudo depende das circunstâncias. A amiga achou que aquilo a ajudaria na relação com meu informante, que ficariam mais íntimos se partilhassem um segredo. Mas não funcionou muito. Depois de um tempo eles se separaram.

— Então por que ele contou a você?

— Como eu disse, informação pode ter valor. Eu estava perguntando sobre sua amiga, e ele sabia alguma coisa. Talvez quisesse o suposto emprego para o qual eu estava investigando essa pessoa. Na verdade, não sei; imagino que eu possa tê-lo levado a acreditar que sou mais bem relacionado em Wall Street do que de fato sou.

— Ele vai ficar furioso quando você desaparecer de uma hora para outra.

— E o que ele vai fazer, me entregar para o chefe? De qualquer jeito, meu plano é ligar para ele na semana que vem e começar a descartá-lo aos poucos. Pelo visto, eu mesmo vou ser demitido num corte de pessoal. Este mundo é mesmo cruel.

— Tudo bem, me dê um segundo para pensar.

Jerry segurava o fone com as duas mãos. Aquilo era bom: dez ou doze anos atrás Gloria Croft e Edmund Mathews tinham dormido juntos. Obviamente o

caso não terminou bem, porque pelo visto Gloria estava gostando da tentativa de levar Edmund à falência. Mas para o que Jerry tinha em mente, ele queria mais. Aquilo era bom, mas não bastava.

— Tudo bem, gosto disso, mas preciso de mais. Continue a cavar. Tente descobrir por que o relacionamento deles acabou, e por que terminou tão mal.

— Tudo bem, já entendi.

Jerry sentou-se de novo na cadeira. Por ser um homem de muitos segredos, ele supunha que os outros também tivessem coisas a esconder. Alguns dos dele eram consequência do fato de ser infiel a Charlotte, com quem era casado havia 22 anos. Jerry teve casos com algumas das pacientes, e um deles continuou depois que ele fechou o consultório e passou a trabalhar na área financeira. O relacionamento ainda prosseguia, com encontros românticos no apartamento que Trotter possuía no Village. Ele o considerava uma espécie de acordo, embora Charlotte nunca tivesse sido consultada a respeito. Jerry bancava o conquistador e ela levava uma vida luxuosa. Fazer compras era seu esporte preferido.

Da perspectiva de Jerry, correr riscos constituía grande parte da vida. Cada pessoa lidava com as situações de uma forma diferente. Jerry achava que se saía bem com os riscos, e isso o transformava num bom profissional da área de fundos de cobertura. Outros não eram tão bons em lidar com as circunstâncias. A verdadeira questão que atormentava Jerry no momento era saber quanto precisava estar em jogo para levar alguém a cometer um ato verdadeiramente desesperado. Ele estava começando a pensar que talvez houvesse uma forma de resolver o problema que Edmund lhe havia jogado no colo.

Jerry Trotter tinha outro segredo, que pesava mais que todos na consciência, e não se referia a mulheres. Ele não só tinha assumido uma participação pessoal substancial na LifeDeals, além da posição que seu fundo tinha adquirido publicamente, como ainda tinha feito um terceiro investimento, totalmente clandestino, e maior que a soma dos outros dois. Ele estudou a estratégia que Edmund e Russell traçaram para a LifeDeals, lendo os planos de negócios e analisando os relatórios de vendas. Contratou sua própria pesquisa secreta e advogados para estabelecer instrumentos financeiros prontos para serem vendidos no curto prazo. Depois, sob a máscara de uma série de empresas fantasmas, ele tinha estabelecido o arcabouço de uma empresa paralela que

imitava a LifeDeals até no tipo de apólices que procurava. Afinal, como Edmund jamais se cansava de dizer, o mercado securitário, só nos EUA, era um negócio de 26 trilhões de dólares. Havia bastante dinheiro para todos.

A má notícia de Edmund e Russell sobre medicina regenerativa tinha atingido Jerry Trotter como uma marreta, numa escala muito maior do que Edmund poderia ter imaginado. Sua diligência o havia enganado totalmente, assim como ocorreu com Edmund. Para o sócio e a firma dele, as aflições da LifeDeals eram perigosas, mas dificilmente representavam ameaça ao êxito do fundo de cobertura, mesmo no curto prazo. Mas Jerry estava sujeito a perder muito mais. Sua participação pessoal, apesar de muito grande, ainda possibilitaria sua sobrevivência. Mas se a empresa fantasma que ele estava administrando afundasse, provavelmente seria seu fim. As diversas subsidiárias já estavam comprando apólices. Individualmente, eram todas pequenas em comparação com a LifeDeals. No conjunto, eram muito maiores, como Jerry outrora se orgulhou em pensar.

No fim de cerca de 18 horas, a partir do momento em que saiu do Terrasini, Jerry Trotter tinha se transformado num homem extremamente desesperado. Passou a noite inteira insone; em vez de dormir, usou sua velha calculadora e vários arquivos e listas de investimentos para tentar imaginar formas de sair ileso daquilo. Sabia que com Harry Hooper estava se agarrando a esperanças vãs, mas tinha uma grande expectativa de que para Edmund o que estivesse em risco fosse mais do que o dinheiro, e sim algo que para Jerry significasse não ser obrigado a tentar dar um jeito naquele problema sozinho. Embora tivesse alguns escrúpulos, Jerry preferiria delegar a outros a parte realmente suja, aquela que poderia levar alguém a ser preso ou a um destino pior.

21

CENTRAL PARK WEST, 1
NOVA YORK
4 DE MARÇO DE 2011, 11H55

Ao meio-dia, Jerry estava à beira de um ataque de nervos. Depois de falar por telefone com Harry Hooper, ele voltou a fazer o que tinha feito no fim da noite: navegar na internet só para ter alguma ocupação. No auge da agitação causada pelas anfetaminas que tomara para não dormir, ele sabia que lhe restavam de 36 a 40 horas antes de cair no sono. A cada duas horas tomava um Red Bull e de vez em quando bebia uma Diet Coke. Charlotte, sua mulher, não fazia ideia do que estava acontecendo, mas conhecia bastante aquele padrão para se manter bem longe do caminho do marido. Para Jerry a internet era um recurso maravilhoso e também, digamos assim, uma babá. Nela você podia achar o que desejasse, além de muitas coisas que nem tinha noção de que queria saber. Não servia muito para encontrar a fonte da juventude nem provar a existência de Deus, mas era excelente para outros fins.

A internet era particularmente útil quando se tratava de oferecer soluções práticas para todo tipo de problema. Jerry tinha descoberto como ajustar um controle remoto universal para funcionar na sua TV, e estava grato por isso. O problema agora era diferente. Sentado a sós em seu escritório à meia-luz, as cortinas fechadas, ele ficava olhando para a tela do Mac, acompanhando discussões em fóruns obscuros, aderindo a instituições esotéricas, clicando em

links que levavam a alguns cantos sombrios da nossa consciência coletiva representada na rede mundial de computadores.

Parte da leitura que Jerry fazia no monitor o remetia aos dias na faculdade de medicina; o que não teria dado para contar com esse recurso naquela época! O texto monótono do material médico não tinha mudado nos últimos trinta anos. Jerry achava que em seus tempos de estudante talvez tivesse passado poucas horas lendo sobre a salmonela. Ele sempre tinha sido misófobo, especialmente quando se tratava dos micróbios mais poderosos, e a leitura o deixou ansioso. Mas a primeira pesquisa do Dr. Rothman, aquela que lhe proporcionou seu primeiro Nobel, era fascinante.

Tratava-se de uma bactéria muito versátil e perigosa.

Quanto mais tempo passava sentado diante do computador, mais convencido Jerry ficava de que só havia um curso de ação possível. No começo ficou horrorizado com a ideia, mas parecia não haver opção, e ele odiava se sentir encurralado. Sempre que a vulnerabilidade o assaltava, Jerry pensava na perspectiva de terminar arruinado e desmoralizado. Se aquilo tudo desmoronasse, ele seria alvo de chacota. Algum autor ambicioso escreveria um livro sobre ele, que seria retratado como um palhaço, um idiota. Ele evitaria semelhante destino a qualquer preço.

Depois de ter a ideia infiltrada na mente, Jerry só precisava decidir colocá-la em prática e de dinheiro. Nas horas que passou pesquisando na internet, certas atividades especializadas o convenceram de outra coisa: podia comprar qualquer coisa com o dinheiro. Isso ele tinha; só precisava se convencer de que era capaz de levar o plano adiante.

Agora, por volta do meio-dia, o celular pré-pago tocou de novo. Trotter desejou que fosse Hooper, mas era Brubaker.

— O que você conseguiu? — perguntou Jerry.

— A confirmação de que aqueles dois caras são definitivamente os líderes no campo da fabricação de órgãos. Eles estão muito à frente dos outros. Informação confirmada de modo independente, além daquela fonte que mencionei. E ninguém pode estimar com precisão o quanto ainda falta, porque depende dos resultados dos testes que ninguém consegue prever. Eles podem falhar em uma das experiências, o que levaria a um atraso de uma semana, um mês. Ou então ela dá certo e eles avançam para o teste seguinte.

— Mas no fim vai funcionar?

— É o que estão me dizendo.

— Seria demais esperar que a experiência exploda na cara deles, né?

— Se você está contando com o fracasso deles, parece que não vai acontecer. Segundo todas as fontes, eles estão muito confiantes.

— Como você sabe?

— É o que me disseram. Além disso, abriram uma empresa privada para controlar as patentes que já foram solicitadas. E não se trata de uma patente só. É uma série completa, para terem certeza que vão controlar o campo todo.

— Obrigado, entendi. Quer dizer que estão quase lá.

— Não necessariamente. Só quer dizer que estão confiantes de que chegarão lá.

— Como você descobriu a respeito da empresa?

— Você quer mesmo saber?

— Me dê essa alegria.

— Tudo bem, chefe. Eu tenho um amigo na junta comercial do estado de Nova York. Ele consegue descobrir quando alguém registra uma empresa. É muito útil no caso de alguém abrir uma companhia limitada para esconder da mulher o dinheiro.

— Vou me lembrar disso.

— Chamaram a empresa de Rothman Medical, logo não foi tão difícil de encontrar. Aberta há duas semanas. Provavelmente eles a registraram também no exterior, em lugares onde os impostos são menores. Como eu disse, estão sendo cuidadosos.

— E quem são os sócios?

— Os integrantes da empresa? Só os dois caras.

Jerry desligou o telefone. Rothman e Yamamoto. Pelo jeito, estavam pilotando sozinhos o navio inteiro. Jerry conferiu a hora no relógio de pulso. Eram quase 12h30, quase quatro horas e meia desde que ele tinha falado com Hooper. De repente se sentiu muito cansado. Para Jerry era vital achar algo que pudesse usar contra Edmund Mathews. Seu cérebro estava quase fritando; ele precisava encontrar alguém que o ajudasse com isso. Sabia que Hooper ligaria para ele no segundo em que conseguisse alguma novidade, mas, como na noite anterior, ele não conseguiu resistir à tentação de telefonar.

— Sou eu — anunciou redundantemente quando o outro atendeu ao telefone.

— Algum problema?

— Só estou ligando para saber do andamento das coisas — disse Jerry, tentando controlar a voz.

Com suas antenas constantemente ligadas, Hooper sentiu que havia algum problema, e o problema era Jerry. Havia dito apenas cinco palavras, mas Hooper percebeu que ele estava ligado de tanta anfetamina. Em seu passado de policial, Hooper tinha sido obrigado a lidar com drogas de todo tipo.

— Parece que você não está muito bem.

— Só estou cansado.

— Bom, lancei alguns anzóis na água — disse Hooper — e só estou esperando morderem a isca. Procure relaxar.

Com certeza, pensou Jerry ao desligar, *para você é fácil dizer isso.*

22

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
4 DE MARÇO DE 2011, 12H35

Na noite anterior Pia tratou de pôr o relógio que ganhou de George para despertar, e também o próprio celular. Às seis e meia da manhã acordou descansada e pronta para agir. Pela primeira vez em mais de uma semana, tinha dormido como uma pedra. Depois de tomar banho, passou pelo refeitório e bateu à porta do quarto de George levando um pãozinho tostado com *cream cheese* e uma xícara de café.

— Puxa, esta é a primeira vez que você faz isso — disse George quando abriu a porta. — E ainda trouxe café! Pode entrar!

— Só estou retribuindo o favor. Ou os favores. Mas por onde você andou ontem e anteontem? Cheguei atrasada nos dois dias, e ontem fiquei de castigo lavando frascos por duas horas.

— Bem, eu...

— Não faz mal. Tenho novidades.

— São boas?

— Acho que sim.

George continuou se arrumando enquanto Pia se sentava na cama.

— Rothman quer que eu vá trabalhar em tempo integral no laboratório dele, depois de formada.

George tinha vindo do banheiro segurando a escova de dente. Estava com a boca aberta e cheia de espuma.

— Ele pode fazer isso?

— Acho que por aqui ele pode fazer o que bem entender. Só precisa ameaçar ir embora para Harvard ou Stanford.

— E então, o que você disse para ele?

— Não disse nada. Porque fiquei muito surpresa. Porque ele me recomendou pensar no assunto. Mas a questão não é difícil: eu vou aceitar. Vou conversar com o reitor sobre o adiamento da minha residência. Imagino que ainda possa me candidatar ao doutorado. O mais importante é trabalhar no laboratório dele. Você nem acreditaria no que está acontecendo lá. Ele vai se tornar ainda mais famoso. Eu não me surpreenderia se ganhasse outro Prêmio Nobel.

George tinha voltado do banheiro e ficou parado na frente do espelho. Encarou seu reflexo e mordeu a língua.

— Isso é ótimo, Pia. Meus parabéns.

Tentou parecer convincente, mas não estava certo de ter conseguido.

— Achei que você ia me dar um de seus sermões sobre Rothman.

— Puxa, se é isso que você deseja fazer, acho que deveria.

Ele tornou a morder a língua.

— Exatamente o que eu penso. Vamos, George, ande logo ou a gente vai se atrasar.

Ainda estava escuro lá fora e uma chuva fria pairava no ar. Março não era um dos melhores meses em Nova York. George e Pia se apressaram para chegar a seus destinos, conversando sobre como tinham passado os últimos dias.

— E aí, como é trabalhar com Will McKinley?

— Ele é meio babaca, além de convencido. Rothman acha que ele vai ser cirurgião plástico. De qualquer jeito, está se esforçando, já que é bastante esperto. Da Lesley eu gosto.

— Tenho certeza de que o comentário do Rothman não quis ser elogioso. Pelo que eu soube ele nunca disse nada positivo sobre ninguém.

Pia se limitou a erguer as sobrancelhas sem nada dizer.

— McKinley se considera um presente de Deus para as mulheres. Tenho certeza de que você já reparou nisso.

— E daí?

— Ele está dando em cima de você?

— Eu posso dar conta de Will McKinley, acredite. Mas ele até que é bem bonitinho.

George alcançou Pia depois de ter ficado momentaneamente para trás. Ele a encarou, e ela estava sorrindo, se divertindo à sua custa. Ele não pôde deixar de rir com ela. Mentalmente recriminou-se por ser tão medroso.

A manhã transcorreu sem grandes novidades para os estudantes, concentrados em seus respectivos projetos na unidade de banhos de órgãos. Pia dedicou algumas horas a ler sobre agentes tamponadores projetados para uso em cultura de tecidos. O funcionário da manutenção ainda não tinha terminado o serviço na sala dela e nem na de Rothman. Fios pendiam do forro. As plantas da rede elétrica que estiveram na salinha de Pia estavam agora no escritório de Rothman. Pia entrou para ver se o eletricista estava lá, uma vez que não o viu em sua sala. Queria reclamar com ele sobre o trabalho não estar sendo feito. Mas tampouco o encontrou ali e, depois de começar sua leitura, ela se esqueceu totalmente do assunto.

Como se tivesse pegado a deixa do ciumento George, Will apareceu e tentou envolver Pia numa conversa informal. Ela não tinha certeza se estava ou não sendo alvo de uma cantada, mas isso pouco importou. Respondeu às primeiras perguntas, mas depois avisou sem meias palavras que desejava se concentrar na leitura. Will entendeu o recado e desapareceu.

Às 12h35 apareceram Rothman e Yamamoto, vindos das profundezas do BSL-3. Pia não pôde deixar de notar que estavam agindo de forma estranha. Na verdade, conversavam com empolgação. Sem encará-los diretamente, Pia ficou observando de esguelha. Por causa do silêncio no laboratório, ela ouviu quando os dois surgiram. Pelo visto, todo o pessoal estava em horário de almoço.

De repente Yamamoto foi na direção dela enquanto Rothman desapareceu no próprio escritório, mas deixou a porta aberta. Até isso era incomum. Pia

percebeu que alguma coisa estava acontecendo.

— Onde estão os outros alunos? — perguntou Yamamoto quando chegou ao lado dela. A voz dele tinha o que ela teria descrito como um tom de expectativa.

Pia ergueu o olhar e respondeu:

— Acho que na unidade de banhos de órgãos.

— Ótimo — aprovou Yamamoto. — Também preciso de você lá dentro. Rothman e eu queremos mostrar uma novidade a vocês.

Cinco minutos depois os cinco estavam na sala de banhos de órgãos, como sempre munidos de touca, jaleco, máscara e botinas.

— Muito bem — disse Rothman, apertando, empolgado, as duas mãos enluvadas. Depois da conversa surpreendente que tivera com ele na noite anterior, e agora com essa demonstração de empolgação, ela sentiu que estava conhecendo um lado de Rothman cuja existência jamais tinha percebido. — O Dr. Yamamoto e eu queremos mostrar uma coisa a vocês, na mais estrita confiança. Vocês vão passar um mês aqui, Pia ficará ainda mais tempo, e agradecemos se mantiverem sigilo, durante este período e a partir de agora, sobre o que estão prestes a ver. Vocês concordam?

Os três balançaram a cabeça afirmativamente.

— Pois bem, não queremos que ninguém se empolgue antes da hora. A aposta aqui é muito alta.

Enquanto falava, Rothman foi se deslocando em direção ao fundo da sala. Na parede havia uma porta com outra trava de segurança semelhante à da porta principal. Rothman escondeu, com o corpo, o teclado e digitou um código que Pia supôs ser o mesmo das outras travas de segurança, e em seguida puxou a porta para abri-la. O Dr. Yamamoto segurou a porta aberta enquanto Rothman cruzava a soleira, seguido pelos alunos. Yamamoto entrou na sala e fechou a porta.

O grupo estava numa sala de aproximadamente 3 m × 3 m, uma versão idêntica, porém menor, do ambiente que acabavam de deixar. Os cinco faziam a sala parecer lotada. A mesma luminosidade azulada enchia o cômodo, que tinha seu próprio sistema de aquecimento, ventilação e ar condicionado, zumbindo um pouco mais alto que o de seu vizinho. A luz do teto rebaixado

iluminava dois carrinhos, dispostos lado a lado, semelhantes àqueles em que eles estiveram trabalhando na outra sala, mas só um estava em funcionamento.

Rothman apontou para a cuba que estava no topo do carrinho. Era similar à dos carrinhos que estavam no salão principal. Nela havia um rim muito maior que os de camundongos. Logo foram informados de que se tratava de um rim humano e, a exemplo dos rins humanos do salão externo, tinha sido fabricado com os fibroblastos de Yamamoto. Apresentava coloração pálida e o formato compatível com o de um rim. A diferença era que havia aberturas na parede de acrílico pelas quais conectores em "y" se ligavam às artérias, às veias e ao ureter do órgão.

— Isto que vocês estão vendo será usado no primeiro implante de órgão humano feito a partir de células pluripotentes induzidas. Hoje de manhã recebemos a sanção oficial da FDA para ir em frente e ligar este órgão à artéria e à veia inguinal canulada do Dr. Yamamoto. Vamos permitir que o órgão funcione como se transplantado para o interior do abdômen do Dr. Yamamoto.

— Você se voluntariou para isso? — Will perguntou a Yamamoto.

— Sim, é claro — respondeu Yamamoto com entusiasmo. — Para mim é uma grande honra.

— Quando vão fazer isso? — perguntou Pia.

Pelo visto, no laboratório de Rothman ela teria uma surpresa por dia.

— Assim que pudermos agendar a operação com o departamento de cirurgia. Por motivo de segurança ela vai ser realizada num dos centros cirúrgicos principais. Vamos deixar que o órgão funcione por várias horas, enquanto o monitoramos cuidadosamente. Vai ser um dia importantíssimo. Na verdade, será um marco.

Mas o que Pia enxergava à sua frente parecia a finalização de tudo. Os sonhos relacionados ao que estava acontecendo na sala ao lado se transformavam em realidade nesta minúscula câmara secreta. Pia teve uma sensação de assombro, de estar presente durante a criação de algo imenso e extraordinário. Ninguém na sala pronunciou uma palavra. Pia ficou observando o rim artificial que repousava em uma solução nutriente, a luz azul que se refletia no banho e oscilava em seu rosto. Pia estivera trabalhando na catedral de Rothman, mas agora tinha visto o sacrário. Sabia que Rothman

preferia que o órgão fosse um pâncreas, mas também sabia que ele tinha certeza de que tal momento não tardaria.

Ela mal podia esperar para ver aquilo acontecer.

23

CENTRAL PARK WEST, 1
NOVA YORK
4 DE MARÇO DE 2011, 13H20

Jerry Trotter desabara em seu escritório, a cabeça incomodamente inclinada e pousada sobre a mesa de trabalho, ao lado do fino teclado de seu Mac. Enquanto roncava, teve um sonho especialmente fantasmagórico. Estava sentado numa cadeira, recuando o corpo o máximo possível, enquanto um homem berrava na sua cara. No sonho, Jerry está atrasado para um compromisso vital, mas não sabe de que se trata, e não tem como descobrir até que o homem pare de gritar e saia da sua frente. Jerry se contorceu, meio desperto, mas não saiu do lugar. Tinha babado em cima da mesa e a cabeça latejava de tanta dor. Em algum lugar por ali um telefone tocava.

Depois de certa hora, ele desligou a campainha de todos os telefones da casa, e do celular de uso habitual. Pelo jeito havia muita gente querendo falar com ele. Como não compareceu ao trabalho, imaginaram que estaria em casa ou pelo menos em algum lugar onde pudesse atender o celular. Mas os únicos telefonemas com que Jerry se preocupava eram os do aparelho que Max Higgins lhe dera. Portanto, aquele devia ser o telefone que estava tocando.

Jerry se aprumou na cadeira e sentiu uma fisgada no pescoço. Um súbito espasmo de dor subiu à cabeça enquanto ele se esforçava para alcançar o telefone. O aparelho parou de tocar.

— Que merda!

Ainda semiadormecido e sem conseguir se orientar adequadamente, Jerry encontrou o telefone e apertou as teclas. O número 917 apareceu e ele apertou o botão verde. O telefone entrou em rediscagem. Não era Higgins, e ele não conseguia se lembrar dos números de Hooper e Brubaker.

— Tomara que seja Hooper — disse baixinho, já consciente. — Tomara que seja Hooper.

Alguém atendeu.

— Por onde você andava? Já liguei duas vezes.

Era Hooper.

— Conseguiu alguma coisa?

— Adivinhou.

— O que foi? Você tem de me contar...

— Precisamos nos encontrar. O Starbucks da esquina da 6th Street. Em frente ao Mandarin Oriental.

— Isso é bem aqui em frente.

— Encontro você lá em dez minutos.

Jerry Trotter olhou de novo para seu Rolex e depois passou os olhos pelo interior do Starbucks. Harry Hooper dissera dez minutos, isso tinha sido quase meia hora antes. Do píncaro do arranha-céu onde morava, Jerry desceu direto para a rua, atravessou rapidamente o Columbus Circle e chegou ao local do encontro em exatos quatro minutos. Max Higgins estaria no apartamento a qualquer momento. Jerry tinha telefonado para ele pedindo que fosse de carro até lá. As coisas pareciam estar andando.

Como de costume, o Starbucks estava abarrotado. Havia uma fila de gente diante do caixa, todos à espera de atendimento, e os clientes à esquerda aguardavam para receber suas bebidas. As mesas para dois estavam ocupadas, na maioria, por indivíduos com laptops. Quem são essas pessoas? Era o que Jerry se perguntava. Será que não tinham casa? Nem escritório? Um morador de rua tinha se enfiado num canto com suas sacolas de plástico. Tinha à sua frente um copo d'água, e desde que não dormisse podia passar o restante do ano sentado ali.

Que lugar mais esquisito para se marcar uma reunião. Jerry estranhou. Havia pouca chance de achar um lugar onde sentar, e menos ainda de conversar discretamente. Jerry pegou o celular e estava a ponto de telefonar de novo para Hooper quando sentiu que uma mão apertava seu cotovelo, e não foi de leve. Ele se virou. Hooper.

— Vamos dar uma volta — disse Hooper.

Ele conduziu Jerry para fora do café e atravessaram a rua, contornando o edifício Time Warner. Hordas entravam e saíam pelas portas.

Hooper virou à direita na 58th Street e caminhou em direção a Columbus Circle, conduzindo Jerry pelo meio do trânsito para o lado sul da rua. Entraram por uma porta de vidro verde-claro e subiram pela escada rolante até o saguão de um hotel-boutique que ficava a um canto. Levando Jerry para um espaço tranquilo do grande saguão, Hooper sentou-se a uma mesa sobre a qual havia um cardápio de bebidas.

— Aqui é um pouco mais silencioso — disse Hooper.

— Para que tudo isso? Poderíamos ter nos encontrado aqui direto.

— Você parecia muito tenso — explicou Hooper. — Eu diria até que parecia nervoso. E gente nervosa me deixa nervoso. Foi só uma precaução básica.

Jerry olhou para Hooper. Que idade teria, 55 anos? Era mais baixo do que Jerry se lembrava: não passava de 1,73 m. Tinha cabelos escuros que talvez fossem pintados, mas que eram inteiramente dele. Tinha um rosto de fumante, contraído, e olhos amistosos. Trotter não sentia nem um pingo de confiança nele.

— Vamos tomar um drinque?

— Com certeza — disse Jerry, que estava quase sem fôlego.

Hooper fez um aceno e um garçom se aproximou, vindo do bar.

— Uísque escocês, gelo, um pouco de água — disse Hooper.

— Martíni e vodca com uma casquinha de limão, por favor — disse Jerry.

— Você parece meio cansado, chefe.

— Não dormi direito — justificou Jerry. — Nada que uma notícia boa não possa curar. Estou supondo que se trate de uma notícia boa, já que você não pôde contar pelo telefone.

— Eu queria dar uma palavrinha com você, pessoalmente.

— Ah, sim.

— Eu estive pensando: por que tanto interesse naquele sujeito?

— Que importância isso tem para você, Harry? Eu lhe pedi que encontrasse uma informação e parece que você já fez isso. Obviamente quero ter alguma influência sobre essa pessoa, mas não é nada com que você precise se preocupar.

— Estou curioso para saber até que ponto essa informação pode ser valiosa.

Jerry fez uma pausa enquanto o garçom servia as bebidas. Será que o imbecil estava tentando tirar vantagem dele? O garçom se afastou e Jerry levantou o copo devagar.

— À sua saúde, Harry.

Jerry engoliu de uma vez metade da bebida e pousou o copo.

— Eu diria que a informação vale os trezentos dólares por hora que estou pagando. Nosso acordo foi esse. E foi muito generoso.

— Acordos podem ser renegociados — declarou Hooper.

— O que você tem em mente?

— Mais dez mil.

— Dez mil? Está brincando?

— De jeito nenhum.

Jerry deu uma risada, não pôde evitar. Dez mil era uma ninharia. Prevendo que Hooper faria algo dessa natureza, embora não com tão pouca sutileza, ele tinha levado consigo cinquenta mil dólares, que estava disposto a gastar.

— Deixe-me pensar no assunto — disse Jerry, fingindo-se pensativo. — Você deve achar que sou idiota — acrescentou, bebendo mais um gole de vodca. — Tanto você quanto o Brubaker. Vocês ligam um pro outro e dizem: "Que idiota esse Jerry Trotter, tá achando que é algum espião?"

Hooper olhou friamente para Jerry, e não negou.

— Eu sou idiota, mas não um idiota completo.

Jerry meteu a mão no bolso da frente da jaqueta de couro e retirou um pequeno gravador digital do tipo que o investigador conhecia muito bem.

— O que é isso? — Hooper estava sorrindo agora.

— Eu gravei todos os nossos telefonemas, Harry. Não neste aparelho, mas em outro exatamente igual. Como você chamaria? Precauções básicas? Prefiro pensar nisso como um seguro. Rá, rá, eu e os seguros.

Jerry terminou a bebida e levantou o copo para o garçom, que pairava por perto. Hooper não tinha tocado no drinque.

— Não há nada aí; eu nunca disse nada pelo telefone.

— É mesmo? Então não tem com que se preocupar.

Os olhos de Hooper vagaram pelo ambiente, e ele tomou um gole da bebida.

Jerry o deixara pensativo, e podia perceber isso.

— Estamos nisso juntos, meu amigo. Não tenho intenção de fazer nada com as gravações. Conforme você diz, provavelmente não há nada nelas. Mas com certeza acabamos de entrar em uma nova fase do nosso relacionamento. Você foi muito honesto comigo. Quer mais dinheiro. Tudo bem.

Jerry tornou a meter a mão no paletó, de onde tirou um gordo envelope de papel pardo. Jogou-o sobre a mesa ao lado da bebida de Hooper. Este recolheu o envelope, segurou-o abaixo do nível da mesa e o abriu com um dedo. Folheou as notas e ergueu o olhar para Jerry. Se algum dia Hooper tinha visto tanto dinheiro, pensou Jerry, foi alguma prova criminal recolhida numa investigação, e ficou guardada a sete chaves.

— Não entendo — disse Hooper. — Aqui tem muito mais que dez mil.

— Pois é, são cinquenta mil.

— Cinquenta mil! Puta merda!

— Ah, Sr. Hooper, seu ar de durão está se dissipando.

Jerry terminou de tomar a bebida. Estava se sentindo muito mais confiante.

— O que eu tenho de fazer?

— Você me dá duas informações e dentro de duas semanas eu lhe dou mais um envelope desses. É só isso. Primeiro vou falar o que eu acho. Você é um sujeitinho ganancioso. Sei que as contas que me manda são superfaturadas. Não faz mal, todo mundo age assim. Mas isso aqui é dinheiro de verdade. Eu tenho mais dinheiro de verdade que pretendo continuar a lhe dar, desde que possamos ajudar um ao outro. Porque realmente estamos nisso juntos. Também acho que você não sabe exatamente o que eu tenho nas gravações, não é?

Hooper estava recuperando a compostura e olhava firme no olho dele.

— Reparei que você já pegou o dinheiro. Também acho que está pensando: fodam-se, eu quero o dinheiro. E é um dinheiro fácil, Harry, porque vi que

você já tem uma das informações, a razão de estarmos aqui. E realmente acho que, sendo um homem com a sua experiência, você vai logo encontrar para mim a segunda coisa de q ue preciso.

— Você está fazendo um jogo perigoso. Você é um amador.

— Eu sei. — Jerry fechou os olhos e sorriu. — Mas aprendo depressa. E então, me conte o que descobriu sobre Edmund Mathews e a Sra. Croft.

Em algumas frases Harry Hooper contou a Jerry Trotter o que lhe haviam dito e qual era a fonte da informação. Na mente de Hooper não havia dúvida de que se tratava da verdade.

— Muito obrigado, Harry. Isso talvez baste.

— Então, o que é a outra coisa que você deseja saber?

Jerry chegou mais perto de Hooper.

— Quero que me diga como posso conseguir um pouco de polônio-210.

24

GREENWICH, CONNECTICUT
4 DE MARÇO DE 2011, 15H23

A distância de Columbus Circle, em Manhattan, até a casa de Edmund Mathews, em Greenwich, era mais ou menos 48 quilômetros, e por algum milagre o motorista de Jerry, um ex-policial rodoviário do estado de Nova York, fez a viagem em pouco mais de cinquenta minutos. Depois de deixar Harry Hooper no bar do hotel, Jerry encontrara Max Higgins esperando por ele de limusine na porta de seu edifício. Ao entrar no carro, Jerry ligou imediatamente para Edmund Mathews, ordenando que ele e Russell saíssem do escritório em Greenwich e fossem encontrá-lo em uma hora na casa de Edmund. Jerry não tinha dito nada a Max. Este achou péssima a aparência de Jerry: olhos vermelhos, barba por fazer, cabelos desgrenhados; estava usando uma estranha e amarrotada combinação de camisa social e calça cáqui, sob uma velha jaqueta de couro do tipo usado por motociclistas. E Max sentiu o cheiro de bebida alcoólica no hálito do parceiro. Teria que aguardar até obter uma explicação porque Jerry, depois de falar com Edmund, esticou-se no generoso banco traseiro da limusine e caiu num sono agitado e ruidoso.

Após o almoço com Jerry e Max no dia anterior, Edmund e Russell não fizeram nada significativo no sentido de resolver os próprios problemas. Russell se

ocupou de supervisionar a aplicação de algumas ideias de Edmund sobre a compra de diferentes tipos de apólices de seguro de vida. E assessores jurídicos tinham começado a passar pente fino nas apólices existentes de portadores de diabetes, procurando o que Russell tinha chamado de "anomalias". Até a abreviação de um dos sobrenomes da pessoa num documento e não em outro era motivo para analisar a possibilidade de cancelamento da apólice. Todos os acordos em andamento foram suspensos para investigação. Mas essas não passavam de ações pontuais. Se houvesse uma solução global, Edmund e Russell esperavam que ela fosse partir de Jerry.

Quando recebeu a convocação de Jerry, Edmund ficou otimista de que a salvação estivesse a caminho. A voz de Jerry pareceu rouca, e ele foi ainda mais rude que de costume. Apesar disso, enquanto esperavam por Jerry, Russell assumiu um ar positivo; Edmund ficou mais reservado. Por experiência própria ele sabia que se Jerry tinha pensado em alguma coisa, não sairia de graça. Em algum momento do percurso haveria um preço a pagar.

A limusine estacionou na porta de Edmund. Enquanto este observava de uma janela do segundo andar, o motorista desembarcou e ficou segurando a porta aberta para Jerry, que saiu devagar para o gélido ar invernal. Mesmo dessa distância, Jerry não parecia estar muito bem. Enquanto Edmund descia as escadas, sua esposa Alice, sempre a perfeita anfitriã, foi abrir a porta da casa.

— Alice! — disse Jerry com jovialidade. — Eu estava mesmo querendo ver você. Continua linda como sempre.

E ela estava linda, os cabelos louros cortados à meia altura e puxados para trás das orelhas, os olhos verde-claros realçados pelo suéter verde-hortelã, as pernas bem definidas pela ginástica se destacando sob a saia reta que ia até os joelhos.

— Oi, Jerry, como vai?

Alice segurou o cotovelo de Jerry e se inclinou para beijá-lo no rosto. Jerry tinha tentado domar a cabeleira, e mastigou às pressas meio tubo de pastilhas de hortelã, mas não conseguiu disfarçar por completo o aspecto desleixado. Tampouco havia feito algo em relação ao odor de vinho que pairava a seu redor como uma nuvem invisível. Alice se retraiu de leve.

— Eu estava dizendo agora mesmo ao Max — continuou Jerry enquanto Edmund se aproximava deles — que casal maravilhoso vocês formam. E o

pequeno Darius só veio completar. Uma linda esposa, um filho saudável, essa casa deslumbrante. Edmund, você é um cara de sorte. É um homem que tem tudo. Eu não estava dizendo isso, Max?

— Perfeitamente, Jerry, e quem poderia discordar? — Max nem imaginava de que o sócio estava falando, mas entrou no jogo. Dois minutos antes o outro estava praticamente morto para o mundo.

Jerry apoiou o braço nos ombros de Alice, enquanto o grupo entrava na casa. Edmund se perguntou o que estaria acontecendo. Jerry nunca tinha demonstrado o menor interesse por Alice, e nem Edmund por Charlotte Trotter. Eles não tinham esse tipo de relação. Era puramente profissional.

— O Russell está aqui? Ah, sim, aí está você — disse Jerry, observando Russell sair da biblioteca.

— Vocês aceitam alguma coisa para beber? — perguntou Alice, afastando-se do abraço de Jerry. Ele se moveu para apoiar-se na parede. Aos olhos de Edmund, parecia que Jerry estava com dificuldade em se manter de pé.

— Eu aceito um café, Alice, por favor. Você tem uma dessas máquinas sofisticadas, não tem? Um café tão forte quanto possível, e numa caneca grande, se você não se incomoda. Não dormi muito bem a noite passada.

Alice foi para a cozinha e os quatro homens ficaram de pé no espaçoso vestíbulo da casa de Edmund.

— Não estamos com a documentação completa da Statistical Solutions que confirmam nossas preocupações em relação às curvas do gráfico de sino — disse Edmund, doido para dar início aos trabalhos.

— Eu não estou nem aí para isso — respondeu Jerry. — A situação é tão ruim quanto você imaginava. Na verdade, provavelmente é ainda pior do que você temia. Temos que preservar o capital que investimos, e a única forma de fazer isso é agir rápido. Tipo agora.

— Bom, por que não vamos para a biblioteca e nos sentamos lá para tratar do assunto? — propôs Edmund. — Ou para a sala de estar?

— Não, Edmund — disse Jerry subitamente parecendo mais focado. — Você e eu vamos dar uma volta lá fora.

— Uma volta? Lá fora está gelado! É provável até que neve mais tarde.

— Não se preocupe, Edmund, você não vai morrer de frio. Vá buscar um casaco.

Enquanto Russell e Max foram para a biblioteca, Edmund e Jerry saíram de casa, o primeiro protegido por um agasalho de lã e o segundo pelo café que Alice tinha preparado. Foram cinco doses de café expresso, que até mancharam o interior de uma caneca da Universidade de Syracuse.

— Eles fundaram uma empresa para controlar as patentes das técnicas de organogenia — revelou Jerry. — Rothman e Yamamoto. Eles são os caras, não resta dúvida. São eles o problema.

— Estou feliz por você ter levado a questão tão a sério — declarou Edmund.

Caminhavam ao longo de uma trilha ornamental à frente da casa, passando por roseiras que tinham sido muito bem podadas para o inverno. Montinhos de neve se depositavam sobre o gramado à sombra das sebes. O jardim de Edmund jamais parecera tão desnudado.

— Precisamos agir imediatamente. Se aquelas curvas do gráfico se moverem de algum modo para a direita, será um desastre.

— Ainda bem que você vê o mesmo problema que nós estamos vendo.

Jerry parou de caminhar pouco antes do gramado.

— Infelizmente, não temos uma solução financeira simples, como recorrer a intermediários para vender com perda ou securitizar imediatamente as ações de nossas apólices. Com a Gloria Croft nos vendendo a descoberto em grande escala é provável que a gente não consiga nenhum comprador institucional.

— Eu concordo — disse Edmund. — Mas o conceito de acordo de seguro de vida ainda é sólido. Talvez seja a melhor oportunidade empresarial com que já me deparei. Seria uma pena sermos obrigados a abrir mão nesse estágio inicial.

— Com certeza — disse Jerry. *Estou mais certo disso do que você imagina*, ele pensou, mais ainda do que o próprio Max imaginava. — Por isso bolei outro plano.

Depois de uma pausa, Jerry prosseguiu:

— Não é muito ortodoxo, mas é o melhor plano para atender aos interesses de todos nós. Acredite em mim, nas últimas 24 horas não pensei em outra coisa. Mas colocar isso em prática não é tarefa nossa. A responsabilidade é sua. Essa coisa toda *foi* ideia sua. Você é que vai dar jeito nessa lambança toda. Nada vai ficar por escrito; só nós, você e eu, vamos falar sobre isso.

Edmund acenou em concordância; não esperava nada diferente. Não da parte de Jerry.

— Só há uma solução, e vai ter de ser desse jeito, porque o tal cara, o Rothman, chegou à frente de todo mundo.

Seguiu-se outra pausa.

— Acho que o ímpeto de Rothman precisa ser freado. Se conseguirmos isso, creio que teremos uns bons cinco anos até o restante da comunidade científica alcançar o ponto no qual Rothman está neste momento.

Nenhum dos dois disse mais nada. As palavras de Jerry pendiam pesadamente entre eles como se estivessem escritas no ar. Por fim, Edmund rompeu o silêncio agoniante.

— Como faremos para frear o ímpeto de Rothman, Jerry?

— É fácil — respondeu Jerry. — Você o mata.

Edmund se virou e se afastou de Jerry, caminhando de volta para casa. Pegou uma trilha na lateral da residência e Jerry, depois de pousar a caneca vazia no chão, o seguiu até o jardim dos fundos, onde Edmund se sentou num banco que dava para o estuário de Long Island. Jerry sentou-se ao lado dele.

— Assassinato, Jerry? Tipo mandar alguém atirar nele?

Edmund estava estarrecido. Ao mesmo tempo não lhe parecia que pudesse se dar ao luxo de descartar qualquer ideia, por mais estapafúrdia que fosse.

— Não, de jeito nenhum. Os dois devem morrer de uma forma que não desperte suspeita de homicídio. Deve parecer acidente. Não deveria nem mesmo haver investigação, embora eu imagine que isso seja inevitável. Mas não pode haver nada que faça parecer intencional. Porque não estaria fora da esfera de possibilidade de qualquer investigação medianamente competente envolver a LifeDeals. Você mesmo esteve presente àquela reunião na Statistical Solutions e falou sobre o que isso poderia causar ao resultado financeiro da empresa.

— Você tem alguma sugestão específica, Jerry?

Embora a proposta fosse absurda e apavorante, ele queria descobrir o que Jerry estava propondo. Edmund não parecia ter uma carta na manga.

— Na verdade, eu tenho.

Edmund continuava observando fixamente a água.

— Vou lhe contar — disse Jerry. — A maior parte da comunidade médica sabe que o primeiro interesse de Rothman em pesquisa, antes de se envolver com medicina regenerativa, foi a salmonela, que é a principal causadora de doenças por intoxicação alimentar em geral e da febre tifoide em particular. Ele está investigando a virulência da bactéria. O fator que a torna, por um lado, uma bactéria letal, e por outro, a causa incômoda, embora não mortal, de perturbações gastrointestinais. Por que um tipo provoca diarreia, mas outro provoca a morte? Fizemos uma pequena pesquisa. Rothman descobriu que cultivar salmonela no espaço produz uma cepa extremamente letal. Ele deve ser alimentado com um pouco dessa cepa específica. Muita gente não se importa com ele. Muitos invejam o Prêmio Nobel que ele recebeu e o consideram arrogante. Se ele morrer em consequência da bactéria que está estudando, muita gente vai dizer "Puxa, isso é terrível" e depois sorrir diante da ironia do acontecido.

Jerry fazia tudo parecer tão fácil...

— Imagino que isso seria inteligente — disse Edmund, sentindo que deveria falar alguma coisa.

— Mas isso não é nem a metade. A febre tifoide que ele vai manifestar pode matar ou não. É preciso haver algum elemento adicional que garanta a morte certa e rápida, mas precisa ser algo que não se possa detectar facilmente. Existe uma substância chamada polônio-210, muito radioativa e letal se for ingerida. Deveríamos usá-la porque produz muitos dos mesmos sintomas da febre tifoide, e ficaria mascarada por ela. Foi o que matou Alexander Litvinenko em Londres, faz alguns anos.

— Disso eu me lembro. Mas o polônio foi só uma teoria.

— Acho que foi mais que isso — contrapôs Jerry.

— Para que precisamos dele?

— Para ter certeza de que o cara vai morrer. É muito potente. O desafio é que Rothman e seu parceiro trabalham num dos mais avançados centros médicos do mundo. Não podemos contar apenas com a salmonela, por mais virulenta que seja. Um dos pesquisadores, ou os dois, poderia se salvar. É um risco que não podemos correr. Precisamos ter certeza. Cem por cento de certeza. Daí o polônio, e, por sinal, em dose gigantesca.

— Mas onde a gente consegue essa parada? Quem vai comprar isso? O Russell?

— Você contrata as pessoas certas. Profissionais.

— É, Jerry, você anda vendo filmes demais — disse Edmund. — Diga lá, quem vai comprar para nós esse veneno radioativo mortal?

— Albaneses.

— Albaneses?

A voz de Edmund traía sua descrença.

— Existe uma máfia albanesa que nos últimos vinte anos andou crescendo muito em Nova York. Muito violenta, muito cruel, mas também muito confiável quando o assunto é compra e venda. A palavra deles é um compromisso, esse tipo de coisa. Nos anos 1990 o FBI combateu as operações deles, mas tornaram a crescer e estão de novo tentando recuperar sua fama. Você vai perguntar como eu soube disso. Quem me disse foi um homem que passou anos de sua vida tentando botar esse pessoal na cadeia. Ele me forneceu um nome.

Jerry estendeu para Edmund uma folha de papel dobrada ao meio. Edmund enfiou as mãos nos bolsos do casaco e olhou para Jerry.

— Você perdeu a porra do juízo!

Jerry deixou Edmund em paz por alguns minutos. Edmund tinha caminhado para o limite de sua propriedade e ficou ali parado, olhando as águas cinzentas do estuário. Jerry imaginava o estado mental de Edmund — uma parte horrorizada com a simples ideia de uma coisa dessas, outra parte dizendo a ele que não tinha escolha senão colocá-la em prática. Qual lado estaria ganhando? Jerry decidiu jogar sua cartada. Ele tampouco queria ser obrigado a fazer isso, mas por outro lado não havia opção. Ele se aproximou de Edmund e ficou a curta distância, à direita deste, olhando para frente.

— Eu sei sobre você e Gloria Croft.

— Como assim, eu e Gloria Croft? Quer dizer, pessoalmente?

Edmund esperou um segundo, depois virou para encarar Jerry, que estava com o rosto imóvel e olhava para frente.

— O que uma coisa tem a ver com outra?

— Então você sabe do que estou falando?

— Sim, eu sei, Gloria e eu tivemos um... um rolo, no tempo em que trabalhávamos juntos.

— Quando você era chefe dela.

— Sim, Jerry, puxa vida, o que uma coisa tem a ver com outra?

— Você se casou jovem, imagino.

— Naquela época eu estava casado. Admito isso, fui um canalha. Me deixei levar, e não fui o único que algum dia fez disso. Você me diz que nunca fez. Mas eu aprendi minha lição. Agora fico longe de vadias do tipo dela.

— Portanto, Edmund, não houve prejuízo, nenhuma sujeira. É o que você está me dizendo, certo?

— Jerry, eu juro que não tenho ideia da relevância disso. Puxa vida, você acabou de me pedir para *matar* duas pessoas.

Enquanto falava, Edmund virou o rosto para ver se alguém tinha se aproximado.

— Você está tentando me pressionar com *isso*?

— Acho que você não sabe de um detalhe. Eu tinha esperança de não precisar trazer isso à tona, mas pelo jeito você não me deixa alternativa.

Jerry olhou para o outro. Minutos antes, em relação a Edmund, ele tinha cruzado uma ponte; agora iria queimá-la.

— Quando você e Gloria Croft estavam dormindo juntos, ela ficou grávida...

— Ora, Jerry, que *merda*...

— Ela ficou grávida, Edmund, e ela fez um aborto e nem tudo deu certo. Ela foi a uma boa clínica, posso dar o nome a você, mas o procedimento teve algumas complicações sérias. Posso lhe fornecer os detalhes, caso você precise. Ela sobreviveu, mas ficou estéril, e não pode mais ter filhos. Imagino que isso também a tenha deixado muito ressentida com o homem envolvido.

— Por que eu deveria acreditar nisso?

O rosto de Edmund estava tomado pela fúria, e ele tinha os punhos fechados ainda enfiados nos bolsos do casaco, a mão esquerda latejante do soco que tinha dado na porta do elevador. Ele chegou mais perto de Jerry, de um jeito quase ameaçador.

— Você está tentando me chantagear? Nem acredito...

— A informação surgiu quase por acaso — continuou Jerry. Causava-lhe surpresa a notável calma que sentia. — Estávamos procurando sujeira sobre Gloria quando soubemos disso. Conheço alguém que tem contatos no departamento de registros de certos hospitais, e ele encontrou o arquivo certo. A cronologia está batendo, nós conferimos; e tem até uma anotação na ficha dizendo que ela só teve um parceiro sexual. Eles estavam investigando doenças sexualmente transmissíveis, por isso fizeram essa pergunta. Meu palpite é que o tal parceiro foi você.

— Conversa fiada.

— Você usa camisinha todas as vezes, Edmund? Ela faltou ao trabalho por um tempo, na época em que vocês pararam de se encontrar? Talvez você não se lembre, mas duvido que gostasse que seus analistas ficassem tirando muito tempo de licença. E talvez ela tenha saído da empresa pouco depois disso, estou correto?

Edmund suspirou. Ele se sentiu esvaziado, quase literalmente, como se o ar tivesse sido sugado de seus pulmões. Voltou a contemplar a água.

— Então o que você vai fazer com essa informação? E não estou dizendo que seja verdade.

— Ainda há pouco eu estava comentando que você tem uma esposa adorável, um lar maravilhoso. Eu estava sendo sincero. Só estou lembrando a você, Edmund, o que está em jogo aqui. Talvez não veja as coisas com a mesma clareza com que eu vejo. Mas todos trabalhamos com muito afinco para conseguir o que temos, e há tanta gente que nos inveja, que diz que não merecemos tudo isso, mas sabemos a verdade. Merecemos tudo o que temos. Sem nós, esse país estaria faminto de inovação. Nada de novo seria criado. Tudo bem, então alguém irá cultivar órgãos fora do corpo, mas não agora, não quando eles vão destruir esse produto maravilhoso que é o nosso. A ideia que você teve é fantástica e você precisa protegê-la.

Jerry fez uma pausa.

— Agora você está dizendo que o que acabo de lhe dizer é conversa fiada. Nem tudo é conversa fiada, não é mesmo? Nem pode ser. E o que Alice dirá se receber um bilhete contando que seu marido dormiu com a analista dele, que ficou grávida? Duvido que vá ficar tranquila só porque disseram que isso é conversa fiada.

Edmund não retrucou.

— Estou dizendo, os albaneses podem fazer tudo isso desaparecer. Garanto a você que eles já fizeram coisas mais difíceis. Acontece que é verdade o que se diz: o dinheiro realmente consegue comprar qualquer coisa. Olhe a seu redor, Edmund, você tem coisas demais a perder.

— E quanto a Gloria Croft?

— Não se preocupe com ela — respondeu Jerry. — Vai ter o que merece quando o preço das ações da LifeDeals for parar lá em cima.

Jerry tornou a estender a folha de papel. Desta vez Edmund esticou o braço relutantemente e pegou o papel, que desdobrou e leu. Jerry tocou uma vez no ombro dele com a mão esquerda, depois se virou e caminhou de volta para casa. Edmund ficou parado onde estava, olhando fixamente para o nome escrito no papel, que para ele não significava nada, e ao mesmo tempo significava tudo.

PARTE II

25

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
23 DE MARÇO DE 2011, 12H02

Para Tobias Rothman, o auge da felicidade era poder trabalhar sem ser interrompido, nos limites seguros do laboratório, tendo o Dr. Yamamoto ao lado. Yamamoto era uma espécie de braço direito de Rothman. Este podia levantar a mão e o assistente já sabia o que ele desejava, sem precisar pedir. Os dois se comunicavam por olhares e gestos, e às vezes, Rothman jurava, pela intuição. Se Rothman podia intuir alguma coisa hoje, enquanto trabalhavam juntos sob a coifa do laboratório de biossegurança nível-3, era que seu colega não se sentia muito bem. Em duas ocasiões Yamamoto tinha perdido a deixa dada pelo colega. Na verdade, o próprio Rothman também não estava muito bem, principalmente nas últimas horas. Sentia um discreto desconforto gástrico, mas o pior era uma espécie de sensação de cabeça oca, como se andasse pisando em ovos. O mal-estar começara uma hora depois da pausa para o cafezinho das nove. Eles estavam trabalhando na unidade desde as seis da manhã.

Rothman olhou para Yamamoto, que estava virado para a parede, as mãos apoiadas na bancada do laboratório, respirando com dificuldade. Yamamoto se voltou para olhar o colega, e Rothman viu que ele tremia. Como estava de touca e máscara, só os olhos dele ficavam visíveis, e refletiam medo. De repente

Rothman também sentiu medo, e começou a tremer. Tinha a sensação de ter acabado de entrar num banho de água gelada e, no entanto, suava e sentia náuseas. Era bem possível que estivesse acontecendo aquilo que passou por sua mente como um relâmpago. Eles tinham tomado todas as precauções de praxe e seu histórico de segurança era perfeito.

No instante seguinte, Yamamoto revirou os olhos e desabou no chão como um saco. Rothman tentou se equilibrar antes de ir socorrer o colega, mas subitamente se sentiu muito pior. O salão oscilou diante dele. O cientista sentiu que ia desmaiar e pouco antes de perder os sentidos, sua mão alcançou o botão vermelho na parede.

Pia estava sentada em sua sala comparando anotações com Will e Lesley. Eles se refugiaram ali apesar de o cômodo ser apertado, pois havia mais um operário no laboratório, trabalhando com a fiação do teto. Ele estivera na sala dela e na de Rothman, mas felizmente terminara o serviço nesses espaços. Por sorte não era o mesmo sujeito, Vance, que tanto a incomodara nas semanas anteriores.

Nas três semanas que passaram trabalhando juntos os estudantes tinham formado uma equipe eficiente e estavam fazendo muito progresso nos problemas de temperatura e pH dos banhos de órgãos. Quando não estavam dormindo, estavam no laboratório, inclusive nos fins de semana, mas ninguém se queixou nem por um minuto.

Então, de repente, foi como se tivesse irrompido um tumulto na porta do laboratório.

— Que porra...?! — começou a dizer Will, enquanto os três saíam correndo, se atropelando, da sala de Pia.

Do ponto em que parou, Pia viu pessoas passando apressadas pela porta. A sala estava sendo invadida. Eram cerca de vinte pessoas de jaleco longo, touca, máscara e botinas de pano, que se precipitaram em direção à unidade de biossegurança. Fechando a retaguarda vinha um par de macas com equipamentos de transfusão e bolsas plásticas de soro batendo na haste de metal, empurradas por outras pessoas de jaleco. As macas desapareceram na unidade de biossegurança, cuja porta tinha sido mantida aberta com um calço. Pia sentiu um frio na barriga.

Um homem parou junto à mesa de Marsha e ficou ao lado da secretária aterrorizada, que pressionava uma das mãos contra a boca; outro homem bloqueou a porta de entrada, que foi novamente fechada, barrando o acesso ao corredor e ao restante do centro médico. O pessoal do laboratório amontoou-se no centro da sala, e houve uma onda de conversas em voz alta e perguntas feitas aos gritos.

— Isto é uma simulação? — indagou Lesley. — O que está acontecendo?

A pessoa ao lado da mesa de Marsha baixou a máscara que tinha no rosto. Era um afrodescendente de cinquenta e poucos anos, de pele negra como ébano; sua voz era calma, mas imperativa.

— Tudo bem, pessoal, isso não é uma simulação. Estamos passando por uma situação de emergência e eu preciso que todos fiquem exatamente aqui, onde estão. Falta alguém do laboratório?

Todos olhavam em volta, procurando os colegas no meio dos mais de quinze técnicos e do pessoal de apoio que estava por ali. Pia avistou, parado no fundo da sala, o funcionário da manutenção com seu macacão, boquiaberto como os outros presentes.

— Estão todos aqui? Muito bem, meu nome é David Winston. Sou do corpo de guarda do hospital. Os outros aqui são um grupo misto da emergência do hospital e do Departamento de Doenças Infecciosas. Darei mais informações depois. Peço a todos o favor de permanecerem nesta área. Agradeço a cooperação de vocês.

A equipe ficou reunida em pequenos grupos, que conversavam. Incapaz de ficar parada, Pia andava em círculos no espaço apertado. Ela sabia que o que estava acontecendo não era bom, fosse o que fosse. Uma onda de ansiedade a invadiu.

De repente, a porta do laboratório se abriu e um homem alto de aparência distinta entrou depressa e atravessou o cordão de isolamento em direção à unidade de biossegurança, evitando deliberadamente fazer contato visual. Como os outros, ele estava com roupas de proteção, mas sua máscara pendia sobre o peito. Usava um terno sob o jaleco, e não os trajes de centro cirúrgico usados pelos demais. Pia sabia que ele era o chefe do Departamento de Doenças Infecciosas, o Dr. Helmut Springer, pois tinha assistido a várias palestras de patologia ministradas por ele durante o segundo ano do curso.

O zumbido das conversas de fundo ficou mais alto. A maioria reconheceu o Dr. Springer. Todos no laboratório tinham perfeita consciência de que trabalhavam com microrganismos altamente virulentos e contagiosos. Era possível ter havido alguma contaminação? Onde estavam o Dr. Rothman e o Dr. Yamamoto? A aparição de Springer só serviu para aumentar a tensão. O homem junto à porta falava no celular, claramente coordenando a operação.

— Já estamos indo para aí; horário previsto para chegar: dentro de cinco minutos. — Ouviram-no esbravejar ao telefone.

Colocando rapidamente a máscara no rosto, Springer abriu por completo a porta da unidade de biossegurança. Como se obedecendo a um sinal, as macas reapareceram, uma na frente levando o Dr. Rothman, a outra atrás com o Dr. Yamamoto. Os dois recebiam soro e estavam com máscaras de oxigênio. Rothman passou na frente de Pia, que se adiantou para dar uma olhada. Ela viu que ele estava mortalmente pálido e que tremia muito. Seus olhos estavam fixados à sua frente, olhando para o teto. Parecia à beira da morte.

Com a mesma velocidade que teve ao chegar, o desfile de médicos partiu. Ficaram somente o Dr. Springer e Winston. Springer se dirigiu aos traumatizados integrantes da equipe. Alguns se agarravam aos outros em busca de conforto, outros punham as mãos sobre a boca, sem acreditar no que tinham acabado de testemunhar.

— Como vocês podem ver, os doutores Rothman e Yamamoto caíram doentes. Numa primeira avaliação, temos que considerar isso uma severa febre tifoide. Os dois estão apresentando sintomas clássicos: febre, súbita prostração, problemas abdominais, delírio, borborigmos no quadrante inferior direito.

Springer enumerou os sintomas com os dedos da mão esquerda, como se estivesse passando uma visita médica formal. Uma vez professor, sempre professor, pensou Pia.

— Obviamente estavam trabalhando na unidade de biossegurança. Mas alguém pode me dizer com que exatamente eles estavam trabalhando?

O técnico de laboratório Panjit Singh deu um passo à frente.

— Com cepas de salmonela cultivadas no laboratório da estação espacial. Sei disso porque arrumei tudo para eles hoje de manhã. Passaram semanas trabalhando com isso.

— Tudo bem, muito obrigado, a informação é muito relevante. Você sabe se existe algum estudo de sensibilidade a antibiótico para essas cepas especiais?

— Sim, muitos. Posso ir buscá-los para o senhor.

— Ótimo, vou precisar deles, muito obrigado. Mais tarde o Sr. Winston vai falar com vocês sobre procedimentos, mas para dar um resumo: ninguém pode entrar no laboratório nível-3 até que ele seja liberado. A entrada no laboratório de Rothman está suspensa até segunda ordem. Já telefonei para o Centro de Controle de Doenças para pedir ajuda deles no aspecto epidemiológico, para podermos descobrir de que modo ocorreu essa contaminação. Neste exato momento todos vocês precisam me acompanhar à Clínica de Doenças Infecciosas, onde serão testados para febre tifoide. Todos também precisarão tomar uma dose profilática de antibióticos. Isso é muito importante. Durante a semana que vem vocês têm que monitorar duas vezes por dia a própria temperatura. Qualquer coisa estranha, venham imediatamente nos procurar. Se for um grau acima ou abaixo do normal, vou querer ver vocês. Alguma pergunta?

— Quem apertou o alarme? — perguntou Singh.

— Há um botão de alarme no laboratório de biossegurança — explicou Springer. — Um dos dois médicos deve tê-lo apertado. Vamos conferir pelo vídeo.

— Todo mundo precisa ir à clínica? — perguntou Pia. — Até quem não esteve hoje dentro da unidade de biossegurança?

— Definitivamente sim. E o Sr. Winston também anotará os nomes de todos os que estiveram entregando suprimentos, ou refeições, ou seja lá o que for. Queremos ver todos os que puseram os pés dentro deste laboratório. É só isso. Obrigado por sua cooperação.

O ruído de conversas tornou a se elevar.

— Ai, meu Deus! — disse Lesley. — Você viu a aparência deles? Deve ter acontecido muito depressa.

— O Dr. Yamamoto me disse que não se sentia muito bem hoje de manhã — informou Will. — Mas, sim, eu vi a aparência deles. Acho que é melhor a gente fazer o que eles recomendaram.

Pia olhou em volta. O cara da manutenção estava parado lá no fundo, e mesmo sem vontade de falar com ele, ela sabia que ele precisava seguir o

protocolo.

— Houve um problema médico — disse Pia ao homem, em cujo crachá temporário figurava o nome O'Meary. — Você precisa vir até a clínica com todos os outros.

O'Meary parecia nervoso e não respondeu nada. Winston chamou Pia em voz alta.

— É hora de sair — anunciou. — Vamos trancar o local.

Evidentemente não havia como discutir. Pia esperou O'Meary ir embora e seguiu na frente de Winston. Este, por ser o último a sair, puxou a porta para trancá-la e falou com duas pessoas paradas do lado de fora e vestidas com macacões anticontaminação.

— Ninguém entra aqui — determinou Winston. — Coloquem a fita de segurança.

Os homens de macacão fizeram que sim com a cabeça e se puseram a trabalhar.

Enquanto se dirigiam para o elevador, Pia viu que o andar inteiro estava sendo evacuado, com outras equipes sendo levadas para baixo pelas escadas. Havia diversas pessoas trajando macacão anticontaminação, parecendo robôs. Durante a descida pelo elevador, Pia sentiu o coração bater acelerado, e foi obrigada a se concentrar em respirar fundo. Estava um pouco tonta por causa da respiração curta. Enquanto andava pela calçada, foi acometida por uma sensação semelhante ao pânico. Tudo a seu redor parecia perto demais e ao mesmo tempo incrivelmente distante. Ela havia parado de andar e estava se segurando em alguém. As vozes soavam altas em seus ouvidos.

"Venha comigo", uma mulher está dizendo. É um dia ensolarado e quente, mas Pia está se sentindo gelada. A mulher tem um sorriso agradável e está segurando sua mão. Pia sabe que este é um lugar novo. Não faz muito tempo que chegou. Esse foi o primeiro sorriso que viu, e ainda agora parece estranho a ela. Adultos não ficam o tempo todo de sorriso pregado na cara. Pia e a mulher entraram e estão caminhando em direção a uma porta grande. A sensação é de estarem subindo um aclive. "Este é o escritório do diretor", diz a mulher. Ela abre a porta e empurra Pia para dentro. Esta ouve a chave girar trancando a fechadura. "Olá, Pia", diz o homem. Ele também está sorrindo, mas é um sorriso torto, não é um sorriso receptivo...

Pia ergue a vista. Está sentada no chão, na 168th Street, com os carros passando a seu lado. Winston segura sua mão para apoiá-la, e está olhando para ela.

— Você está bem?

— Sim, acho que sim.

— Você desmaiou. Ou quase. Como não está transpirando, acho que não tem febre. Parece que está bem. Pronta para se levantar?

Pia esperou um segundo e permitiu que Winston a ajudasse a ficar de pé. Depois se lembrou de onde estava e do que havia acabado de acontecer. Com perturbadora clareza ela viu Rothman deitado na maca, uma expressão de morte no rosto, e a imagem a deixou apavorada. No decorrer de três anos e meio Pia tinha passado a confiar cada vez mais na estranha amizade daquele homem, principalmente depois da conversa franca que tiveram semanas antes. Até aquele momento, a relação deles era como a de duas pessoas vagando por um quarto escuro confortavelmente, e de vez em quando sentindo a presença da outra, e nada mais. Mas depois da conversa, das revelações pessoais, ela sentia que eles tinham atingido outro nível. Rothman se transformou no substituto do pai pelo qual ela sempre ansiou. O principal era ter confiado nele, apesar de ter aprendido a não confiar em ninguém, a não permitir a ninguém ficar em uma posição em que pudesse traí-la, como tantos tinham feito.

Agora, enquanto cambaleava pela rua, Pia foi dominada pela constatação de que justamente quando havia permitido a Rothman penetrar no mundo dela, ele iria abandoná-la. Por que ele estava fazendo isso? E por que justamente agora? Era irracional pensar assim, mas será que ele fizera isso só para prejudicá-la? Afinal, ele admitira que estava deprimido. Ela se sentiu quase paralisada de ansiedade.

Na Clínica de Doenças Infecciosas, Pia estava tremendo quando lhe entregaram o pacote profilático de antibióticos. Sentou-se na sala de espera e sua mente foi clareando. Percebia que várias pessoas tinham tentado falar com ela, mas não as escutava.

— Senhorita Grazdani! — Uma enfermeira, parada diretamente à sua frente, chamou-a com rispidez.

Um pouco mais e ela acionaria a emergência, avaliando que a jovem deveria ser internada caso continuasse em estado de choque.

Sem despertar completamente, Pia se endireitou na cadeira e se concentrou no rosto da enfermeira.

— Estou aqui — anunciou. — Desculpe, o que você disse?

— Eu disse que você não pode voltar para o laboratório. Ele vai ficar fechado até os epidemiologistas do Centro de Controle e Prevenção de Doenças Infecciosas de Atlanta chegarem e atestarem que está descontaminado. O que você deve fazer, assim como recomendei aos outros, é ir para casa e começar a tomar os antibióticos e controlar a temperatura. Há alguém em sua residência que a gente possa chamar? Senhorita Grazdani, está passando mal?

— Eu estou ótima — garantiu Pia.

26

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
23 DE MARÇO DE 2011, 14H37

O dia não estava quente, mas Pia teve vontade de se sentar ao ar livre. Encontrou um banco num pequeno retângulo de cimento, que em Nova York é chamado de parque, e se sentou com as mãos nos bolsos do casaco, a cabeça baixa, o capuz encobrindo os olhos. Sua mente repassava várias vezes a cena que tinha acabado de testemunhar. Havia uma nitidez surreal, como se se tratasse de um de seus pesadelos. Infelizmente, era real.

Depois de se acalmar o suficiente, Pia se levantou do banco e começou a caminhar em direção ao alojamento estudantil. Ao chegar à metade do caminho, mudou de ideia; dando meia-volta, seguiu de novo para o hospital. Ali, num bebedouro, ela tomou os dois primeiros comprimidos de seu coquetel de antibióticos, antes de continuar até o setor da clínica médica.

No balcão da enfermaria, perguntou pelo Dr. Rothman e foi encaminhada à ala de doenças infecciosas no andar de cima, onde estavam internados seu orientador e Yamamoto. Ela queria verificar o estado de Rothman, na esperança de que tivesse melhorado graças ao tratamento. Se fosse o caso, queria lhe perguntar se sabia como ele e Yamamoto haviam se contaminado. Mesmo consciente de que os epidemiologistas estariam fazendo as mesmas perguntas, Pia tinha uma razão pessoal para considerar esta possibilidade: a

ideia disparatada de que ele tivesse feito aquilo de propósito, fato que ela reconhecia como irracional, mas que em sua opinião exigia ser investigada.

Pia tinha outra preocupação. Aprendera por experiência própria a ter uma desconfiança absoluta por qualquer instituição e a supor que nada seria feito do jeito que deveria ser. Ela sabia que Rothman era detestado por quase todos os colegas do centro médico. Ele era indelicado, aparentemente arrogante e antissocial. Embora o protocolo médico e a simples decência humana exigissem que cada paciente recebesse a devida atenção da equipe médica e o melhor tratamento disponível, ela não pôde deixar de pensar que a fama de Rothman talvez alterasse os padrões de atendimento.

Pia usou suas credenciais de estudante de medicina para acessar o setor e descobriu que os dois pesquisadores estavam em quartos adjacentes e de pressão negativa, em que o ar entra, mas não sai. Ambos estavam em isolamento estrito, mas não havia ninguém de guarda. Pia começou a vestir o traje de segurança — jaleco, touca, máscara, luvas e botinas de pano — na antessala, mas, quando estava a ponto de pôr a máscara, o Dr. Springer surgiu do quarto de Rothman. Ele tirou a máscara e ficou olhando para ela.

— Que diabo está fazendo aqui? Você é a aluna do Rothman, não é? Pois deveria estar em casa.

— Tomei o antibiótico e minha temperatura está ótima. Sei que não estou contaminada. Não estive hoje na unidade de segurança, nem mesmo em contato com o Dr. Rothman e o Dr. Yamamoto. É muito importante que eu fale com o Dr. Rothman.

— Meu Deus! É claro que você não pode falar com ele. As únicas pessoas autorizadas a entrar são da equipe médica designada para o caso. Nada de família, nem amigos, e com certeza nenhum estudante de medicina.

— Não há ninguém lá dentro olhando para ele neste momento. O senhor tem certeza do diagnóstico? Este é o melhor lugar para tratar o quadro dele?

— O que você quer dizer com "é o melhor lugar"?

Springer balançou a cabeça de um lado para o outro, incrédulo.

— Eu sei o que as pessoas pensam do Dr. Rothman por aqui...

— Mocinha, não sei o que você está querendo dizer, mas no Centro Médico Columbia todo mundo recebe o mesmo excelente cuidado que os demais,

amigos ou inimigos, ricos ou pobres. Não faz a menor diferença. E acontece que eu gosto do Dr. Rothman.

— Tudo bem, me desculpe, só estou confusa.

Ela não queria ser expulsa do setor.

— Estive trabalhando com os dois durante mais de três anos nas cepas de salmonela que provavelmente estão envolvidas, e acho que talvez possa ajudar.

— Tudo bem — respondeu Springer. Ele relaxou um pouco, percebendo que as intenções de Pia eram boas, porém, totalmente além das possibilidades. — Tenho que dizer que eles estão delirando. Ainda que eu a deixasse entrar, você não conseguiria obter nada do Dr. Rothman. Venha comigo.

Springer removeu o traje protetor, que atirou num cesto. Pia fez a mesma coisa.

Springer levou a estudante de volta ao balcão da enfermaria, e, sentando-se com ela, detalhou a lista de exames que foram pedidos, entre eles um hemograma completo, contagem de eletrólitos, hemocultura, exame de urina e de fezes, testes microbiológicos de DNA e as radiografias necessárias. Àquela altura, alguns resultados confirmaram que o agente infeccioso era uma das cepas de salmonela com a qual os dois cientistas estiveram trabalhando, a que Rothman tinha batizado de cepa alfa, a mais virulenta das três cultivadas no espaço. Ele também mencionou que a contagem de glóbulos brancos acusava uma discreta leucopenia, o que significava índices um pouco baixos, um quadro que muitas vezes se encontrava na febre tifoide. Ele declarou que os eletrólitos, ou seja, primariamente sódio, cloreto, cálcio e potássio, estavam normais. Para concluir, Springer disse a Pia que a temperatura, a frequência cardíaca, a pressão arterial, o grau de oxigenação do sangue, a produção de urina e a pressão venosa central de Rothman e Yamamoto estavam sendo monitorados, e que naquele momento o único parâmetro anormal era a temperatura.

— Eles estão em estado grave, principalmente considerando a rapidez com que a doença se instalou — acrescentou o Dr. Springer.

— Que antibiótico estão tomando?

Ela já sabia, de acordo com os estudos de Rothman, que havia controvérsias sobre qual seria o melhor antibiótico a usar nos casos sérios de salmonela.

— Esta é uma boa pergunta — disse o Dr. Springer. — Na verdade o Dr. Rothman me passou recentemente um informe sobre as descobertas que ele tinha feito em seus estudos de sensibilidade aos antibióticos nessas cepas de gravidade zero. Todas as três em que ele estava trabalhando eram muito sensíveis ao cloranfenicol. Esse antibiótico foi considerado a certa altura a melhor opção para a febre tifoide, mas na década de 1970 caiu em desuso porque as novas cepas de salmonela estavam se tornando resistentes. O Dr. Rothman disse que por terem sido cultivadas no espaço, essas cepas eram mais virulentas, mas de certo modo também perderam a resistência ao cloranfenicol. Ele se interessou porque a resistência à medicação é um grande problema no caso da salmonela.

— O senhor já pensou em experimentar ceftriaxona? — perguntou Pia referindo-se a um antibiótico mais recente.

Springer hesitou, olhando-a de alto a baixo. Tentara ser amável com ela, pois obviamente estava preocupada com o mentor. Quando voltou a falar, a voz e a sintaxe tinham mudado. Havia um certo grau de tensão.

— Na verdade, quando conversei com você eu não estava solicitando uma consulta. É por mera gentileza que estou fornecendo a você as informações sobre o estado do Dr. Rothman, e o curso do tratamento. Mas para responder sua pergunta, se é que se tratava de uma pergunta, há um pouco de sensibilidade à ceftriaxona, mas significativamente menor do que há em relação ao cloranfenicol.

— O cloranfenicol pode causar anemia aplástica — disse Pia, sem perceber o sinal dado por Springer de que ela estava sendo inconveniente.

— Sim, é claro que levamos em consideração os efeitos colaterais. Agora me dê licença.

Springer se levantou de súbito. Num gesto abrupto, se afastou de Pia e foi falar por instantes com um dos residentes que estavam ajudando a cuidar de Rothman e Yamamoto; depois, saiu do setor.

Pia aguardou alguns minutos antes de ir falar com o mesmo residente, que estava lendo um gráfico.

— O que acha do Dr. Springer? Você o considera qualificado?

— O que eu acho? Ele é o melhor do país. Se não fosse assim eu não estaria aqui.

Intrigado com a pergunta, o residente foi embora, deixando Pia sozinha ao lado do balcão da enfermaria.

27

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
23 DE MARÇO DE 2011, 19H38

A notícia do que aconteceu com Rothman e Yamamoto espalhou-se rapidamente pela comunidade médica da Columbia. Como todos os outros, George Wilson tinha ouvido falar do caso e só podia imaginar o efeito que estava causando em Pia. Preocupado, foi à procura dela. Demorou, mas finalmente conseguiu localizá-la. Ela não atendia o celular; nem Will nem Lesley a tinham visto; logo, ele foi obrigado a ir atrás dela pessoalmente. George teve sorte nas estantes da biblioteca, lugar onde sabia que ela procurava conforto. Depois de argumentar um pouco, ele a convenceu a acompanhá-lo de volta à cantina do alojamento.

Pia não conseguia recordar uma ocasião em que estivesse tão confusa. O que a deixava mais incomodada era o conflito das emoções que sentia. Normalmente, em sua vida tumultuada, o estresse tinha causa definida, mas agora ela não sabia se ficava abalada com o terrível estado em que se encontrava Rothman ou zangada com ele por seu desleixo em se deixar contaminar pela bactéria com que estivera trabalhando. E havia outro sentimento presente: o temor em relação ao próprio futuro, com o qual acreditara ter sido tão cuidadosa, mas que agora parecia estar em jogo. Também se enfureceu por ter permitido a Rothman penetrar em sua tão bem construída fortaleza interior.

Por fim, tinha de lidar com George, que estava tentando ser solidário, mas piorando tudo com suas perguntas.

— Não aguento mais ficar sentada aqui — disse Pia de repente, sem se incomodar por ter interrompido George.

— Você não comeu nada — comentou ele, baixando a vista para a bandeja dela. — Você tem de comer.

— Não consigo — queixou-se Pia. — É importante, para mim, sentir que estou no controle. Não estou sentindo isso. Minha vida está se desmoronando. Preciso ver Rothman. Preciso mesmo.

Para ela a segurança era essencial, assim como o controle. No momento não sentia nenhuma das duas coisas.

— As visitas estão liberadas?

— Não sei nem se ele está consciente. Mas não sou uma visita, estou preocupada com o tratamento que está recebendo.

— Eu vou com você — disse George.

Ela não teve certeza se queria a companhia dele.

— Você não tem outras coisas para fazer?

— Nada de importante. Eu quero ajudar.

— Por mim tanto faz.

Pia levantou-se bruscamente da mesa, deixando a comida intocada na bandeja. George pegou o sanduíche dela, de peito de peru, ainda na embalagem, guardou-o no bolso da jaqueta e saiu correndo para alcançá-la. Como Pia se dirigiu ao hospital, ele a seguiu. George tentava conversar, mas desistiu quando não obteve resposta. Pia não enxergava mais nada.

O andar onde Rothman e Yamamoto foram internados estava apinhado de profissionais da área médica e seus auxiliares. Havia poucos pacientes à vista. A maioria estava de cama, num estado em que não era permitido que se levantassem. Pia localizou a residente de plantão, a Dra. Sathi De Silva. Na qualidade de única plantonista especializada em doenças infecciosas, ela estava ocupadíssima, não só com os dois pacientes célebres, mas também com uma enfermaria lotada, e mais algumas pessoas que aguardavam a atenção dela na emergência. Como Pia e George estavam usando o longo jaleco branco da escola de medicina, a Dra. De Silva os identificou como estudantes que provavelmente estavam fazendo rodízio de clínica médica. A Dra. De Silva

levava suas responsabilidades pedagógicas extremamente a sério, portanto, quando Pia começou a fazer perguntas sobre o Dr. Rothman, ela deixou de lado o que estava fazendo.

— Para responder a sua pergunta: tanto o Dr. Rothman quanto o Dr. Yamamoto encontram-se em estado crítico. Estão delirando e não se comunicam.

— Eu soube que estão tomando cloranfenicol. O que você acha dessa escolha?

A Dra. De Silva deu de ombros.

— Considero uma boa escolha. É, sim. A situação deles é especial porque existem antibióticos mais modernos, mas neste caso temos estudos de sensibilidade que mostram que as cepas de salmonela envolvidas são singularmente sensíveis. O Dr. Springer acredita que essa é nossa opção mais promissora. Estamos monitorando os efeitos colaterais, mas não vimos nenhum. Se houver algum problema, sempre podemos mudar para uma cefalosporina mais recente, de terceira geração.

— Que caso estranho — comentou Pia.

— Um dos mais estranhos — concordou a Dra. De Silva. — E não deixa de ser um pouco irônico.

— Já se sabe como eles se contaminaram?

— Se alguém sabe, não ouvi nada a respeito. Sei que os epidemiologistas do centro de controle e prevenção de doenças, o CDC, revistaram o laboratório, e em especial a área de confinamento do nível-3, onde era mantida a cepa de salmonela. Acho que a preocupação inicial deles foi com algum defeito na coifa, mas tudo indica que estava funcionando perfeitamente. Havia algumas bactérias, mas isso era de se esperar. Que eu saiba, fizeram culturas, mas só em 24 horas teremos os resultados. Estou sabendo de tudo isso por terceiros. Minha única tarefa é cuidar dos pacientes.

— Naturalmente. O CDC já terminou de revistar o laboratório?

— Faz uma hora que o Dr. Springer informou que a maior parte dos técnicos já tinha voltado para Atlanta.

O celular da Dra. De Silva tocou e ela leu de relance a mensagem de texto.

— Puxa, tenho de ir. Gostei de conversar com você.

— A gente pode ver o Dr. Rothman?

— Não vejo problema, mas vocês não terão muitas novidades — respondeu a Dra. De Silva, já se afastando. — Como eu falei, ele está delirante. Se vocês entrarem, não se esqueçam de usar os trajes de segurança e não tragam nada para fora!

Pia se encaminhou ao quarto de Rothman decididamente. George tropeçava atrás dela.

— O que está fazendo? — reclamou George. — Você não pode entrar aí. Ele está doente, não pode lhe dizer nada. Por que se arriscar?

Pia não respondeu. Vestiu o traje de segurança de acordo com as exigências das Precauções Universais estabelecidas pelo CDC, expostas em um cartaz na porta. George continuou a tentar dissuadi-la da visita, mas Pia o ignorou. Ele encontrou um traje de segurança para si e entrou no quarto com a colega. Quando atravessaram o portal sentiram o ar entrando com eles.

Pia caminhou direto para a cama. Diversas medicações estavam sendo aplicadas por via intravenosa, todas misturadas com antibióticos.

— Dr. Rothman? Dr. Rothman?

Rothman se moveu e entreabriu os olhos.

— Dr. Rothman, o senhor está me ouvindo?

— O que está *fazendo*? — perguntou George, os nervos abalados por diversos motivos.

Nem ele nem Pia faziam parte da equipe de residentes de clínica médica, logo não tinham justificativa nem desculpa para estar ali. E por que Pia estava tentando falar com o Dr. Rothman? O homem estava delirante. Afora os problemas em que eles poderiam se envolver, George estava nervoso por causa da salmonela que tinha atacado o Dr. Rothman. O cientista parecia gravemente enfermo, a pele cinzenta e mechas soltas do cabelo coladas na testa pálida.

— Ele não parece nada bem — comentou Pia.

— Nem me diga — disse George nervoso.

— Meu Deus, veja isso! O cabelo dele está caindo.

Pia apontou para tufos de cabelo no travesseiro do doente, mas George não queria nem saber. Agora Rothman estava agitado e se contorcia contra as amarras, enquanto balbuciava algumas palavras. Pia pegou o prontuário médico e o folheou.

— A temperatura dele subiu. Não muito, mas ainda assim...

— Pia, vamos embora! — implorou George falando baixinho.

— Você pode ir, George, eu não vou. Ainda não.

Trabalhando com Rothman, Pia aprendera muito sobre a febre tifoide e sua causa, a *salmonella typhi*. Ela conhecia os sinais de perigo da doença e o fato de atacar o intestino delgado, concentrando-se no tecido linfático, chamado de placas de Peyer. A camisola de Rothman estava repuxada para um lado, e Pia expôs um pouco mais o abdome do médico. Ela pressionou devagar a parte superior do abdome e Rothman se contorceu e mexeu a cabeça de um lado para o outro.

— Com certeza ele está mostrando sinais de desconforto, talvez dor abdominal — disse Pia. — Isso não é bom.

George estava fora de si. Pelas janelas de vidro aramado das duas portas do quarto de isolamento, ele podia ver algumas pessoas passando pelo corredor externo. Indo até as portas ele fechou as persianas, na esperança de ganhar algum tempo para Pia. Quando ela aliviou de repente a pressão que estava aplicando, Rothman teve uma leve reação, surpreendendo Pia, como se o alívio da pressão tivesse causado mais incômodo.

— Você viu isso? Ele se encolheu. Você diria que ele se encolheu?

Ela repetiu a manobra e obteve o mesmo resultado.

— Decididamente, ele se encolheu.

— Seja lá o que você estiver fazendo, isso vai causar nossa expulsão da faculdade se não sairmos daqui agora mesmo. Estamos passando dos limites com dois pacientes famosos.

— É sensibilidade de rebote, também conhecida como descompressão dolorosa — assinalou ela. — Sinal de peritonite, inflamação da mucosa da cavidade abdominal. Significa que a bactéria penetrou a mucosa do intestino delgado.

Pia estendeu o braço e apertou a tecla de intercomunicação. A enfermeira no comando atendeu.

— A Dra. De Silva está disponível? Se estiver, peça que venha aqui imediatamente. O paciente está apresentando sensibilidade de rebote.

George estava pulando no lugar. *Agora ela realmente meteu os pés pelas mãos*, ele pensou.

Imediatamente, a Dra. De Silva entrou no quarto, apalpou a barriga do Dr. Rothman e confirmou a descoberta de Pia.

— E veja só, ele está perdendo cabelo — acrescentou Pia.

— Isso pode ser o cloranfenicol. De qualquer jeito, a sensibilidade de rebote indica que o cloranfenicol não está controlando a infecção. Vamos ter que mudar o antibiótico. Vou chamar o Springer e pedir a ele uma sugestão. Obrigada por sua ajuda.

A Dra. De Silva saiu do quarto.

— Ele está piorando — disse Pia, olhando desanimada para Rothman.

— Sensibilidade de rebote não é um bom sinal — disse George. — Mas você já fez tudo que podia. Vamos embora. Você ouviu a doutora, ela vai chamar o Springer.

Após George e Pia tirarem o traje de segurança, voltaram ao balcão de enfermaria, onde encontraram a Dra. De Silva falando ao telefone com Springer. Pia se aproximou para ouvir o que a Dra. De Silva falava. Parecia que Springer estava dando instruções.

— Tudo bem, ceftriaxona... — dizia a Dra. — E a queda de cabelo... tem razão, com certeza vamos suspender o cloranfenicol... tudo bem, até logo. E vou chamar o Dr. Miller.

A Dra. De Silva avistou Pia. Desligou o telefone e imediatamente realizou nova chamada. Cobrindo o fone com a mão esquerda, falou com Pia enquanto não atendiam.

— O Dr. Springer está a caminho. Ele quer conferir pessoalmente a sensibilidade de rebote... Alô, eu quero falar com o Dr. Miller... Ah, Dr. Miller, aqui é a Dra. De Silva, de doenças infecciosas. Estou tratando o Dr. Rothman e o Dr. Yamamoto. O Dr. Springer gostaria de fazer uma consulta. Detectamos uma sensibilidade de rebote no Dr. Rothman, e talvez seja necessário remover o intestino contaminado... não, não, até o momento só o Dr. Rothman... a temperatura dele está ligeiramente alta. Os outros parâmetros, pressão, pulso, oxigenação, estão na mesma. Ok, obrigada.

A Dra. De Silva desligou e suspirou. Ela era uma mulher baixinha, cujos antepassados vieram de Sri Lanka, e se orgulhava de gerir uma enfermaria eficiente. Estava constrangida pelo fato de que uma estudante de medicina tinha descoberto um sinal importante que lhe havia escapado à atenção.

— Eu tinha acabado de examiná-lo alguns minutos antes de você aparecer. A temperatura estava se mantendo estável — disse ela, meio para Pia, e meio para si mesma.

Voltou-se para a estudante.

— Pode acontecer muito depressa. O Dr. Miller, chefe da residência médica em cirurgia, está vindo para cá. E o Dr. Springer também está a caminho. Então, quem é seu instrutor? Eu deveria pelo menos dar a você o crédito pelo que descobriu. E como você sabia o que devia procurar? Estou impressionada.

— Na verdade, não estou em clínica médica neste momento.

— Você está cursando uma eletiva em infectologia? Se está, nunca ouvi mencionarem seu nome.

— Também não estou numa eletiva em infectologia.

George estava tentando desesperadamente fazer Pia calar a boca. Fora da vista da Dra. De Silva, ele fazia gestos frenéticos pedindo um tempo, como um técnico de vôlei.

— Bom, o que a trouxe aqui? — perguntou a Dra. De Silva.

— Acontece que eu sei muita coisa sobre salmonela.

— É mesmo? Com quem você aprendeu?

— Com o Dr. Rothman — disse Pia, enquanto George agarrava o braço dela e literalmente a arrastava para fora, conduzindo-a em direção aos elevadores.

Enquanto deixavam o hospital George teve uma sensação de alívio. Ele tinha a esperança de que, ocupada como estava, a Dra. De Silva não fosse falar demais sobre os dois misteriosos estudantes de medicina, um dos quais tinha sido tão prestativo. Na verdade, ele duvidava de que ela fosse tocar no assunto. Mesmo sem configurar um ato de negligência por parte da Dra. De Silva, George sabia que no ambiente competitivo do centro acadêmico ela provavelmente lamentava que uma estudante de medicina tivesse, de certo modo, roubado a cena. Pia tinha descoberto antes dela a mudança no quadro clínico do Dr. Rothman. Mas o alívio sentido por George durou pouco.

— Quero voltar ao laboratório — disse Pia, parando de repente. Tinham chegado à esquina em que a 168th Street se transforma em Haven Avenue. —

Quero ver se há algum indício do motivo pelo qual ele foi infectado ou do modo como aconteceu. Ele é tão cuidadoso, não consigo entender isso. E tão detalhista, e compulsivo em relação a seu trabalho, a sua organização, a sua técnica. É tudo impecável. Isso não faz sentido.

Lá no fundo, Pia ainda suspeitava de que Rothman havia se infectado intencionalmente. Mas por que ele envolveria o Dr. Yamamoto? Não podia ser isso... ou será que podia? O que ela queria era eliminar por completo aquela ideia, até como possibilidade remota. Se Rothman morresse, seria até certo ponto uma traição, mas Pia não queria que fosse uma traição cometida por ele. Com uma deslealdade do destino ela achava que, em último caso, seria capaz de lidar. Uma traição pessoal por parte de Rothman seria algo totalmente diferente.

George gemeu por dentro. Visitar Rothman já tinha sido bastante ruim; invadir o laboratório que estava interditado por ordem do CDC era algo completamente impensável.

— O laboratório está fechado — lembrou George de um jeito que não admitia discussão. — Ordem do CDC. Vamos para o seu quarto. Guardei o sanduíche que você não comeu.

George puxou o sanduíche do bolso.

— Eu vou para o laboratório — declarou Pia.

— Que diabo você acha que vai descobrir que o CDC não tenha descoberto?

— Eu não sei, mas não posso ficar sem fazer *nada*. Você pode vir comigo ou não. De qualquer jeito é para lá que vou. Obviamente, dois pares de olhos podem ser melhores que um.

George entendeu que, ainda que de forma indireta, Pia estava pedindo sua ajuda, o que era novidade. Mesmo assim, não era uma decisão fácil. Ele não se importava em transgredir regras, mas não queria atropelá-las daquele jeito. Não podia se dar ao luxo de ser expulso da faculdade de medicina. Ser médico sempre tinha sido seu objetivo, até onde conseguia se lembrar; além disso, tinha de levar em consideração a família. Mas George não teve tempo de refletir sobre a decisão. Pia já havia virado as costas e rumava para o prédio de pesquisas.

— Você não está preocupada com a possibilidade de pegar febre tifoide? — perguntou ele, alcançando-a.

— Eu estive lá hoje de manhã. Há trajes de segurança que podemos usar, exatamente como fizemos no quarto de Rothman.

Pia entrou no prédio e George foi atrás dela. Era como tomar uma decisão sem tomar a decisão. Depois de mostrarem os crachás aos seguranças eles se dirigiram aos elevadores.

Como George esperava, havia fitas amarelas de isolamento entrecruzadas na porta do laboratório.

— Viu? Exatamente como eu esperava. A gente não pode entrar.

Pia não falou nada. Limitou-se a arrancar um pedaço da fita e tentar abrir a porta, que estava trancada. Aquilo não a deteve. Durante os últimos três anos e meio, em muitas ocasiões lhe haviam pedido que ficasse no laboratório à noite, para fazer uma leitura ou monitorar uma experiência automatizada. Ela pegou a chave que tinha recebido para essas eventualidades, abriu a porta e cruzou a soleira.

— Pia, isso é loucura — disse George. Relutante, ele foi atrás dela. O recinto estava escuro e muito silencioso.

— Relaxe, as câmeras de segurança estão desligadas. Passaram dias trabalhando nelas. Quem é que vai entrar agora? Só quero verificar o freezer de estocagem no laboratório de biossegurança e dar uma espiada no livro de registro. E eu já sei, antes de você dizer, que o CDC provavelmente investigou tudo isso. Eles podem até ter levado o livro de registro. Seja como for, preciso verificar se eles não deixaram passar alguma coisa.

Pia acendeu o mínimo de luz necessário. Era uma lâmpada pequena junto à máquina de café comunitária. Depois vistoriou rapidamente sua própria sala e a de Rothman. George andava atrás dela como uma sombra. Pelo que pôde ver, nada tinha sido mexido em nenhum dos dois recintos. Ela apontou a mesa de Rothman para George. A caixa de entrada, as poucas pastas, as fotos, tudo estava no lugar.

— Está vendo como ele é organizado? — perguntou Pia.

George só conseguia pensar em sair dali. Um circulador de ar foi ligado automaticamente e George deu um pulo com o susto. Ele seguiu Pia até o laboratório de biossegurança nível-3 e os dois vestiram de novo os trajes de

segurança. Pia digitou a senha no teclado da fechadura digital para entrar no laboratório. Como não havia janelas, ela acendeu as luzes do teto. O sistema de ventilação ainda estava ligado e havia no local uma quietude fantasmagórica. Pia examinou o livro de registros, que o CDC não tinha levado. Dele constavam as entradas habituais; a penúltima tinha sido a de Panjit Singh, que acessou o local de manhã para organizá-lo. Depois estava registrada a entrada de Rothman e Yamamoto. Não havia nada de anormal. Em seguida a moça se dirigiu à unidade refrigerada de estoques. Usando um teclado separado, estava a ponto de entrar quando ouviu um barulho que chamou sua atenção.

— Você ouviu isso? — cochichou ela, concentrada, para George.

— Ouvi o quê? — respondeu George, nervoso.

Erguendo a mão ela foi até a porta e abriu uma fresta. Os ruídos que ouvia eram baixos, mas inconfundíveis: vozes no laboratório externo. Vozes que ficavam cada vez mais altas.

— Entre aqui... venha — disse ela aflita.

— Merda! — praguejou George entredentes. — Puta merda! — disse ele baixinho.

Em silêncio, mas com urgência, Pia acenou para que ele a seguisse. George viu para onde estavam se dirigindo e passou por uma saída de emergência no canto mais distante do laboratório. A porta rangeu ao ser empurrada, pois não era aberta desde a sua instalação, na última reforma do laboratório. Também a tinham feito para ficar hermeticamente fechada.

Pia seguia George de perto. Se estivesse sozinha, talvez ficasse para enfrentar a situação, mas tinha plena consciência do pavor de George pela autoridade. De onde tinha vindo aquele medo, ela nem imaginava.

A porta de emergência da unidade conduzia ao almoxarifado do laboratório, onde os dois estudantes despiram os trajes de segurança e entraram na ala principal do departamento de microbiologia, que abrigava o laboratório de Rothman. Os funcionários do turno da noite viram os dois jovens passarem correndo, e depois observaram com espanto os dois serem seguidos, um minuto mais tarde, por três pessoas com trajes anticontaminação completos.

O setor de microbiologia dava acesso ao departamento de anatomia, e os dois, atravessando as portas que separavam as duas unidades, entraram naquele ambiente familiar. Como estudantes de primeiro ano, tinham passado muito

tempo ali. George tomou a dianteira, mas não sabia exatamente aonde estava indo. Só sabia que não queria ser apanhado. Na penumbra da sala de anatomia, fracamente iluminada pelas luzes noturnas, ele se abaixou. Para sorte dos atuais alunos do primeiro ano, a sala estava bem equipada de cadáveres, a maioria coberta com plástico. Vários bustos tinham sido colocados sobre a bancada principal. Tinham sofrido um corte transversal na parte superior do tórax e depois um corte sagital que deixava visíveis a metade do esôfago e a metade do cérebro. George ficou no nível dos bustos, cuja parte branca dos olhos parecia brilhar na penumbra.

George e Pia se acocoraram atrás da longa bancada, mas não havia onde se esconder. Um momento depois, as luminárias do teto piscaram e acenderam. Três seguranças com macacão anticontaminação invadiram o recinto. Pia se levantou e George fez o mesmo, com muita relutância.

Os guardas estavam furiosos, exigindo os cartões de identificação de Pia e George. Fizeram vários chamados em seus rádios antes de voltarem a atenção para os estudantes. George estava encolhido de medo, Pia aceitando com tranquilidade.

— Vocês vêm com a gente — disse o segurança mais próximo de George, agarrando o braço dele e o conduzindo para fora da sala. Pia foi escoltada logo atrás.

Diante das poucas testemunhas no laboratório de microbiologia clínica, o grupo passou devagar e desceu para a rua pelo elevador de serviço. Mesmo com os pensamentos descontrolados, George não conseguia imaginar uma forma de Pia se safar dessa. Enquanto atravessavam o campus, o grupo atraiu muitos olhares e comentários dos passantes. Alguns se perguntavam se estariam assistindo a um trote de alunos de medicina.

George e Pia foram levados para o departamento de segurança através de um corredor sem características marcantes, nas entranhas do hospital. Passaram por uma bancada de telas de tevê monitoradas por dois homens entediados, seguiram por outro corredor e entraram num pequeno escritório em cuja porta havia um cartaz manuscrito: OFICIAL DO DIA. De pé, observando alguns monitores instalados na parede, estava David Winston, o homem que havia assumido o comando do laboratório naquele mesmo dia. Ele reconheceu Pia, a quem havia ajudado quando ela desmaiou na rua.

— Ah, você de novo. Vejo que já está se sentindo melhor do que da última vez que a vi.

— Sr. Winston — disse Pia —, meu amigo e eu só estávamos apanhando alguns de meus pertences na minha sala.

Winston consultou uma lista presa numa prancheta pousada sobre sua mesa.

— Srta. Grazdani e ... — Ele olhou para George.

— George Wilson.

— George Wilson. Não está em minha lista. Você também é do quarto ano?

George fez que sim com a cabeça.

— Bom, também vai tomar antibióticos — disse Winston. — Pessoal, existe um protocolo para situações como esta. Vocês entraram numa área de segurança potencialmente contaminada. Na verdade, sentado bem aqui, eu os vi fazendo isso. As câmeras podem não estar operando dentro do laboratório, mas fora dele estão funcionando perfeitamente. Então, vejo duas pessoas entrando no laboratório e sou obrigado a mandar três dos meus homens com trajes de segurança completos à procura delas. E acontece que são vocês dois. Então o protocolo é: eu dou um telefonema para a pró-reitora de graduação, que, como vocês podem imaginar, adora receber notícias minhas. É só um alerta, porque meu telefonema seguinte será para meus amigos da 33ª Delegacia de Polícia, e vou ter uma conversa franca e prolongada sobre invasão criminosa.

George estava horrorizado. Se a polícia fosse envolvida, ele estaria ferrado.

— Não sei por que vocês entraram lá, e não vou perguntar. O CDC pode ter limpado o setor, mas a fita de isolamento ainda estava na porta. Srta. Grazdani, você foi advertida especificamente de que o laboratório estava com entrada proibida. Para ser sincero, estou embasbacado. Mas, desde que comecei a trabalhar aqui chefiando a segurança do centro, nunca entendi os estudantes de medicina.

Pia começou a falar, mas Winston fez um gesto com a mão para silenciá-la e ligou para a pró-reitora. Ele explicou a situação e depois ficou uns dois minutos ouvindo calado, antes de desligar o telefone.

— Ela está vindo para cá. Se eu fosse vocês, não sei com quem preferiria lidar, se com a pró-reitora ou com o pessoal da 33ª DP.

Winston levou George e Pia para uma salinha lateral e fechou a porta. George estava agitado demais para falar; Pia começou a andar em círculos pelo recinto. Ela não conseguia ficar parada. Depois do que pareceu um longo tempo, mas foi meia hora, a porta se abriu e uma mulher alta de cabelos escuros, com calça de moletom e uma jaqueta própria para a prática de esqui, entrou e fechou a porta. Seu nome era Helen Bourse. Havia quase dez anos que era pró-reitora da graduação e, apesar de muito querida, não era uma pessoa fácil de manipular.

— O que pensam que estavam fazendo? Vocês me fizeram ficar devendo favores para impedir que o Sr. Winston mandasse prendê-los. Quero que me convençam de que valeu a pena.

— Sinto muito, Sra. Bourse — desculpou-se George.

Ele deu uma olhada na expressão facial desafiadora de Pia e resolveu falar em nome dos dois.

— *Nós* sentimos muito.

— Pelo amor de Deus, o que vocês estavam fazendo lá? Num laboratório lacrado e potencialmente contaminado.

— A única parte que talvez tenha sido contaminada foi a unidade de biossegurança — disse Pia, interrompendo George, que havia começado a responder. — Nós tomamos as precauções necessárias. Eu queria ver com meus próprios olhos. Simplesmente não consigo entender como o Dr. Rothman foi infectado, conhecendo-o como eu o conheço.

— Então você não foi buscar seus objetos, conforme alegou ao Sr. Winston. E como é isso, vocês de repente viraram epidemiologistas? Nós mandamos hoje uma equipe de epidemiologistas de verdade, daqui e do CDC, examinar o laboratório. Eles vasculharam o lugar, incluindo a unidade de biossegurança.

— O que eles encontraram?

— Nada, mas isso não vem ao caso.

— Por mais de três anos seguidos eu venho trabalhando lá. Eu queria me certificar. Se algo estivesse diferente, eu seria capaz de notar, provavelmente melhor do que pessoas desconhecidas vindas de Atlanta.

Parte do aborrecimento de Bourse arrefeceu. Ela percebeu que Pia tinha razão. Mesmo assim, não justificava o que esses dois estudantes, normalmente

talentosos, tinham feito, uma atitude inconsequente e insólita. Depois de uma pausa, a pró-reitora perguntou:

— Bom, o que vocês descobriram?

— Nada, mas fomos interrompidos. A senhora tem um relatório dos epidemiologistas?

— Não do CDC. Ainda não. Mas conversei com o chefe da nossa equipe. Pelo visto não encontraram nada errado.

A Dra. Bourse sabia que o Dr. Rothman era mais próximo dessa estudante que de qualquer pessoa de toda a comunidade médica. Ela conhecia algumas coisas sobre Pia, mais do que ela achava que Pia poderia supor. Bourse tivera acesso a todas as deliberações do comitê de admissão, documentos que estudara cuidadosamente nos menores detalhes. Até receber a chamada de Winston, ela depositava grandes esperanças na moça, disposição que desejava manter. Para Pia, a intenção de Bourse era tentar reduzir ao mínimo as consequências da invasão e da falta de bom senso daquela noite. Esse era o fardo de ser pró-reitora da graduação. Mais cedo, naquela mesma noite, Bourse fora obrigada a lidar com um problema ainda maior: um aluno do terceiro ano foi apanhado roubando medicamentos controlados na área dos médicos. Bourse voltou a atenção para o companheiro de Pia. Ele pelo menos fazia contato visual, coisa que ela não conseguia obter da menina.

— E então, qual é a sua desculpa? — perguntou ela a George, com certa resignação na voz.

— Nenhuma. Eu estava ajudando minha amiga — disse ele num tom tão neutro quanto possível.

A Dra. Bourse avaliou o rapaz. George também era um ótimo estudante, em geral mais apreciado que Pia, que podia ser considerada inacessível. Bourse estava muito ciente da fascinação de George por Pia, portanto, aceitou como verdadeira a justificativa dele. Mais uma vez se admirou de ver como um rapaz aparentemente bem-sucedido como George podia se rebaixar a uma condição de adolescente apaixonado que colocava em risco o próprio futuro. Se Bourse tivesse permitido que Winston o mandasse prender, o episódio poderia ter afetado o destino dele como médico.

— Muito bem — disse Bourse, respirando fundo e olhando para o teto por um momento, para desanuviar a mente. — Eis aqui o que vocês vão fazer. Vão

voltar para seus quartos e ficar lá. Não vão encontrar nem falar sobre o episódio com ninguém. Vão monitorar suas temperaturas e tomar os antibióticos conforme recomendado. George, vou providenciar para que receba antibióticos. Quero encontrá-los no meu escritório amanhã de manhã às 7h. Vamos discutir sua disciplina eletiva, Srta. Grazdani. Sr. Wilson, amanhã você volta para a radiologia. Os dois vão rezar por mim e agradecer a Deus que eu esteja tão benevolente. Agora vou acertar as contas com o Sr. Winston. Se isso for possível.

Quando a pró-reitora saiu da sala, George expirou ruidosamente e tornou a se sentar na cadeira.

— Puxa vida, achei que estávamos perdidos. Se a polícia não foi chamada, será apenas um assunto interno. Não vai ser registrado em nosso histórico. Será como se nunca tivesse acontecido.

George olhou para Pia, que nada falou. Seu rosto estava inexpressivo, a mente obviamente ainda no laboratório.

— Você não pode desistir disso? — questionou George.

— É claro que não — retrucou a moça. — Alguma coisa deve ter acontecido. Alguma coisa fora do comum.

— Que tal um dos técnicos ter pisado na bola, fosse por acidente ou de propósito? Quer dizer, o Rothman não era tão adorado assim. E imagino que hoje à noite não deve haver muita gente chorando por causa do que aconteceu com ele.

Pia balançou a cabeça em negativa.

— Havia gente que o considerava desagradável. Mas as mesmas pessoas tinham muita admiração por ele. Não consigo imaginar ninguém dali envolvido de alguma forma suspeita.

— Então o que você está pensando?

— Eu não sei o que pensar — respondeu Pia, com a mente num torvelinho.

Sua primeira preocupação era saber se Rothman conseguiria sobreviver. Ao mesmo tempo, ela reavaliava as duas possibilidades para o ocorrido: a de que Rothman houvesse se contaminado por acidente, ou a de que o tivesse feito de modo deliberado. Por outro lado, mais uma ideia começou a tomar forma em sua mente. Ela percebeu que havia uma terceira possibilidade que não havia cogitado.

28

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
24 DE MARÇO DE 2011, 5H05

Embora fossem apenas cinco e pouco da manhã, Pia finalmente desistiu de tentar voltar a dormir e se levantou. Na noite anterior, retornara mental e fisicamente exausta a seu quarto no alojamento, depois de deixar a sala dos seguranças. Antes que ela e George fossem para seus respectivos quartos, ele lhe entregou o sanduíche de peito de peru que havia guardado. O sanduíche, mesmo bastante achatado, ainda estava reconhecível. De volta ao quarto, ela mordeu um canto do sanduíche e depois de atirar o resto no lixo foi para a cama, na esperança de conseguir descansar. Apesar de não ter dormido bem, pelo menos não conseguia se lembrar dos sonhos.

Pia tomou um banho rápido e se vestiu. Tinha entendido até que ponto a sobrevivência de Rothman era essencial para o futuro dela. Apesar da hora, sabia que precisava voltar ao hospital para ter certeza de que tudo estava bem. Sua esperança era de que o novo antibiótico tivesse feito um milagre e controlado a infecção. Se fosse o caso, desejava também que o delírio dele tivesse passado e que pudessem conversar um pouquinho. Gostaria de saber se ele tinha ideia do que acontecera no laboratório de biossegurança na manhã anterior.

Ao sair do dormitório para a Haven Avenue, Pia sentiu-se opressivamente solitária. Mesmo sendo de manhã o dia ainda não havia clareado. Enquanto se dirigia ao hospital ela se sentiu como a única habitante do planeta. Já dentro do hospital a sensação foi diferente, pois o lugar nunca parava. Ela tratou de se dirigir rapidamente para a ala de doenças infecciosas.

Ao chegar, ficou perplexa. Achou que talvez tivesse virado para o lado errado, pois o quarto que ela pensava ser o de Rothman estava sendo desinfetado e preparado para o próximo paciente. Mas não se enganou, o quarto era aquele mesmo. Portanto, Rothman tinha sido transferido, talvez porque estivesse mostrando sinais de melhora em consequência do novo tratamento. Ela não se permitia pensar que pudesse ser outra coisa. Verificou o quarto de Yamamoto; também estava sendo limpo. Ele também tinha sido transferido.

Pia deu meia-volta e foi ao balcão da enfermaria perguntar para onde tinham ido os doutores Rothman e Yamamoto. Havia muita atividade no recinto das enfermeiras, mesmo àquela hora da manhã, pois estavam se preparando para a mudança de plantão, às 7h.

— Com licença — disse Pia a uma das enfermeiras junto ao balcão preenchendo um dos milhões de formulários que chegavam ao setor de enfermagem. — Estou procurando os doutores Rothman e Yamamoto.

De repente ela ficou nauseada e sentiu um pânico esmagador emergir em seu íntimo. *Eles não foram transferidos porque melhoraram.*

— Por favor, me diga onde eles estão — implorou Pia, na contramão de sua expectativa.

— E quem é você? É parente do Dr. Rothman?

— Sou a aluna de medicina do Dr. Rothman. Por favor, onde ele está?

A enfermeira pegou a moça pelo braço e a afastou do movimentado balcão de enfermagem para a sala de espera, vazia àquela hora. Não acendeu a luz e as duas ficaram paradas na penumbra. Pia teve medo de que suas pernas fossem ceder e ela acabasse desabando no chão como uma boneca de trapos.

— Olha, acabamos de comunicar às famílias — disse a enfermeira. — Sinto muito, mas os dois faleceram. Primeiro o Dr. Rothman, depois o Dr. Yamamoto. Já faz uma hora.

— O que você quer dizer com “faleceram”? — perguntou a jovem, mas racionalmente ela sabia o que enfermeira queria dizer. Mas, quem sabe...

— Eles morreram, querida, sinto muito. O Dr. Rothman morreu quando estava sendo preparado para a cirurgia. É só o que eu sei. É só o que posso dizer. Pois é, preciso ir.

A enfermeira colocou a mão no braço de Pia e saiu da sala.

Pia agachou-se devagar, a boca aberta num grito silencioso. Abraçou os joelhos, apertando-os contra o corpo formando uma bola, como se estivesse tentando se esconder em algum lugar dentro de si. Tinha a sensação de ter levado um soco no estômago. Estava desorientada e com raiva. Com raiva do hospital, com raiva do mundo, com raiva do próprio Rothman. Se fosse julgar um homem pelos próprios atos, o que ele havia feito? Pia tinha sido abandonada. Traída. Ela saiu cambaleante da sala e do setor, desceu de elevador, e foi para a rua andando como se estivesse em transe. Agora o céu estava claro no leste, mas o sol ainda não aparecia acima do horizonte.

29

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
24 DE MARÇO DE 2011, 6H30

Pia foi andando aos tropeços pela Fort Washington Avenue, como uma bêbada, as mãos crispadas sobre o estômago. Achando que ia vomitar, parou ao lado de uma lata de lixo, mas só conseguiu se inclinar sobre a borda e sentir alguns espasmos de vômito. Endireitou-se e respirou fundo algumas vezes. Precisava se controlar, mas o que faria? Tinha um problema imediato com o qual lidar, e quase agradeceu pela distração: lembrou-se de que às sete da manhã ela e George tinham uma reunião com a pró-reitora da graduação e foi ao alojamento procurar George.

George tinha posto o relógio para despertar às 6h15. Estava acostumado a dormir a sono solto, ainda que os rigores da faculdade de medicina lhe permitissem dormir apenas três ou quatro horas por noite. Mas ele só tinha conseguido pegar no sono por breves intervalos, revolvendo constantemente na memória os acontecimentos das horas anteriores. À certa altura desistiu e ficou sentado por quase uma hora junto à janela numa poltrona não muito confortável, segurando um copo de Jack Daniels de uma garrafa que vinha durando por toda a carreira dele na universidade. Pela janela via uma parte da ponte George Washington e um trecho da orla do rio Hudson em Nova Jersey.

Estava totalmente confuso e se sentia envergonhado por aquilo que o motivou a agir.

Na noite anterior, Pia tinha chegado muito perto de fazer todos os planos de George naufragarem. Ele repensou: na verdade não tinha sido culpa dela a sua decisão de acompanhá-la. Ele precisava assumir uma parte da responsabilidade. O problema era que George se preocupava demais com Pia para permitir que ela se lançasse sozinha nessas furadas, e quer a colega admitisse ou não, ela precisava da ajuda dele. Ainda assim, George sabia que haveria um ponto em que teria de parar e priorizar seus próprios interesses. Ele só não sabia localizar esse ponto.

Fazia uma hora que George havia pegado no sono quando o alarme soou, e ele apertou inconscientemente o botão do modo de repetição do alarme. Nove minutos depois ele repetiu o gesto, e teria feito isso mais uma vez se Pia não o tivesse acordado com a batida na porta. Ele ficou feliz em vê-la até reparar na expressão de seu rosto e entender que algo estava errado.

— O que houve...? Espere, que horas são? Nós temos a pró-reitora...

Pia entrou no quarto como um zumbi e se atirou na cama. Ela murmurou uma coisa no travesseiro de George.

— Qual é o problema?

George verificou a hora e começou a se vestir. Depois de alguns segundos, foi até a cama, sentou-se na beirada e afastou algumas mechas de cabelo do rosto de Pia. Ela estava uma pilha de nervos.

— O que aconteceu? — disse ele baixinho.

— Ele morreu. Os dois morreram.

— Quem? Rothman? Yamamoto?

— É.

— Ah, Pia, eu sinto muito. Muito mesmo.

George colocou a mão no ombro dela.

— Pia, eu não sei o que dizer. Meu Deus, isso é realmente uma tragédia. Pelo que você me contou, eles estavam prestes a realizar um avanço importantíssimo. Que atraso para a medicina regenerativa, provavelmente de anos, talvez até de uma década! Não há ninguém capaz de substituí-los.

Pia estava calada. George retirou a mão. Ela se voltou para olhá-lo. Seu rosto já não parecia inexpressivo, e sim aborrecido.

— Nesse momento estou me lixando para o futuro da medicina regenerativa.

Pia levantou-se da cama de um salto e correu para fora do quarto. George saiu correndo atrás dela, enfiando a camisa para dentro da calça. No começo não conseguia vê-la, mas ouvia o som de passos correndo escada abaixo.

— Pia, espere!

George corria pela rua atrás de Pia, que andava apressadamente em direção ao escritório da pró-reitora. Alcançando-a, ele passou a caminhar ao lado dela.

— Pia!

Ela fez um gesto para afastá-lo.

— Olha, eu sinto muito.

Ela se deteve no mesmo instante, fechou os punhos com os braços esticados ao longo do corpo, e soltou um grito baixo de exasperação. Então se virou e encarou George.

— George, pare de dizer que sente muito. Por favor, *cale a boca*!

Com isso ela se afastou e deixou George parado na rua como um namorado que acabou de levar um fora. Os ombros dele desabaram. Evidentemente, dar pêsames não era o seu ponto forte, embora ele não se achasse merecedor de tamanha rejeição. Ele relembrou a longa noite de autorreflexão. Se Pia precisava dele, principalmente agora, com certeza tinha uma estranha forma de demonstrar isso.

30

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
24 DE MARÇO DE 2011, 7H

Pia e George chegaram separados ao conjunto de salas da pró-reitoria. A pró-reitora liberou pessoalmente a porta automática, pois a secretária, que entrava às oito da manhã, ainda não tinha chegado. Cada um se sentou numa ponta do sofá de couro da antessala do escritório, evitando contato visual, sem nada dizer. Para Pia esses silêncios eram naturais, mas para George, que preferia conversar com alguém, a ausência de comunicação representava um tormento. Ao mesmo tempo, ele não queria que Pia o mandasse se calar de novo, coisa que ele tinha certeza de que aconteceria, pois só sentia vontade de se desculpar novamente por tê-la irritado sem intenção. Sentir-se responsável era parte de sua natureza.

Pouco depois das sete, Helen Bourse surgiu saída de seu escritório.

— Agradeço a vocês por terem sido pontuais — disse Bourse, acenando aos jovens que a seguissem.

Indicou a eles que se sentassem em duas cadeiras de espaldar reto. Na noite anterior, ao ler o histórico de Pia, a pró-reitora encontrara uma anotação de uma professora excepcionalmente rigorosa, escrita durante o segundo ano da aluna na disciplina de Introdução à Cirurgia. Mencionava a dificuldade dela em chegar na hora para os compromissos do começo da manhã, mesmo depois

de advertida de que tal comportamento não era tolerado em cirurgia. Embora em geral atrasasse uns cinco ou dez minutos, o problema era recorrente e a orientadora indicava que a seu ver aquilo representava um sério lapso.

A Dra. Bourse se sentou e olhou para os dois estudantes.

— Para começar, infelizmente eu tenho notícias muito ruins.

Sua voz tinha a gravidade adequada à situação.

— Não há outra maneira de dizer isso senão dizendo. Os Drs. Rothman e Yamamoto morreram hoje de manhã. Estavam sendo preparados para a cirurgia por causa da rápida evolução de uma peritonite, mas não resistiram.

— Eu sei — admitiu Pia.

— Como você sabe?

A Dra. Bourse estava confusa; ela própria tinha acabado de ser comunicada.

— Hoje de manhã fui à unidade de doenças infecciosas. Acordei cedo. Achei que talvez o novo antibiótico fosse fazer efeito, mas me disseram que eles tinham morrido.

A Dra. Bourse ficou olhando para Pia, cuja voz parecia indicar que tinha perdido todo o alento. A pró-reitora viu que os olhos dela estavam anuviados de emoção e cansaço. A Dra. Bourse suspirou; ali estava mais um exemplo da evidente obstinação de Pia. A Dra. Bourse havia ordenado aos dois estudantes, Pia e George, que voltassem a seus dormitórios, verificassem sua temperatura, e ficassem no alojamento até a hora da reunião. No entanto, Pia ignorou a ordem.

A Dra. Bourse suspirou de novo, ainda encarando Pia, cujos olhos estavam como sempre virados em outra direção.

— Tudo bem, vou tentar não me prender ao fato de ter mandando você permanecer no quarto. Imagino que você tenha ido ao hospital em razão de sua proximidade com o Dr. Rothman, foi isso?

Pia concordou com a cabeça. Sentiu necessidade de admitir que, para ela, Rothman havia se transformado no pai que nunca tivera, mas segurou a língua. Não era de seu feitio falar abertamente de seus segredos.

— Pelo menos você não fez nenhuma tentativa de voltar ao laboratório, correto?

George olhou rapidamente para Pia, preocupado. Não lhe havia ocorrido a ideia de que a colega pudesse ter tentado voltar sem ele ao laboratório.

— É, nenhuma — disse baixinho, e George voltou a respirar.

— Vocês verificaram a temperatura conforme pedi?

Eles responderam que sim, embora naquela manhã George tivesse sido obrigado a largar o termômetro quando Pia saiu correndo do quarto dele.

— E suponho que estivesse normal. Pois é. As mortes de Rothman e Yamamoto são um duro golpe para todos aqui no centro médico, principalmente para a escola. Eu conheci um pouco o Dr. Yamamoto e ele era um excelente colega. O Dr. Rothman eu conheci um pouco mais, naturalmente, e ouvi dizer, Srta. Grazdani, que vocês se entendiam bem. Ele com certeza se interessava muito por seu progresso e lhe concedia mais privilégios que aos outros estudantes.

E a qualquer um dos colegas, pensou a Dra. Bourse.

— Eu considerava esse interesse um elogio às suas habilidades como pesquisadora, e ao potencial que ele reconhecia em você.

Pia tinha o olhar parado e fixo no chão.

— Naturalmente é uma terrível ironia o Dr. Rothman, que passou tanto tempo pesquisando a patogenicidade da salmonela, morrer por causa do mesmo organismo que ele chegou a compreender tão bem...

Bourse deixou o pensamento vagar.

— Então, Srta. Grazdani, tomei providências para que a partir de hoje você comece a pesquisar com a Dra. Roselyn Gorin, que é uma das profissionais mais talentosas do campus. Ela recebeu o Prêmio Lasker, como você talvez saiba, e está fazendo um trabalho absolutamente pioneiro na diferenciação das células-tronco em células adultas específicas. Roselyn é minha amiga. É uma pessoa muito carinhosa e compreensiva. Faz uns dez minutos que conversamos e ela está muito feliz em recebê-la. *Feliz* não é o termo adequado nas circunstâncias atuais, mas ela está querendo muito ajudar.

A Dra. Bourse deu um sorriso esperançoso.

— Hoje? Eu não posso começar hoje — afirmou Pia.

George se encolheu, pois pareceu óbvio que a primeira reação da Dra. Bourse foi de intensa irritação.

A pró-reitora fez uma pausa para recuperar o controle das emoções, pois estava tão irritada quanto George tinha percebido. Roselyn era uma amiga, mas na verdade não tinha ficado muito animada com a ideia de assumir uma nova

estudante, principalmente uma aluna de Rothman que tinha criado fama própria, merecidamente ou não. A Dra. Bourse queria que Pia se organizasse, mas ficou calada.

— Agradeço muito pelo que a senhora fez — acrescentou Pia na mesma hora, tentando aparentar sinceridade. — De verdade — continuou, como sentindo que estava passando das medidas. — Mas recebi essa notícia há uma hora, realmente não estou conseguindo pensar direito. Preciso de alguns dias para botar a cabeça no lugar.

A Dra. Bourse suspirou de novo. Pia não era uma pessoa de fácil convivência. Ao mesmo tempo, o que ela estava dizendo era inquestionável. No centro, todos ficariam abalados pelas mortes. O Dr. Yamamoto era uma pessoa muito popular e mesmo que poucos conseguissem tolerar Rothman no convívio diário, sua morte era ainda um choque, principalmente naquelas circunstâncias. Afinal, ele era a celebridade científica do centro.

— Tudo bem, Srta. Grazdani. Hoje é quinta-feira. Na segunda de manhã, bem cedinho, espero que assuma sua responsabilidade de aluna do quarto ano de medicina. Também devo lembrar que você deve ficar longe do laboratório do Dr. Rothman. Isso é uma licença para que você se recupere emocionalmente, não uma oportunidade para novamente ir brincar de epidemiologista. Temos epidemiologistas de verdade que estão qualificados para fazer o trabalho, entendeu?

Pia assentiu com um gesto de cabeça.

— Faça o favor de dizer "eu entendi" — solicitou a Dra. Bourse. Queria que a ordem ficasse absolutamente clara.

— Eu entendi — respondeu Pia, a voz quase inaudível.

— Sr. Wilson, o senhor vai voltar hoje para a radiologia...

— Com certeza, Dra. Bourse — acatou George, interrompendo-a.

— E o senhor também vai parar de dar força à Srta. Grazdani. Talvez o senhor queira perguntar a si mesmo o que o motiva a ser arrastado ao tipo de comportamento que vimos ontem à noite, quando até aqui sua conduta vinha sendo impecável. *Gnothi seauton*. O senhor sabe o que significa essa expressão? Quer dizer "conhece-te a ti mesmo", coisa de que nós, médicos, sempre precisamos nos lembrar. Duvido que tenha sido ideia sua, Sr. Wilson, a invasão ao laboratório do Dr. Rothman, e espero que no futuro o senhor deixe suas

ações serem guiadas mais por seu intelecto do que por seu *id*. Mais por seu cérebro do que por seu hipotálamo.

George fez que sim com a cabeça.

— Todo mundo entendeu tudo? — perguntou a Dra. Bourse.

Pia e George assentiram ao mesmo tempo.

— Muito obrigada, agora podem sair.

A Dra. Bourse ficou observando George segurar a porta para Pia, que saiu sem se importar com a presença do rapaz. Ela agia como se ele fosse obrigado a segurar a porta para ela.

A Dra. Bourse ficou sentada à sua mesa em alguns minutos de reflexão. Como uma grande parte de seu trabalho resumia-se a conhecer os estudantes da faculdade de medicina e cirurgia da Universidade Columbia, ela ficou pensando no estranho relacionamento entre Pia e George. Naturalmente, o relacionamento entre estudantes não era encorajado nem desestimulado, desde que não interferisse no desempenho dos alunos. Naquele romance, era muito óbvio o que ele via nela, pois a moça era alvo de muitas fofocas no centro médico, em sua condição de jovem bonita e inteligente, mas enigmática. O que não era tão claro era se havia alguma atração recíproca.

As relações entre funcionários e estudantes, por outro lado, eram oficialmente desaprovadas, embora fosse difícil impor uma restrição quando os envolvidos eram adultos e a maioria dos estudantes estava na faixa dos vinte e poucos anos. Havia boatos recorrentes envolvendo Pia Grazdani e o Dr. Rothman. Também nesse caso pouca gente poderia deixar de reparar a beleza exótica e a inteligência óbvia de Pia, mas o que a aluna poderia ter visto no professor escapava à compreensão da maioria. No entanto, nada chegou a ser confirmado. Embora houvesse toda razão em acreditar que o Dr. Rothman tivesse dado à sua aluna responsabilidades e privilégios relevantes, nunca houve o menor indício de que o tivesse feito de maneira imprópria. E agora, pensou a Dra. Bourse, o enigma da relação deles continuaria a ser um dos pequenos mistérios da vida.

31

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
24 DE MARÇO DE 2011, 12h10

Depois de sair do gabinete da pró-reitora, Pia passou o restante da manhã sentindo-se oprimida em seu quarto. Com o âmago em completo turbilhão, as emoções e os pensamentos iam e vinham em sua consciência, e com isso ela se sentia profundamente deprimida num minuto, e perspicaz e motivada no minuto seguinte. Pia ainda estava com raiva de Rothman por ter adoecido, e também de Springer, o chefe do departamento de doenças infecciosas, por ter deixado que seu orientador morresse ao administrar um antibiótico ultrapassado, apesar do suposto teste de sensibilidade que o próprio Rothman havia conduzido. E por que precisava ser ela, uma mera estudante de medicina, a fazer o diagnóstico da peritonite incipiente que evoluiu e causou a morte dele?

Porém, Pia tinha plena consciência de que o que a devastava era o simples fato de Rothman estar morto. Ela estava deprimida ao pensar nas consequências que isso traria para seu futuro. Tinha muita prática em analisar imparcialmente uma situação e identificar de que modo ela a afetava. Mas era com os aspectos emocionais que ela se debatia mais.

Pia se deixara convencer pelo argumento de Rothman de que ela não tinha vocação para a medicina clínica, pois realmente não gostava da maioria das

pessoas, principalmente quando estavam doentes e se queixando disso. Ela sentia pouca compaixão pelos doentes e não tinha paciência com nenhum tipo de reclamação. Na época em que fez residência, depois de 36 horas sem dormir, tinha sido obrigada a colher sangue de um paciente, um jovem policial com jeito de durão e um medo enorme de agulhas. Enquanto o homem se contorcia de pavor e ela não conseguia pegar uma veia nem se fosse para salvar a própria vida, Pia tinha dito a ele que "parasse de choramingar como um bebê". Felizmente ninguém mais a ouviu dizer aquilo, e o homem não se queixou, embora a equipe estranhasse o fato de ele ter se esforçado tanto para evitá-la durante o restante do dia.

Com a morte de Rothman, ela não sabia se teria condições de continuar estudando para obter seu doutorado, requisito indispensável caso tivesse sérias intenções de seguir carreira em pesquisa. Acima de tudo, a torturante dúvida sobre o que teria acontecido a Rothman não a deixava em paz, e ela a analisava o tempo todo. Poderia ter sido um acidente, mas parecia muito improvável na opinião de quem o conhecia tanto quanto ela. Ele era cuidadoso demais, meticuloso demais. E os dois médicos ficarem doentes ao mesmo tempo? Aquilo não fazia sentido. Mas as alternativas pareciam igualmente improváveis, em especial a ideia de que ele tinha se contaminado de propósito. A outra, ou seja, a ideia de que alguém o tivesse contaminado de propósito, como Panjit, que poderia ter tido oportunidade, parecia ainda mais improvável.

A inquietação e a motivação para agir tomavam conta de Pia à medida que o tempo ia passando e ela permanecia no quarto. Mas fazer o quê? Ela caminhava pelo recinto na medida do possível, dadas as dimensões restritas do cômodo. Deitou-se na cama, mas não conseguiu ficar quieta mais que alguns segundos. Pensou em chamar Will ou Lesley, mas não sabia o que diria a eles. Andou pelo corredor até a máquina de refrigerante, mas não queria beber nada. Sua mente estava acelerada, superaquecida.

De repente lhe ocorreu o que poderia fazer para ficar concentrada, para recobrar parcialmente o foco. George tinha estado por perto, oferecendo-se para ajudar. Ela raciocinou que havia uma coisa que ele poderia fazer por ela, como havia feito algumas vezes no passado. George não era assim tão diferente de qualquer outro homem que ela tivesse conhecido. Mas cada vez que

acontecia, quando ela achava que ele se desencorajaria diante das demandas dela, lá vinha ele de novo no dia seguinte.

Pia imaginou que George estaria no intervalo de almoço, uma das vantagens do regime de rodízio numa especialidade previsível como a radiologia ou a patologia. O horário era previsível. Pia quis contatá-lo, mas não conseguia achar o celular. Quando o encontrou, no bolso do casaco, viu que a bateria tinha acabado. Ligando o celular no carregador, telefonou para George, e conseguiu surpreendê-lo a caminho do refeitório, conforme tinha esperado.

— Eu ia vê-la mais tarde, saber se tudo estava tranquilo — disse George.

O clima entre eles não estava dos melhores quando se despediram depois da reunião com a pró-reitora, e a eterna insegurança de George em relação a Pia tinha aflorado de novo.

— Você me ofereceu ajuda. A oferta ainda está de pé ou você continua bravo comigo por tê-lo metido em encrenca?

— Não estou bravo com você, só estou preocupado.

Pia revirou os olhos.

— Então você vai me ajudar?

Isso era constrangedor. Ela queria que George respondesse que sim, que iria imediatamente. Em vez disso ele disse:

— Não se for para voltar ao laboratório.

— Não, George, o que eu gostaria é que você viesse aqui por uns minutos.

— Agora?

— Agora, George. Imagino que você esteja no intervalo de almoço.

— Tudo bem, eu já vou.

Pia se preparou. Dentro do tempo previsto para George chegar, ouviu-se uma batida na porta do quarto. Ela a escancarou.

Os olhos de George se arregalaram. Obviamente, ele tinha ficado surpreso. Nervoso, olhou para os dois lados do corredor, para ter certeza de que ninguém podia ver o que ele viu. Pia estava parada no vão da porta totalmente nua.

— Isso não é bem o que eu esperava — ele conseguiu dizer enquanto ela o puxava para dentro do quarto.

Pia foi extremamente decidida, como nas ocasiões anteriores, e mais uma vez, como sempre, ele não resistiu. Naquelas circunstâncias ela era uma força maior que ele, e George ficou sem ação. Pia segurou o cinto da calça de

George, e ele não ofereceu resistência. Ela então puxou o suéter e a camiseta por cima da cabeça dele. Empurrando-o para a cama, entregou-lhe um preservativo, como tinha feito em outras ocasiões. Ele estava pronto — pronto até demais — e Pia se posicionou em cima dele. Ela fechou os olhos e ergueu a cabeça, movendo-se com ritmo e vigor. George sabia que era apenas sexo, que ela estava buscando um pico de endorfina, que não demorou a encontrar, estremecendo de leve.

Depois de atingir o clímax, Pia colocou as mãos no peito de George e se afastou dele. Encarava-o, mas não parecia vê-lo.

— Puxa, obrigada, eu estava precisando disso — declarou.

Dirigiu-se ao banheiro, abriu o chuveiro e depois de uns segundos começou a tomar banho.

George pôs as mãos atrás da cabeça e ficou olhando para baixo por alguns instantes. Depois retirou a camisinha, foi ao banheiro, jogou-a no vaso e deu descarga. Do ponto de vista do controle de natalidade, tinha sido um desperdício. George não conseguiu deixar de admirar o corpo atlético, os seios perfeitamente modelados e a pele impecável, morena, cor de mel de Pia enquanto ela se enxugava depois de sair do banho.

— Você morreria se me desse um beijo? — provocou George; não sabia o que pensar. Sabia que estava sendo usado, e não entendia a razão.

— Não gosto de beijar. Não sinto nada com beijo.

George percebeu que Pia já estava com a cabeça em outro lugar. Não adiantava nada dizer: "Mas e quanto a mim?" Podia ouvir a resposta dela: "Quanto a você o quê?" George não sabia o que falar. Cada vez que faziam sexo, ele tinha esperança de que o ato significasse que os dois estavam progredindo, que a relação deles tinha evoluído de seu estado de impasse para um nível de verdadeira intimidade. Mas nunca fora assim. Tampouco seria neste momento. Ela era um trem que corria num trilho totalmente separado. Em muitos aspectos o papel dele era irrelevante, como se o sujeito deitado ali pudesse ser qualquer outro.

— Obrigada — disse Pia com ar despreocupado quando passou por ele ao sair do banheiro. Não havia pudor, nem fingido nem real. Do jeito como Pia fora criada nunca houve oportunidade nem para fingir pudor.

— Obrigada pelo quê? Eu não fiz nada.

— Não, você fez sim! De verdade. Você me ajudou a reiniciar, como fazemos de vez em quando com o modem. Me fez ter uma ideia mais clara do que preciso fazer, em vez de ficar sentada aqui, paralisada.

— Foi só isso? Eu quero... Eu quero que a gente...

George sentiu-se de novo como um adolescente inseguro. Pia estava se vestindo depressa. De pé e despido, George caiu em si e vestiu a cueca.

— Então me diga, o que você vai fazer?

— Vou me meter em mais confusão, imagino.

— O que você quer dizer com isso?

— É melhor você ir embora, George. O problema é que acho que Rothman não recebeu o tratamento apropriado, quer a equipe acredite nisso ou não. Houve alguma coisa errada no modo como ele adoeceu e como foi tratado. Cloranfenicol? Isso hoje em dia quase nunca é receitado. Cefalosporinas de terceira geração é o que se usa hoje. Então por que dar a ele um medicamento ultrapassado que pode causar efeitos colaterais catastróficos?

— Você mesma já disse. Eles usaram o cloranfenicol por causa dos estudos de sensibilidade feitos pelo próprio Rothman.

— Foi isso que alegaram. Mas ele não deveria ter morrido, e ponto final. No entanto, morreu em quinze ou dezesseis horas. Ficou pior ainda no hospital. Não houve atraso em começar o tratamento, ele foi levado diretamente para a enfermaria pouco depois de apresentar os primeiros sintomas. Acho que o tratamento o fez piorar.

— Eu entendo sua frustração, mas a pró-reitora disse claramente para você não interferir. Para não bancar a epidemiologista. Quer ser expulsa da faculdade no quarto ano?

— Eu consegui que ela me desse uma licença e não vou ficar sentada aqui dentro senão enlouqueço. Vou conversar com Springer sobre o tratamento, e por que motivo não funcionou. Ninguém me disse que eu não podia conversar com ele.

— Logo o Springer! Todo mundo sabe que ele odeia os estudantes. Em má fama ele só perdia para o Rothman. Metade de quem o sorteia como orientador no período de clínica médica demora apenas uma semana para pedir para mudar de orientador. E a outra metade fica fazendo fila no telhado para se atirar lá de cima. Sem contar o fato de que você já pisou no calo dele.

— Não se preocupe, George, serei diplomática como sempre.
— Isso é justamente o que me preocupa.

32

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
24 DE MARÇO DE 2011, 14H05

Enquanto estava sentada na antessala à espera do Dr. Helmut Springer, Pia não se deixou abalar em sua determinação em vê-lo. O sexo com George serviu para clarear na mente dela o que era preciso fazer. Ela sentia uma necessidade premente de descobrir duas coisas. A razão pela qual o Dr. Rothman adoecera era uma delas; a outra era por que a tão aclamada e louvada equipe médica da Columbia havia fracassado no tratamento do professor. Ela sabia que não passava de uma estudante de medicina, mas não conseguia encontrar uma razão convincente para explicar a morte dos dois pesquisadores, com o agravante de terem morrido menos de um dia depois de darem entrada na enfermaria de doenças infecciosas. Afinal, não se tratava de um hospital qualquer. Columbia era uma das referências em tratamentos médicos no mundo.

Embora Springer provavelmente não fosse ficar feliz em vê-la, Pia tinha esperança de, ao conversar com ele, poder convencê-lo a ajudá-la na missão de descobrir o que havia acontecido. Afinal, Springer era mundialmente famoso como especialista em doenças infecciosas. Ela conhecia a fama que ele tinha de tratar os estudantes de medicina sem o menor respeito, e o encontro deles no dia anterior não tinha terminado bem; ainda assim estava otimista. Se ele ainda

não soubesse que foi ela quem descobriu a incipiente peritonite de Rothman, Pia contaria tudo para ele esperando que isso fosse favorecê-la.

Depois de 45 minutos de espera, Pia ouviu da recepcionista de Springer que o médico podia finalmente recebê-la. Pia entrou depressa na sala. Springer estava sentado à sua mesa, de frente para a porta. Não havia outras cadeiras: este era o recurso de Springer para encurtar a duração das reuniões.

— Dr. Springer, perdão por incomodá-lo novamente, eu sei que o senhor se aborreceu da última vez que nos encontramos. Peço desculpas por isso. Mas sou estudante de medicina, e se não conseguir aprender nada com minhas experiências, serei um péssimo exemplo de estudante. E peço desculpas por questionar...

— Sim, sim — disse Springer, cortando Pia em meio ao discurso.

As desculpas dela lhe pareceram ensaiadas e em seus olhos não havia nada que lembrasse contrição. Para piorar, a agenda dele estava lotada de reuniões com residentes, que naquele exato momento o aguardavam no pronto-socorro. Ele pigarreou.

— Pela nossa última conversa, desconfio que você acha que sabe mais sobre o que aconteceu aqui do que algumas das maiores autoridades do país. Pois bem, gostaria de informar que você está equivocada em sua crença. Também gostaria de dizer que não a teria recebido agora não fosse o fato de você ter descoberto os primeiros sinais de peritonite no Dr. Rothman. A Dra. De Silva me falou da estudante de medicina que ela supôs estar fazendo parte do rodízio e que constatou a sensibilidade de rebote no abdome do paciente, sintoma que não tinha se manifestado antes. Vamos desconsiderar o fato de que a estudante na verdade não fazia parte da residência e que, simplesmente, invadiu a enfermaria quando estava proibida de se aproximar dos pacientes em qualquer hipótese. Naturalmente, só depois fiquei sabendo que a estudante era você.

Pia demorou alguns segundos para entender que Springer estava fazendo um discreto elogio a ela, ainda que disfarçado de reprimenda. Aceitou aquilo como uma abertura.

— Admito que estive lá, e que não deveria ter estado — disse Pia. — Mas foi uma descoberta importante, com consequências significativas. O paciente estava piorando, o que leva à pergunta: por que o antibiótico original foi escolhido.

— Por favor — retrucou o Dr. Springer, com o rosto vermelho de indignação —, foi neste ponto que paramos da última vez. Acabo de confessar que ficamos gratos por sua ajuda, e lá vem você de novo com essa tolice. Não há jeito de convencê-la. Por outro lado, não existe indicação de que o cloranfenicol não estivesse fazendo um bom trabalho naquelas circunstâncias. E, como já afirmamos cinquenta vezes, com base nos estudos de sensibilidade realizados pelo próprio Dr. Rothman, aquela era a opção correta de antibiótico. Estávamos apoiados na suposição de que o trabalho do Dr. Rothman em seu estudo tinha sido tão completo e rigoroso quanto de costume.

Pia não acreditava no que estava ouvindo. Springer estaria tentando transferir parte da responsabilidade para Rothman? Num caso como este parecia especialmente ridícula a mera tentativa de culpar a vítima.

— Então, em vista desses estudos de sensibilidade, como se explica que nem o Dr. Rothman nem o Dr. Yamamoto apresentassem o menor indício de reação ao antibiótico escolhido?

Springer fechou os olhos momentaneamente.

— A resposta para sua pergunta é simples. A virulência da cepa de salmonela envolvida venceu tanto o antibiótico quanto as defesas dos pacientes. Lembre-se de que, ao contrário do mito, antibióticos não curam; o que cura é o sistema imunológico do paciente. Obviamente, no caso de Rothman e Yamamoto, o organismo dos dois foi arrasado. É muito simples.

Pia começou a falar, mas Springer a cortou.

— Escute aqui, já discutimos este assunto. E permita-me acrescentar que um chefe de departamento deste hospital não precisa ter esse tipo de conversa com estudantes de medicina. Um chefe de departamento não tem, de maneira alguma, esse tipo de conversa. Há protocolos a serem seguidos, painéis a serem convocados se surgirem dúvidas em relação ao diagnóstico ou ao tratamento. E neste caso não está clara a existência de qualquer dúvida. Meu Deus, por que estou me justificando para você? Não é assim que as coisas funcionam por aqui.

Pia não estava percebendo que Springer se sentia cada vez mais ofendido. Estava com ele na sala e queria respostas.

— Por que Rothman e Yamamoto não estavam sendo acompanhados mais atentamente?

— Eles estavam sendo monitorados de forma extremamente atenta. Cada um tinha sua própria enfermeira.

— Extremamente atenta? Então como foi que os sinais de uma peritonite em evolução foram identificados por uma estudante de medicina?

— Isso foi um acaso. O quadro teria sido identificado muito depressa. Pode acreditar em mim. Agora, há mais alguma coisa em que eu possa ajudá-la, qualquer outra diretriz do hospital que você deseje criticar?

A ironia de Springer não foi notada por Pia.

— Este caso me deixa confusa — continuou ela. — De fato, é um dos piores casos de salmonela ou febre tifoide com que me deparei.

— Em sua vasta experiência — disse Springer.

— Em minha experiência, sim.

— Com certeza você tem em mente algum detalhe específico, logo, tenha a bondade de esclarecer.

— Uma das primeiras coisas que nos disseram quando chegamos aqui dizia respeito ao diagnóstico. "Quando ouvir um ruído de cascos, você deve pensar em cavalos, não em zebras."

— Sim, claro, é o ditado mais velho da medicina. E o que tem ele?

— Neste caso, Dr. Springer, nós deveríamos estar procurando zebras?

— Neste caso *nós* não estamos procurando nada, Srta. Grazdani. Estou morrendo de curiosidade para saber o que você está procurando; logo, esclareça novamente.

— Tudo bem. É possível que este caso represente alguma forma exótica de reação de anticorpos/antígenos, que o corpo pode apresentar, como uma reação de Schwartzman? Se fosse assim, não seria sensato usar Decadron ou algum agente anti-inflamatório similar, algo potente, para tentar interceptá-la?

— Se essa é sua grande revelação, pois bem, sinto muito informar que é infundada. Porque usamos Decadron na noite em que se evidenciou que os dois pesquisadores estavam se aproximando da morte. Talvez você deva examinar o boletim médico dos pacientes antes de fazer acusações como essa.

— Naturalmente. Se me tivessem dado acesso aos boletins eu não teria cometido esse engano. Não estou fazendo acusações, Dr. Springer, só quero chegar à verdade.

— Todos nós queremos, Srta. Grazdani.

Springer foi acometido por uma fadiga súbita. Conversar com Pia Grazdani era frustrante, e naquela mesma tarde ele teria de lidar com outras pessoas que seriam ainda mais maçantes. Haveria a imprensa e as famílias dos pacientes. O dia não seria bom, pois, em última análise, só os pacientes importavam para ele.

— O senhor acha talvez que pudesse haver outra bactéria envolvida, além da salmonela, uma bactéria ou vírus que estivesse sendo encoberto ou camuflado pela salmonela? E talvez essa bactéria fosse totalmente resistente ao cloranfenicol e fosse a verdadeira assassina?

Houve um silêncio enquanto Springer tentava controlar sua irritação. Aquilo simplesmente passava dos limites. Seus olhos fuzilaram os de Pia, enquanto ela mantinha a compostura, e de olhos baixos aguardava uma resposta. Finalmente a emoção reprimida de Springer explodiu.

— Não consigo, de modo nenhum, imaginar um cenário mais absurdo. Nós fizemos o diagnóstico preenchendo os postulados de Koch. A doença foi causada pela salmonela, cuja presença verificamos por variadas análises, sendo a mais convincente a hemocultura. Também classificamos a cepa de diversas maneiras, principalmente pela análise do DNA. O organismo agressor foi, sem dúvida, a cepa alfa da *salmonella typhi* que o próprio Rothman tinha cultivado no espaço com a cooperação da Nasa. Não houve outro patógeno, pelo amor de Deus! Só a salmonela se desenvolveu na hemocultura, nada mais. Absolutamente nada mais!

Sem se deixar intimidar, a estudante mudou de assunto.

— E aquela queda de cabelo? Uma infecção séria por salmonela pode fazer a pessoa perder os cabelos?

Springer estava tendo dificuldade em se controlar, e no entanto Pia parecia completamente calma.

— O estresse de quase toda enfermidade séria, principalmente as que se apresentam com febre alta, pode causar queda de cabelo. Aliás, de qual queda de cabelo você está falando?

— Antes de descobrir a sensibilidade de rebote, vi que Rothman estava perdendo cabelos. A residente indicou que poderia ser atribuído ao cloranfenicol.

— Isso não me foi repassado — respondeu ele. Depois, acrescentou furioso: — Droga! Fique esperando aqui.

Springer se levantou como um raio da cadeira, passou pela estudante e desapareceu. Pia ficou aguardando na sala. Em alguns minutos Springer reapareceu, dando a Pia um olhar malévolo. Pensando que talvez tivesse exagerado em sua expectativa em relação à conversa deles, Pia deu uma olhada em direção à porta.

— Eu mandei você esperar — disse Springer. — Fique onde está!

Confusa, Pia obedeceu. O silêncio era quebrado pela respiração ofegante de Springer. *O cara está irritado*, ela pensou. *Não vou conseguir nada*. Pia tornou a olhar para a porta.

— Dr. Springer, eu agradeço muito por sua atenção.

— Fique onde está! — Springer ordenou bruscamente.

Pia revirou os olhos, confusa. *Primeiro ele mal consegue esperar para se livrar de mim, agora quer que eu fique...*

Então, entrando num rompante pela porta, surgiu a Dra. Helen Bourse, pró-reitora da graduação.

— Ah, Dra. Bourse, é impossível fazer meu trabalho se fico sendo atormentado por uma estudante de medicina que acha que deveria estar dirigindo meu departamento. Ela entra no setor e visita os pacientes sem autorização, o que em minha opinião poderia nos deixar sujeitos a todo tipo de problemas jurídicos. Ela contesta minhas habilidades como médico ou questiona minhas decisões, e agora apareceu com uma sugestão sem sentido de que talvez tenhamos perdido de vista outro organismo, este sim o responsável pelas mortes prematuras de Rothman e Yamamoto. Primeiro foi a escolha do antibiótico, agora é um segundo patógeno. Isso é inaceitável e tem de acabar.

Pia olhou para Springer sem conseguir esconder o desprezo que sentia. Ele saiu correndo como um covarde e chamou a pró-reitora para despachá-la. Pia deu uma olhada em Bourse, que estava parada com as mãos na cintura, e cara de poucos amigos. Ela estava com raiva e atônita.

— Eu gostaria que o Dr. Springer entendesse que não estou tentando fazer o trabalho dele — declarou Pia em defesa própria. — Só estou tentando obter respostas para algumas perguntas que eu considero importantes. Minha impressão neste caso é de que alguma coisa está errada.

Nem Springer nem Bourse podiam acreditar no atrevimento da jovem. A pergunta que estava na mente dos dois era: quem ela pensa que é?

— Está vendo só do que estou falando? Esta garota é maluca. Vou conversar com o Groekest sobre a conveniência de cancelar a vaga que ofereceram a ela aqui como residente e candidata ao doutorado. Isto é um absurdo.

Diante da menção ao chefe do departamento de clínica médica, Helen Bourse indicou a Pia, com um movimento brusco de cabeça, que saísse do escritório de Springer. A moça se alegrou em obedecer. Bourse então fez um gesto para o Dr. Springer para demonstrar que tinha controlado a situação.

— Eu lhe darei um retorno. Peço desculpas por isso.

Bourse saiu da sala atrás da aluna e foram para o corredor. Talvez Pia estivesse temporariamente transtornada, mas Springer era um rolo compressor e tinha deixado clara sua posição. Antes que a estudante pudesse dizer algo, Bourse partiu para o ataque.

— O que você pensa que está fazendo? Quando conversamos hoje de manhã, e eu lhe dei tempo para se recuperar emocionalmente, não me lembro de ter dito a você que fosse procurar o Dr. Springer e criticar o chefe do departamento de doenças infecciosas em relação a seus pacientes ou a seus diagnósticos. Você é uma sem noção? Caramba! Todo mundo sabe que Springer não é fã dos estudantes de medicina em geral, mas esse episódio o deixou fora de si. Eu nunca o ouvi tão exasperado como estava quando me telefonou.

Pia começou a falar, mas Bourse ainda não tinha acabado o sermão.

— Você está ganhando rapidamente a fama de criadora de caso, Srta. Grazdani. Se isso ficar registrado em seu currículo, vai pegar mal. A senhorita está aqui a convite da instituição e convidados não se comportam assim. Quando o fazem, em geral são instruídos a ir embora. Eu dei a você alguns dias para se recuperar da morte de seu orientador e esse intervalo não deveria ter sido usado para você entrar aqui e ficar agitando de novo as coisas.

— Mas a senhora não acha que essas perguntas precisam ser respondidas?

— Não, não acho, não se ele não achar — respondeu Bourse, fazendo um gesto em direção à porta.

Pia começou a falar de novo, mas a Dra. Bourse já tinha aguentado o suficiente.

— Você apresentou algum sinal de febre?

— Não.

— Então volte para seu quarto. Se eu ouvir falar que você está causando qualquer problema ligado a esse evento infeliz, vou pensar seriamente no cancelamento de sua matrícula aqui como estudante de medicina. O que seria uma verdadeira tragédia para você, considerando que só faltam alguns meses para você se formar. Seria muito ruim para nós porque, para começo de conversa, estaríamos admitindo ter cometido um erro ao aceitá-la. Acho que o Dr. Springer não vai procurar o Dr. Groekest por iniciativa própria, mas ele poderia. Portanto, muito cuidado, mocinha. Agora você está oficialmente andando na corda bamba. Talvez eu não tenha deixado isso muito claro da última vez que conversamos. Está claro agora?

— Sim — disse Pia —, perfeitamente.

33

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
24 DE MARÇO DE 2011, 16H45

Para Pia, meter-se em encrenca era tão natural quanto respirar. Ela já tinha passado a maior parte da vida submetida a uma espécie de supervisão probatória, nas mãos de gente que não a conhecia, não se importava com ela, nem entendia sua situação. Havia muito tempo que se perguntava por que ela era a pessoa que sempre terminava diante de alguma comissão. Nunca era a instigadora do problema, e sim quem reagia a situações em que alguém mais velho ou mais poderoso tentava se aproveitar dela. De certa forma a verdade dos fatos ficava perdida no meio da burocracia. Com muita frequência, era a única a ser submetida a um interrogatório e ao castigo decorrente. Para ela, a injustiça e a dor faziam parte da mesma via de mão única.

Por volta dos 12 anos, Pia parou de questionar o mundo. As coisas eram assim, e continuariam da mesma forma. Ao longo dos anos foi aprendendo como os indivíduos que tinham alguma influência na sua vida operavam. O Dr. Springer era um tipo familiar. Feroz defensor da própria reputação, adotaria qualquer posição que o protegesse, mesmo em detrimento da razão e dos fatos. Ficava ofendido facilmente e era um frouxo. Quando Pia o pressionou e insistiu, ele literalmente saiu correndo. Foi procurar alguém com poder de verdade, a Dra. Bourse, e se escondeu atrás dela. Bourse era diferente.

Pia podia perceber que ela não tinha medo, e não era dada a buscar soluções fáceis para se livrar do problema — nesse caso, a própria Pia —, como poderia ter feito.

Pia tinha passado a tarde refletindo, ansiosa, sobre o comportamento de Springer. Mas não chegou a uma conclusão. Também havia o fato de que ninguém parecia preocupado com os questionamentos médicos que ela estava levantando, fato que só servia para alimentar as convicções meio paranoicas de Pia de que o centro médico, e o departamento de doenças infecciosas em particular, não tinham cuidado direito de Rothman e Yamamoto. E, para começo de conversa, como alguém podia garantir que alguns funcionários do centro médico não tinham nada a ver com a contaminação deles? Pia estava começando a cogitar a ideia da possível ocorrência de algum tipo de ocultação da verdade, orquestrada pelo Dr. Springer.

E do ponto de vista emocional Rothman ainda estava dentro da cabeça dela. Se Pia não tivesse deixado seu orientador assumir um papel influente em sua vida, não estaria passando por isso. Se deixar as pessoas entrarem em sua vida, ela pensou, mais cedo ou mais tarde você vai acabar se machucando.

Uma batida na porta despertou Pia de suas reflexões. Era George. Quem mais?

— O que aconteceu com Springer? Fiquei tão preocupado que não consegui me concentrar o dia inteiro.

— Foi um desastre.

— Puxa, sinto muito. Foi mal por eu não ter me oferecido para acompanhar você. Você não deveria ser obrigada a passar por isso sozinha.

— Qual é, George, para de se lamentar. Além disso, nunca esperei que você fosse comigo. Na verdade, nem me lembrei disso. E depois do que aconteceu, estou feliz por você não ter ido. Springer ficou mais bravo comigo que da primeira vez. Ele foi buscar a pró-reitora para me dizer que parasse de interferir. E ameaçou falar com o Groekest se eu não desistisse.

— E aí, você vai parar?

— Parar o quê?

— Parar de interferir.

— Como posso parar? São eles que estão interferindo, acobertando as coisas, e não eu. Estão sentados em cima de alguma coisa, disso eu tenho certeza.

— Se você me permite dizer, parece paranoia.

— Pois que seja. E lembre-se de que até os paranoicos têm inimigos de verdade.

— Então você confrontou a pró-reitora de novo?

— Pelo jeito sim.

— O que foi que ela fez?

— Me deu um tremendo esporro. Fez um sermão sobre eu ficar criando caso. Ameaçou mandar me expulsar da faculdade.

— Puta que pariu!

Pia verificou a hora.

— Na verdade eu estava prestes a voltar ao laboratório do Rothman. Só estou esperando ficar bem tarde. Não quero dar de cara com ninguém, principalmente com a pró-reitora.

— Pia, até onde eu sei, ela não está trabalhando na segurança. Existe uma equipe que faz isso e da última vez que fomos ao laboratório, ela não demorou nem cinco minutos para nos achar. Bourse deixou muito claro que você não deve voltar ao laboratório. Agora ela reforçou isso. Talvez eles tenham razão: você *é* maluca.

— Acho que tenho aptidão para a ciência, George. Nesse caso existem fatos, peças que não estão encaixando. Nenhum cientista daria as costas e iria embora.

— Então me diga uma coisa: o que você vai fazer quando for expulsa daqui? Isso vai transformá-la em ex-cientista. Ou nem nisso; numa ex-quase-qualificada-cientista. Não me consta que esse tipo de profissional seja muito procurado no mercado atual. Se você tiver sorte, vai se formar em alguns meses. Sim, a morte de Rothman foi uma experiência ruim, uma experiência péssima, mas você talvez esteja criando um problema e jogando fora uma carreira antes mesmo de ter começado.

— Carreira? Neste momento não me parece que eu tenha uma carreira. Se eu desistisse, não conseguiria viver comigo mesma. Você sabe se o laboratório de Rothman ainda está oficialmente fechado?

— Não tenho ideia. Mas sei que está fechado para você.

— A essa altura os epidemiologistas devem ter acabado o trabalho deles — disse Pia, ignorando o comentário de George. — Se eles não estiverem examinando o local, não há motivos para não entrar. Eu deixei coisas lá dentro. A pró-reitora se irritou porque entramos quando ele ainda estava oficialmente fechado. Se continuar assim, não vou entrar, prometo; mas se não estiver interditado, aí sim. No mínimo, preciso examinar o conteúdo daquele freezer de armazenamento na unidade de biossegurança nível-3, coisa que não tivemos chance de fazer ontem à noite, lembra? Sou uma das poucas pessoas que conhecem o código usado por Spaulding no livro de registro do freezer. Quero ter certeza de que todas as amostras que deveriam estar no freezer estão no lugar certo.

— Quem é Spaulding?

— É o chefe dos técnicos do laboratório. Rothman e Spaulding costumavam discutir sobre o estado do freezer de armazenamento. Rothman achava que era uma bagunça, Spaulding não concordava. Rothman estava pensando em demitir o cara. Mas isso não era novidade. Todo mundo achava que ele estava à beira de ser demitido. Spaulding era o único que reagia.

— Isso tudo é muito interessante e talvez você possa descobrir que alguma coisa está errada na unidade de armazenamento. Mas ainda que descubra, e daí? Lembre-se de que aquilo não é mais o laboratório de Rothman. Tudo isso é passado. Infelizmente. E *você* vai ser passado se continuar agindo assim. E está realmente insinuando que o chefe dos técnicos de laboratório possa ter algo a ver com a morte de Rothman? Isso é loucura.

— Na verdade, não sei o que pensar. Com certeza tenho algumas ideias malucas, como a de Rothman e Yamamoto terem conspirado juntos para cometer um duplo suicídio.

George encarou Pia consternado.

— Estou brincando. Estou só brincando. Mas há tantas coisas quicando dentro da minha cabeça neste momento, tantas teorias, e eu não posso excluir nenhuma delas. Talvez seja algo que alguém não fez, e não alguma coisa que fez. Como se chama isso? Pecar por omissão? E a única coisa que *sei* é que algo nessa situação toda não está certo.

— É claro que algo não está certo, Pia. Duas pessoas morreram. Isso não pode estar certo. Mas não significa que não possa haver uma explicação simples e lógica para o que aconteceu.

Pia ficou pensando um momento. Cogitou se abrir com George e contar a ele sobre si mesma, mas isso era algo que ela sempre rejeitara fazer. Tinha conversado francamente com Rothman e vejam para onde aquilo a tinha levado. Ela olhou para o rosto de George. O tempo todo ele a estivera observando; a maior parte do tempo ela estivera olhando para o chão. Ele parecia menos ansioso que o normal e mais sério. Pia respirou fundo: resolveu pelo menos tentar.

— Não quero pensar que Rothman teve responsabilidade sobre sua própria doença, mas eu gostaria de ter certeza. Se ele teve, então me traiu. Rothman é muito importante para mim, e é difícil admitir que alguém tenha tanta influência sobre minha vida. Agora que ele morreu, eu me sinto como se começasse da estaca zero. E não quero que isso seja culpa dele.

George fez que sim com a cabeça, mas estava tendo muita dificuldade em entender o raciocínio de Pia. Mesmo que Rothman houvesse se infectado acidentalmente, por que isso a faria menosprezá-lo, pensar que ele a tinha "traído"?

— Foi ideia de Rothman começar o programa de pesquisa do meu treinamento, e eu ia ficar subordinada a ele. E agora quem é que vai fazer isso para mim? Eu ficaria trabalhando no laboratório dele para meu doutoramento. Para onde irei agora? Mais uma vez fui abandonada.

George ficou um pouco surpreso com o que parecia uma reação egoísta diante da morte de Rothman e Yamamoto.

— Tenho certeza de que a universidade vai arranjar outro laboratório para você — afirmou ele. — Eles encontrarão outro programa para você. Will e Lesley já foram realocados.

— Talvez consigam um para mim, talvez não.

George hesitou por um momento. Sabia que ela poderia interpretar mal o que ele estava a ponto de dizer. De toda forma resolveu arriscar:

— Pia, não entendo como Rothman poderia ter "traído" você, como está afirmando. Ele adoeceu e morreu. Às vezes acho difícil entender você. Acho que não deveria se envolver com o que não diz respeito a você. Se agora está

achando que a morte do Rothman não foi acidental, e que está rolando um acobertamento, não consigo ver outro jeito de isso terminar que não seja mal.

— A não ser que seja verdade.

— Você está falando de assassinato. Quem iria querer assassinar uma das melhores equipes de pesquisadores do país?

Revolvendo a ideia na cabeça, George só podia pensar em um motivo pelo qual alguém estaria tão disposto a arriscar a própria carreira sem pestanejar. Tinha certeza de que essa linha de raciocínio poderia trazer problemas para ele.

— Veja bem, isso não é da minha conta, e eu nunca lhe disse nada que a levasse a pensar que eu estava com ciúme de outro cara, bem... se aproximar de você, mas sua relação com o Rothman...

George foi interrompido pela sonora gargalhada de Pia.

— Ai, meu Deus! É por isso que você acha que estou envolvida nisso? Você acha que eu estava dormindo com o Rothman?

— Não. Quer dizer, sim. Talvez. Sei lá. Talvez explique por que você está tão interessada nisso. É o que andam dizendo pelo campus.

— Então preciso estar dormindo com alguém para me preocupar com o modo como ele morreu? Puxa, obrigada, George. De fato eu deixei que ele se aproximasse de mim, mas não desse modo. Isso foi um pensamento tipicamente masculino. Vou lhe dizer, se é que vai ajudar: não, não houve nada físico entre mim e o Dr. Rothman. Nadinha. Pode crer, eu sei quando um homem está interessado em mim desse jeito, e ele não estava. Na verdade estava feliz no casamento e era dedicado à família, por mais antissocial que parecesse.

Pia estava furiosa e George não sabia o que dizer. O pensamento que externou tinha adquirido vida própria em sua mente. Mas tão logo o compartilhou, sentiu que era muito improvável. Agora estava só envergonhado por ter mencionado a questão.

— Pois bem, isso encerra o assunto. Vou para o laboratório — comunicou Pia. — Realmente deixei por lá coisas que preciso pegar. Trabalhei por mais de três anos e meio naquele lugar. Não se preocupe, se estiver interditado eu voltarei para cá imediatamente como uma boa menina.

— E se não estiver?

— Então vou conferir o freezer de estocagem e pegar meus pertences.

— Eu vou até o centro médico e espero você na biblioteca.

— Você não precisa fazer isso.

— Depois do Springer, é o mínimo que eu posso fazer. Sério.

— Eu não posso impedir você de fazer isso.

George soube que aquilo era o mais perto que chegaria de receber um convite.

34

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
24 DE MARÇO DE 2011, 17H07

Pia e George caminharam até o prédio de pesquisas da fundação Black e passaram pelo segurança com seus crachás de estudantes de medicina. Eram mais de cinco da tarde, portanto eles seguiam na contramão da maioria dos funcionários que, ao fim do expediente, deixavam o edifício. Pia e George se separaram no hall dos elevadores, e ela disse a ele que iria procurá-lo na biblioteca após a visita ao laboratório.

Dentro do elevador, Pia ficou feliz por George não estar com ela. Sem ele, conseguiria fazer mais depressa o que desejava. Ficou satisfeita de que a fita de isolamento tivesse sido removida da entrada do laboratório, mas não se surpreendeu. Outra notícia boa: a porta estava destrancada, o que significava que o lugar tinha voltado oficialmente ao normal. Mas seus motivos para comemorar tiveram vida curta quando ela viu que alguns dos habituais frequentadores do laboratório tinham aproveitado a mesma oportunidade para comparecer e dar continuidade às tarefas mais urgentes. Marsha Langman estava limpando sua mesa, pois os investigadores do CDC que andaram examinando a maioria dos registros do laboratório a deixaram suja. Infelizmente o chefe dos técnicos, Arthur Spaulding, também estava lá, tentando devolver tudo ao normal.

Encontrar Spaulding foi um grande azar. A presença dele impossibilitava seu plano de entrar no laboratório de biossegurança. Se ele a visse, e principalmente no freezer de estocagem, com certeza faria uma cena. Pia maldisse entredentes o fato de não ter chegado ao laboratório antes de todo mundo. Nem Marsha, nem Spaulding, nem nenhum dos outros técnicos presentes a cumprimentaram, ou então a esnobaram. Era como se ela não estivesse ali. Aquela atitude a surpreendeu, pois todos estavam passando pelo mesmo trauma causado pela morte de seus superiores. Era como se fossem um grupo de autômatos.

Pia se dirigiu à porta aberta que levava à sua salinha, pensando que talvez fosse ser obrigada a pegar suas coisas e ir embora, deixando para voltar mais tarde e examinar o freezer da unidade de biossegurança microbiológica. No caminho, quase colidiu com O'Meary, o técnico de manutenção presente no dia anterior.

Obviamente ele sabia o nome dela.

— Srta. Grazdani! Que bom vê-la! Há dez minutos nos avisaram que amanhã de manhã poderemos entrar aqui de novo para acabar o serviço. Estou só vendo se todas as ferramentas estão aqui.

Em seguida cochichou, inclinando-se para ela:

— Depois do que houve ontem, não estou muito feliz em vir aqui, mas o trabalho precisa ser feito. Acha que este lugar está seguro agora? O nosso chefe diz que sim.

— Eu acho que está seguro — disse Pia. — Acho que nunca deixou de estar seguro.

— É bom saber disso.

O'Meary endireitou o corpo e fez um sinal com o polegar na direção do teto da salinha de Pia.

— Acho que identificamos o problema do curto-circuito. Está ali. Amanhã até a hora do almoço nós devemos ter deixado você em paz.

Pia não falou nada. Ela duvidava de que o problema fosse ser resolvido. Além disso, não estaria ali no dia seguinte nem em qualquer outro.

— Espero que a gente não a incomode muito amanhã — disse O'Meary, querendo mostrar consideração.

Quando tentou passar ao lado dela, Pia o deteve.

— Sei que você só está aqui há dois dias, mas não reparou em alguma coisa diferente ontem de manhã? Antes de toda a confusão começar? Viu algo que pareceu estranho?

— Aquele sujeito, o Springer, já me perguntou, e também o pessoal do controle de doenças. Eles passaram um tempão aqui.

— Tenho certeza de que perguntaram tudo o que tinham que perguntar, mas já que o senhor esteve aqui dentro a manhã inteira, e em diversas partes do laboratório, mexendo na fiação, não teria no laboratório alguém que não tornou a ver mais tarde? Alguém que aparentemente não era do setor?

O'Meary semicerrou os olhos com ar brincalhão.

— Agora a senhorita é policial?

— Não, não sou policial.

— Como eu não estava trabalhando na unidade de biossegurança na qual eles adoeceram, não sei nada de ninguém lá de dentro. A senhorita tem certeza de que este lugar é seguro? O pessoal estava fazendo perguntas sobre contaminação, falando em "antes da contaminação" e essas coisas. Será que aqui é mesmo seguro?

— Tenho certeza de que sim. Eu estou de volta, e não me arriscaria com aquela bactéria.

— Então por que está fazendo perguntas? Já está me deixando nervoso.

— Só estou investigando um pouco por conta própria. Pelo jeito, nada anormal foi encontrado aqui no laboratório nem na unidade de biossegurança. Você chegou a ver o Dr. Rothman e o Dr. Yamamoto?

— Eu nem sabia qual dos dois era quem. Havia muita gente entrando e saindo do laboratório, carregando coisas.

— Você conhece Arthur Spaulding, o chefe dos técnicos?

— Sim, ele nos foi apresentado assim que viemos trabalhar aqui.

— Quando estava na sala de Rothman você o viu?

— Com certeza. Vi algumas vezes. Foram entradas e saídas rápidas.

— Você viu alguma outra pessoa mais de uma vez?

— A secretária, Martha.

— Marsha.

— Sei lá, isso daí. Quer saber? A senhorita está falando que nem os policiais.

— Mas não sou policial, sou só uma estudante com algumas dúvidas. Perdão por tomar seu tempo. Mas caso se lembre de alguma coisa estranha, basta me procurar.

— A senhorita vai ficar por aqui?

— Na verdade, não. Vou dar a você o número do meu celular. Se você se lembrar de alguma coisa, por favor, me telefone. Eu quase nunca atendo o celular, mas mensagem eu leio. — *Uma mensagem, se não for relevante*, *eu posso ignorar,* pensou Pia.

Normalmente fazia questão de não dar seu telefone. O'Meary anotou o número.

— Tudo bem, já anotei.

Por cima do ombro de O'Meary Pia viu Spaulding dar boa-noite a Marsha e sair. Ela comemorou em silêncio. Agora estava livre para verificar o freezer de estocagem.

Por medida de segurança, ela circulou pelo laboratório vendo quem mais estava presente. Outros integrantes da equipe de apoio arrumavam a área principal do laboratório e Marsha estava ocupada na recepção, mas não havia ali ninguém com cara de quem ia entrar na unidade de biossegurança. Ao chegar à sala de Spaulding ela pegou o livro de registro do freezer de estocagem de microbiologia da mesa dele, onde era mantido. Na antessala da unidade vestiu rapidamente o traje de segurança, e, uma vez dentro do laboratório, usou sua própria chave para entrar no espaçoso freezer. A porta se fechou automaticamente às suas costas. Ela ficou surpresa por ver a luz interna acesa, um fato estranho, pois ao sair Spaulding a deixava sempre apagada. Enquanto Pia começava a avaliar o motivo potencial daquilo, a porta se escancarou. O coração dela deu um salto. A moça viu-se cara a cara com o igualmente surpreso Arthur Spaulding.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela depressa, fingindo indignação.

— Eu vim apagar a luz. Aliás, o que *você* está fazendo aqui? Esta área está interditada para todos, com exceção de Nina Brockhurst, Panjit Singh, Mariana Herrera e eu. Você sabe disso. E como foi que entrou aqui?

— Eu tenho uma chave — respondeu Pia, pegando a chave e balançando-a diante do próprio rosto coberto pela máscara. — Recebi do Dr. Rothman, que

me autorizou a entrar aqui.

Spaulding arrebatou a chave da mão de Pia, tornando a assustá-la.

— Talvez você não tenha ouvido falar, mas o Dr. Rothman já não se encontra mais aqui para lhe dar nenhuma autorização.

— E aposto que você está feliz com isso — disse Pia num rompante.

Assim que deixou escapar o comentário, ela se arrependeu.

— Agora estou encarregado deste laboratório, e desse ponto em diante você não tem mais autorização. Vou ficar com isso também.

Spaulding pegou o livro de registro que ela estava segurando.

Pia ficou parada ali por alguns minutos, pensando no que fazer. Tendo se recuperado do choque da aparição inesperada de Spaulding, ela agora só estava irritada. Nunca gostara do sujeito. Passou ao lado dele e se dirigiu à porta.

— Você já não é mais a princesa, Pia. Seu acesso a este laboratório inteiro foi revogado, como a pró-reitora ficaria feliz em confirmar, caso eu pedisse.

Pia não disse nada. Na antessala, ela despiu o traje de segurança e, num ato de rebeldia, deixou-o onde havia caído. Fervendo de raiva, ela entrou de novo em sua salinha e recolheu os poucos objetos e pastas acumulados em pouco mais de três anos. Usou uma caixa de papelão vazia para transportá-los. Sem olhar para trás fechou a porta da sala e caminhou em direção à entrada do laboratório. Marsha Langman não levantou a vista quando ela passou. Que bando de babacas, refletiu Pia.

Bufando de raiva, Pia seguiu para o alojamento, mas depois se lembrou de George, que aguardava na biblioteca. Mudando de direção, ela logo o avistou e acenou para chamar sua atenção. Depois saiu. George fechou depressa a publicação que estava lendo e a seguiu até o saguão. Foi obrigado a correr para alcançá-la. Dava para ver que ela estava zangada.

— Posso perguntar o que aconteceu? Você não demorou muito. O laboratório ainda estava interditado?

— Teria sido melhor se estivesse — retrucou Pia. — Espero que você esteja com fome, porque eu estou com muita.

— Estou faminto. Vamos para o refeitório.

— Ótimo.

Saíram do hospital. Fazia frio e estava escuro. Caminhavam depressa.

— Você ainda não me contou o que aconteceu. — George recordou a Pia.

— O babaca do Spaulding me pegou de surpresa no freezer de estocagem e acabou me expulsando do laboratório para sempre. O idiota tinha esquecido a luz acesa e voltou para apagar. O meu azar é que ele é meticuloso. O cara é um bundão.

— Você não pode se espantar por ele ter ficado furioso. E daí que ele expulsou você do laboratório? Segunda que vem você vai para outro. E pode riscar da sua lista de cartões de Natal mais um integrante da equipe.

— Eu não mando cartão de Natal.

— É só um modo de falar, você sabe o que eu quero dizer. Então agora o laboratório virou realmente uma zona proibida, não é mesmo?

Pia concordou com um movimento de cabeça.

— Pelo visto, sim.

— Então não há muito mais que você possa fazer, a não ser invadir a sala do Spaulding.

Pia olhou confusa para o colega.

— Estou brincando. Agora falando sério, não há muito mais que você possa fazer. Já conversou com o médico encarregado de cuidar de Rothman e Yamamoto e não pode entrar mais no laboratório. Você precisa desistir e deixar as autoridades fazerem o trabalho delas. Tenha certeza de que há uma investigação em curso. Portanto, você deve desistir. Certo?

Pia não estava nem ouvindo a súplica de George.

— Pia, você está me escutando?

Longe de querer desistir, agora Pia estava imaginando se Spaulding não estaria escondendo algo. No entanto, o que ela poderia fazer? E o que faria com o restante da sua vida? Sem o orientador e o programa dele, a pesquisa ainda era uma possibilidade? Ela pensara que a profissão de médica lhe ofereceria a cobiçada segurança na vida. Mas Rothman a fizera perceber que o fato de não ficar à vontade com os pacientes, com outras pessoas em geral, talvez não fosse compatível com essa carreira. Pia atingira uma encruzilhada em sua vida e não encontrara respostas. Pensar naquilo lhe trazia angústia.

Ela deu um suspiro, e quando George lhe perguntou qual era o problema, ela fingiu que não tinha ouvido a pergunta. De repente constatou que sua

preocupação em descobrir o que tinha acontecido a Rothman lhe permitia não ter de pensar na profissão e nas decisões que a confrontavam. Aquilo era sua primeira linha de defesa. O futuro podia esperar. Ela parou de caminhar e fez George parar, do lado de fora do alojamento.

— Eu não vou desistir. Tenho que descobrir por que essa tragédia aconteceu. Há perguntas demais sem respostas. Cada vez que paro e penso, mais perguntas aparecem. Mais gente agindo de forma estranha. A equipe de doenças infecciosas insistiu em usar um antibiótico antigo, de cinquenta anos atrás, e os pacientes morreram em questão de horas apesar de terem sido diagnosticados e tratados. E ninguém, veja bem, ninguém, gostava de Rothman. Os colegas dele o invejavam porque recebeu um Prêmio Lasker e um Prêmio Nobel, e possivelmente estava a caminho de ganhar outro Nobel. Pois bem, o Spaulding se enfureceu porque eu estava na área de estocagem, lugar que, estranhamente, sempre achou que fosse dele, e sabia que eu tinha mexido na mesa dele, pois peguei o livro de registros. Mas agia de forma estranha, como se agora todo o laboratório pertencesse a ele. O idiota é só um merda de um técnico, não um pesquisador. E o que você me diz do fato de que eu, uma simples estudante de medicina, fui a pessoa que identificou a peritonite? Talvez o Rothman ainda estivesse vivo se o tivessem levado mais cedo para a cirurgia.

— O que você quer que eu diga? — perguntou George.

Tentava encará-la nos olhos, mas Pia evitou o olhar.

— Parece mesmo que estou sendo paranoica? Não precisa responder. Seja como for, ainda não acabei de investigar por completo, e tudo indica que ninguém mais está fazendo isso.

— Quantas vezes precisarei lembrar a você que este é um dos principais centros médicos do mundo? E você acredita mesmo que tenha alguma coisa a acrescentar? Você vai acabar se queimando, Pia. É isso que quer? Você está sabotando a sua carreira?

— Talvez — respondeu ela depois de pensar um momento.

— Mesmo que você insista nessa investigação autodestrutiva, ou qualquer outro nome que lhe dê, eu não vejo quais são suas opções. Springer, Bourse, Spaulding... você recebeu um ultimato de todos eles.

— Eu não tenho medo do Spaulding. Ele pegou minha chave, mas ainda sei onde Rothman guardava a dele. Spaulding agiu como quem tivesse algo a

esconder.

— Como eu disse antes, acho que isso é loucura. Se você insiste em continuar essa investigação, por que não confere as autópsias? Provavelmente existe uma explicação patológica simples para a evolução clínica de Rothman e Yamamoto. Ou talvez uma explicação complexa, quem sabe? Mas é lá que você vai encontrar as respostas, em vez de ficar perturbando todo mundo no hospital. As autópsias provavelmente foram feitas hoje, para que eles pudessem se livrar dos corpos, porque ainda estão quentes.

— Quentes? — Pia estranhou.

— Sim, quentes, no sentido de estarem contaminados com salmonela — respondeu George demonstrando impaciência. Às vezes Pia demorava a entender as coisas. Ela ainda parecia achar graça, como se sua mente não estivesse estabelecendo uma conexão. — Você entendeu o que estou dizendo?

— É como dizer que alguém cheio de vírus está "quente".

— Exatamente. Nenhum departamento de patologia deseja ficar muito tempo mantendo corpos quentes. Vou lhe dizer o que você deve fazer: procurar hoje à noite um dos residentes de patologia e perguntar o que eles estão sabendo, o que podem descobrir. Você ainda não abusou da receptividade das pessoas por lá. Ou já?

— Na verdade, esta é uma boa ideia. Eu não tinha pensado nisso.

— Se você quiser dar uma olhada nisso eu a acompanho para que não saia da linha.

George sorriu ao dizer isso. Ele não a estava repreendendo, e sim gracejando, ciente de que não conseguiria mantê-la longe dos problemas se estivesse decidida a se meter neles. Isso ela já havia provado com louvor.

— Mas não vou voltar ao laboratório — acrescentou ele. — Se você quiser voltar lá, pode ir por conta própria. Provavelmente Spaulding já alertou a segurança. E se estiver faltando uma amostra no freezer? O que isso prova, além do fato de Spaulding não ser tão competente quanto acha que é? Coisa que você, aliás, já sabia.

— Acho que Spaulding não vai alertar ninguém. Ele não tem tanta autoridade assim, apesar da fanfarronice. Mas nesse momento não estou pensando em voltar ao laboratório; acho que vou seguir sua sugestão de

conferir com a patologia. Como eu disse, não tinha pensado nisso. É uma boa sugestão.

— Então vou com você. Sei que me sentiria culpado se você fosse sozinha, e se empolgasse demais, e acabasse sendo expulsa da faculdade.

— Tanto faz — declarou Pia.

Ela estava intrigada e se perguntava por que não tinha pensado naquilo.

35

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
24 DE MARÇO DE 2011, 20H50

O vento soprava intensamente pela Haven Avenue e entrava pela 168th Street. Com as rajadas a favor, Pia e George fizeram um avanço rápido, sob um frio enregelante, entre o alojamento e o centro médico. Chovia e George tentava domar um guarda-chuva barato, até que, finalmente, ele virou pelo avesso pela terceira vez. George o enfiou numa lata de lixo, com o cabo para cima. Pia continuou caminhando, de cabeça baixa, o capuz do agasalho puxado sobre a cabeça.

Dentro do hospital, eles desceram até o necrotério pelas entranhas labirínticas do edifício quase secular. O prédio cheirava mal, era pouco iluminado e repleto de equipamentos obsoletos. O necrotério servia para a triagem dos mortos: nos casos simples os corpos eram recolhidos por uma funerária. Quando havia complicadores, um veículo do OCME, o instituto médico-legal, os buscava.

Os dois acharam difícil relacionar esse lugar sujo e decadente ao hospital e ao centro médico que eles conheciam. Alguns edifícios do campus, apesar das fachadas levemente dilapidadas, eram bem-cuidados e modernos em seu interior. O necrotério estava destruído por dentro e por fora, e àquela hora da noite parecia abandonado por todos os seres vivos. Em toda parte se viam

portas de madeira antiquadas, ao estilo dos antigos freezers de açougue, com placas de metal avisando que a entrada era permitida somente ao pessoal autorizado. Os únicos ruídos naquele lugar desamparado eram um zumbido elétrico de baixa intensidade e o pingar da água no piso de cimento.

Guiados pelo olfato, eles entraram no anfiteatro da sala de autópsia desativada, que lembrava o cenário de um filme de terror passado na era vitoriana. Algumas cadeiras estavam quebradas. A área do fosso, com duas antigas mesas de autópsia, estava sendo usada para guardar um grande sortimento de canos, tanques velhos e privadas desativadas. Com a luta constante por espaço no centro médico, George se perguntou por que aquele setor não tinha sido reformado.

Finalmente eles entraram na ala principal do necrotério. Enfileiradas ao longo das paredes havia várias câmaras frigoríficas. Os cerca de quinze cadáveres no recinto estavam em macas individuais, alguns cobertos com lençóis, outros plenamente expostos. Ainda presos a alguns corpos viam-se os vários tubos e fios usados para tratá-los ou monitorá-los enquanto ainda viviam. Alguns corpos estavam vestidos, outros, nus. A maioria ainda usava a camisola hospitalar que vestia no momento da morte. No meio deles havia dois longos sacos pretos de transporte de cadáver.

Pia e George estavam intrigados por não terem visto gente trabalhando ali quando o auxiliar de legista do turno da noite os surpreendeu.

— O que vocês querem? — perguntou o homem obviamente insatisfeito com a perturbação.

Era baixinho, de uns 50 ou 60 anos, e usava um jaleco de laboratório manchado. No alto da cabeça, redonda e grande demais para o corpo, os cabelos em desalinho tinham sido penteados de modo a encobrir a careca. O auxiliar usava óculos pequenos de lentes ovaladas, através das quais, semicerrando os olhos, encarava os visitantes indesejados. O diretor de elenco do filme de terror vitoriano tinha feito um bom trabalho.

— E como foi que entraram? — acrescentou antes que os dois pudessem responder à primeira pergunta.

— A gente entrou por ali — respondeu Pia, indicando o trajeto percorrido na entrada.

— Esta é a porta dos fundos. Os visitantes devem entrar pela frente. Ninguém nunca entra por trás.

— Estamos aqui para perguntar sobre duas autópsias — esclareceu George. — Autópsias que podem ter sido realizadas aqui hoje. Os pacientes seriam dois funcionários que morreram de manhã cedo, o Dr. Rothman e o Dr. Yamamoto.

O auxiliar riu com sarcasmo, como se aquela fosse a observação mais engraçada que tinha ouvido recentemente.

— Não houve nenhuma autópsia feita aqui nos últimos cinquenta anos. Nunca ouvi falar desses pacientes. Eles não estão aqui, se é o que vocês querem saber. E se houve autópsias, devem ter sido feitas no departamento de anatomia da escola de medicina, onde ainda fazem isso. Por causa dos estudantes. Vocês precisam entrar em contato com o residente de patologia que estiver de plantão. E podem sair pela porta da frente.

O homem apontou na direção da saída normal. Depois ficou parado ali, impassível.

George olhou para Pia, que não parecia disposta a discutir.

— Está bem, muito obrigado — disse George.

Enquanto aguardavam o elevador vir roncando até onde estavam, George deu uma rápida olhada para trás, na direção da câmara dos horrores.

— Você já viu alguém como aquele cara?

— Já estive em alguns lugares tenebrosos, mas este foi o pior.

— Você acha que em algum momento ele vai embora?

— Parece que ele mora aqui.

— Vou ficar feliz de nunca mais rever aquela cara.

— Eu gostaria de pensar assim — concordou Pia. — Mas voltaremos a este lugar quando estivermos mortos.

De volta à terra dos vivos, George telefonou para o residente de plantão na patologia. O Dr. Simonov concordou em se encontrar com eles e pediu que fossem ao laboratório de patologia clínica. Quando Pia e George chegaram lá, Simonov estava fazendo um intervalo numa salinha sem janelas e tinha diante de si uma grande caneca de café preto.

— E então, que posso fazer por vocês? Não é sempre que estudantes de medicina me telefonam. Qual é problema?

Simonov era russo, e por ter vivido tanto tempo no ocidente, havia perdido o sotaque quase por completo. Só o ocasional esquecimento do artigo o entregava. Ele tinha feito toda a graduação e a pós-graduação de medicina nos Estados Unidos.

— Estávamos querendo saber se foi realizada uma autópsia hoje no Dr. Rothman ou no Dr. Yamamoto, ou se nos dois — disse George. Ele sugerira a Pia que dessa vez seria ele a falar. Ela não se importou. — Eles morreram hoje de manhã quando...

— Sim, eu sei quem são eles — disse Simonov. — Todo mundo no centro médico sabe a respeito deles. Por que você está perguntando?

— Há dúvidas sobre a rapidez do óbito — disse Pia antes que George conseguisse falar. — Foi uma piora vertiginosa, apesar do tratamento intensivo, daí que nós...

— Nenhuma autópsia foi realizada neles aqui — retrucou Simonov, interrompendo a moça. — Geralmente não se fazem mais muitas autópsias. É pena, mas é a realidade. Não há dinheiro para isso. Mas Rothman e Yamamoto, eles não teriam passado por autópsia aqui em hipótese alguma. O fato de terem morrido como morreram, de uma doença infecciosa, enquanto trabalhavam, significa que eles são casos para a pura e simples medicina legal. Tudo que fizemos aqui foi colocar os corpos em sacos de transporte de cadáver, lacrar os sacos e descontaminar o exterior. Depois foram recolhidos pelo OCME.

Ele explicou a sigla, que representava o Office of the Chief Medical Examiner, o instituto médico-legal.

— Eu sei o que é o OCME. Então você já tem os resultados?

— Resultados! — Simonov riu diante da pergunta de Pia. — Talvez em três semanas ou mais. Eles têm um monte de corpos por lá, e geralmente não se apressam.

— Por lá onde? — perguntou Pia. — Onde exatamente fica o OCME?

— Vocês estão indo para lá? Eu não aconselharia. Mas, tudo bem, que me importa? Fica no East Side, First Avenue esquina com 30th Street, perto do centro médico da Universidade de Nova York.

— Obrigada. Se ligarmos para eles, acha que responderão nossas perguntas?

— Agora?

— Amanhã.

— Como vou saber? Talvez nunca tenham lidado com estudantes de medicina fazendo perguntas. Mas, por outro lado, o serviço é filiado ao centro médico da Universidade de Nova York, que é um hospital-escola. Que eu saiba, eles talvez tenham uma disciplina eletiva para estudantes de medicina.

— Para quem nós devemos ligar? Devemos procurar alguém especificamente?

— Eu conhecia um dos legistas, mas já não trabalha mais lá. Eles têm um departamento de relações públicas. Eu ligaria para eles. Talvez telefonasse para o médico-legista escalado para o caso.

— Acha que eles nos diriam os resultados, se telefonássemos? — George quis saber.

— Você quer dizer telefonar para o gabinete do chefe dos legistas?

Simonov sorriu e depois soltou uma risada curta.

— Estão achando que nessa enorme burocracia de cidade grande vocês podem ligar e eles vão sair correndo para relatar os resultados? Nem daqui a um milhão de anos. Esse caso é importante, eles eram gente importante. Vai haver uma coletiva de imprensa. Provavelmente serão abertos processos sobre segurança, coisas desse gênero. Como era caso de infecção, as autópsias provavelmente já foram feitas, mas por três, quatro semanas depois de terminados os testes de toxicologia eles não vão divulgar resultados. No entanto, não haverá acesso geral à informação, e decididamente eles não vão dar os resultados a dois estudantes de medicina inexperientes.

— Você deve ter razão — concordou Pia.

Seu conhecimento sobre instituições municipais era maior que o da maioria.

— Se eu fosse vocês, procurava outra coisa para fazer. Mas, a vida é de vocês. Se insistirem em examinar o caso, eu aconselharia a irem até lá. Eu não tentaria falar pelo telefone. Se forem lá pessoalmente e encontrarem alguém que se compadeça um pouco de vocês, ou que goste de vocês, pode ser que fiquem sabendo de alguma coisa.

Simonov piscou o olho para Pia, que entendeu a insinuação, mas fingiu que não viu.

— Então, se estão realmente decididos — Simonov continuou —, procurem o OCME. Só não esperem obter respostas. Quanto a telefonar, mais valeria ligar para o 311.

Simonov se referia ao número da emergência civil. A população ligava para dar parte de um gato que não conseguia descer da árvore ou do transtorno causado por uma filmagem de rua. Simonov olhou o relógio e recolheu a caneca de café.

— Se vocês resolverem ligar para o 311, digam a eles que minha rua ainda tem um buraco enorme, que está lá desde o feriado de Ação de Graças.

Voltando para a noite chuvosa, Pia e George saíram se arrastando pela 168th Street, mantendo a maior distância possível do meio-fio. Cada vez que um táxi passava acelerado ao lado deles, espirrava água na calçada.

— Bom, isso foi quase inútil. — Pia conseguiu dizer apesar do vento.

— Não sei bem se eu classificaria essa visita como inútil. Ele nos lembrou da política envolvida no caso. Também enfatizou que sem dúvida vai haver uma investigação completa, talvez antecedendo uma abertura de processo. Acho que são informações que você deveria levar a sério. Pia, é hora de desistir de tudo isso.

— Vai sonhando. Eu vou insistir até obter algumas respostas.

— Você não tem jeito mesmo — comentou George, quando uma súbita rajada de vento desceu da Haven Avenue, impedindo por alguns segundos o avanço deles. Tinham chegado à Fort Washington Avenue. Olhando para o lado, Pia percebeu que estavam passando ao lado do prédio de pesquisas William Black.

— Que horas são? — perguntou Pia.

George deu um jeito de olhar o relógio:

— São mais de dez. Hora de já estarmos na cama.

Para George a cama oferecia uma atração imediata. Lembrava o fato de que naquele dia eles tinham feito sexo, ou pelo menos Pia tinha feito. Sempre otimista, George se perguntou se ela — quem sabe? — talvez cogitasse uma esticada, uma vez que ele tinha voltado com ela ao hospital para verificar a questão da autópsia. George fechou os olhos e reuniu coragem para falar.

— Quer ir para o meu quarto? Passar a noite? Ou podemos ir para o seu, o que você preferir.

— Para quê? — perguntou ela, sem rodeios.

— Para começar, a gente encerrou o lance às pressas, hoje de manhã. Talvez se tivéssemos mais tempo...

— É uma ideia — respondeu Pia com ar preocupado. — Você reparou onde estamos parados?

George ergueu os olhos. Na verdade não tinha reparado muito onde estavam.

— Estamos bem na frente do edifício Black — disse Pia. — Você disse que já passava das dez. Eu quero subir ao laboratório para dar mais uma olhada rápida e verificar aquela maldita geladeira de amostras. Não vou ficar satisfeita até ter feito isso, e agora é o melhor momento. Já estive lá umas cinquenta vezes à noite, desse mesmo jeito.

— Não, Pia! — disse George com firmeza. — O risco é grande demais.

— Não acho que seja risco nenhum. Você pode voltar para o alojamento. Isso vai levar no máximo uns vinte minutos.

George olhou para o prédio do alojamento, que se erguia em meio à neblina da noite e representava um oásis de calor e segurança. Olhou de novo para Pia. Ela estava sorrindo para ele, confiante como sempre. E o principal é que não tinha recusado a sugestão de dormirem juntos.

— Você realmente acha que é seguro, que ninguém vai aparecer de repente?

— Totalmente seguro. Só preciso de vinte minutos. Assim que eu voltar ao alojamento, ligo para você.

— Você está ciente de que seja lá o que encontrar, não vai provar nada?

— Sim, com certeza.

A mente de George começou a funcionar acelerada. Poderia ser uma boa ideia. Talvez se Pia conseguisse tirar da cabeça o maldito freezer de amostras, ela poderia abrir mão de sua investigação autodestrutiva.

— Muito bem, vou com você — disse George tomando uma súbita decisão. — Talvez eu possa ajudar a apressar as coisas.

Pegando a mão dela, George começou a puxá-la em direção à entrada do edifício. Pia resistiu.

— Tem certeza?

— Tenho.

O que ele tinha na cabeça, na verdade, era os dois deitando na cama, e ficando abraçadinhos.

Pia deu de ombros:

— É, com dois pode ser mais rápido. Eu concordo, vamos fazer assim.

Sem dizer mais nada Pia e George entraram no edifício. O segurança a conhecia bem e nem piscou. Para abrir a porta principal Pia usou a própria chave, que Spaulding se esquecera de pedir.

O livro de registro estava de volta à mesa de Spaulding, onde ela esperava que estivesse. Dentro da unidade de biossegurança ela usou a chave sobressalente de Rothman, que apanhou no escritório dele, para abrir o freezer de estocagem. Eles trabalharam com rapidez e eficiência.

Em nenhum momento daquela visita George deixaria que um médico aferisse sua pressão arterial, mas Pia dava impressão de estar friamente calma e concentrada.

Ela pediu a George que, enquanto ela estivesse contando as amostras, ele fosse verificando quantas estavam registradas no livro. Confirmando as suspeitas de Pia, estavam faltando três, pelo menos segundo o livro. Deveria haver trinta amostras da cepa de *salmonella typhi* de gravidade zero, divididas igualmente entre o que era chamado alpha *S. typhi* e beta *S. typhi*. Uma das amostras desaparecidas era da cepa beta e as outras duas eram da cepa alpha, a mesma que tinha infectado os dois pesquisadores. Na parte principal da unidade, perto das coifas, Pia encontrou na incubadora uma pequena coleção rotulada, composta de seis placas de Petri. Cada uma estava nomeada como alpha ou beta.

Depois que Pia e George tinham saído da unidade de biossegurança e despido o traje de segurança, Pia encontrou ao lado do tanque de Spaulding dois frascos tampados e sem etiquetas, do mesmo tipo usado no freezer de estocagem.

Depois de devolver o livro de registro e a chave sobressalente, Pia disse a George:

— Pronto, está terminado.

Depois que os dois tinham saído do local sem incidentes, os batimentos cardíacos de George se acalmaram.

— Qual é o significado de tudo isso, Pia? — perguntou George enquanto eles desciam pelo elevador.

— Não sei — admitiu Pia. — Talvez não signifique nada, mas informação é sempre informação. O que eu gostaria, se conseguir um jeito de fazer isso, era de confrontar Spaulding com as divergências de informações.

— Eu lhe desejo sorte nessa empreitada — disse George.

Os dois estudantes percorreram o caminho de volta aos dormitórios lutando contra o mau tempo. Embora estivesse exausto, George se sentia estranhamente revigorado. Ele e Pia haviam trabalhado juntos. George sabia que tinha sido útil e estava especialmente sensível aos gestos de Pia, como seu jeito de apoiar a mão no meio das costas dele para incentivá-lo a passar à sua frente quando entraram pela porta do alojamento. Ela estava obviamente satisfeita com o que tinham realizado. Pararam no saguão e apertaram o botão. Os dois elevadores estavam nos andares de cima.

Pia ficou acompanhando com os olhos o vagaroso indicador dos andares. George pigarreou para falar, mas Pia não queria ouvir o que ele tinha a dizer. Ela só queria chegar à própria cama e tentar dormir.

— Pia, você precisa saber o que eu sinto por você. Já tentei lhe dizer uma centena de vezes. Até mais que isso. Pia, por favor, quer olhar pra mim?

Ela virou-se para ele, relutante. George tinha aquele olhar sincero.

— Você sabe que minha preocupação com você é por causa dos meus sentimentos. Eu te amo, você precisa saber disso. Penso em você o tempo todo.

Quando Pia ouviu aquelas palavras, alguma coisa em seu cérebro efervesceu e voltou à vida. Uma cobaia de laboratório aprende a desistir de certo comportamento, como apertar um botão vermelho, se recebe um choque doloroso cada vez que o aperta, mesmo que antes tenha recebido uma recompensa, como um pouco de comida. Na mente de Pia havia uma conexão entre as manifestações de afeto e a dor. Ela aprendera que as pessoas que diziam aquelas palavras lhe causariam dor, e deveriam ser evitadas como um choque elétrico.

Pia tornou a apertar o botão do elevador, pois parecia ter enguiçado no oitavo andar. Ela não disse nada.

— Nossa relação não pode ser totalmente unilateral.

— O que você quer dizer com "relação"...? Olha, George, este não é o momento, nem o lugar, para isso.

— Quando é o momento, Pia? Há anos venho querendo te dizer que eu te amo.

O elevador finalmente chegou, as portas se abriram, e um grupo de estudantes desceu fazendo muito barulho. Houve uma festa no quarto de alguém, que agora estava sendo transferida para um bar na Broadway.

George puxou Pia de lado enquanto a porta se fechava. Ela revirou os olhos.

— George, deixa disso. Agora não.

— Sinto muito, mas tenho que falar. Sei que você não quer ouvir isso, mas eu não te entendo.

— Pois então somos dois.

— Mas precisamos um do outro, você não acha? Eu sei que eu preciso de você.

— Não sei o que significa isso, "precisar" de alguém. Que alguém precise de mim... Não quero essa responsabilidade.

O segundo elevador chegou trazendo um estudante atrasado, que se apressou para alcançar os amigos. Pia entrou na cabine e segurou a porta para George.

— Entra logo, George, que saco!

Ela apertou o botão do 11º andar para seu quarto e do 7º para o quarto dele. O recado estava dado. George entrou relutante. A mente de Pia estava repleta de problemas que competiam entre si — Rothman, as freiras, a África, o resto da vida dela —, e aqui estava mais um. Ela imaginou como seria isso de pensar constantemente em alguém, como George alegava que pensava nela. Era um conceito estranho. Pia olhou para George, que estava encarando o chão. Ela não fazia ideia do que ele estava pensando ou sentindo. Quando o elevador parou no 7º andar, ela apertou o botão que mantinha a porta aberta. George hesitou por um momento, depois saiu.

— Boa noite, George — disse ela.

George só acenou com a cabeça enquanto as portas se fechavam. Para Pia, ele parecia patético.

36

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
24 DE MARÇO DE 2011, 23H15

De perdas George entendia um pouco. Ele tinha 3 anos quando seu pai, Morgan Wilson, morreu. Por mais que se esforçasse, George não conseguia se lembrar de nada específico sobre ele, nada além de uma ligeira sensação de contentamento. Na verdade George tinha algumas lembranças vagas, mas tinham sido reconstituídas a partir de fotografias mostradas a ele pela mãe, Jean. Havia um filme mudo feito em casa, de uma ocasião em que Jean e Morgan tinham levado George em visita aos avós Sally e Preston, no Arizona. George tinha visto o filme muitas vezes e seu pai sempre aparecia muito jovem e carinhoso. No curto registro, Morgan aparecia segurando George no colo e ora beijava o filho na bochecha, ora o abraçava. A ausência de Morgan tinha causado em George um grau de melancolia semelhante ao que estava sentindo naquele momento.

George se levantou da cama onde se havia atirado depois da rejeição de Pia. Ele precisava sair do quarto nem que fosse por um curto período. Sempre podia ir até a máquina automática de refrigerantes no primeiro andar. Precisava ver gente, pessoas normais, e em geral havia estudantes comprando refrigerantes ou batata frita.

Enquanto se dirigia aos elevadores George ia tentando se concentrar no quanto era amado pela família. Cada vez que sentia solidão, contava com aquilo como apoio. Sabia que Pia não possuía uma vivência equivalente, o que tornava o comportamento dela ainda mais desconcertante. Por que ela rejeitava de forma tão constante o amor que ele queria compartilhar com ela e por fim tivera coragem de expressar? Aquilo não tinha lógica.

George apertou o botão. Quase como se o elevador estivesse esperando por ele, as portas se abriram. Dentro estava Will McKinley, talvez a única pessoa no mundo com a capacidade de fazer George se sentir ainda mais solitário.

— George, que coincidência! — exclamou Will. — Vai descer para comer alguma coisa? Vamos juntos.

Will segurou o braço de George e puxou-o para dentro. O botão do térreo já estava apertado. George não teve força para resistir.

— Algum problema, George? Você está com uma cara...

— Estou só cansado. Hoje foi um dia daqueles.

— Como vai a Pia? Você a encontrou? Ela deve ter ficado muito abalada com o que aconteceu com o Rothman.

— Ficou mesmo.

— Lesley e eu tentamos telefonar, mas Pia não está atendendo.

— Ela não é muito boa nisso de ficar em contato com as pessoas — comentou George.

O elevador chegou ao térreo e Will conduziu George para fora.

— Olha, George, se tiver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar Pia, é só me dizer. De verdade. Nós queremos que ela saia inteira disso tudo. Ela é uma garota fantástica.

George limitou-se a concordar com a cabeça. Will saiu andando em direção à sala da máquina de refrigerantes. Quando percebeu que George não o acompanhava, virou-se e fez um gesto para que o colega o seguisse.

— Vamos, cara. É por minha conta.

George suspirou, deu meia-volta devagar e tornou a apertar o botão para chamar o elevador. Ele queria companhia, mas não a de Will.

37

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
24 DE MARÇO DE 2011, 23H30

Assim que as portas do elevador se fecharam e George sumiu de vista, Pia já o havia relegado a seu lugar na mente dela, bem no fim da lista de preocupações imediatas. Ela não gostou de ter sido indelicada, mas tampouco queria que George começasse uma conversa prolongada. Estava exausta por não ter dormido na noite anterior. Infelizmente, quando chegou a seu andar não teve muita sorte. Esbarrou em Lesley e foi obrigada a falar sobre Rothman e Yamamoto. Na curiosidade de verificar se Lesley tinha alguma suposição interessante, Pia tolerou o papo, mas se despediu depois de uns dez minutos, quando ficou evidente que a colega não acrescentaria nada de significativo.

Pia enfiou a chave na fechadura, abriu a porta, entrou no quarto e, prendendo a porta com o calcanhar direito, fechou-a de um golpe. Na completa escuridão foi tateando a parede com a mão esquerda até encontrar o interruptor e acendeu a luz. Com a mão direita jogou as chaves na mesa. Tudo o que queria era tomar uma chuveirada rápida antes de ir se deitar. O dia inteiro ela estivera ocupada e, com o plano de visitar o instituto médico-legal, o dia seguinte não ia ser menos movimentado.

Pia andou até a janela e fechou as persianas. Tirou o jaleco do laboratório, que jogou em cima do braço da poltrona de leitura. Em seguida tirou o suéter,

que colocou em cima da jaqueta. Abrindo a porta do guarda-roupa, ela chutou os sapatos para dentro — primeiro o esquerdo, depois o direito. Em seguida tirou a camisa preta e o sutiã e os deixou cair no chão. Mal podia esperar para entrar no chuveiro quente. Pousou a mão na porta do banheiro e achou estranho que estivesse fechada. Ela nunca fechava a porta do banheiro, nem quando estava usando o vaso sanitário.

Antes que pudesse processar outro pensamento, a porta foi escancarada e a maçaneta arrancada de sua mão. Uma figura alta se materializou na soleira e, apoiando o calcanhar no peito de Pia, empurrou-a violentamente para o chão. Um grito subiu para sua garganta, mas foi sufocado pelo homem, que agora estava montado sobre ela com os joelhos apoiados em seus braços, e a mão esquerda tapando a sua boca. Pia tentou desanuviar a cabeça, mas seus ouvidos estavam zumbindo. O homem usava uma touca ninja, e ela podia ver uma segunda pessoa, obscurecida pela primeira. Esse também estava encapuzado. Os dois usavam uniforme de seguranças do hospital.

O primeiro se esforçava para manter Pia imobilizada. Ele esticou a mão para trás e o segundo lhe entregou um rolo de fita adesiva prateada. O primeiro olhou para trás e agitou o rolo.

— Corte um pedaço para mim — disse ele em inglês com sotaque carregado.

O colega obedeceu. Livrando a boca de Pia, ele pegou o pedaço de fita com as duas mãos, e o colou sobre os lábios dela antes que ela pudesse soltar mais do que um grito abafado.

— Pare de se mexer. Não vamos te machucar — disse o primeiro homem.

Pia se contorceu um pouco mais, e parou. Estava lutando para conseguir respirar e sua cabeça latejava no ponto onde tinha batido no chão. Os braços dela estavam ficando dormentes por causa do homem ajoelhado sobre eles. Ela o olhou nos olhos e fez que sim com a cabeça.

— Muito bem, vou deixar você se levantar. Não faça nenhuma burrice.

O homem se levantou, mas antes enterrou os joelhos nos braços de Pia. Ele recuou um passo e ela se levantou. Sentia-se pequena. Estava só de calcinha e embora as toucas ninjas cobrissem os rostos, ela sabia que os olhos deles analisavam seu corpo de cima a baixo. Teve certeza de que ia ser estuprada. Ergueu os braços para massagear a musculatura dolorida e esconder os seios.

Pia pensou *até a porta são só dez passos*.

Pia pensou *eles não estão esperando que eu reaja.*

Pia pensou *não quero ser estuprada. Não de novo.*

Pia olhou de um para outro e depois para o chão. Queria que eles relaxassem, nem que fosse só um pouquinho. Erguendo-se na ponta dos pés, ela bateu com o pé direito no chão atrás de si e num só movimento, usando os braços primeiro para se equilibrar e depois para dar impulso, enfiou o calcanhar do pé direito na virilha do homem que estava na frente. Ele se dobrou e cambaleou para trás e para cima do colega; postando-se com firmeza Pia avançou e esticou o braço, atingindo duas vezes o rosto do segundo homem com golpes de boxe limitados pelo espaço estreito em que se encontravam. Os dois homens estavam machucados, mas não o bastante. Ela aplicou mais dois pontapés que os acertaram em cheio, mas eles recuperaram o ímpeto depressa e partiram para cima dela. O primeiro, com a virilha dolorida, fez uma finta e depois a acertou no queixo com um forte gancho de direita, que a deixou inconsciente.

Quando Pia acordou sua cabeça doía muito, e ela não conseguia se mexer. Entendeu por quê: estava presa com fita adesiva na cadeira, os braços amarrados às costas e os tornozelos colados um ao outro. Os olhos dela mal se abriam, mas Pia conseguiu ver um dos homens andando em sua direção, o braço se mexendo para trás e então de repente para a frente. Ela se encolheu e recebeu no rosto a água fria que o homem tinha lançado sobre ela com a vasilha em que às vezes ela preparava aveia.

— É isso que você faz quando eu digo pra não fazer burrice?

O rosto coberto do homem estava muito próximo ao dela. Os olhos azuis fuzilaram os dela. Pia tentou falar, ou pelo menos balbuciar.

— Você é boa de briga, mas temos mais experiência e somos dois. Temos respeito por você porque somos pais de família. Mas conhecemos alguns jovens que são menos... qual é mesmo a palavra? Civilizados. Na verdade eles são animais. Se estivessem aqui agora, em nosso lugar, só Deus poderia te salvar.

O homem falava num sussurro. A luta e os móveis revirados tinham feito a vizinha de cima bater no chão exigindo silêncio. Os homens não quiseram

abusar da paciência dela.

— Vou dizer isso só uma vez. Estamos aqui para te dar um recado. Pare de fazer o que está fazendo. Pare de fazer perguntas. Seu médico foi descuidado e conseguiu que ele e o outro médico se contaminassem, e colocou o centro médico inteiro em risco. O problema vai ser resolvido depressa e sem alarde, e todo mundo vai seguir adiante.

Pia estava se balançando na cadeira, para a frente e para trás, os olhos arregalados de fúria. Sua rebeldia estava aflorando.

— Pare de balançar!

Ela não parou. O homem lhe deu uma bofetada no rosto, não com força, mas com habilidade suficiente para deixá-la com o queixo ainda mais dolorido que antes. Ela se aquietou.

— Você vai ser observada. Não por nós, mas por nossos amigos. Se continuar se metendo, se chamar a polícia, nossos outros amigos, os animais, virão levá-la daqui, e depois de uns dias você vai pedir a eles que a matem. Vai implorar isso a eles. Está entendendo?

Pia ficou observando o homem. Ele se aproximou ainda mais que antes e o material áspero da touca ninja tocou na pele dela. Dava para sentir o hálito quente do agressor através da lã úmida. Ele insistiu, em voz quase inaudível:

— Está entendendo?

Pia aguardou um segundo, depois assentiu.

— Você não vai contar a ninguém que estivemos aqui. Se você falar com alguém daqui, como aquele rapaz com quem você anda, eles também vão ser mortos. Se procurar a polícia ou as autoridades de saúde, você vai ser assassinada. É fácil. Basta parar, cuidar de sua vida e tudo isso vai passar.

O homem se levantou. O colega dele se adiantou e enfiou com força uma seringa na coxa de Pia. Ela urrou de dor, e perdeu a consciência quase imediatamente. Os homens arrancaram a fita adesiva que a prendia, deixando a pele de Pia vermelha e inchada. Quando removeram a fita que a amordaçava, esta ficou presa na ferida do maxilar e abriu um rasgão no lábio. O sangue escorreu para o queixo. O primeiro homem limpou o sangue com um lenço de papel que apanhou na caixa da penteadeira de Pia. Depois de usá-lo, guardou-o no bolso. Levantando-a, ele a colocou na cama, a cabeça pendente na beirada. Sabia que a droga injetada nela tendia a provocar vômito.

Os homens tiraram as toucas e se prepararam para sair. Se Pia estivesse consciente teria visto que o rosto de um dos homens, o líder, era marcado por um lábio leporino. O outro tinha o nariz muito pontudo. O primeiro abriu uma fresta da porta e, vendo que o corredor estava vazio, saiu depressa do quarto, seguido pelo segundo. Eles puseram os quepes de guardas e ajeitando os uniformes se dirigiram rapidamente para as escadas.

38

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
25 DE MARÇO DE 2011, 8H07

Pia acordou por etapas. Quando ainda era noite, ela emergiu à superfície da consciência, mas rapidamente recaiu na escuridão. Mais tarde, quando já clareava lá fora, teve consciência da própria respiração, de uma dor aguda na nuca e da sensação latejante ao longo da mandíbula. Por fim, acordou e ficou histérica: havia homens em seu quarto, eles estavam atrás dela, precisava sair dali. Tentou se levantar, mas o corpo não estava obedecendo às suas ordens. Deixando-se cair de novo na cama ela fechou os olhos.

Então lembrou: homens tinham se escondido no banheiro e a atacaram. A última coisa de que recordava era que haviam aplicado uma injeção nela. Apalpou a perna e sentiu que estava dolorida. Olhou para baixo, viu a marca da agulha. Então ela fora drogada e agredida. Não era de espantar que se sentisse tão mal. Esticando o braço, colocou a mão entre as pernas: nada ali. Sentiu um pequeno alívio.

Confusa em decorrência da ação do entorpecente, Pia não tinha certeza do que fazer. Sua mente se concentrou em George. Pia se lembrou da conversa que tiveram diante do elevador, as confissões que George lhe fizera e a expressão do rosto dele quando ela disse que naquele momento não estava pensando nesse

tipo de coisa. Na noite anterior ela queria que George a deixasse em paz; agora desejava que estivesse com ela.

Enquanto o efeito da droga ia aos poucos se dissipando, a dor que sentia na mandíbula se intensificou. Pia se levantou. Estava tonta. Conseguiu chegar ao banheiro. Olhou seu rosto no espelho e viu que estava horrível. Um vergão vermelho com uma pequena laceração cobria a maior parte do lado esquerdo, ao longo da mandíbula. O lábio estava inchado e sanguinolento, e havia marcas avermelhadas nos pontos em que a fita adesiva usada para amordaçá-la tinha rasgado a pele. Ela se lembrou da luta, de como havia chutado um dos homens na virilha e de como isso lhe valeu um soco na cara. Pia se inclinou e examinou os olhos. Viu que estavam inchados e com olheiras escuras. Havia muito tempo ela não tinha uma boa noite de sono. Ficar inconsciente durante horas não era a mesma coisa. Pia tornou a se olhar na esperança de obter uma resposta para a pergunta: o que iria fazer agora?

Depois de lavar o rosto com água fria, tomou um longo banho quente. Vestiu seu mais confortável suéter de moletom e a calça do pijama. Localizou na bolsa de viagem um frasco de Advil, do qual tirou quatro comprimidos e os engoliu com dois copos de água. Depois telefonou para o celular de George, mas ele não atendeu e ela não deixou uma mensagem de voz, com medo de não conseguir dizer algo coerente. Então mandou um torpedo: "Aconteceu uma coisa. Por favor, venha até aqui. Rápido. P."

Depois se deitou na cama e esperou.

No bolso de George o celular vibrava. Ele se distanciou um pouco do grupo que realizava estudos de radiologia e leu a mensagem. Como em breve teria um intervalo para um cafezinho, imaginou que poderia esperar até aquele momento para responder. Pia tinha provavelmente dado um jeito de incluir mais alguém em sua teoria conspiratória, e nas últimas horas George estivera curtindo sua vida de estudante normal. Guardando o celular no bolso, ele foi atrás do grupo.

George ligou para Pia quando terminou de tomar uma xícara de café na sala de repouso dos técnicos de raios X. Eram 9h45 da manhã. No começo ele achou

que a ligação estava ruim porque não conseguia entender o que ela estava dizendo. Saiu da sala, onde havia ruído, seguiu pelo corredor e ficou ao lado da janela.

— Pia, está me ouvindo? Sua voz está muito fraca. O que houve?

O que Pia estava tentando dizer era "você pode vir até o meu quarto, por favor?", mas no começo suas palavras não soaram assim.

— Pia, você pode repetir? Não estou entendendo.

Pia repetiu o que dissera.

— Você quer que eu vá até aí?

— Quero.

George estava confuso com o som da voz dela. Ficou se perguntando se o estado de Pia teria algo a ver com a forma como a conversa deles tinha terminado na noite anterior. Pela cabeça de George passou a ideia de que ela estava embriagada, mas, a julgar pelo som, parecia que estava com a boca cheia de algodão.

— Tudo bem, vou já para aí.

George pediu a um dos outros estudantes que avisasse ao seu orientador que ele tinha sido chamado para um assunto hospitalar e rumou para o quarto de Pia. Percebeu que estava menos disposto a vê-la que de costume. Na noite anterior tinha tomado uma decisão após se convencer de que provavelmente estava perdendo tempo com ela. Ele não confiava muito na própria capacidade de se ater à sua decisão, mas pelo menos tentaria. Era para sua própria paz de espírito.

Quinze minutos mais tarde ele bateu à porta do quarto dela. Quando Pia abriu e George viu seu rosto, todos os seus planos, dúvidas e recriminações desapareceram. Ele instantaneamente se metamorfoseou outra vez no cachorrinho servil que tinha sido durante três anos.

— Ai, meu Deus, o que foi que aconteceu?

Pia balançou a cabeça e apontou para o queixo. George foi buscar a cadeira da mesa de trabalho dela e a fez se sentar.

— Não tenha pressa, pode me contar o que aconteceu com calma.

— Havia dois homens no meu quarto ontem à noite — disse Pia, devagar.

— Ontem à noite? Isso aconteceu ontem à noite? Por que você não me ligou?

— Eles me drogaram. Eu acabei de acordar.

— Meu Deus. Quem eram eles? O que eles fizeram? Eles...

George hesitou, sem saber se queria ouvir.

— Não, não me estupraram, se é o que você está querendo saber. Eles me avisaram para ficar fora do caso Rothman.

— Meu Deus, Pia. Você quer se deitar?

— Não, estou bem.

— Eu vou chamar a segurança. E depois a polícia.

— Não, não faça isso! — disse Pia.

Balançou vigorosamente a cabeça, gesto que provocou dor. Ainda estava tonta por causa do sedativo, mas a nebulosidade estava se dissipando.

— Nada de segurança, nem de polícia. Tenho que levar a sério o que disseram. Estavam esperando por mim no meu quarto. Disseram que vão ficar me vigiando. Quer dizer, eles já estavam me vigiando. Sabe o que isso quer dizer, George? Quer dizer que eu tinha razão. Existe uma conspiração por trás das mortes de Rothman e Yamamoto.

— Espere aí, Pia, vamos com calma — disse George. — Esses dois homens que estavam no seu quarto, que obviamente espancaram você, eles disseram especificamente "Fique fora do caso Rothman"?

— Não exatamente assim, mas disseram.

George estava horrorizado, mas sua primeira reação foi de ceticismo.

— Você reconheceu algum deles?

— Estavam usando máscaras de esquiar. Mas também estavam vestidos como seguranças de hospital. Porra, George, talvez eles *fossem mesmo* seguranças de hospital. Isso significaria que o hospital os está acobertando. Spaulding, a pró-reitora, Springer, todo esse pessoal...

Pia se levantou como se quisesse fugir.

— Ah, qual é, Pia. Isso aqui é Nova York. Nos Estados Unidos. Talvez num filme ou numa ditadura de terceiro mundo eles matem seus médicos e espanquem estudantes de medicina, mas aqui não. Nem acredito que você pensou isso. Ponha a cabeça no lugar.

— Bom, alguém fez isso! — disse Pia, apontando para o próprio rosto, tremendo em parte de raiva, em parte de medo. — Eu sei o que as instituições são capazes de fazer, George, o que alguém pode fazer a outra pessoa da qual

deveria estar cuidando. Se você tivesse vivido no mundo em que eu vivi, talvez fosse um pouco mais desconfiado. Eu só sei uma coisa: cada um tem seu objetivo. Se você estiver no caminho, coisas assim vão acontecer com você.

Pia chorava aos soluços e seus ombros se sacudiam.

— Está tudo bem, Pia.

George ficou em pé e estendeu a mão para ela, que se aninhou em seus braços. Ele a abraçou com força.

— Acho que devíamos chamar a polícia. Você também vai precisar de uma ambulância...

— Não! — Pia o empurrou para longe. — Preciso pensar nas implicações disso tudo. Se chamarmos a polícia, ela vai contatar a administração e os seguranças daqui, e até onde sei foram eles que me atacaram. Eu preciso raciocinar.

Pia botou as duas mãos na cabeça e se sacudiu.

— A droga que me deram não está me deixando pensar com clareza.

— Talvez a gente deva ir para o meu quarto.

— Eles sabem tudo a seu respeito, George. Lá não vai ser mais seguro. Eles não vão fazer nada agora, eu estou quieta no meu quarto.

George olhou em volta.

— Você acha que eles estão vigiando você de tão perto?

— Raciocina, George: a cada movimento que fizemos, fomos apanhados. Aconteceu duas vezes no laboratório.

— De uma vez não aconteceu.

— Mas daquela vez não encontramos nada importante, lembra? E nos deixaram percorrer o necrotério sem criar problema porque ali não havia nada para encontrar.

— Estou achando difícil acreditar que todas essas pessoas estejam fazendo parte de uma conspiração. Bourse, Springer... a Dra. De Silva, que estava cuidando do Rothman. Por quê, Pia? Por que motivo eles estão conspirando? E não há provas de que as mortes tenham sido outra coisa senão acidentais.

— Deixa eu te lembrar de novo. Você não imagina quanta gente detestava o Rothman. Eu vi isso todos os dias que passei no laboratório. Ninguém gostava dele. Era mal-educado, desrespeitoso, mesquinho. E todo mundo tinha inveja dele, de como ele recebia tratamento especial do hospital, por ter ganhado um

Prêmio Nobel e poder perfeitamente ganhar outro. Ele tinha muitos inimigos, há toda espécie de motivos, inclusive gente de seu próprio laboratório.

— Mas ninguém sai matando os outros porque não gosta deles. É exagero, é demais!

— E como você explica isso? — Pia apontou para as partes machucadas do seu corpo. — Eu fui atacada — berrou ela. — Mandaram eu me afastar. Agora tenho certeza de que Rothman foi assassinado. Sua morte não foi acidental, foi premeditada. Eu só não tenho certeza de por que eles não me mataram também, ontem à noite, em vez de só me darem uma advertência. Devem ter temido mais a provável reação ao meu assassinato do que a possibilidade de eu ignorar a advertência. Como eles disseram, se eu calar a boca tudo isso vai passar. Se eu desaparecer, eles conversam com você e descobrem o que eu estava pensando.

George sentiu um súbito arrepio. Se Pia tivesse razão ele talvez fosse o próximo da fila a receber uma visita. Mas como ela poderia ter razão? Aquilo era tão mirabolante. Ele também precisava de um tempo para pensar.

— Posso buscar gelo para você colocar no rosto? Vou pegar aqui mesmo no corredor.

— Pode, muito obrigada.

George foi até a máquina de gelo do fim do corredor, mas não estava funcionando. Ele poderia descer ao refeitório, onde sabia que sempre havia gelo disponível, mas isso implicaria deixar Pia sozinha no quarto por alguns minutos. George voltou à porta e a abriu, assustando-a.

— Porra, George, você não podia bater?

— Ah, foi mal. A máquina de gelo está quebrada. Vou buscar lá embaixo. Volto já.

39

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
25 DE MARÇO DE 2011, 11H20

George voltou com o gelo. Pia estava sentada à sua mesa e escrevia furiosamente em papel de rascunho, tentando encontrar sentido no que havia acontecido nas últimas 48 horas. George enrolou um pouco de gelo numa toalha para que ela colocasse no rosto. O restante do gelo ele jogou dentro da pia. Depois se sentou na cama e ficou observando enquanto ela preenchia página a página.

Pia testou sua prodigiosa memória, tentando isolar o que era fato do que era especulação. Ela fez um retrospecto a partir do momento em que foi atacada e ameaçada em seu próprio quarto no alojamento estudantil. Isso obviamente era um ato criminoso, porém, de todas as ocorrências dos últimos dois dias, que outros atos podiam ser considerados atividades ilegais? Enquanto ela trabalhava no "que", também elaborava o "quem". Ela tentou montar uma lista de pessoas usando informações das quais tinha certeza. Dois homens estiveram em seu quarto. Porém, quem mais estava envolvido e que amplitude teria a conspiração que ela descobriu?

Depois de uma hora, Pia interrompeu o trabalho.

— Isso não está me levando a lugar nenhum. Poderia ter sido qualquer pessoa. E aconteceu tanta coisa, que aposto que não sabemos nem a metade.

— Que tal tentar estabelecer uma cronologia? Não é isso que fazem naqueles seriados policiais da TV? Eles usam um quadro branco: "18h42, o suspeito foi visto no bar do O'Leary..."

— Mas não sabemos quem são os suspeitos, a não ser que a gente inclua todo mundo. E na verdade não podemos investigar nada. Imagine que a gente ache que o Springer está envolvido de alguma forma. As únicas vezes em que sabemos o que ele esteve fazendo foram as que eu estive com ele. Não posso pegar o telefone e exigir que responda a alguma pergunta sobre seu paradeiro em nenhum outro momento.

— É por isso que devíamos chamar a polícia — alegou George. — Os policiais podem investigar o quanto quiserem, e perguntar a ele o que tiverem vontade.

— Se houver uma conspiração, uma das coisas que não sabemos é o motivo.

— Apenas que, como você fica dizendo, Rothman era detestado por metade da raça humana. Naturalmente, isso justifica a pergunta: porque matar também o Yamamoto? Ele não era impopular, não é mesmo?

— De jeito nenhum, todos o adoravam. Ele era dedicado ao Rothman. Quando trabalhavam juntos pareciam dois irmãos. Se não trabalhavam na unidade de biossegurança nem na de banhos de órgãos, Yamamoto estava na sala de Rothman. Eles até comiam juntos, se fizessem um intervalo de almoço, o que nem sempre acontecia. Yamamoto era o único que Rothman permitia usar sua cafeteira elétrica ou beber da água mineral na sua geladeira. Eles eram como gêmeos siameses.

— Então, com relação ao que os outros estavam pensando ou fazendo, há mais coisas que não sabemos do que o que sabemos — resumiu George. — Portanto, o que *realmente* sabemos, além do fato de terem agredido você ontem à noite e mandado que parasse de se envolver nisso?

Pia voltou à sua mesa e, pegando a caneta, sublinhou algumas linhas na página.

George olhou o relógio. Estava preocupado em voltar ao hospital, mas concluiu que estava ainda mais preocupado com Pia. O orientador para o qual tinha sido designado naquele dia era muito tranquilo, para dizer o mínimo, e provavelmente nem percebeu que George não estava lá. Além disso, ele queria ficar e dar um pouco de atenção a Pia. Preocupado com a possibilidade de ela

ter sofrido uma concussão resultante da agressão, ele queria ter certeza de que o estado mental dela não se alterava. Além disso, raciocinou, Pia não poderia se meter em mais confusão enquanto eles estivessem ali no quarto dela.

De repente Pia se virou.

— Sabe qual é a parte dessa história toda da qual temos mais informações?

George deu de ombros.

— A doença de Rothman e Yamamoto, mesmo sem conhecermos o resultado da autópsia e sem termos visto o boletim médico dos dois. Eu estava no laboratório quando a doença se manifestou, e os visitei no hospital, falei com um médico que estava tratando deles, examinei Rothman pessoalmente, fiz o diagnóstico de novos sintomas, falei com o chefe de departamento envolvido.

— Ótimo, é isso — aprovou George.

Eles já tinham analisado tudo aquilo antes, mas diante das circunstâncias George se alegrou em fazê-lo de novo. Pia arrancou as páginas de seu bloco de rascunho, amassou-as formando uma bola e a atirou na direção do cesto de lixo. Errou a pontaria. Começou a escrever de novo, desta vez mais devagar.

— Pois é, temos uma cronologia da infecção. A irrupção extremamente rápida. Rothman e Yamamoto apertaram o botão de emergência e quase no mesmo instante uma equipe de socorro entrou no laboratório. Eu vi quando chegaram. Rothman e Yamamoto sabiam o que era preciso procurar, portanto, desde o primeiro sintoma até a chegada da equipe médica, podem ter se passado apenas dez minutos, no máximo. Springer apareceu e entrou no laboratório. Então ele ficou para conversar com a equipe enquanto Rothman e Yamamoto eram levados para a enfermaria de doenças infecciosas e colocados no isolamento, onde teve início o tratamento. Eu diria que chegaram lá em cinco a seis minutos. E Springer nos disse que era febre tifoide clássica. Temperatura alta, delírio etc. Então o diagnóstico foi feito imediatamente. Sem demora. Eles receberam antibióticos no prazo de uma hora do surgimento dos sintomas iniciais.

Pia segurava o bloco sobre os joelhos.

— Portanto, Rothman e Yamamoto manifestaram todos os sintomas de uma vez. Pelo jeito não se tratou da sequência normal em que o paciente apresenta primeiro um sintoma e só depois de algumas horas apresenta o

seguinte. A coisa foi como um raio. Até onde sei, esta não é a forma como a febre tifoide se desenvolve. Depois, no começo da noite, os pacientes apresentaram uma enorme sensibilidade de rebote. E foi tudo muito acelerado!

— Você disse que a cepa era bastante virulenta — lembrou George.

— É verdade. Uma das cepas de gravidade zero. A cepa alfa. Mas mesmo assim...

— E você também disse que os próprios estudos de sensibilidade realizados por Rothman indicavam que aquela cepa deveria ter sido neutralizada pelo antibiótico que deram a ele.

— É isso mesmo, cloranfenicol e ceftriaxona.

— Então, o que você está dizendo? Está dando a entender que pode não ter sido aquela cepa de salmonela?

— Não. A cepa tinha que estar envolvida, uma vez que tudo condiz com os postulados de Koch.

— Significando que eles conseguiram obter culturas a partir das amostras retiradas do paciente.

— Ou usando técnicas mais modernas de DNA.

— Pia, você está me deixando confuso — queixou-se George. — Qual o fator preponderante aqui? O que você está tentando dizer?

— Eu disse ao Springer que talvez houvesse uma segunda bactéria envolvida, uma bactéria ou vírus que fosse, na verdade, mais virulento que a *salmonella typhi* e que fosse resistente aos antibióticos. Isso poderia explicar a evolução clínica surpreendentemente acelerada por que passaram Rothman e Yamamoto.

— Qual foi a reação do Springer à sua indicação?

— Ele perdeu as estribeiras — disse ela enojada. — Isso foi o fim do encontro, porque ele saiu e foi chamar reforços, ou seja, a pró-reitora.

Pia colocou o bloco e a caneta novamente sobre a mesa.

— Então você acha que talvez houvesse duas bactérias envolvidas — resumiu George.

— Neste exato momento é a única coisa em que consigo pensar. A evolução clínica foi rápida demais, principalmente levando em conta os dois antibióticos administrados em questão de horas depois da manifestação dos sintomas iniciais, antibióticos conhecidos por combaterem a salmonela. Eu sei que isso

contraria as normas reconhecidas de diagnóstico, sendo a maior delas o fato de que se deve procurar um agente causativo único, mesmo com sintomas aparentemente múltiplos. Mas é a única explicação para o que vimos com Rothman e Yamamoto.

Ela voltou à mesa e leu em suas anotações:

— Temos aqui mesmo todos os sintomas: febre, delírio, prostração, sudorese, contagem baixa de glóbulos brancos, reconhecidamente associados à salmonela, todos eles levando à sensibilidade de rebote, resultante da perfuração intestinal, e finalmente o óbito.

George se levantou da cama e foi até o banheiro. Pia o fazia se sentir pressionado. Ele ficou surpreso por ela se lembrar dos postulados de Koch, do segundo ano de microbiologia. Ele certamente não se lembrava. Colocou um pouco do gelo que derretia na cuba numa toalha limpa, que enrolou e levou até Pia. Trocou pela primeira compressa que tinha feito. Pia estava olhando para o papel, de costas para ele.

— Mais um pouco de gelo — disse ele.

Pia girou na cadeira e George se encolheu ao ver o queixo dela tão de perto.

— Está doendo?

— Nem tanto assim. Melhorou um pouco com o gelo.

Pia pegou a compressa nova e segurou-a contra o rosto. Uma imagem passou como um raio em sua mente: Rothman deitado no leito de morte, suando no travesseiro, delirante... De repente ela olhou direto nos olhos de George, com uma intensidade feroz que o obrigou a desviar o olhar.

— A queda de cabelo! — disse ela devagar, mas com ênfase. — O que você me diz da queda de cabelo?

40

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
25 DE MARÇO DE 2011, 12H15

Pia se levantou da cadeira, largou sobre a mesa a toalha cheia de gelo e começou a andar de um lado para outro pelo quarto, circundando George. Primeiro ela o havia deixado nervoso com a intensidade do olhar no momento em que teve sua revelação, qualquer que tenha sido. Agora girava pelo recinto como um gato atrás de um rato.

— Qual queda de cabelo?

— A de Rothman! Lembre-se de que antes de descobrirmos a sensibilidade de rebote eu vi que havia um pouco de cabelo no travesseiro dele.

— Sim, eu me lembro. Você chamou a atenção da médica residente e, segundo me lembro, ela deu a entender que talvez fosse por causa do cloranfenicol.

— Exatamente.

Pia se levantou.

— Posso usar seu computador?

O computador dela era velho e lento; no ano anterior George tinha investido num Dell com um processador muito mais rápido.

— Claro! Venha comigo.

George apanhou sobre a mesa a toalha molhada e gesticulou com ela na mão. Pia fez que não com a cabeça. George levou a toalha para o banheiro enquanto Pia trocava a calça do pijama por uma de moletom. E tomou mais analgésicos.

Juntando suas anotações e se dirigindo à porta, Pia se deteve e olhou para trás. Tinha sentido um espasmo de ansiedade. Embora seu quarto fosse o lugar onde tinha sido atacada, ela ainda se sentia mais segura dentro dele que fora. Seus agressores estavam à espreita em algum lugar por perto. Talvez realmente a estivessem vigiando, conforme ameaçaram fazer. George sentiu que ela estava apreensiva e, para encorajá-la, pôs a mão no ombro dela e apertou de leve. Eles trocaram um olhar tranquilizador. Pia respirou fundo e saiu do quarto, apagando a luz na saída.

— Vamos pela escada — propôs ela, e os dois desceram os quatro lances, passaram pelo corredor, mas depois pararam diante da porta de George. Ambos tiveram o mesmo pensamento: se os homens sabiam sobre ele, provavelmente conheciam o número de seu quarto.

— O que você acha? — perguntou ele. Não era loucura imaginar que os homens talvez tivessem a intenção de também fazer uma visita a George.

— Agora acho que é você que está sendo o paranoico.

— Mas como você disse, até os paranoicos têm inimigos de verdade. Espere aqui!

George destrancou a porta, que escancarou com um empurrão. Os dois se prepararam para fugir se algo parecesse estranho. Mas não foi o caso. George entrou no quarto, verificando se havia coisas fora do lugar, e só depois abriu com um golpe a porta do banheiro.

— Tá limpo — disse ele com um suspiro de alívio.

— Vamos trabalhar — sugeriu Pia.

George ligou o computador e conferiu se a internet estava funcionando, antes de ceder sua cadeira a Pia. Ele foi se sentar na cama. Seu quarto era disposto de forma invertida em relação ao dela.

Pia acessou imediatamente a internet, pesquisou por “queda de cabelos” e “cloranfenicol” e passou alguns minutos examinando a lista de resultados.

— Não há nada que identifique queda de cabelo como um dos efeitos colaterais do cloranfenicol. Na verdade, há alguns praticantes da medicina

alternativa que vendem cloranfenicol para reverter a queda. Puxa vida, a Dra. De Silva estava muito equivocada quando disse que o cloranfenicol podia ser a causa da queda de cabelo.

Pia continuou a pesquisar na internet.

— O Springer relacionou o problema à febre e ao estresse — disse ela enquanto lia. — Parece que o estresse pode fazer cair o cabelo, mas acho que não podia estar envolvido nesse caso. Quer dizer, com certeza Rothman e Yamamoto estavam sentindo estresse por causa da febre e tudo mais, mas acho que, para causar queda de cabelo, tem que ser ao longo de um período de meses, não de horas.

Pia continuou sua busca. George não conseguia ver a tela de onde estava, mas via o clarão no rosto dela à medida que as páginas eram acessadas. De repente houve uma luz constante e Pia se inclinou para a frente na cadeira.

— Sim, aqui está. Perda de cabelo e estresse. Olha só, eu tinha razão.

E lendo em voz alta:

— A não ser que o paciente fique puxando o cabelo, o estresse grave apenas faz o folículo piloso mudar de um estado ativo para o estado de repouso. O cabelo não cai imediatamente, mas sim ao longo de um período de meses.

Pia olhou para George.

— Evidentemente, o palpite de Springer não foi muito melhor que o da De Silva.

— Então, o que você está pensando?

— Como nunca ouvi dizer que salmonela causasse queda de cabelo, precisamos pensar em outra coisa para explicá-la, o que nos leva de volta à ideia de um segundo agente, como outra bactéria ou outro vírus. Mas se houver outro micróbio envolvido, terá que ser algum com sintomas clínicos semelhantes aos da febre tifoide, porque todos os sintomas eram compatíveis com ela. Você está acompanhando o meu raciocínio?

— Acho que sim.

— Estou dizendo que precisamos encontrar um agente que imite a febre tifoide em termos sintomáticos, porém também cause queda de cabelo e seja capaz de matar no prazo de algumas horas na presença de cloranfenicol e possivelmente de ceftriaxona. É claro que sem acesso ao boletim médico não

posso ter certeza de que eles chegaram a receber a ceftriaxona, mas vamos partir do princípio de que sim.

Após alguns minutos de silêncio, Pia continuou:

— Sabe o que eu gostaria? Que tivéssemos examinado Yamamoto, além de Rothman. Só para ter certeza de que ele estava apresentando os mesmos sinais e sintomas.

— Talvez a gente possa pedir a opinião da Dra. De Silva.

— Acho que ela não vai gostar de me ver. Vamos continuar.

Pia olhou para o quadro de cortiça na parede atrás da mesa de George. Um cartão de um serviço de táxi estava preso com uma tachinha ao lado de uma foto da mãe e da avó do rapaz. Ao lado havia um cartão-postal da Hungria. De repente Pia se virou de novo.

— Quais são as causas de queda de cabelos, além das que mencionei?

— Isso me lembra as visitas de medicina interna, que eu gostaria de esquecer. Essa foi uma área em que nunca tive muito sucesso.

— Me diga: o que causa queda de cabelo?

— Bem, mudança hormonal, alopecia, estresse, como você falou.

Pia gesticulou indicando que ele sugerisse mais causas. Ele se concentrou.

— Doenças dermatológicas do couro cabeludo, principalmente doenças cicatriciais. Cara, essa foi boa. É o tipo de resposta que teria me valido elogios nos rounds. O problema é que eu sempre ficava engasgado.

— E o que mais? — cobrou Pia.

Ela acenava com a mão, demonstrando que queria mais.

— Tudo bem, certas drogas.

Pia concordou com a cabeça e olhou para George na expectativa, como se soubesse a resposta e estivesse esperando que ele adivinhasse. Era como um jogo de charadas.

George foi ficando impaciente, disposto a desistir, até que se lembrou de outra coisa.

— E que tal quimioterapia e radiação?

Ele parecia inseguro. Com certeza causavam queda de cabelo, mas qual poderia ser a relevância?

— Bem no alvo! — exclamou Pia. — Radiação! Você, quando esteve na oncologia durante a residência de clínica médica, viu gente receber radiação.

George concordou.

— A quimioterapia e a radiação destroem os folículos pilosos e o cabelo cai imediatamente.

— O que você está insinuando? — George reparou que a expressão de Pia era de muita animação.

— Eu disse que estava imaginando se Rothman podia ter sido infectado por outro microrganismo além da salmonela, outra bactéria que não fosse sensível ao cloranfenicol ou à ceftriaxona de terceira geração que deram a ele.

— Ah, sim, a ceftriaxona.

— De repente estou achando que não havia outro micróbio — confessou Pia. — Diabos, George, você mesmo disse isso, lembra? Você disse que tiveram de fazer a autópsia dos corpos no dia em que morreram porque estavam "quentes". Na ocasião, achei esse um termo estranho, mas acho que você tinha mais razão do que imaginava. Acho que eles não estavam quentes por estarem cheios de bactérias. Talvez estivessem quentes por causa de radiação.

41

OCME
NOVA YORK
25 DE MARÇO DE 2011, 12H32

Sentada em seu escritório no OCME, o instituto médico-legal, Laurie Montgomery botava os assuntos em dia com seu velho amigo detetive, o capitão Lou Soldano, quando o telefone tocou. Constatando que quem ligava era seu chefe, ela se desculpou e atendeu o telefonema. Em seguida começou a revirar os olhos e Lou sorriu.

Fazia 11 meses que Laurie estava de volta ao serviço, desde os angustiantes acontecimentos do famigerado caso Satochi Machita, que envolveu o crime organizado de Nova York e a máfia japonesa Yakuza e levou ao sequestro do filho de Laurie, John Junior. A história tinha sido veiculada em todos os meios de comunicação durante vários dias, à medida que iam surgindo os detalhes do caso. Depois do resgate da criança, Laurie voltou ao trabalho, mas não antes de encontrar uma babá que dormisse no emprego, Paula. Esta imediatamente se mostrou uma bênção. Com Paula tomando conta de John, Laurie se sentia segura. Naquele exato momento Jack Stapleton, seu marido, e também colega legista, estava trabalhando no mesmo edifício; seu filho estava na companhia segura de Paula, na casa deles na 106th Street. O fato de que o casal tivesse amigos como o detetive Lou Soldano também ajudava: em seguida ao

sequestro o detetive insistiu em colocar uma escolta em tempo integral na porta dos Stapleton.

Pelo teor da conversa de Laurie ao telefone e do que Lou conhecia do chefe dela, o Dr. Harold Bingham, ele percebeu que teria de esperar. Pegou dentro da pasta seu exemplar do *New York Post* e o folheou até se deparar com a matéria: MORTOS DOIS CIENTISTAS DA PESQUISA ESPACIAL. Ele releu rapidamente os primeiros parágrafos. Um dos motivos de sua visita a Laurie tinha sido o desejo de lhe mostrar o artigo.

— Lou, me desculpe, mas era o Bingham — disse ela, desligando o telefone.

— Logo imaginei que era. Fique tranquila. Você viu esta matéria? — perguntou, mostrando o jornal.

— Vi, mas não esse texto específico. Saiu a mesma história no *Times*.

— Uma história maluca e assustadora ao mesmo tempo. Dizem que os dois pesquisadores da Universidade Columbia se contaminaram com o vírus cultivado na estação espacial ou coisa assim. Os corpos foram supostamente trazidos aqui para o OCME. Isso tudo é verdade?

— A maior parte sim. Mas o agente de contaminação não foi um vírus. Foi uma bactéria chamada *salmonella typhi* que causa a febre tifoide. Jack que fez as autópsias ontem. Um caso triste. Eu soube que eles eram pesquisadores de células-tronco e estavam avançando muito no cultivo de órgãos humanos.

— Foi o que ouvi — confirmou Lou. — Houve algo esquisito em relação às autópsias? Na reportagem há umas teorias malucas sobre as mortes. Pelo jeito um dos caras era um pesquisador muito importante e seus colegas não gostavam muito dele.

— Jack não mencionou nada, além do fato de que ficou impressionado com a patologia. Nunca tinha visto um intestino inteiro em tão mau estado quanto nos dois pacientes. Em geral a febre tifoide não é tão generalizada. De toda forma, é justamente desse caso que eu estava falando com Bingham. Ele espera que vá haver alguma consequência política. Quis me avisar que se for agendada uma entrevista coletiva, ele talvez queira me ver à frente dela. Sabe que Jack detesta fazer isso e não é lá muito diplomático.

O detetive deu uma risada porque Jack era um dos homens menos diplomáticos que ele conhecia.

— Vocês dois formam um bom par porque se complementam.

Mudando de assunto, acrescentou:

— Que tal a gente sair pra almoçar? Você tem tempo para um almoço rápido?

— Desculpe, Lou, mas as pessoas estão morrendo feito moscas por aí.

Lou tornou a rir. Ainda bem que ninguém de fora ouvia o tipo de humor negro que se fazia entre quatro paredes no OCME.

— Entendi.

Lou levantou seu corpo robusto da cadeira de Laurie, vestiu de novo a capa de chuva e se despediu.

42

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
25 DE MARÇO DE 2011, 13H18

Da primeira vez que George ouviu a teoria elaborada por Pia, achou que ela havia perdido o juízo de vez. Pia afirmou que acreditava que Rothman e Yamamoto tinham sido assassinados com o uso de um agente radioativo, o polônio-210, que foi mascarado pela salmonela com que eles também tinham sido inoculados. George perguntou de que filme de James Bond ela havia tirado aquilo, mas como sempre ela falava muito sério.

— George, na verdade isso já aconteceu antes, portanto não é um crime inédito. Um homem foi mesmo assassinado desse jeito. Foi um russo chamado Alexander Litvinenko, morto em Londres em 2006. Você não se lembra? Saiu em todos os jornais.

— Eu não me lembro — admitiu George.

Pia acenou para George, chamando-o para junto da mesa de modo a poder ver diversas matérias de jornal que ela havia achado na internet, e depois ela completou com informações básicas sobre o caso.

— Litvinenko foi da KGB, que depois virou a FSB, o serviço de inteligência russo. Ele fugiu da Rússia e recebeu asilo político na Inglaterra. Escreveu alguns livros criticando o presidente Putin. Com tudo que ele sabia, devia ser supercuidadoso. Mas se encontrou para tomar chá com uns ex-agentes da

KGB, como ele, no bar de um hotel londrino. Horas depois ficou doente e foi hospitalizado. Após alguns dias foi diagnosticado com envenenamento por radiação, que mais tarde foi identificado como tendo sido causado pelo polônio-210. Ele foi piorando gradualmente, pois não havia muito que os médicos pudessem fazer, e acabou morrendo três semanas depois.

— Três semanas. É muito mais tempo do que com Rothman e Yamamoto.

— Sim, já sei, mas os efeitos do polônio têm relação com a dose administrada. Não sabemos quanto polônio foi usado nem em que momento Rothman e Yamamoto foram envenenados.

Não sabemos se eles foram envenenados, pensou George, mas ficou calado. Pia estava a pleno vapor.

— Então os britânicos investigaram e descobriram sobre o bar e o chá, e havia radiação no lugar todo, principalmente no bule. No fim ficou provado que ele morreu de envenenamento premeditado. Fizeram a autópsia e os patologistas foram obrigados a usar traje de segurança contra contaminação. O trato gastrintestinal de Litvinenko estava muito quente, para usar o mesmo termo que você usou. O cara precisou ser enterrado num caixão forrado de chumbo.

— Tudo bem, entendo que um espião talvez use uma coisa dessas para matar outro espião, mas por que usá-la em médicos? Se você quisesse matá-los, para que complicar tanto? Por que simplesmente não atirar neles?

— Essa é a parte inteligente. Quem fez isso não queria que ninguém soubesse que se tratava de assassinato. Queria fazer parecer um acidente. Sintomas de envenenamento radioativo que ficam camuflados pelos da salmonela: febre, prostração, delírio, sintomas gastrintestinais, baixa contagem de glóbulos brancos. Tudo igual, menos a queda de cabelo. Esperavam que o diagnóstico de febre tifoide fosse suficiente para que ninguém pensasse em procurar esse tipo de agente. A característica exclusiva do polônio é que se desintegra emitindo apenas partículas alfa, que só podem ser detectadas se alguém procurar especificamente por elas, mas ninguém faria isso porque o diagnóstico de febre tifoide tinha sido óbvio.

Pia estava se empolgando novamente. Tudo parecia se encaixar.

— As partículas alfa também não fariam outras pessoas adoecerem, e de fato isso não aconteceu. Essas partículas só conseguem viajar cerca de um

centímetro, e podem ser bloqueadas por um obstáculo como uma folha de papel. O polônio-210 só é perigoso se for inalado ou ingerido, e aí então ele é *realmente* perigoso, em especial numa dose elevada, que pode ser rapidamente fatal. Uma quantidade tão pequena quanto um milionésimo de grama pode matar alguém.

Pia voltou a se sentar, com uma expressão triunfante no rosto.

— O que você acha, George?

George estava impressionado com a quantidade de informação que Pia tinha jogado em cima dele e também pelo entusiasmo dela. As coisas se encaixavam, mas ele não conseguia deixar de pensar que ela talvez estivesse exagerando um pouco.

— Você tem que supor que a queda de cabelo não tenha outra causa — disse George. Ele pensou um pouco mais. — Mas acho que isso explicaria por que os antibióticos não funcionaram. Ou talvez estivessem funcionando, mas a radiação fosse mais forte que eles.

— Exatamente — concordou pia. — É diabolicamente perverso. Quem está envolvido nisso, seja quem for, é inteligente. Talvez um médico, ou um cientista com amplo conhecimento médico.

George pensou um pouco mais na questão. Começou a andar de um lado para outro no quarto.

— Imagino que seja possível — observou, sem conseguir ver questões que não pudessem ser respondidas a partir daquela teoria. — Então vamos contar às autoridades, deixar que investiguem tudo.

— Não podemos. Não sabemos quem fez isso.

— Imagino que você precise supor que os caras que agrediram você tinham alguma coisa a ver com isso.

— Sem dúvida, mas só pode ser uma grande conspiração. Você sabe para que é usada essa substância? Na fabricação de mecanismos de disparo de armas nucleares. Ninguém admite que fabrica, embora se presuma que a maior fonte seja a Rússia. Faz dois minutos que li a respeito. Portanto, para a FSB basta ligar para alguém e pronto. Mas como consegui-la em Nova York? Tem que haver envolvimento de muita gente. Gente importante com acesso a esse material. E eu acreditei nos caras quando me advertiram que não procurasse a

polícia. Não vou procurar as autoridades até obter provas suficientes e procurar a imprensa.

— A imprensa?

— Eu não confio nas "autoridades" — disse Pia, desenhando aspas no ar com os dedos. — Se eu der essa história aos jornais, quem estiver envolvido não vai poder enterrá-la.

— Então, de que provas você precisa?

Pia se virou para o computador e fez outra pesquisa.

— Veja bem, o polônio-210 tem uma meia-vida de 138 dias, o que quer dizer que leva esse tempo para perder metade de sua radioatividade. Então, se foi isso que usaram, deve haver algum vestígio em outro lugar, seja no laboratório, seja nos quartos do hospital ocupados por Rothman e Yamamoto. Mesmo que alguém tenha sido muito cuidadoso ao administrar o polônio a eles, deve ter ficado algum resíduo, exatamente como ficou em Londres em 2006.

George se juntou a Pia diante do computador, olhando por cima do ombro dela.

— Como se detecta o polônio-210?

— Está aqui — disse Pia olhando para o monitor. — Partículas alfa podem ser detectadas com um contador Geiger. É muito simples.

— Onde vamos conseguir um contador Geiger? — perguntou George. — Ah, sim, vamos usar o meu; ele está na gaveta do fundo à sua direita.

— Muito engraçado — disse Pia. — Esses contadores não são raros, principalmente num centro médico como este. Deve haver algum em medicina nuclear. Vamos até lá para ver se podemos pegar emprestado.

— Não pude deixar de perceber que você disse "nós". Então isso é um convite formal?

— Claro que sim.

— Poxa, muito obrigado — George agradeceu; na verdade, ele não iria permitir de modo algum que ela fosse até o hospital sozinha. Estendendo a mão, apalpou a lateral do rosto dela. — Enquanto estivermos por lá a gente aproveita para radiografar você. Conheço um técnico que faria isso como um favor.

Pia afastou a mão do colega.

— Não quero correr esse risco.

— Tá certo, eis o plano — disse George. — Eu ajudo você a procurar um contador Geiger, mas primeiro preciso falar com meu orientador e arrumar uma desculpa para não estar no setor.

— Ótimo, não me faria mal tirar uns minutos de descanso. Seja o que for que me aplicaram, essa droga está me dando sono de novo. Eu poderia descansar um pouco enquanto você cuida dessas burocracias. Você se importa se eu me deitar aqui na sua cama? Pode me chamar quando estiver pronto.

Pia foi da cadeira para a cama, na qual se deitou. Fechou os olhos e deu um suspiro. Estava cansada e agitada ao mesmo tempo.

George chegou perto dela e, tirando do bolso sua lanterninha, a fez abrir os olhos. Rapidamente verificou a reação das pupilas à luz. Estava normal.

— Nossa, que luz forte! — reclamou ela, virando a cabeça de lado. — O que você está fazendo?

— Estou preocupado com uma concussão.

— Que pensamento positivo.

— É uma coisa em que pensar, principalmente se a pessoa está sonolenta.

— Tem razão, mas acho que estou bem, só estou cansada.

— Vou voltar ao setor de radiologia e dar uma desculpa. Volto daqui a pouco. Ponha a cadeira calçando a maçaneta da porta. Você está com o celular aí?

Pia fez que sim.

— Verifique se ele está carregado. Meu carregador está em cima da mesa. E ligue pra mim se precisar.

George teria ficado muito mais feliz em chamar a polícia ou alugar um carro e levar Pia para o lugar mais distante possível da cidade. Mas tinha ido com ela até aquele ponto. Só precisava se explicar e estaria livre para ficar com ela por todo o tempo necessário até resolver a questão. Eles conseguiriam um contador Geiger e encontrariam a prova, se ela existisse. Ou não encontrariam nada e Pia seria obrigada a abandonar essa teoria como havia descartado todas as outras. Talvez então ela parasse de bancar a detetive.

43

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
25 DE MARÇO DE 2011, 14H01

O breve sono de Pia foi interrompido por George, que bateu delicadamente na porta do próprio quarto. Ela acordou sobressaltada e reconheceu que estava num cômodo que não era o seu. Sentou-se com a sensação de estar de ressaca. De repente percebeu onde estava, e a experiência da noite anterior lhe voltou inteirinha à memória. Levantou-se da cama cambaleando um pouco e foi até a porta.

— Quem é?

— Sou eu, George.

Pia removeu a cadeira que calçava a maçaneta. Depois entrou apressada no banheiro extremamente limpo de George e examinou o próprio rosto, encolhendo-se quando tocou o hematoma da mandíbula esquerda, e tornando a se encolher quando percebeu pela primeira vez que também tinha as marcas de um olho roxo. Num ato reflexo fechou o olho intacto para ver se conseguia enxergar normalmente. Também examinou o lábio cortado e removeu um pouco do sangue que tinha ficado incrustado nas narinas. Em seguida encheu a pia para lavar o rosto.

— Que horas são? — perguntou em voz alta pela porta aberta. Sua mente estava se desanuviando, e a vertigem que sentiu ao se levantar da cama de

George tinha desaparecido totalmente.

— São umas duas da tarde, ou mais — respondeu George. — Você quer alguma coisa para comer?

— Não, não dá tempo. A gente precisa se apressar. Quanto mais esperarmos, menor a chance de encontrarmos alguma coisa. Sabemos que o polônio tem uma meia-vida relativamente curta, e pode ser removido com água, como se fosse terra.

— Então você vai insistir na ideia do polônio?

George estava meio esperançoso de que, quando voltasse, Pia já tivesse desistido de seu plano bizarro.

— Decididamente sim, ela se encaixa muito bem. Você concorda que faz sentido, não é?

— Parece que sim, desde que a gente não depare com outra razão para a queda de cabelo. Mas os aspectos práticos parecem desanimadores. Você tem certeza de que havia queda de cabelo, não tem?

— Caramba, George, eu tenho sim; você mesmo viu.

George olhou para Pia quando ela saiu do banheiro. A amiga tinha no rosto uma expressão decidida. Parecia agradá-la o poder de seu raciocínio dedutivo, ou a elegância da trama para assassinar seu orientador.

— Você imagina como deve ter sido difícil levar isso adiante — comentou. — Faz o assassinato do Kennedy parecer fácil.

— Acho que o assassino do Kennedy agiu sozinho.

— Tudo bem, o exemplo não foi bom. Essa conspiração parece ser bem-elaborada, muita gente envolvida. Depois de confirmarmos o polônio, não posso deixar as autoridades darem sua própria versão da história, coisa que farão. Preciso garantir que a minha versão, que é a verdadeira, seja divulgada.

— Mas se houver prova, a polícia protegerá você.

— Bobagem. É exatamente da polícia que tenho mais medo. Sabe, quanto mais penso na história, mais me parece que outros pesquisadores ou médicos devem ter participado. A parte científica por trás do plano é impressionante. Quer dizer, quem bolou toda essa trama tinha que ser alguém com conhecimentos médicos. Senão, como você disse, por que não se limitar a dar um tiro neles? — Pia se interrompeu. — Mas eu estou botando os bois na frente da carroça. Precisamos procurar radiação que tenha ficado no

laboratório. Se houver em alguma parte, com certeza vai ser lá. Precisamos do contador Geiger. Mas vamos fazer uma parada rápida no meu quarto. Preciso pegar um pouco de corretivo de maquiagem. Estou dando a impressão de que fui atropelada e isso vai causar estranheza em alguns.

— Vamos nos apressar — propôs George. — Só consegui ganhar mais duas horas. Preciso voltar às quatro da tarde ao departamento de radiologia, para uma aula importante.

Pia e George conseguiram pegar emprestado um contador Geiger com um residente do departamento de medicina nuclear. Era um equipamento inativo à espera de reciclagem e que, na verdade, se prestava melhor à detecção de partículas alfa que os modelos mais recentes. Munidos do contador eles foram ao laboratório de Rothman averiguar se havia alguma radiação residual.

Pararam hesitantes na porta do laboratório.

— A única pessoa com quem eu não gostaria de me encontrar é o Spaulding — confessou Pia. — Ele é o único que pode nos causar problemas. Nunca achei que qualquer um dos outros técnicos gostasse muito de mim, mas não consigo imaginar que eles vão barrar nosso acesso.

— Você quer que eu dê uma entradinha para perguntar se ele está presente? — perguntou George.

— Boa ideia.

George levou menos de um minuto. Quando reapareceu disse que, segundo a secretária, Spaulding tinha ido almoçar tarde.

— Que sorte a nossa. Vamos agir.

Os dois entraram no laboratório com Pia na dianteira. Marsha Langman levantou a cabeça e olhou. Pia alegou que estava indo buscar alguns objetos pessoais. Marsha deu de ombros e voltou à sua tarefa, fosse esta qual fosse.

Pia seguiu direto para a unidade de biossegurança. Sem demora eles vestiram os trajes apropriados. Estavam com pressa e não queriam ser interrompidos. Pia quis começar na unidade porque era o local onde Rothman e Yamamoto tinham passado a manhã inteira do dia fatídico, e também o dia anterior.

O contador Geiger era uma caixinha amarela do tamanho aproximado de uma lanterna grande, e tinha uma alça no topo. Pia segurou o instrumento com a mão esquerda e passou o sensor, que lembrava um microfone, sobre a superfície da bancada. A máquina emitiu, de tantos em tantos segundos, uns estalos discretos resultantes da radiação de fundo. Para decepção da estudante, não encontraram nada, nem embaixo da própria coifa.

Enquanto tiravam o traje de segurança, permaneceram calados. Quando voltaram ao laboratório, se encaminharam até a salinha de Pia para despistar Marsha. Pia tinha alegado ter ido ali para buscar objetos pessoais, portanto, foi um movimento estratégico. Como de hábito, O'Meary ainda estava lá, meio enfiado no forro da sala. Quando ouviu os estudantes entrarem, abaixou a cabeça.

— Ah, de volta, Srta. Grazdani? Nossa! O que aconteceu com seu rosto?

Pia não respondeu.

— Boa notícia: depois desse tempo todo encontrei o curto-circuito. Estava entre esta sala e a sala do médico. Hoje nós vamos embora daqui. Desculpe o incômodo.

Pia o ignorou.

— Isso aí é um daqueles contadores Geiger?

— Fizemos rotulação de alguns radioisótopos aqui — respondeu Pia. — Estamos só conferindo se o lugar está limpo. E está.

— Como é que essa coisa funciona?

— Procure na internet, como eu fiz.

George se constrangeu ao ver Pia tratar tão secamente o sujeito. Por ser de família de operários, o rapaz se identificava com o pessoal da manutenção.

Decepcionada por não ter encontrado contaminação na unidade de biossegurança, Pia estava começando a sentir um enorme desânimo. No entanto, ainda havia outro lugar que queria conferir: a sala de Rothman. Além da unidade de biossegurança e a unidade de banhos de órgãos, aquele era o único recinto em que tanto Rothman quanto Yamamoto tinham passado algum tempo. O problema era Marsha e sua mentalidade de cão de guarda. Mesmo na ausência de Rothman, Pia desconfiava de que ela fosse agir como sempre.

Enquanto os dois estudantes voltavam ao laboratório, Pia revisava mentalmente algumas formas possíveis de lidar com a secretária. Felizmente o problema se resolveu sozinho. Marsha já não estava sentada à sua mesa. Pia supôs e torceu para que, como Spaulding, ela tivesse saído tarde para o almoço.

Sem Marsha montando guarda, Pia e George foram até o escritório interno de Rothman. Era possível perceber que haviam arrumado o espaço, pois se viam caixas de papelão abertas e cheias de livros e papéis espalhadas pelo cômodo. Pia passou o sensor ao redor da mesa, nas prateleiras atrás desta, no sofá e na mesa de café na qual os convidados de Rothman, normalmente jornalistas, se sentavam na esperança de que um deles fosse capaz de abrir uma brecha na famosa defesa do cientista. Inevitavelmente eles se decepcionavam. Em seguida, os dois vistoriaram o banheiro privativo do pesquisador, que sua condição de celebridade lhe havia garantido; nenhum outro laboratório tinha um banheiro semelhante. Mas o contador Geiger ficou silencioso na maior parte do tempo, a não ser pelo ruído de fundo, exatamente como acontecera na unidade de biossegurança.

Pia quase havia esquecido, mas havia mais um recinto — não propriamente um cômodo, mas uma área de armazenamento — em que Rothman costumava guardar os suprimentos científicos e o material de escritório. O espaço estava abarrotado de pilhas de papel higiênico e toalhas de papel, caixas de provetas e tubos de ensaio, resmas de papel e pastas antigas. Ali também ficava a idolatrada máquina de café expresso do cientista. Ora, talvez, quem sabe, pensou Pia. Talvez.

Ouviram-se alguns estalidos distantes emitidos pelo contador Geiger nas proximidades da máquina de café, além de ruídos que fizeram a pulsação de Pia se acelerar. Ao lado da máquina havia um pano de prato dobrado ao meio forrando um pequeno espaço entre a cafeteira e os ingredientes do café. Sobre o pano de prato se apoiavam quatro xícaras de louça branca: duas de café expresso e duas de tamanho médio. Estavam emborcadas. Houve mais alguns estalidos quando Pia passou o sensor sobre o fundo das duas xícaras médias. Depois, segurando o contador na mão esquerda, ela virou as xícaras. Colocou o sensor dentro de uma delas e depois da outra. Decididamente havia atividade radioativa. Não muita, porém mais nas xícaras do que no restante do laboratório.

— Contaminaram o Litvinenko com chá — disse Pia com empolgação. — Aqui talvez tenham usado café. O que explicaria como os dois foram contaminados ao mesmo tempo e ninguém mais foi afetado.

— Não parece haver muita radiação. Você acha significativo?

— Não há muita, mas está registrando partículas alfa. As xícaras devem ter sido, mas ainda ficou um pouco. Seja como for, com certeza é significativo. Vamos embora daqui.

Pia pegou uma das xícara médias, que segurou cautelosamente pela asa. Guardou-a num envelope forrado com plástico-bolha e o colocou na sacola reciclável em que tinha levado o contador.

George e Pia refizeram o caminho e saíram na parte principal do laboratório. Infelizmente uma surpresa os aguardava. Pelo jeito Marsha não tinha ido almoçar tarde, e Spaulding estava voltando do almoço. Os dois, com expressões indignadas, bloquearam a passagem dos estudantes. Spaulding colocou as mãos nos quadris e olhou furioso para Pia.

— Como se atreve? — ele a interpelou. — Eu lhe disse para não voltar aqui. E o que vocês estão fazendo com isso? — indagou apontando para o contador Geiger.

Pia gesticulou a George para que a seguisse. Não tinha intenção de deixar que eles os envolvessem numa conversa. Começou a se desviar de Spaulding, mas ele a segurou pelo braço. Numa reação de proteção, George se adiantou para se colocar entre os dois.

— Tudo bem, George — disse Pia calmamente. — Arthur, solte meu braço ou vou registrar queixa com as autoridades do centro médico por assédio sexual.

Spaulding largou o braço de Pia.

— De quem é esse contador Geiger? Pertence a este laboratório?

Ele estava espumando.

— Não se preocupe, Arthur, nós protocolamos o empréstimo no departamento adequado.

— Mas com que objetivo vocês o estão usando em meu laboratório? Exijo que me digam.

— É um detector de babaquice, Arthur. Ah, veja! — Pia aproximou o sensor do rosto de Spaulding e o aparelho emitiu seu ruído de fundo. — Vejam

só, parece que está funcionando muito bem.

Pia passou ao lado de Spaulding e, dando a Marsha um olhar indiferente, saiu do laboratório.

44

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
25 DE MARÇO DE 2011, 14H48

George ficou aliviado por escapar ileso de Spaulding e do laboratório e teve esperança de que a invasão deles não fosse comunicada à Dra. Bourse. Apressou-se para alcançar Pia, que encontrou esperando o elevador.

— É a terceira vez que você confronta o sujeito e já estava perdendo de dois a zero. Agora precisa mesmo ficar longe dele.

— Tudo bem, não tenho motivos para voltar ao laboratório. Já detectamos alguns estalidos na xícara de café, mas absolutamente não é o que eu esperava. Não sei se vai ser suficiente para chegar a uma conclusão. Precisamos reunir mais provas.

— Tive medo de que você desafiasse o Spaulding em relação ao livro de registro do freezer.

— Eu pensei nisso. Ele é um tremendo babaca. Não tem autoridade para impedir minha entrada em lugar algum. Não sei se o que encontramos no estoque terá alguma relevância. Se alguém usou uma amostra de salmonela do freezer para contaminar Rothman e Yamamoto, não há meio de sabermos.

— Então você acha mesmo que Spaulding teve alguma participação na morte de Rothman?

— Se teve, foi uma pequena parcela de algo muito maior. Ele não tem inteligência bastante para tramar tudo isso sozinho.

Pia pensou no que aquilo poderia implicar, em quem poderia estar envolvido se houvesse uma conspiração mais ampla. Se Spaulding tivesse sido recrutado, qualquer um poderia representar uma ameaça a ela. Esse pensamento a fez estremecer. Sentiu-se muito vulnerável, tanto ou mais que em qualquer ocasião durante a infância. Por mais difícil que fosse, ela precisava manter a calma e encontrar provas.

— George, posso ficar no seu quarto hoje à noite? Não quero ficar sozinha.

— É claro que pode — respondeu George, feliz com o pedido. Mas desejava que as circunstâncias fossem outras.

Quando chegaram à rua, George imaginou que Pia fosse voltar para o alojamento. Em vez disso ela o acompanhou em direção ao hospital. Estava chovendo e o vento soprava em diagonal. As pessoas caminhavam de cabeça baixa, levantando a gola do casaco para se protegerem do frio.

— Então você não ficou satisfeita com a leitura das xícaras de café? Não acha que já é suficiente para procurar a imprensa?

— Na verdade acho que não. Os poucos sinais que ouvimos talvez não sejam incomuns. Eu realmente não sei. É claro que as xícaras foram lavadas, eu acho, mas não foram esfregadas. Quero verificar a enfermaria de doenças infecciosas. O assassino pode ter sido capaz de limpar as pistas no laboratório, mas não teria conseguido apagá-las na enfermaria. A não ser que tenham alguém na equipe dos faxineiros.

O que era perfeitamente possível, pensou Pia.

— Então, é para lá que estamos indo? — perguntou George. Olhou a hora no relógio. Ainda lhe restava tempo antes da aula a que teria de assistir.

— É sim.

Chegaram à enfermaria e rapidamente viram a futilidade da missão. Havia novos pacientes nos quartos que tinham sido ocupados pelos dois pesquisadores. Uma enfermaria de doenças infectocontagiosas tinha de ser mantida impecavelmente limpa, em vista da natureza das enfermidades tratadas ali. O hospital, sempre alerta com suas precauções gerais, era ainda mais rigoroso naquele setor.

Depois de alguns minutos de inspeção, Pia olhou o relógio.

— Estamos perdendo tempo aqui. Vamos voltar ao necrotério.

Dessa vez eles pegaram o elevador para o subsolo, seguindo o caminho normal. Durante o dia havia um pouco mais de atividade do que tinham presenciado na visita da noite anterior, quando o lugar era vigiado pelo auxiliar de legista. O necrotério não estava mais iluminado que antes. Pela ausência de janelas, poderia ser dia ou noite e o ambiente continuaria lúgubre e decrépito. Viam-se outros homens de aparência bastante normal, cinquentões cuja tarefa era administrar as chegadas e partidas dos cadáveres. Pia e George lhes perguntaram se se lembravam de terem lidado com os corpos de Rothman e Yamamoto. Disseram que sim, pois tinha havido muita agitação, inclusive uma advertência sobre a possibilidade da febre tifoide e instruções sobre precauções gerais.

— Desinfetamos o exterior dos sacos de remoção depois que os corpos foram colocados dentro deles — explicou um dos homens. — O tempo todo, naturalmente, tomamos muito cuidado.

Pia e George viram que os funcionários não usavam crachás e acharam mais prudente não revelarem os próprios nomes.

— Então, que macas vocês usaram? Elas foram tratadas posteriormente?

— Claro que foram tratadas — disse o homem. — E ainda estão no lugar em que foram tratadas.

— Vocês se importam se nós dermos uma olhada?

O auxiliar levou os dois estudantes para outra antiga sala de autópsia. Esta dispunha de um esquema especial de ventilação porque era usada para casos "sujos" ou em decomposição. Pia tratou de passar o detector de radiação em torno das macas mas não encontrou nada.

— O que vocês estão procurando exatamente? — perguntou o funcionário.

— Um dos pacientes passou por uma terapia com isótopos radioativos — explicou Pia, pensando rápido. — Queremos ter certeza de que não ocorreu nenhum vazamento. Que aliás, não ocorreu; portanto, muito obrigada.

Enquanto os dois estudantes caminhavam de volta ao elevador, George elogiou Pia por ter raciocinado rápido na referência aos isótopos radioativos.

— Eu tinha que alegar alguma coisa. Talvez eu use a mesma história quando for ao instituto médico-legal.

Depois acrescentou:

— Ou não. Não vou convencer nenhum legista com essa história. Com base na autópsia, eles já saberiam que nenhum dos dois pacientes sofria de câncer.

Pia refletiu novamente.

— Já sei. Vou dizer que Rothman e Yamamoto estavam usando um emissor de radiação alfa na pesquisa, e precisamos ter certeza de que não se contaminaram com radiação, além de contrair a salmonela. Direi a eles que é uma questão de segurança.

— Parece convincente — opinou George.

A essa altura já estavam no saguão do hospital.

— Preciso comer alguma coisa antes de ir ao centro da cidade. Acho que o instituto médico-legal fecha às cinco. Mas se não comer, vou desmaiar. Nem me lembro se comi alguma coisa ontem. Sei que hoje não. Como você está de tempo?

— Ainda tenho alguns minutos antes da aula.

Foram para o refeitório do hospital. Estava movimentado, como sempre ficava mesmo em horas mortas como aquela, pois as doenças e seus tratamentos não seguem um cronograma conveniente de horário comercial. O pessoal da área médica, os pacientes e os visitantes tinham de comer quando conseguiam. Pia escolheu uma refeição substancial enquanto George pegou um café e um biscoito de aveia.

— Que tal retomarmos a ideia de ir à polícia contar sobre os sinais que captamos com o contador Geiger? — sugeriu George. — Simplesmente não consigo acreditar que se trate de uma grande conspiração. Mesmo que tenha sido um assassinato com uso de polônio, tenho certeza de que a explicação será muito mais banal. Algo em que não pensamos. Sei lá, talvez Rothman tivesse dívidas de jogo?

— Eu discordo totalmente. Se foi o polônio, era preciso algum tipo de operação de alto nível. É impossível conseguir polônio. Isso significa que deve ter havido um planejamento de várias semanas... ou até meses. Com certeza há gente importante envolvida. Eu basicamente *vivi* durante anos no interior de

uma conspiração. E como já disse, George, se você tivesse visto o que eu vi, saberia que as pessoas são capazes de qualquer coisa.

George reparou que algumas pessoas das outras mesas, gente que ele não reconheceu, estavam olhando para eles. A maquiagem de Pia não conseguiu esconder todos os hematomas, principalmente sob a luz fluorescente do refeitório. Inclinando-se para ela, George baixou a voz.

— Então o que você pretende fazer exatamente, antes de desistir?

— Só há mais um lugar no qual podemos verificar se houve radiação significativa, os corpos no OCME. Se não houver nenhum corpo ou se eu não puder entrar para conferir, então desistirei da investigação. Isso parece suficiente para você?

— Como é que você vai conseguir entrar no instituto médico-legal? — perguntou George, lembrando-se da conversa deles com o residente de patologia na noite anterior.

— Ainda não sei — admitiu ela, com uma ponta de irritação. — Se eu disser a eles no que acredito, vão achar que sou maluca. "Estão lembrados daqueles pesquisadores da Columbia que foram trazidos para cá? Pois é, acho que alguém botou polônio no cafezinho deles..." Não, acho melhor eu me ater à ideia que mencionei, aquela do emissor de partículas alfa. Sei lá, verei que rumo a coisa toma. Vou ter que improvisar.

— Talvez você devesse ficar descansando no quarto. Que tal adiar para amanhã essa visita ao legista? Puxa vida, você tem andado muito por aí e ainda por cima levou uma surra ontem à noite. Hoje não vou poder acompanhar você, mas quem sabe não podemos ir lá juntos amanhã de manhã?

— Amanhã é sábado, não sei se o instituto médico-legal vai estar aberto. Além disso, não sei por quanto tempo eles mantêm os corpos lá. Imagino que encorajem as famílias a providenciarem o quanto antes a remoção de seus parentes para as funerárias. Aliás, se formos amanhã, é possível que estejam com poucos funcionários. Provavelmente nos mandarão voltar na segunda-feira. Eu não vou aguentar ficar sentada esperando, preciso saber.

— Provavelmente você tem razão quanto ao sábado — concordou George —, mas...

— Não, George, eu vou hoje mesmo. Vá para sua aula. Não tem a menor possibilidade de eu me meter em confusão no OCME.

— Você é muito criativa — disse ele com um sorriso irônico.

Pia fez de conta que não ouviu o comentário.

— Vou sair agora. Você se importa de guardar para mim essa xícara de café? Vou levar comigo o contador Geiger e espero precisar dele.

George pegou a sacola.

— Claro que não. A gente se encontra assim que você voltar.

Ele observou Pia se levantar muito focada e erguer a bandeja do refeitório.

— E tenha cuidado. Procure não se meter em confusão.

Pia apenas lhe deu um olhar irritado antes de sair.

George observou-a seguir seu caminho por entre as mesas, depositar a bandeja no balcão e sair. Agora que Pia estava fora de vista ele pensou em ligar para a polícia. Mas sabia que se o fizesse, qualquer que fosse o resultado, Pia nunca mais falaria com ele. George tinha certeza de que ela consideraria aquilo uma traição.

Engolindo o restinho do café, ele se levantou. Pelo menos chegaria na hora para sua aula.

PARTE III

45

BELMONT, BRONX
NOVA YORK
25 DE MARÇO DE 2011, 15H28

Aleksander Buda terminou de falar ao celular e ficou segurando o aparelho. Então usou o dedo indicador, que parecia uma espátula, para apertar o botão de desligar. Surgira um problema numa operação que até então tinha transcorrido sem tropeços, e ele detestava problemas. Causavam uma azia terrível. Pegou o frasco de comprimidos antiácidos de cores variadas que sempre levava consigo e começou a mastigar um punhado depressa, um a um. Buda tinha cinquenta e poucos anos — cinquenta e quantos ele não sabia com certeza, porque sua família tinha saído da Albânia com alguns pertences e um pouco de dinheiro, mas sem a documentação que informava quando ele nasceu. Com o passar do tempo, primeiro na Itália e depois nos Estados Unidos, ele adquirira os documentos para imigrantes, inclusive com uma data de nascimento de 1958, que ele desconfiava não ser verdadeira.

Buda não era um homem grande, media talvez 1,75 m, mas tinha os cabelos cortados curtos, e uma cicatriz que penetrava na linha dos cabelos pelo lado direito de seu rosto largo; nos braços tinha tatuagens feitas na prisão em quantidade suficiente para fazer qualquer um pensar duas vezes antes de se aproximar, caso ele se desse ao trabalho de mostrá-las. Buda se vestia discretamente, e hoje estava com uma camisa cáqui de mangas compridas,

jeans e tênis. Podia-se imaginar que fosse um funcionário de manutenção de prédios comerciais do East Side, trabalho para o qual aparecia de vez em quando, e não o que realmente era: o chefe de uma quadrilha da máfia albanesa.

A quadrilha, ou clã, de Buda era menos organizada em termos hierárquicos que uma família da Cosa Nostra, com a liderança muitas vezes fluida, e estritamente baseada em resultados. Graças a uma combinação de cautela e brutalidade, o poder de Buda tinha permanecido inabalável durante anos. Os integrantes da quadrilha compartilharam a fama de cruel e violento do compatriota, adquirida em mais de 25 anos de intensa atividade criminal. Os albaneses tinham chegado tarde ao cenário nova-iorquino e precisaram compensar o tempo perdido. Assumiram posições de baixo nível nas organizações italianas somente para crescer e desafiar os baluartes da máfia estabelecidos há mais tempo.

Na Europa, os grupos albaneses se firmaram como uma forte presença no tráfico de drogas pesadas e leves, dominando o mercado de heroína em muitos países, e transportando a matéria-prima desde o Afeganistão à Albânia, através da Turquia. A heroína processada e outras drogas podiam então ser distribuídas para qualquer parte do planeta, por meio de centros como os terminais de contêineres de Port Newark, Nova Jersey. A heroína era só um dos negócios em que os clãs estavam envolvidos. Eles também tinham participação em atividades corriqueiras como extorsão, agiotagem e jogo ilegal. Aleksander Buda colocava seu pessoal a cargo dessas operações para que ele pudesse manter um perfil discreto e assumir projetos mais lucrativos, como aquele em que estava trabalhando agora, o que deu problema.

Buda tinha plena consciência de que as quadrilhas albanesas haviam chamado atenção das autoridades. Uma delas, sediada no Queens, foi apanhada pelo FBI alguns anos antes; outra, em Staten Island, foi desmantelada em 2010. Atualmente, na área de Nova York que era servida pelo metrô, havia mais de duzentos mil albaneses, talvez até trezentos mil. A maioria, com exceção de duas centenas, era composta de gente ordeira e trabalhadora. Buda e seus homens entravam e saíam dessa diáspora albanesa, escondendo-se no seio dessa população. Os grupos mafiosos eram tribais, hipersensíveis a qualquer tipo de ofensa e ágeis no uso da violência quando

motivados por vingança. Sob o código albanês da *besa*, a palavra de um homem era seu compromisso, e um aperto de mão era um selo de garantia. Buda tinha um acordo de completar a tarefa, e entendeu que seria obrigado a expor alguns de seus homens para cuidar desse problema específico. E trabalhar em público era outra coisa que o deixava nervoso.

Depois que Jerry Trotter, três semanas antes, tinha feito sua proposta, Edmund levou dois dias para ligar para o número dado por Trotter. Dez ou quinze vezes ele pensou em não telefonar, jogar o pedaço de papel na lareira e esquecer o assunto. Em outras ocasiões, convenceu-se de que aquilo era um teste criado por Jerry para avaliar seu comprometimento, e que se telefonasse, o próprio Jerry iria atender. Mas de vez em quando, geralmente na calada da noite, sentado sozinho em seu escritório tomando uísque, Edmund imaginava como seria dar um telefonema assim. Digamos que o cara fosse mesmo um matador de aluguel. Como a gente se apresenta para alguém assim? O que a gente diz? Ele imaginou que se alguém fosse ligar para tratar de um negócio desses, não usaria o próprio telefone.

Por fim Edmund ligou para o número, usando um telefone público de uma lavanderia automática da Second Avenue em Manhattan, uma área movimentada sem nenhuma câmera de segurança. Edmund se preparou mentalmente, inseriu a moeda e discou o número. Alguém atendeu mas não falou, e Edmund repetiu as frases que havia ensaiado.

— Alô, consegui seu número com um amigo. Tenho uma proposta a lhe fazer. E isso não é um trote.

Edmund não disse mais nada e a linha ficou muda.

Uma hora depois, Edmund ligou de novo, do mesmo telefone público.

— Podemos nos encontrar em algum lugar? Acho que você vai querer ouvir o que tenho a dizer...

Clique.

No dia seguinte, na quarta tentativa, às dez da manhã, uma voz com forte sotaque estrangeiro disse "Ligue em uma hora. Da bancada de telefones públicos do Grand Central Terminal. Saguão principal."

Edmund fez o que lhe foi mandado.

— Pegue o trem 6 para Morrison Avenue, salte na plataforma do lado norte e aguarde.

Edmund tinha chegado a um ponto sem volta. Tudo o que fez foi dar uns telefonemas, mas agora ia se encontrar com alguém que ele sabia que era um assassino. Edmund observava os passageiros que atravessavam o Grand Central Terminal, gente comum como ele. Se prosseguisse com o plano, já não seria mais uma pessoa comum. Na recente sequência interminável de dias e noites ele tinha avaliado os prós e contras de fazer o que Jerry exigia ou de não fazer nada. Se não agisse, ficaria arruinado em termos financeiros e pessoais; mas o terrível esquema de Jerry lhe oferecia uma oportunidade de salvação.

Outro pensamento que ocorreu a Edmund estava se mostrando impossível de ignorar. Aqueles médicos estavam destruindo a atividade profissional dele. Era por culpa daqueles pesquisadores que se achava em tal situação, e de forma alguma iria deixá-los escapar impunes.

Edmund pegou o metrô rumo ao norte para uma área do Bronx que ele nunca tinha visitado antes. Desembarcou numa plataforma elevada e varrida pelo vento. Às onze da manhã quase não havia ninguém por lá, somente dois homens que tinham descido na estação — um que veio no mesmo vagão de Edmund, e outro, no de trás. Edmund saiu da estação, desceu para a rua e parou junto à saída. Verificou o celular, cruzou a rua e tornou a atravessar, procurando algum sinal de vida.

De repente uma van azul-escura de portas corrediças aproximou-se, e as portas traseiras se abriram. De dentro do carro uma voz ordenou a Edmund que entrasse, e ele obedeceu. O veículo partiu e imediatamente os braços de Edmund foram agarrados e sua boca foi coberta com fita adesiva; um saco de pano foi colocado por cima da cabeça. Seu corpo foi apalpado, mãos revistaram suas axilas e sua virilha. Depois lhe tiraram a roupa toda, e o deixaram nu, amarrado e amordaçado no piso da van, primeiro enquanto esta chocalhava pela rua e depois, por um intervalo que pareceu eterno, enquanto o veículo ficou estacionado em algum lugar.

— Muito bem, Sr. Edmund Mathews, banqueiro rico de Greenwich, como conseguiu esse número de telefone?

A voz partiu de algum ponto na dianteira da van.

Edmundo tentou falar, mas sua boca estava colada. Ele gemeu e a voz disse:

— Que indelicadeza da minha parte. Deixem o homem falar.

A fita foi arrancada com força e Edmund ficou tonto de dor.

— Um amigo me deu o número. Ele não disse onde conseguiu.

— Então, o que você quer?

Edmund contou o que queria. Não levou muito tempo, mas foi preciso explicar algumas vezes a necessidade de usar o polônio para causar as mortes.

— Tudo bem, eis o que faremos. Você vem amanhã à estação de Middletown Road, às onze da manhã. Traga uma grana para mim. Como gesto de boa vontade. Digamos, 50 mil dólares em notas de Ben Franklin. Quantia não reembolsável. Devolvam as roupas dele.

Os braços e as pernas de Edmund foram libertados e ele se vestiu rapidamente. A van tornou a se mover e parou depois de alguns minutos; as portas se abriram. Edmund saltou num pátio de estacionamento vazio, atrás de um prédio abandonado. Ele percebeu que estava a menos de meio quilômetro do lugar onde tinha sido apanhado, e pegou o metrô de volta para Manhattan.

A vontade de fugir se manifestou em Edmund com mais intensidade naquela noite que em qualquer momento do processo. Se ele ligasse para o FBI, com certeza poderia entregar Jerry e esse cara, quem quer que fosse, aos agentes, e pelo menos ficaria livre dessa trama irracional. Mas não se livraria da LifeDeals, e de Gloria Croft, e de sua própria e iminente destruição. Os dados da Statistical Solutions tinham finalmente chegado e só reforçavam o que Russell e Edmund já sabiam. O modelo criado por eles foi por água abaixo no momento em que a medicina regenerativa se transformou em realidade. Edmund sentiu despertar em si a necessidade de se erguer e lutar.

Ele foi de novo até o Bronx, outra vez transportado num furgão, só que de outra cor. Novamente o imobilizaram e o despiram, mas devolveram mais depressa as roupas e não o amordaçaram, um pequeno ato de bondade que o deixou agradecido. Sentiu que o envelope com 50 mil dólares já não estava no bolso de seu casaco.

— Muito obrigado pelo dinheiro — disse a mesma voz. — Um homem mais prudente a essa altura teria jogado o senhor para fora da van e estaria contente com o bom lucro de um dia de trabalho. Mas eu li a seu respeito, Sr. Mathews, e fiquei intrigado. Depois pesquisei sobre as pessoas que o senhor quer que morram, e pensei *O que eles estão fazendo? Não entendo, sou um*

camponês ignorante. Então pensei *esse cara deve estar falando sério*. Não sei por que, mas foi o que pensei. Também acho que essa é uma ideia que custa caro. Alguém tem que ir à Rússia comprar esse material radioativo na mão de homens muito maus, sem ser apanhado. Tem que dar esse material, além da bactéria, aos caras visados, e não ser apanhado. Nós podemos fazer isso, mas não por 1 milhão de dólares.

— Por quanto, então?

— Por 2 milhões. E meio.

— Caramba!

— Olha aqui, eu vi o lugar onde você mora, sei que ganha muito dinheiro. Aqui o senhor não está fazendo negócios na bolsa de valores não. Eu não estou negociando. O preço é esse aí. E amanhã vai sair mais caro.

— Tudo bem.

— Não ouvi. Fala mais alto.

— Tudo bem — Edmund obedeceu.

Três dias depois os dois se encontraram mais uma vez. Edmund dissera a Russell que precisava de uma grande soma em dinheiro vivo, mas não revelou para quê. Russel perguntou uma vez, mas depois que o sócio soltou os cachorros em cima dele, fez o que foi pedido. Demorou dois dias e meio para reunir 1 milhão e meio, retirado de várias contas corporativas e pessoais. Edmund colocou o dinheiro numa bolsa grande, própria para o transporte de equipamentos de beisebol, e foi de carro ao endereço que lhe tinham fornecido por telefone. Era o mesmo estacionamento onde o liberaram no primeiro dia. Mais uma vez Edmund entrou na van e passou pelo mesmo procedimento degradante.

— Estou vendo que o senhor confia em mim — disse a voz. — Até agora já me deu um milhão quinhentos e cinquenta mil dólares e eu ainda não fiz porra nenhuma. Mas sou um empresário e vou cumprir minha parte do acordo.

O homem deu instruções sobre o pagamento do restante do dinheiro depois de realizado o trabalho. Este seria concluído em algum momento do mês seguinte. Edmund não disse nada.

— Mas primeiro há uma coisa que preciso saber, senão não poderemos prosseguir.

Edmund ficou calado.

— Quem deu a você meu telefone? Foi seu sócio, o Sr. Russell Lefevre?

— Não.

— Então quem foi?

Edmund se calou.

— Eu realmente quero saber.

Então Edmund disse a ele.

— Tudo bem, eu agradeço. Agora soltem o Sr. Mathews.

Do banco da frente da van um homem se virou para encarar Edmund. Estava de óculos escuros e boné de beisebol, mas Edmund viu na testa dele uma cicatriz que subia em direção ao couro cabeludo. O homem tinha estendido a mão direita.

— Aperte minha mão e o negócio estará fechado.

Os dois procederam a um aperto de mãos e Edmund não soube mais nada, até o dia 25 de março.

Aleksander Buda pensou um pouco mais sobre a informação que tinha acabado de receber, e ainda com o celular na mão telefonou para Edmund Mathews.

— Ontem seguimos direitinho o curso de ação que o senhor recomendou, mas não deu certo. Achei que não ia funcionar. Alguém que eu tenho no local me disse que hoje viu a moça rondando com um contador Geiger, ela e aquele rapaz com quem ela anda. Sabe o que isso quer dizer? Quer dizer que alguém não se deixou enganar pelo seu plano genial.

— Que merda!

— É isso mesmo, uma merda. E estamos enfiados na merda até os joelhos. Se não fizermos alguma coisa agora mesmo, vamos acabar afundando nela.

A conversa era direta demais para agradar a Buda, mas ele achou que precisava receber o sinal verde do banqueiro e garantir que este entendia que o preço tinha subido. O trabalho em si não devia ser difícil, a garota não estava sendo nada discreta, mas ele tinha uma tarefa complicada pela frente. Quando ouviu dizer que o sobrenome da moça era Grazdani, Buda hesitou. Como o sobrenome lhe pareceu albanês, precisou se certificar de que ao matar uma moça albanesa ele não iria pisar nos calos de ninguém. Não queria ser a causa de uma rixa como a que tinha havido nos anos 1990. Teria de sequestrá-la,

mantê-la em cativeiro, e ligar as antenas para descobrir se havia algum Grazdani nas quadrilhas das áreas vizinhas. Mas qual era a probabilidade de haver?

— Vai fundo — Edmund disse finalmente, sentindo o mesmo entorpecimento que sentiu ao concordar com o trato, quando aquilo tudo começou.

— E como são duas pessoas — Buda estava dizendo —, vai custar mais dez por cento.

— Dez por cento do total ou do saldo devedor?

— Ah, sempre cuidadoso com a grana... — comentou Buda. — Do total.

Buda encerrou o telefonema e convocou Prek Vllasi e Genti Hajdini a comparecer em seu escritório num trailer estacionado num galpão de teto baixo. Ele repreendeu seus auxiliares, energicamente, em albanês.

— Ontem à noite vocês foram uns inúteis. Ela não ficou nem um pouco assustada. E vocês não fizeram nada com ela?

— Quer saber — disse Genti a Prek —, devíamos ter acabado com ela quando tivemos chance. Como eu disse ontem à noite, uma surra não basta.

Voltou-se para Buda:

— A filha da puta é valente.

— Posso ver que é mesmo — concordou Buda. Genti havia passado o dia com o olho roxo. — Agora, por causa dela, está tudo indo por água abaixo. Só Deus sabe como essa garota ficou sabendo o que aconteceu. Vocês têm que voltar lá agora mesmo, pegar o namorado dela, e agarrá-la no meio da rua.

— Namorado? — estranhou Prek. — Que namorado? Quer dizer o garoto com quem ela estava andando ontem à noite? Se ele não estiver com ela quando a agarrarmos, não sei se a gente o reconheceria.

— Ele é o sujeito com a língua enfiada na orelha dela! — retrucou Buda descontroladamente.

Estava furioso, mas logo entendeu que Prek tinha razão em ser cauteloso. Matar o homem errado seria contraproducente.

— Vou conseguir o retrato dele tirado do banco de dados da escola de medicina e mandar para o celular de vocês. O nome dele é... George Wilson —

acrescentou, consultando uma anotação. — E se lembrem de capturar a tal da Grazdani — continuou Buda. — E não toque nela, seu animal, a não ser que não seja parente de alguém importante. Nesse caso, será toda sua. Entendeu, Genti? Dizem que ela esteve no laboratório do Rothman há alguns minutos, bisbilhotando. Levem a moça para a casa de verão e me telefonem quando chegarem lá. E levem com vocês o Neri Krasnigi. Pelo jeito vocês dois não conseguem dar conta dela.

Krasnigi era relativamente novo na equipe, mais jovem, sem experiência e mais cruel que Genti e Prek. Os dois ficaram ofendidos com a ordem, porém não demonstraram.

Enquanto saíam do trailer, Buda gritou:

— Usem o furgão branco para o sequestro e depois se desfaçam dele. Levem o azul para a casa.

Prek fez sinal de positivo com o polegar e se afastou.

Eles encontraram Neri Krasnigi sentado numa surrada poltrona velha nos fundos do armazém, lendo uma *Playboy* em alemão. Prek lhe ordenou que os acompanhasse e os três entraram na van branca. As placas estavam cobertas com o que parecia barro seco, mas que na verdade era gesso pintado.

Enquanto acessavam a Lorillard Place, dirigindo-se depressa para a East Fordham Road, Prek informou sobre a operação daquela tarde. O que eles pretendiam executar eram duas especialidades albanesas: ataque e sequestro fulminantes, à plena luz do dia, caso fosse necessário. Na visão dos albaneses, isso não importava. Neri estava empolgado; aquela seria sua primeira missão oficial. Conferiram as pistolas automáticas para ver se estavam carregadas. Fita adesiva, cobertores, toucas ninja, dois uniformes da segurança do Centro Médico da Universidade Columbia, e uma lata de Ultane, anestésico volátil de indução rápida, estavam empilhados na traseira da van.

O furgão branco entrou numa garagem, Genti saltou e entrou num furgão azul. Ligando o motor, ele seguiu o veículo branco, conduzido por Prek. Estacionaram a van azul nas proximidades da ponte George Washington e partiram de novo na branca em direção ao Centro Médico da Universidade Columbia.

46

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
25 DE MARÇO DE 2011, 15H54

Sem que George Wilson tivesse conhecimento, Pia pensou em fazer contato com a polícia no mesmo momento que ele. Não seriamente, mas a ideia passou por sua cabeça. Era fato que se fosse necessária uma investigação, a polícia estaria muito mais capacitada a procurar em lugares dos quais Pia nem podia se aproximar. Mas, por outro lado, havia o problema do que ela diria aos policiais. Deveria revelar que tinha detectado algumas partículas alfa numa xícara de café, e achado que era a prova de uma grande conspiração? Claro que não. Em sua mente não havia dúvida de que não a levariam a sério, o que terminaria por aumentar sua vulnerabilidade, em vez de diminuí-la. Julgando-a louca, a polícia, convencida de estar agindo a favor da aluna, provavelmente chamaria a pró-reitora. Naturalmente havia mais uma desvantagem em procurar os policiais. Eles talvez ficassem tentados a investigar o nome dela no sistema, e embora as coisas negativas sobre seus anos de adolescência não devessem estar ali, poderiam estar. Não, ela não iria à polícia. Em vez disso, conforme o planejado, iria ao OCME, numa derradeira tentativa de esclarecer o caso. Se isso não rendesse provas incontestáveis do crime, ela desistiria da investigação, conforme havia prometido a George.

Quando Pia chegou à rua, saindo do refeitório do hospital, sua intenção tinha sido se dirigir à Broadway para pegar o metrô que levava ao centro da cidade. Mas quando sentiu a baixa temperatura e notou que a chuva tinha aumentado, decidiu voltar depressa ao alojamento e pegar um casaco mais quente e um guarda-chuva. Sabia que o metrô ia deixá-la nas imediações do OCME, e que seria obrigada a caminhar. Não tinha noção da distância a percorrer.

Diante da porta do quarto ela hesitou, da mesma forma como George e ela tinham feito diante da porta dele. O fato de ter sido atacada em seu quarto na noite anterior a deixou paranoica. Ela não sabia como os homens tinham entrado ali.

Repetindo o que ela e George tinham feito, depois de destrancar a porta sem fazer barulho, ela a abriu com um golpe, preparando-se para fugir se necessário. Também verificou o banheiro para ter certeza de que estava vazio, e estava.

Com um casaco mais quente e impermeável, além do guarda-chuva, Pia se dirigiu ao metrô. Tinha guardado o contador Geiger em uma sacola de compras para torná-lo mais fácil de carregar. Olhou a hora. Eram quase 16h, portanto, se quisesse chegar ao OCME antes do fechamento, teria de se apressar.

Caminhando rapidamente enquanto o dia escurecia, Pia passou diante do edifício Black. Tinha avançado mais uns quinze metros pela West 168th Street quando avistou na rua dois seguranças do hospital que vinham na direção dela. Pia se deteve. Não conseguia vê-los nitidamente sob a luminosidade que diminuía, aliada à neblina que subia do chão, mas podia ver muito bem os uniformes. Eram os mesmos usados por seus agressores da noite anterior. Para piorar, eles pareciam aproximadamente da mesma altura e de igual massa corporal.

Lutando contra o impulso de fugir, Pia ficou paralisada. À sua frente e à direita havia um pórtico para entrada de veículos. Ela pensou em correr para lá e entrar no prédio, onde poderia desaparecer no meio da multidão, mas tinha hesitado demais. Antes de alcançar a entrada, seria obrigada a passar pelos guardas.

Ela olhou para trás e viu que havia pouquíssima gente na rua. Pensou em recuar e correr até o edifício Black, mas achou que se os homens quisessem pegá-la, provavelmente conseguiriam antes que ela entrasse. Olhando de novo para a frente ficou observando os seguranças se aproximarem. Eles pareciam encará-la. Pia ficou gelada, e lhe veio à mente uma cena parecida, impregnada do mesmo medo e pavor.

Na época Pia tinha 13 anos e fazia mais ou menos um ano que estava na Hudson Valley Academy. O estresse de ficar sempre alerta e o medo de ser atacada a qualquer momento a deixavam esgotada. Por duas vezes ela havia tentado fugir da escola, e tornou a fazê-lo. Daquela vez perdeu-se e foi obrigada a passar uma pavorosa noite sem lua nas matas que cercavam a instituição. A noite não acabava nunca e zumbia com ameaças. Na esperança de regressar à escola antes que sua ausência fosse descoberta, Pia tentou em vão encontrar o caminho de volta.

Ela passou as horas anteriores ao nascer do sol apoiada no tronco de uma árvore, dormindo a intervalos. Levantou-se com as primeiras luzes e foi andando para o leste em direção ao sol, até se ver numa rua desconhecida cujas ladeiras em curva levavam ao pé do morro. Foi então que avistou dois policiais a certa distância. Eles vinham caminhando em direção a ela, implacáveis e ameaçadores, olhando sem piscar, calados como autômatos. Pia ficou paralisada, como se sua imobilidade pudesse evitar que eles a vissem. Quando estavam a três metros de distância, eles se separaram; um caminhou para a esquerda e o outro para a direita. Talvez não a tivessem visto. Talvez não estivessem procurando por ela. Mas quando passaram a seu lado, subitamente se lançaram sobre a menina, e cada um deles agarrou um braço dela. Mais uma vez seria prisioneira do Estado, totalmente vulnerável.

Agora a mesma sensação inundou o cérebro de Pia. Os dois seguranças seguiam na direção dela com a mesma intensidade silenciosa, encarando-a com seus olhos redondos. Pia ficou paralisada e fechou os olhos. Exatamente como os policiais de Eden Falls, os homens se separaram bem na sua frente e foram cada um para um lado... e continuaram caminhando. O homem à sua esquerda esbarrou nela, depois se virou e disse alguma coisa — será que ele estava pedindo desculpas, ou dizendo “sai da frente”, ou fazendo um comentário

obsceno? Ela não sabia. Soltou a respiração, aliviada, sem perceber que tinha prendido o fôlego.

Pia se envergonhou do nível de sua paranoia. Ela tremia e sentiu um arrepio lhe percorrer as costas. O episódio apavorante havia levado apenas alguns segundos. Enxugou o suor da testa e depois se apressou em caminhar em direção à Broadway. Quando passou pela entrada do hospital, sua respiração e seu pulso estavam quase de volta ao normal. Na Broadway relaxou ainda mais, pois havia muito mais gente. Ela se sentiu mais segura. A uma curta distância erguia-se a entrada do metrô, engolindo pedestres como um monstro insaciável. Uma rajada de vento quase arrancou da mão dela o guarda-chuva que segurava, e ela lutou por alguns instantes até controlá-lo. Depois fechou o guarda-chuva e se apressou na direção da escada.

47

ESQUINA DA 168TH STREET COM A BROADWAY
NOVA YORK
25 DE MARÇO DE 2011, 15H56

— Puta que pariu, lá vai ela! — gritou Genti, apontando enquanto Prek dobrava à direita, saindo da Broadway para a 168th Street, e correndo entre o Centro Médico da Universidade Columbia à esquerda e o Armory à direita.

O olhar de Genti estava direcionado à mulher que carregava uma sacola de compras quando o vento soprou o guarda-chuva dela, ameaçando levantá-la no ar. Ele viu claramente o rosto dela e se tratava da Grazdani, sem dúvida. Ela caminhava depressa na direção da entrada do metrô.

— Pare! — gritou Genti enquanto Prek reduzia a marcha.

— Quem está com ela?

— Ninguém, eu não estou vendo ninguém — gritou Genti. — Deixe-me descer. Espere por mim aqui.

Genti, que estava no banco do carona, saltou do carro no momento em que Prek conseguiu parar. Ele saiu correndo atrás de Pia, calculando que ela estaria uns vinte metros à sua frente, caminhando em direção à entrada da estação de metrô. Enquanto corria, Genti conferiu se o revólver estava em segurança no bolso de seu casaco. Ele não tinha certeza do que faria se conseguisse alcançá-la. Deveria atirar nela na rua? Agarrá-la e levá-la para a van?

Só sabia que a única coisa que não podia fazer era perdê-la.

Genti observou Pia desaparecer de sua vista ao descer apressada para dentro da estação, enquanto ele se desviava de carros, táxis piratas, ônibus e furgões, na movimentada esquina da Broadway com a 168th Street. Ele chegou à entrada da estação e desceu correndo a escada, mas não conseguiu localizá-la. Ela iria pegar o trem da Linha A ou o da Linha 1? Provavelmente o trem expresso, o A, ele pensou. Olhava desesperado à sua frente, procurando por ela, meio que empurrando as pessoas para que abrissem passagem.

— Com licença, com licença.

Ele não queria parecer grosseiro demais: os nova-iorquinos costumam revidar diretamente uma agressão. Genti quase nunca andava de metrô e não tinha um cartão pré-pago que pudesse usar para cruzar a roleta; e com certeza não tinha tempo para comprar um cartão no caixa automático. Na esperança de não haver guardas à procura dos caloteiros, ele seguiu um estudante e passou colado nele na roleta.

Genti teve de escolher: o A ou o 1. Mudando de ideia, optou pelo 1, e à medida que se aproximava do gigantesco e velho elevador que conduzia os passageiros à plataforma nas profundezas do subterrâneo, ele avistou Pia na dianteira de um grupo de passageiros que tinha acabado de entrar no elevador. As portas começaram a se fechar. Ele a viu parada a um lado, pronta para saltar antes dos demais. Ele correu até lá.

— Segurem o elevador! — berrou ele. — Segura aí!

Genti chegou junto às portas quando estavam quase fechadas, e tentou abri-las. Por um momento sua mão ficou presa e ele foi obrigado a puxá-la. Olhou a seu redor. As escadas. Genti deixou de lado toda a cautela; empurrou uma mulher idosa ao passar e saltou por cima das escadas cobertas de detritos, descendo três ou quatro degraus de cada vez. Não sabia que a plataforma ficava a uma profundidade equivalente a oito andares e continuou a correr, driblando os poucos passageiros que subiam ou desciam, berrando a todos que saíssem da porra do seu caminho. Estava quase sem fôlego quando chegou ao fim da escada só para descobrir que o elevador já tinha se esvaziado, e novos passageiros já embarcaram.

Apoiando as mãos nos joelhos, Genti aspirou grandes lufadas de ar. Reconheceu que não estava em sua melhor forma. Depois ouviu perto de si o guincho estridente dos freios de uma composição do metrô. Indo para o centro

da cidade ou para a periferia? Supôs que Pia estivesse indo para o centro, como a maioria dos passageiros. Avançando, ouviu o ruído mecânico das portas do vagão se abrindo. Entrou num corredor de teto abobadado que conduzia à plataforma de embarque. De repente uma multidão veio em sua direção, enchendo o túnel de lado a lado. Os passageiros tinham acabado de desembarcar, e ele foi obrigado a lutar para atravessar a massa. Quando alcançou a plataforma, olhou para um lado e para o outro, e avistou Pia mais à frente.

Genti a viu tão claro quanto o dia. Estava bem ali, talvez a nove metros de distância dele. Ela entrou no vagão.

E então Genti cometeu um erro. Enquanto esperava o anúncio "Por favor, afastem-se das portas que estão sendo fechadas", palavras que sempre precediam a partida do trem, Genti caminhou pela plataforma na intenção de entrar pela mesma porta que ela. No momento em que ficou emparelhado com as portas, estas se fecharam sem aviso. Genti esmurrou a porta e se virou para olhar o condutor, que estava a seis metros de distância.

— Pô, cara, a porta!

O condutor fez de conta que não viu e os freios do trem se soltaram com um chiado. Genti olhou para dentro do vagão. Os olhos de Pia se fixaram aos dele por um breve segundo, antes que o trem começasse a se afastar da plataforma. Tudo o que ela viu foi mais um sujeito tentando forçar a entrada no trem.

Genti se virou para olhar o condutor, que botou a cabeça para dentro do vagão com um leve sorriso no rosto, enquanto o trem ganhava velocidade. Genti ficou olhando a composição desaparecer no túnel, mantendo os olhos nas luzes traseiras até desaparecerem na obscuridade.

Ele tinha fracassado.

Genti voltou ao elevador. De certa forma ele se envergonhava de ter perdido a moça, mas racionalizou que provavelmente era melhor assim. Talvez ele tivesse problemas para tirá-la da estação sem interferência. Além disso, ele raciocinou, se tivesse de pegar também o rapaz, seria mais fácil sequestrá-los juntos e lidar com os dois ao mesmo tempo. Se tivesse levado a garota, o namorado talvez se escondesse e fosse mais difícil encontrar o cara.

Genti subiu de elevador e chegou à superfície já se sentindo muito melhor em relação à perda de Pia. Ele se lembrara do quanto ela era bonita. Estava ansioso para sequestrá-la na rua e levá-la para a isolada casa de verão de Buda, em cujo interior ninguém podia ouvir o que ocorria.

Chegando à rua, Genti procurou o furgão branco, mas não conseguiu avistá-lo. Ligou para Prek, que lhe informou que estava um pouco além do Instituto de Neurologia, onde havia conseguido se enfiar numa excelente vaga entre a escola de medicina e o alojamento, bem junto ao ponto em que a 168th Street se transforma na Haven Avenue.

Genti caminhou para oeste e logo encontrou o furgão. Entrou no carro e contou como havia perdido Pia no elevador e depois uma segunda vez, quando ela entrou no vagão do metrô. Disse que chegou tão perto que se sentiu frustrado.

— Isso não é ruim — disse Prek, fazendo eco aos pensamentos anteriores de Genti. — Este ponto aqui é o lugar perfeito. Se tivermos sorte, quando ela aparecer será com o namorado, e nós estaremos esperando. Estou achando que precisamos surpreendê-los juntos.

— Como vamos saber qual deles é o namorado? — perguntou Genti. — Aposto que ela tem uma porção.

Como se Aleksander Buda estivesse lendo a mente deles, o celular de Prek apitou. Era um e-mail de Buda com um arquivo anexado. Quando Prek abriu o JPEG se surpreendeu olhando a foto de George no documento de admissão à faculdade de medicina, que listava sua altura e seu peso.

— Ele tem 1,86 m e pesa uns 87 quilos, cabelos louros — disse Prek. — É mais alto que a maioria; não vamos ter muita dificuldade em reconhecer o cara.

— Talvez ele apareça sozinho — disse Genti.

— Não, tenho a impressão de que eles vão estar juntos, já que pelo visto andam passando muito tempo grudados. Sei que se fosse eu, é exatamente o que faria. Imagino que vão se encontrar quando ela voltar de onde quer que ela esteja vindo.

48

ESQUINA DA FIRST AVENUE COM A 30TH STREET
NOVA YORK
25 DE MARÇO DE 2011, 16H40

Quando a última luz do dia ameaçou se apagar de todo, por causa das nuvens baixas e da chuva, Pia se deteve diante do OCME, e ficou observando o edifício de meio século. Para dizer o mínimo, a aparência do prédio não era convidativa, com sua estranha fachada de azulejos azuis que lembrava o Portão de Ishtar da antiga Babilônia. Quando estava na escola feminina, ela vira fotos do portão num exemplar igualmente antigo da *Enciclopédia Britânica*. Ela deu uma olhada nos azulejos e depois nas janelas antiquadas de esquadrias de alumínio, ao estilo dos anos 1960. Feiura de alto nível.

Preocupada em chegar na hora, Pia dera sorte com o metrô. Agora que estava ali, sentia abalada a confiança que tivera em relação a se apresentar lá só com a cara e a coragem. Não tinha contatos no departamento, ninguém em que soubesse que podia confiar, ninguém que conhecesse em nenhum nível. Não era um sentimento de que gostasse. Tinha plena consciência de que a instituição pertencia ao *município de Nova York*, e ela tivera muitas experiências negativas com várias instituições municipais na infância. Mesmo que órgãos do Estado lhe tivessem fornecido alimento e abrigo, também tinham alimentado e abrigado os inimigos dela, além de deixá-la à mercê da violência. Pia não tinha

motivos para achar que essa instituição municipal não seria igualmente perversa.

E teve outro pensamento. O que aconteceria se ela chegasse lá e fosse realmente bem-sucedida na missão? E se depois de pedir para ver o corpo de Rothman, ela recebesse permissão e então descobrisse que ele de fato tinha sido contaminado por radiação, prova de que ele e Yamamoto foram assassinados? Sua mente alçou voos. Haveria uma investigação policial intensa, e ela estaria no centro. A imprensa faria um circo. Ela e George seriam interrogados, ela teria de revelar suas numerosas suspeitas e ajudar no inquérito, fazer declarações e possivelmente comparecer ao tribunal. Porém, ao tocar na mandíbula dolorida ela se lembrou da surra e da advertência que recebeu na noite anterior. Não lhe restava alternativa. Ou as respostas às suas perguntas estavam neste edifício, ou não estariam em lugar nenhum.

Dando um suspiro profundo para se fortalecer, Pia colocou o guarda-chuva debaixo do braço e entrou pela porta da frente.

A área da recepção mostrava o desgaste de seus cinquenta anos. Era escura e bastante encardida, com um sofá de couro marrom surrado e algumas cadeiras desgastadas que não combinavam. O piso de linóleo estava manchado e coberto de rachaduras. Sobre uma mesinha de centro baixa havia algumas revistas com páginas cheias de cantos dobrados, e capas com a etiqueta de endereço rasgada. Uma multidão se espalhava pelos bancos e algumas pessoas se apoiavam na parede. Logo se viu que todos estavam juntos e eram integrantes de uma mesma família de afrodescendentes, com pelo menos três gerações representadas. Os adolescentes estavam abraçados num canto, chorando baixinho.

— Com licença — disse Pia, aproximando-se da recepcionista.

Um segurança estava sentado à outra mesa, a certa distância, e perto de algumas portas de vidro. A recepcionista, vestida com apuro e bem rechonchuda, usava um crachá no qual se lia o nome "Marlene". Ela ergueu a cabeça. Tinha um sorriso amistoso.

— Pois não, querida.

— Olá, sou estudante de medicina e gostaria muito de falar com um dos legistas.

— Você está aqui para obter informações sobre oportunidades de ensino no OCME, como a disciplina eletiva para estudantes de medicina?

— Talvez — respondeu Pia, querendo manter em aberto suas opções.

— Talvez? — estranhou Marlene, com um sorriso. — Sobre o que exatamente você quer conversar com o legista?

Pia hesitou.

— Na verdade, eu gostaria de discutir um caso específico. Ou dois casos, para ser mais exata.

— São parentes seus?

— Não.

— Como você não é parente, talvez seja melhor conversar com o departamento de relações públicas, se o que deseja é informação sobre um caso específico.

Pia percebeu que estava perdendo terreno. A última coisa que desejava era ser direcionada para o departamento de relações públicas, onde seguramente não teria acesso ao cadáver de Rothman. Com medo de ser mandada embora, Pia analisou o rosto da recepcionista, tentando pensar numa abordagem. Marlene parecia uma pessoa simpática e por um breve momento Pia considerou lhe contar pelo menos parte da verdade. Rapidamente mudou de ideia. Qualquer explicação de sua presença ali que se aproximasse da verdade pareceria muito estranha.

— Na verdade, também quero falar sobre oportunidades de ensino aqui. Os dois casos que mencionei são estudos de que ouvi falar. Estou vindo da Universidade Columbia.

Deu um sorriso para tentar disfarçar possíveis divergências.

— Estou muito interessada em medicina forense. Muito mesmo.

Marlene estava confusa: afinal, o que essa moça realmente queria? Também se impressionou com o fato de ela ter vindo do Centro Médico da Columbia, lá em Washington Heights. Isso tinha exigido um certo esforço, principalmente no fim de tarde de uma sexta-feira. Marlene não teve coragem de mandá-la embora sem deixar que falasse com alguém. Além disso, a moça era bonita e Marlene sabia exatamente quem ficaria muito feliz em conversar com a visitante.

— Tudo bem, eu vou chamar o Dr. McGovern.

— Ele é médico-legista?

— Não só é médico-legista, mas também é o coordenador de ensino do OCME.

— Ah, muito obrigada.

Pia ficou bastante satisfeita.

Marlene ligou para Chet McGovern e indicou com um gesto que Pia se sentasse. A moça se afastou do balcão da recepcionista. Não se sentou, pois não havia cadeiras disponíveis. Já eram quase cinco da tarde, portanto, ela precisava causar uma impressão imediata em McGovern. Um momento depois as portas de vidro se abriram e surgiu uma mulher corpulenta com um jaleco longo, que carregava uma prancheta. Apresentou-se à família enlutada como Rebecca Marshall, coordenadora de identificação, e pediu que a acompanhassem. Obedientemente o clã inteiro desapareceu atrás de uma porta onde se lia "sala de identificação".

Pia sentou-se em um dos bancos recém-desocupados e procurou ser paciente. Durante a espera tentava decidir que abordagem adotaria com o legista. Devia ser agressiva ou tímida? Acabou decidindo que deveria aguardar para ver que tipo de homem era o Dr. McGovern. Tinha esperança de que fosse alguém bastante jovem, com quem ela pudesse flertar de leve. Ao longo dos anos Pia constatou que causava impressão positiva na maioria dos homens, e pensou que a situação atual era uma em que tal efeito poderia ser usado em seu proveito. Em geral era o contrário.

Alguns minutos depois suas preces foram atendidas quando um homem jovem atravessou as portas internas usando um jaleco branco e longo, exibindo o ar confiante de um médico. Quando ele viu a estudante, a única pessoa presente na sala de espera, seu rosto se iluminou. Pia identificou logo aquela reação, já vista tantas vezes e que era fácil de perceber. O médico parecia ter quarenta e tantos, máximo cinquenta e poucos. Louro e de boa aparência, com jeito másculo e tipicamente americano, parecia um pouco com George, e via-se que estava em boa forma.

Foi diretamente para onde estava Pia, como uma abelha para o mel, e se apresentou. Pia fez o mesmo, evitando o olhar dele. Logo de cara foi reconhecendo o tipo: um conquistador inveterado que sempre considerava um

desafio qualquer mulher solteira e atraente que fosse mais jovem que ele. Pia ficou animada.

Depois das apresentações, que da parte dele incluíram a orgulhosa declaração de que, de fato, era o coordenador de ensino no OCME, ele disse:

— Vamos para minha sala ver se podemos ajudá-la. Muito obrigado, Marlene.

McGovern piscou para a secretária pelas costas de Pia e Marlene revirou os olhos.

Enquanto McGovern conduzia a visitante ao seu escritório no terceiro andar, ele a bombardeava com perguntas sobre onde estava estudando medicina, em que ano estava, e em que gostaria de se especializar. Mencionou que a medicina forense era instigante e forneceu a ela suas credenciais.

Pia fazia o jogo de McGovern, respondendo suas perguntas, agindo como se lhe interessasse a história de vida e as realizações dele. Os dois entraram na sala do médico e se sentaram um diante do outro, separados pela bagunçada mesa de trabalho do legista.

— Desculpe a bagunça. Então, o que posso fazer por você, Srta...

Os olhos de McGovern brilhavam do esforço que fazia para lembrar o nome dela.

— Grazdani. Muito obrigada por me receber sem eu ter marcado hora.

— Para mim é um prazer.

— Gostaria de saber informações sobre as autópsias que foram realizadas aqui no Dr. Tobias Rothman e no Dr. Junichi, do Centro Médico da Universidade Columbia. Os dois morreram de febre tifoide, na manhã de 24 de março, ou seja, ontem.

Pia estava muito séria, o que desconcertou McGovern.

— Estou partindo do princípio de que as autópsias já foram realizadas.

— Bom, eu... eu não estive envolvido em nenhuma das duas, e a única fofoca que ouvi por aqui foi que um deles era o famoso ganhador do Prêmio Nobel. Eu só fiquei sabendo que ele morreu de uma infecção extremamente agressiva. Mas deixe-me verificar o que temos.

McGovern desejava muito ser prestativo. Encarou Pia, que retribuiu o olhar com um meio sorriso. Usando o computador de sua mesa o legista procurou os

nomes para obter os números de acesso e depois localizou os números individuais.

— Aqui estão. Sim, consta que as autópsias foram realizadas na tarde do dia 24, então isso foi... ontem. No dia em que morreram.

McGovern repassou as informações de um arquivo, e depois as de outro.

— Sem dúvida, foram dois casos graves, com erosão severa dos intestinos, tanto o delgado quanto o grosso. Caramba! De qualquer jeito, foram considerados casos para a OSHA, e esse foi o principal motivo de terem sido submetidos à autópsia.

— Casos para a OSHA? — Pia estranhou.

Já tinha ouvido a sigla em inglês para Gestão de Segurança e Saúde Ocupacionais, mas não conseguia lembrar o que representava.

McGovern ergueu o olhar.

— É a agência governamental que entra em ação quando ocorrem mortes envolvendo problemas de segurança pública no local de trabalho. Os resultados da autópsia serão enviados à OSHA conforme a lei exige.

McGovern voltou a observar o monitor.

— Muito bem, os dois casos foram autopsiados pelo Dr. Jack Stapleton. Ele é nosso supermédico que cuida da maioria das ocorrências daqui. Nunca fica satisfeito, está sempre correndo atrás, trabalhando com um empenho de quem nem tem vida pessoal. Vejamos, a causa da morte está listada como doença infecciosa, febre tifoide, e a maneira da morte é acidental, nos dois. Deixe-me perguntar: você sabe por que a morte foi considerada acidental?

Pia disse que não sabia, nem acrescentou que talvez questionasse aquele veredicto oficial.

— Se os pesquisadores tivessem adoecido de febre tifoide depois de comerem num restaurante, como o refeitório do hospital, então as mortes deles teriam sido chamadas de naturais, pois a febre tifoide é um patógeno transmitido pelos alimentos. Mas uma vez que contraíram a doença num laboratório, ou num ambiente de trabalho, então é acidental, pois com certeza não podia ser considerado um processo natural.

McGovern estava se esforçando ao máximo para demonstrar autoridade.

— Se por alguma razão os pesquisadores se contaminaram de propósito, então seria suicídio. E, por fim, se alguém os contaminou de propósito, seria

homicídio.

McGovern riu e abriu os braços como se dissesse "está vendo como sou bom professor?".

Pia não riu, nem sequer sorriu. A seu ver, a atitude dele confirmava o estereótipo. *Ele fala comigo como se eu fosse uma caloura de faculdade*, ela pensou.

Passado um segundo ligeiramente incômodo por causa da indiferença de Pia, o legista quis saber:

— Você tem alguma pergunta específica sobre as autópsias? Se tiver, posso chamar o Jack e perguntar diretamente a ele. Sei que ainda está aqui.

Chet McGovern gostaria que Pia se sentisse em dívida com ele pela ajuda. Uma hora antes ele ficou sabendo que seus planos para a noite de sexta tinham ido por água abaixo, e ele detestava ficar sozinho na melhor noite da semana. Quase a ponto de perguntar se ela estava livre e se gostaria de jantar, ele reparou que Pia ergueu a sacola de compras e a colocou sobre a mesa. Depois puxou da sacola um instrumento amarelo, com um cabo preso a um dispositivo que lembrava um microfone. McGovern levou um minuto para reconhecer o objeto como um contador Geiger.

— Bom, para ser franca, o que eu realmente gostaria de fazer é conferir se Rothman e Yamamoto estão emitindo uma pequena dose de radioatividade. Quer dizer, se isso for permitido.

— Imagino que sim — disse McGovern, sem querer dizer "não", mas confuso diante do estranho pedido. Obviamente havia algo que ela estava escondendo, mas ele decidiu fazer o jogo. — Por que acha que eles podem estar emitindo radioatividade?

Ali estava a pergunta-chave. Ela ainda não havia decidido como responderia, embora tivesse bastante certeza de que o questionamento surgiria. Ela podia abrir o jogo e expor suas suspeitas, ou ser mais prudente e tentar bancar a boba. Na mesma hora se decidiu por essa possibilidade.

— Estou participando de um projeto para uma tese que envolve radioisótopos usados em pesquisa — alegou.

Pia decidiu que ainda era cedo para levantar suspeitas em relação ao verdadeiro motivo de sua ida ao OCME. Por enquanto ainda não queria abrir o jogo. Não desejava que os legistas ligassem para o centro médico e falassem

da visita dela, pois revelaria aos envolvidos na conspiração que ela não tinha parado de se meter.

— Trabalhei no laboratório do Dr. Rothman por mais de três anos, e sei que certos isótopos foram usados nesse período para várias experiências. Só quero ter certeza de que não houve nenhuma contaminação para a equipe. Examinei o laboratório de Rothman e na sala dele encontrei uma quantidade ínfima daquilo que nós queremos acreditar que seja radiação de fundo, emitida por sua máquina de café. Espero que possa me ajudar. É para a paz de espírito de todos.

Pia fez uma pausa. Sabia que sua explicação não fazia lá muito sentido, mas causava uma boa impressão. Ela deu a ele o sorriso mais agradável possível. Tinha esperança de que o sorriso não parecesse tão falso quanto sabia que era. Dava para ver que McGovern estava desconfiado e hesitante, mas que não tinha excluído a possibilidade de atender ao pedido dela.

— Foi isso que disse à Marlene, lá embaixo? — perguntou ele.

— Eu disse a ela que estava interessada em dois casos específicos.

— Ora, tudo bem. Ela disse que a senhorita queria saber a respeito das eletivas do OCME. Mas deixa pra lá. Sabe? Temos detectores de radiação na área do necrotério, para o caso de necessidade, e nenhum deles disparou recentemente, e ontem menos ainda, disso eu tenho certeza.

— Não é surpreendente porque os isótopos que estivemos empregando no laboratório eram todos emissores de alfa para terapias-alvo, tais como bismuto-213 e chumbo-212, que não seriam descobertos pelos detectores próprios para radiação beta e gama.

Pia tornou a sorrir e McGovern anuiu com ar de sabedoria, embora não tivesse a menor ideia do que ela estava falando. Fazia mais de uma década desde a última vez que tinha lido sobre radioisótopos, quando estava estudando para as provas para obter o registro profissional. McGovern fez um ar pensativo. Pia achou que ele estivesse pensando em partículas alfa. Na verdade, ele estava percorrendo uma lista mental. No começo tinha duvidado, mas não, agora tinha certeza — nunca tinha visto uma estudante de medicina tão bonita assim, o que era dizer bastante, uma vez que, na opinião dele, elas estavam ficando mais bonitas a cada ano, pelo menos na Universidade de Nova York, instituição de origem da maioria das estudantes de medicina que ele orientava

como coordenador de ensino do OCME. Devia passar mais tempo na Universidade Columbia, pensou.

— Então você só deseja ter certeza de que os corpos de Rothman e Yamamoto não estão emitindo radiação alfa? — perguntou McGovern, só para ter certeza de que entendeu.

— É isso mesmo. Foi por isso que eu trouxe este contador Geiger. Está especialmente programado para detectar partículas alfa.

McGovern voltou ao monitor.

— Vejamos. Pode haver apenas um problema. Os corpos de casos de infecção como esses não ficam aqui por muito tempo, por motivos óbvios... Viu? — disse ele, de repente, tocando no monitor com o dedo indicador. — Foi justamente o que pensei, há um problema: como eu afirmei, nos casos sérios de infecção, como febre tifoide e algumas outras doenças contagiosas, os corpos não são mantidos aqui no OCME. Depois de completada a autópsia e confirmada a causa da morte e a maneira de morrer, os corpos são liberados para as famílias e as respectivas funerárias, e a cremação é autorizada. Ou seja, os corpos dos pesquisadores já não estão mais aqui. Você chegou com umas vinte horas de atraso.

Pia articulou com os lábios, mas sem emitir som, um palavrão reprimido, que McGovern percebeu e apreciou. Ele associava linguagem vulgar com agressividade, e gostava muito de mulheres agressivas. Tinha esperança de que agora, depois de confirmado que os corpos já não estavam mais no necrotério, talvez eles pudessem tratar de assuntos mais interessantes, como saídas de sexta-feira à noite. Enquanto isso, com o olhar fixado a certa distância, Pia refletia. Não tinha por que se recriminar; 20 horas antes, quando os corpos saíram dali, ela jamais tinha ouvido falar em polônio-210.

Observando a expressão dela, Chet temeu de repente que depois de ouvir a notícia ela talvez fosse se levantar e ir embora. Sua decepção era evidente. Na mente dele, se Pia fosse embora naquele momento seria uma grande tragédia, pois até então ele não tinha conseguido nem o número do celular nem o e-mail dela.

— O cara que fez as duas autópsias está neste mesmo corredor — Chet lembrou a Pia. — Ele é meu amigo; logo, se você tiver uma pergunta específica sobre o que ele encontrou, ficarei feliz em ir perguntar.

Pia estava decepcionada. Nunca lhe ocorrera que os corpos de Rothman e Yamamoto teriam sido enviados para funerárias. Ela pensou brevemente em tentar descobrir o nome das funerárias, mas não sabia como poderia fazê-lo sem levantar muita suspeita. Quanto a conversar com o legista, que vantagem poderia trazer?

49

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
25 DE MARÇO DE 2011, 17H25

Horas antes naquele mesmo dia, enquanto Prek e Genti estavam sentados dentro da van, Neri Krasnigi, o novato que Buda tinha obrigado que eles levassem, sabe Deus por quê, passou o tempo todo caminhando ao longo da 168th Street e do pequeno trecho da Haven Avenue, entre a entrada da faculdade de medicina e o carro. Ele tinha recebido ordens de pôr o celular no modo rádio, para funcionar como um walkie-talkie e permitir o contato permanente. Neri usava um dos uniformes de guarda de segurança, já bastante molhado por causa da chuva. Prek sabia que ele se arriscava a deparar com um dos seguranças de verdade, mas achou que valia o risco. Ele queria perceber com toda antecedência possível o momento em que Pia e George apareceriam, andando em direção a eles, a caminho do alojamento. Mesmo assim, mandaram o garoto entrar de novo na van.

Na medida do possível, Prek estava tão satisfeito quanto poderia estar. Certamente estava agitado como sempre ficava antes de uma missão, principalmente por ter tomado duas latas de Red Bull. Levava mais uma em caso de necessidade. O rádio do carro tocava heavy metal com o volume baixo. Enquanto estava sentado à espera, ele esfregava metodicamente a cicatriz no

lábio superior. Era um hábito do qual nem se dava conta. Agora eram quase cinco e meia da tarde.

Aleksander Buda ligou para verificar a situação às 17h e Prek foi obrigado a explicar que eles tinham avistado a garota, mas que a perderam no metrô. Quando Buda teve uma explosão de raiva em albanês, usando uma série de adjetivos que questionavam a virtude da mãe e a paternidade de Prek, este segurou o telefone à distância do ouvido e chegou a ficar ligeiramente enrubescido. Neri, que conseguia ouvir Buda, embora estivesse sentado num caixote de leite nos fundos da van, não se controlou e deu uma risada, sendo repreendido pela cara feia de Prek. Quando o furor de Buda arrefeceu, Prek tornou a aproximar o celular do ouvido.

— Ela estava carregando alguma coisa, como uma bolsa de roupas?

— Não, só uma sacola de compras e um guarda-chuva. Tenho certeza de que vai voltar.

— É melhor que seja assim... E o rapaz?

— Até agora nenhum sinal dele. Pode estar assistindo a alguma aula, ou seja lá o que fazem os estudantes de medicina. Vários deles estão saindo e passando ao lado da van agora. É claro que ele pode estar no quarto, tendo passado por aqui antes de chegarmos. Mas pelo que observamos antes, tenho certeza de que os dois vão se encontrar. E nós estaremos aqui.

— Desta vez não pisem na bola — advertiu Buda e encerrou a chamada.

Prek procurou no piso da van, junto a seus pés, uma lata vazia de Red Bull que tinha jogado ali e atirou-a na parte traseira do veículo em direção a Neri.

— Ô seu babaca, tá achando engraçado? Troca esse uniforme por um seco. Você vai voltar lá pra fora e ficar andando pela calçada.

A palestra obrigatória sobre radiologia a que George Wilson tinha feito questão de comparecer terminou. Infelizmente não tinha sido muito boa. Com a voz enfadonha do palestrante, George e o restante da plateia tiveram dificuldade em se manter acordados. Nesse aspecto, as aulas no fim do dia eram um problema para a maioria dos presentes, em especial quando as luzes eram diminuídas para a projeção de slides. Na metade da palestra a mente de George tinha divagado para o que Pia estava investigando no centro da cidade, e se ela

estaria ou não em segurança e a salvo de problemas. George sabia que se ela criasse confusão e o OCME ligasse para Bourse, provavelmente se encerrariam para ela os dias de faculdade de medicina, pelo menos na Universidade Columbia. Enquanto o palestrante prosseguia em sua lenga-lenga interminável, George se deu conta de que desejava ter acompanhado Pia.

Recolhendo seus pertences, George saiu do salão de conferências. Certamente não tinha aprendido nada. Chegando à rua, vestiu o casaco e levantou o colarinho. Caía uma chuva fina. Sentia no estômago um nó de preocupação por causa de Pia. Estava apreensivo porque permitira que ela fosse sozinha e se perguntava quando teria notícias dela.

No meio de uma grande aglomeração de estudantes do primeiro e do segundo ano, George seguiu em direção ao dormitório e passou por um jovem segurança que parecia estar patrulhando a frente do edifício. George deu uma rápida olhada nele, pois estava sem guarda-chuva e seu casaco preto de couro falso com gola de pele falsa parecia encharcado. Aparentava 17 anos, e George não lhe deu muita atenção. Entrou no prédio do alojamento e esperou o elevador com a multidão de estudantes. Pela quinquagésima vez George olhou o telefone. Não havia mensagem de texto, telefonema nem e-mail de Pia.

Quando chegou a seu quarto, George se jogou na cama, exausto e faminto. De repente sentiu-se solitário e teve medo. Considerava-se muito menos corajoso que Pia. Mesmo sabendo pouco sobre o passado de Pia, ele tinha a sensação de que ela havia passado por muita coisa nesta vida. Era bem mais do que ele já tinha vivenciado. O pai dele tinha morrido quando George era pequeno, e não havia muito dinheiro na família, mas a mãe sempre garantiu que não lhe faltasse amor nem carinho. Ela se importava com a educação dele. Fazia-o estudar e o aconselhou durante o ensino médio, e no curso superior. Estava sempre presente, cuidando para que estudasse com a dedicação necessária para fazer jus às bolsas de estudo de que precisou para frequentar a Universidade do Estado do Arizona e depois a Faculdade de Medicina da Universidade Columbia. De modo geral George tivera apoio e segurança a vida toda, o que era exatamente o oposto da situação de Pia. Ele se perguntou onde estaria hoje se tivesse passado pelo mesmo tipo de experiência de Pia. Provavelmente em algum lugar como uma lanchonete, fritando hambúrguer e batata.

De repente George sentiu falta de ouvir uma voz amiga. Telefonou para a mãe, mas foi atendido pela antiga secretária eletrônica que ela ainda insistia em usar. Não deixou mensagem. Depois olhou o relógio e telefonou para a avó Sally Mason, em Phoenix. Acreditava que o meio da tarde seria um bom momento para pegá-la em casa, mas não foi o caso. Desta vez ele deixou uma mensagem.

Depois que George havia passado pelo carro e entrado no alojamento, Neri aproximou-se da janela do motorista da van. Prek abaixou o vidro e olhou para o novato, sentindo pena dele. Parecia desgrenhado, os cabelos escuros colados na testa.

— Tudo bem, pode entrar de novo na van — disse Prek —, mas fique de uniforme.

— Obrigado. — Neri agradeceu e foi sincero. Entrou depressa pela porta corrediça do furgão.

Prek o observou pelo espelho retrovisor enquanto Neri despia a jaqueta molhada. Genti batia com um lápis no painel, marcando o ritmo da música.

— O tal do George olhou pra você? — perguntou Prek, ainda observando o subalterno pelo espelho. Era mais fácil do que se virar.

— Olhou sim. Olhou para mim direto no olho. Por que você está perguntando?

— Eu só estava curioso.

— Não tem importância, não é?

— Não faço ideia — disse Prek. — Eu tinha esperança de que eles estivessem juntos, mas fazer o quê? Quando acabar de se arrumar, traga aquele caixote de leite aqui para a frente e sente-se entre nós. Quero que fique junto da gente vigiando pelo para-brisa, para ver a Grazdani. Seis olhos são melhores do que quatro.

A fila de estudantes tinha crescido até se transformar numa horda, como um rebanho sendo tocado de um lado para o outro.

O furgão estava estacionado no lado esquerdo da Haven Avenue, voltado na direção sudoeste. Prek e seus companheiros estavam encarando os estudantes

de medicina que saíam do complexo do centro médico e passavam ao lado da van pelo lado oposto ao do motorista.

— Um pássaro já entrou no ninho. Agora, por onde andará o outro? Onde será que ela foi?

50

OCME
520 FIRST AVENUE, NOVA YORK
25 DE MARÇO DE 2011, 17H30

Chet McGovern esperava ansioso que a linda estudante de medicina sentada à sua frente lhe dissesse se gostaria de perguntar algo a Jack Stapleton, que tinha feito as autópsias nos pesquisadores pelos quais ela estava interessada. McGovern tentava ler a expressão do rosto dela. Minutos antes a moça ficou decepcionada, quando ele anunciou que os corpos não estavam mais ali, porém agora parecia mais animada. Depois de alguns momentos de reflexão, algo pareceu ter ocorrido a ela.

— Sabe, acho que há uma coisa que o senhor poderia perguntar — disse Pia.

— O que é? O que gostaria que eu perguntasse a ele? — McGovern quis saber. Tentava disfarçar a ansiedade, com medo de afugentá-la.

Pia se lembrou da sensibilidade de rebote em Rothman, que ela tinha sido a primeira a descobrir. Aquele sintoma anunciava a peritonite, confirmando o que estava acontecendo nos intestinos do cientista. O órgão-alvo da febre tifoide era o intestino delgado. De sua recente pesquisa ela sabia que o intestino também era sensível à radiação, principalmente as células que o formavam. Mas era o intestino inteiro, não apenas o delgado. Se o polônio estava envolvido, então o intestino inteiro teria sofrido lesão.

— Eu gostaria de saber se os achados da autópsia foram típicos de febre tifoide.

— Deixe-me ir procurá-lo — disse McGovern empolgado. — Isso não é problema. Não saia daí!

Antes que Pia pudesse mudar de ideia ele deu um salto e saiu correndo do recinto, dirigindo-se corredor afora até a sala de Jack Stapleton. Bateu na porta e entrou sem esperar resposta. Para seu desalento, a sala estava vazia.

— Droga!

Chet correu para a sala de Laurie, a mulher de Jack, cuja porta estava entreaberta como sempre. Para sua alegria, os dois estavam lá.

Depois de um dia agitado, Laurie e Jack gostavam de ficar no escritório de um dos dois revendo os casos de que estavam cuidando e talvez fazendo planos para a noite. Se esperassem até as seis para sair, o trânsito da hora do rush, especialmente lento nas sextas-feiras, teria melhorado um pouco. Não havia pressa, pois a babá estava em casa cuidando de John Junior. Este era o momento de relaxamento deles, e o casal se comprazia porque era uma ocasião rara, em vista do quanto viviam ocupados.

— Jack! Puxa, graças a Deus! Oi, Laurie, como vai? Jack, escuta aqui.

Chet falava de forma agitada, inicialmente em voz alta, mas depois num tom conspiratório. Olhava para trás e foi empurrando a porta da sala até quase fechá-la para que ninguém escutasse.

— Jack, está na minha sala a mais linda estudante de medicina que já vi na vida. Na minha vida toda. Preciso que você a mantenha interessada até eu conseguir a informação que ela pediu. Eu não tinha nada para fazer hoje à noite, mas aí ela apareceu. É como um sinal. Cara, você tem que me ajudar.

Como de costume, Jack se divertia com Chet, seu ex-colega de sala e amigo da vida inteira. Jack tinha ouvido numerosos capítulos das travessuras amorosas de McGovern. Laurie, por sua vez, tinha se cansado do incessante dom-juanismo de Chet e não resistiu à tentação de provocá-lo.

— Chet, você parece criança — disse ela.

— Eu sei — admitiu ele, fingindo-se envergonhado.

— Não, falando sério: quantos anos você *tem*?

Jack achou que deveria se meter entre a esposa e o amigo.

— Como posso ajudar, Chet?

McGovern colocou a cabeça porta afora e olhou o corredor para ter certeza de que a visitante não tinha ido embora.

— Olha só! Essa estudante de medicina da Universidade Columbia acabou de chegar aqui perguntando sobre os dois casos de febre tifoide em que você trabalhou ontem. Na verdade, ela veio supostamente interessada numa disciplina eletiva, mas aposto que foi só para disfarçar. Por alguma razão ela quer verificar os cadáveres em busca de evidências de radiação alfa, porque eles estiveram usando alguns radioisótopos emissores de radiação alfa no laboratório onde os dois trabalhavam. Ela chegou até a trazer seu próprio contador Geiger. Quando revelei que os corpos já tinham saído daqui, ficou decepcionada. Muito obrigado, Jack, por sua eficiência em emitir os atestados de óbito e encerrar os casos.

— De nada, parceiro.

Jack e Laurie sorriram um para o outro. Este era um comportamento típico de McGovern. Toda semana havia uma nova pretendente bonitona. Laurie costumava sentir pena de Chet porque achava que ele era solitário. Mas tinha mudado de opinião. Agora estava convencida de que ele não queria encontrar uma companheira. O que apreciava era a caçada, da qual nunca se cansava.

— Quando eu disse que os corpos não estavam mais aqui, ela quis perguntar a você se seus achados foram típicos de tifoide.

— Diga a ela que os achados foram, sem dúvida, típicos de tifoide, mas de um caso muito sério dessa febre, provocado por uma cepa bastante virulenta.

— Quer dizer isso a ela pessoalmente? Vai ficar mais impressionada.

Jack olhou para Laurie, que deu de ombros como quem diz: "Por mim tudo bem". Jack levantou-se, cansado, disse à mulher que voltaria logo e seguiu Chet de volta à sala dele.

Chet fez as apresentações e Jack entendeu o entusiasmo do amigo. Grazdani era encantadora. Ele reparou no contador Geiger. Interrogou-a sobre o interesse nos casos dele. Ela repetiu a história que contara a Chet, e Jack não a contestou, mesmo sentindo vontade de fazê-lo. Em vez disso ele disse:

— Entendi que está interessada em saber se os achados da autópsia foram típicos de febre tifoide. Pois foram: uma forma muito virulenta da doença. O intestino, o órgão-alvo da doença, estava em péssimas condições, e por essa

razão eles morreram tão depressa. Havia perfurações múltiplas na cavidade peritoneal.

Pia se sentou mais empertigada na cadeira.

— Já tinha visto algo parecido?

— Bom, não tinha não, pelo menos não em grau semelhante. Mas é preciso lembrar que a febre tifoide, e principalmente um caso tão grave, é raramente encontrada nos dias de hoje. Já não é mais a calamidade que era antes de contarmos com antibióticos.

Laurie apareceu de repente. Tinha decidido não ser deixada de lado. Chet apresentou-a a Pia. A estudante cumprimentou-a com um aperto de mãos e depois voltou novamente a atenção para Jack, dizendo:

— A cepa com que estavam trabalhando e que causou a infecção é particularmente virulenta porque foi cultivada no espaço, em um programa da Nasa.

— É mesmo? — estranhou Jack. Fez uma anotação mental para perguntar por que ninguém havia mencionado aquele fato.

— Só o intestino delgado foi atacado ou foi o intestino inteiro? — perguntou Pia.

— Foi o intestino inteiro, a partir do duodeno e incluindo o reto. Nesse sentido foi fora do comum, pois normalmente envolve apenas o intestino delgado. Foi tão excepcional que guardei no formol algumas amostras bastante grandes. Pensei que poderiam ser usadas no futuro para objetivos didáticos. Aqui no setor nós levamos muito a sério nossas responsabilidades de ensino, não é verdade, Dr. McGovern?

A provocação levou Chet McGovern a resmungar qualquer coisa e Jack riu. A moça parecia confusa, mas na verdade estava tonta. Sequer ouviu o comentário irônico de Jack. Só conseguiu ouvir que ele tinha guardado segmentos do intestino! Os corpos tinham desaparecido, mas pedaços do intestino ainda estavam disponíveis.

— Ou seja, não posso lhe mostrar nenhum slide porque os espécimes ainda não foram processados, uma vez que a autópsia foi realizada ontem mesmo. Mas se quiser ver os espécimes ao vivo, ficarei feliz em mostrá-los. Quanto aos slides, se nos fornecer seus dados de contato, posso lhe avisar quando estiverem

prontos e poderá voltar ou, se preferir, eu poderia lhe enviar alguns, na Columbia.

— Ah, isso mesmo, quero ver os espécimes ao vivo. E quero ver também os slides, quando ficarem prontos.

Jack olhou McGovern com um sorriso.

— Dr. McGovern, não se esqueça de pegar as informações de contato da Srta. Grazdani.

— Farei isso com prazer — disse McGovern radiante.

— Então vamos lá em cima — propôs Jack. Os quatro saíram juntos da sala de Chet e rumaram para as escadas. Pia carregava o guarda-chuva e a sacola de supermercado com o contador Geiger.

No quarto andar eles entraram enfileirados no laboratório de histologia. A supervisora, Maureen O'Conner, ainda estava de plantão. Jack podia jurar que desde que as ruivas entraram na moda, recentemente, os cachos de Maureen tinham ficado mais ruivos.

— E aí, o que temos aqui para uma noite de sexta-feira? — perguntou Maureen. — É festa ou é trabalho?

Seu olhar ia de Jack a Laurie, a Chet e a Pia. Chet fez as apresentações e Maureen apertou a mão de Pia.

— Quero dar uma olhada em algumas amostras, se você estiver de acordo, Maureen — disse Jack. — Eu sei que já é tarde.

— Ah, nunca é tarde pra você, Jack — disse Maureen, e Laurie revirou os olhos. Desde o começo Maureen tinha mostrado preferência por Jack, a quem paparicava com atenção especial. Os slides de Jack sempre ficavam prontos um pouco mais rápido que os dos outros.

Seguindo as instruções de Jack, Maureen buscou no depósito de amostras alguns frascos cheios de formol, que colocou numa prateleira razoavelmente desocupada.

Depois de calçar as luvas Jack tirou do frasco amostras pálidas de intestino, que colocou sobre a bancada. Ele mostrou a Pia as perfurações e a nítida erosão da mucosa epitelial que revestia internamente o órgão. Quando ela viu que o legista estava pronto para devolver a amostra ao frasco, perguntou da forma mais casual possível:

— O senhor se importa se eu conferir a amostra com meu contador Geiger?

Jack deu de ombros.

— Por mim tudo bem.

Pia tirou o contador Geiger da sacola. Depois de abrir o compartimento de mica especialmente destinado a detectar partículas alfa, ela pegou o aparelho e posicionou o contador o mais perto possível das amostras de intestino, mas sem tocá-las. Imediatamente o aparelho começou a emitir os sinais que anunciavam a presença da radiação. À medida que ela foi aproximando o instrumento, os ruídos se intensificaram até formarem um som ininterrupto. Então a agulha do contador ultrapassou o limite da escala.

— Caramba, o que foi isso? — perguntou Jack, alarmado.

Pia não disse nada e afastou o contador da amostra, e depois voltou a aproximá-lo. Era indubitável que a amostra estava emitindo radiação, muita radiação. Pia tinha feito aquele movimento só para ter certeza; depois desligou o contador, que colocou de volta na sacola.

Chocados, os três legistas trocaram olhares entre si e depois encararam a jovem estudante de medicina. Alguma coisa não estava batendo bem. A amostra de intestino tinha sido retirada de um homem registrado como tendo morrido de contaminação por salmonela, e, no entanto, a amostra estava emitindo graus extremamente altos de radiação por partícula alfa. A estudante declarou que eles tinham usado radioisótopos no laboratório, como parte de um regime experimental, mas aquilo podia ter causado tanta radiação?

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Laurie dirigindo-se a Pia. Seu tom de voz, neutro, não expressava autoridade. — Tudo isso é muito surpreendente. Você tem alguma explicação?

O coração de Pia estava batendo disparado e ela se sentia como se estivesse em choque. Não havia se preparado para encarar a realidade de que as mortes de Rothman e Yamamoto pudessem ser semelhantes à de Alexander Litvinenko em Londres. Pia se sentira frustrada por não descobrir a verdade. Agora, quando parecia tê-la encontrado, só conseguia sentir um misto de ansiedade e paranoia. Naquele momento só tinha vontade de desaparecer do OCME, voltar ao alojamento e dar a si mesma uma oportunidade de refletir sobre as implicações da descoberta e sobre qual seria seu próximo passo.

— Precisamos que a senhorita nos diga o que acha que está acontecendo — disse Laurie, seu tom endurecendo um pouco. — Este é um achado inesperado

e muito relevante.

Pia se calou. Sentiu os olhares dos legistas cravados nela. Nunca tivera razões para confiar em ninguém em posição de autoridade. Esses três não eram a polícia nem a guarda de segurança do hospital, mas trabalhavam para o Estado. Quem eram os bandidos e quem eram os mocinhos? Ela não sabia. A pergunta mais importante era: será que existem mesmo os mocinhos? Pia precisava sair dali.

Jack estava tão atônito quanto os outros.

— A senhorita mencionou isótopos, radioisótopos sendo usados no laboratório do Dr. Rothman?

— Bem, preciso verificar para ter certeza — alegou Pia. — Posso lhe dar uma resposta pela manhã. Vocês trabalham aqui aos sábados?

Ela pegou o guarda-chuva e pendurou a sacola de compras no ombro. Deu um olhar persistente em direção à porta que levava ao corredor.

Chet McGovern tinha o pensamento concentrado naquilo que a estudante havia informado sobre os emissores de partículas alfa.

— Antes você mencionou alguma coisa sobre chumbo e bismuto; algo como chumbo-213 e bismuto-212, não foi?

— Era o contrário. Na verdade, chumbo-212 e bismuto-213. Mas sim, eu mencionei esses isótopos, e agora preciso voltar lá e conferir, para ter certeza de que eram esses que estavam sendo usados. Preciso realmente ir embora. Ah, meu Deus, são quase seis — disse olhando o relógio. — Prometi voltar por volta das seis e a viagem de metrô até Washington Heights leva 45 minutos.

Os legistas sentiram a forte ansiedade da moça. Nenhum deles se deixou convencer por sua demonstração de surpresa com o adiantado da hora.

— Acho que você precisa ficar aqui até chegarmos ao fundo dessa questão — disse Laurie. — Você mesma pode ter sofrido exposição. Os emissores de alfa são perigosos se ingeridos ou aspirados. Pode haver mais gente que precise ser examinada.

— Ah, muito obrigada por sua ajuda — respondeu Pia, nervosa, olhando para Laurie e Jack, mas sem encará-los. Estava desesperada para ir embora. — Posso entrar em contato amanhã para falar dos isótopos.

Pia não desejava estar presa ali quando os legistas chamassem as autoridades, coisa que ela sabia que fariam. Precisava encerrar a questão à sua própria

maneira.

— Mocinha, o que está acontecendo? — perguntou Jack. — Você aparece aqui com um contador Geiger e hematomas no rosto. Você é mesmo estudante de medicina? Quem a mandou aqui?

— Ninguém me mandou. Entendo a impressão que isso pode dar, mas sou estudante de medicina. Vocês têm de confiar em mim. Ninguém mais foi contaminado, tenho certeza. Mas não posso ficar aqui, tenho que voltar, vocês me desculpem.

Pia começou a recuar na direção da porta e Jack avançou.

— Vocês não podem me segurar aqui se eu quiser ir embora. E eu quero ir agora mesmo!

Laurie tocou no ombro do marido e ele parou. Pia se virou e saiu andando apressada. Chet foi atrás dela e voltava o olhar para Jack, com a perplexidade estampada no rosto. Não sabia o que fazer. Não tinha sequer o número do celular dela. Pia e Chet desapareceram. Maureen também estava confusa, sem saber se chamava ou não a segurança.

— Ela tem razão, Jack, não podemos segurá-la aqui. Ela disse que estuda na Columbia, logo não será difícil encontrá-la.

— Se é que ela não estava mentindo sobre isso também.

O inesperado era parte do que Laurie e Jack gostavam em seu trabalho de legistas. O que tinha acontecido era algo muito novo.

— Como você interpreta isso? — perguntou Laurie.

— Sei lá, há muita coisa que ela não estava dizendo. Ela suspeitou de que haveria radiação nos corpos. É claro que já estava desconfiada, tanto que trouxe seu próprio contador Geiger! Mas quando descobriu o que estava procurando, ficou assustada. Eu até diria aterrorizada.

— Totalmente — concordou Laurie. — Precisamos pedir a alguém para localizá-la.

— Eu concordo.

Jack pensou por um segundo.

— Vamos verificar depressa o outro cara.

Maureen se alegrou por ter o que fazer. Ela trouxe o material de Yamamoto. Para todos os propósitos parecia o mesmo de Rothman, cópias idênticas. Mas se eram radioativas, eles não tinham ideia: Pia tinha levado o contador Geiger.

— Será que a gente devia chamar o DeVries para descobrir como podemos determinar o radioisótopo com que estamos lidando? — perguntou Jack, referindo-se ao toxicologista-chefe do OCME.

De repente Laurie se lembrou de um kit de emergência montado pelo OCME depois que a instituição se recuperou do atentado de 11 de setembro; os acontecimentos os pegaram despreparados, assim como ocorreu com a maioria dos órgãos públicos da cidade. Preocupava-os o fato de que se tivesse sido um ataque terrorista com material atômico, o departamento seria incapaz de lidar com ele. Portanto, o kit fora montado para não serem pegos desprevenidos.

— Acho que há um instrumento que detecta radiação no kit de emergência — disse Laurie. — Ele deve ser capaz de identificar os radioisótopos envolvidos. Você lembra? O Bingham insistiu na aquisição dele.

Jack não lembrava, mas confiava na memória de Laurie. Quando ela saiu para ver se conseguia encontrar o material, Jack ligou para John DeVries, o toxicologista, e perguntou a ele como podiam identificar o material radioativo.

— Honestamente, John, nem imagino como. Graças a Deus nunca precisei fazer isso em toda a minha vida profissional. Em minha experiência, os únicos casos radioativos que passaram pelo OCME foram pacientes tratados pela medicina nuclear, portanto, a identidade do radioisótopo já era conhecida. Imagino que se use alguma forma de absorção atômica, mas primeiro preciso confirmar e depois lhe digo. Jack, é sexta-feira à noite, sabe como é.

— Eu sei que é, John. Muito obrigado.

Naquele momento, estavam em um beco sem saída. Laurie retornou. Tinha encontrado um estojo de emergência e dentro dele um aparelho manual para vigilância e mensuração, o modelo 935 da Berkeley Nucleonics Corp, capaz de identificar isótopos isolados. Jack e Laurie leram as instruções juntos e depois usaram a máquina para medir as emissões do intestino de Rothman. Depois de uns cinco minutos, o resultado apareceu. Embora estivessem sendo emitidas principalmente partículas alfa, também havia um nível baixo de radiação gama. Foi essa radiação que forneceu o resultado. Tratava-se do polônio-210.

— Os atestados de óbito estão errados, os dois — constatou Jack. — Caramba, eu me enganei completamente. Isso não foi acidente.

— Obviamente não. Você sabe alguma coisa sobre polônio?

— Por acaso sei um pouco. Para começar, ele não tem emprego em medicina. Na verdade, sabe qual é sua principal utilização? É misturado com berílio, de modo que as partículas alfa do polônio levem o berílio a liberar nêutrons que agem como detonador de armas nucleares.

— Santo Deus! — exclamou Laurie. — Como é que você sabe *disso*?

— Ah, sei lá, mas eu sei — respondeu Jack e se lembrou de outra coisa. — Foi usado para matar aquele russo em Londres, você lembra?

— Ah, sim, o tal ex-agente da KGB que desertou?

— Aquele mesmo.

Laurie e Jack, como a maioria dos patologistas forenses, tinham sentido um interesse profissional pelo caso.

— Temos que notificar a secretaria de segurança sobre isso— disse Laurie.

— Sim — concordou Jack. — Isso não quer dizer que Rothman e Yamamoto estivessem construindo artefatos nucleares, mas significa que não morreram somente de febre tifoide. Eles tiveram febre tifoide causada pela salmonela, mas sofreram, além disso, a doença provocada pela radiação. Meu palpite a essa altura é que a tifoide serviu para encobrir o polônio, que provavelmente foi o agente letal. Eu devia ter questionado o fato de ter havido o envolvimento do intestino inteiro.

— Não seja tão exigente consigo mesmo — recomendou Laurie. — Eu lhe garanto que ninguém teria acertado esse diagnóstico.

— Imagino que você tenha razão — concordou Jack, embora por um momento se perguntasse se não estaria buscando desculpas para sua falha. — Confesso que é um modo diabolicamente engenhoso de assassinar alguém. Quem o fez, seja quem for, quase conseguiu escapar impune. Me enganou direitinho. Se não fosse por aquela moça, teria escapado de todo mundo. O que aconteceu com Chet? Terá conseguido convencê-la a ficar?

Jack pegou o celular e ligou para Chet.

— Chet, aquela moça, ela ainda está aí?

Jack ficou ouvindo por um instante.

— Tudo bem. É melhor você voltar pra cá.

Jack desligou e olhou para Laurie.

— Ela foi embora. Segundo Chet, nada do que ele disse funcionou, e ela saiu do edifício literalmente correndo. E ele não conseguiu os dados de contato

dela.

— É preciso achar essa menina. Ela pode estar em perigo — disse Laurie.

— Você tem razão; se quem estiver envolvido nisso souber o que ela sabe...

Jack não terminou a frase. Laurie soube instintivamente o que ele queria dizer. Em vez de completar ele anunciou:

— Vou chamar o chefe. Isso vai ser uma bomba e vai virar um circo para a imprensa.

— E eu vou ligar para o Lou. E depois para Paula. Pelo jeito vamos passar a maior parte de nossa noite de sexta aqui mesmo.

Jack concordou com a cabeça. Olhou para Maureen.

— Lamento por tudo disso — disse ele. — É uma emergência. Você se importaria em buscar o restante dos espécimes? Eles precisarão ser postos em algum tipo de recipiente blindado.

— Tudo bem — disse Maureen. Tinha captado a inquietação de Jack e Laurie.

O casal de legistas entrou apressado no laboratório de histologia, desceu a escada e voltou à sala de Laurie. Enquanto digitava o número do telefone do chefe do OCME, o Dr. Harold Bingham, Jack podia imaginar os problemas à frente: era um caso de alta visibilidade, que envolvia cientistas famosos. Tinha havido um equívoco em relação à causa da morte e ao modo de morrer. Pelo menos o erro tinha sido encontrado agora, mas era improvável que isso aplacasse o chefe. Seria Bingham o encarregado de relatar os achados para as várias agências governamentais e lidar com elas, uma tarefa que Jack agradecia à sorte por não ser obrigado a fazer.

Enquanto Jack telefonava para Bingham, Laurie ligou para Lou Soldano.

— Lou, aqui é a Laurie. Você pode falar agora?

Laurie dispensou qualquer cerimônia.

— Oi, Laurie, que bom ouvir sua voz — respondeu Lou, e seu tom foi se tornando preocupado. — O que está acontecendo?

— Temos um problema aqui no escritório. Tudo indica que houve um caso de contaminação com polônio. Você se lembra daquele caso em Londres, há coisa de quatro ou cinco anos?

— Claro que me lembro! — disse Lou gravemente.

Laurie narrou a Lou o que sabia — da misteriosa estudante de medicina que chegou com seu contador Geiger; da frustração da estudante quando não encontrou os corpos dos pesquisadores; de sua reação exagerada diante do que constatou quando conseguiu testar a amostra que Jack havia guardado.

— Se você estiver certa e se tratar de uma imitação do caso daquele russo, e você mencionar as palavras "KGB" e "radiação", vamos ter, com perdão da palavra, uma puta confusão. Todas as agências de governo, a mídia... e se os russos estiverem envolvidos, vai ser uma encrenca danada. Vocês precisam abafar o caso.

— Jack está ao telefone agora mesmo com o Bingham. Vou chamar o pessoal de relações públicas e colocá-los em modo de confinamento.

— Eu agradeço, Laurie. Agora precisamos encontrar essa moça. Algum motivo para achar que ela não está voltando para a universidade?

— Espere um segundo, Lou, o Chet acabou de entrar.

Laurie virou-se para McGovern.

— Chet, a garota disse para onde estava indo?

— Não, ela meio que saiu correndo pela 30th Street, e foi na direção oeste. Supus que ela estivesse voltando para a Columbia. Por que você está perguntando? O que está havendo, Laurie?

Laurie ignorou Chet.

— Lou, imagino que ela esteja caminhando para o metrô. Faz uns dez ou quinze minutos.

— Lou? Você está falando com o Lou Soldano?

Laurie o fez calar com um aceno. Jack estava parado num canto junto ao telefone, tapando o ouvido livre com um dedo e dizendo "sim senhor" e "não senhor" o tempo todo.

— Se você puder me dar uma descrição, vou passar um alerta às autoridades. Você disse que ela parecia apavorada?

— Muito. Mal conseguiu esperar para ir embora daqui.

— Pelo jeito ela sabe mais do que deveria. Então, como você a descreveria?

— Talvez 1,67 m, esbelta, uns cinquenta quilos. Cabelos negros, pouco abaixo dos ombros. Uma pele maravilhosa.

— "Pele maravilhosa" não é uma descrição, Laurie.

Jack tinha acabado de falar com Bingham e desligou.

— Ela é linda. Talvez francesa, marroquina, eslava. O Chet McGovern estava aqui babando que nem um cachorro.

McGovern tomou o telefone de Laurie.

— Eu diria que ela é italiana. Pele bem morena, traços delicados, olhos castanhos. Parece uma supermodelo. Disse que seu nome era Grazdani, e foi só. Você acha que ela está correndo perigo?

Laurie pegou o telefone de volta.

— Lou, aqui é a Laurie de novo. Lembre-se de que eu disse que ela é estudante do quarto ano de medicina na Columbia.

— Bem lembrado — disse Lou. — Se tivermos sorte, talvez a gente consiga uma foto da universidade, se é que ela realmente estuda lá. Agora, vocês têm que ficar de bico calado. Se alguma coisa acontecer, mantenham-me informado. Preciso desligar agora, Laurie, mas vou montar uma equipe, incluindo a unidade de combate ao crime organizado da polícia. Isto é sério, Laurie. Tem a marca registrada do crime organizado. E de alguma forma os russos estão envolvidos. Meu Deus, esse negócio de polônio está associado com armamento nuclear.

51

BROADWAY, EM FRENTE AO CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA, NOVA YORK
25 DE MARÇO DE 2011, 18H45

Pia emergiu do metrô pela mesma entrada que usou na ida ao OCME, fazendo uma pausa perto do quadro contendo o mapa da região que ficava na sombra dos edifícios art-déco do Centro Médico Columbia. Tinha saído do OCME com a cabeça girando. Havia escurecido, as ruas estavam molhadas e escorregadias, e centenas de pessoas pareciam andar pelas calçadas. Sem vontade de encarar a perspectiva de atravessar a cidade toda, embora tivesse um guarda-chuva, ela pegou uma rota diferente: caminhando para a Park Avenue South e para a estação da 26th Street, na linha 6, e daí viajando para o Grand Central e pegando o trem S, de trajeto curto pelo centro da cidade, até a Times Square. Dali pegou o expresso da linha A para Washington Heights.

Durante todo o desagradável percurso no metrô Pia tinha agido como uma morta-viva, totalmente indiferente ao ambiente. Algumas pessoas, a maioria homens, tentaram conversar com ela, que não demonstrou a menor reação. Estava atordoada, repassando os acontecimentos desde que Rothman e Yamamoto tinham adoecido. Parecia estar tendo um pesadelo de olhos abertos. Ver sua desconfiança confirmada pelos legistas não lhe trouxe nenhuma satisfação. Só serviu para aumentar seu medo e sentimento de pavor. Não sabia especificamente se o agente letal administrado a Rothman e Yamamoto tinha

sido o polônio, porém sua intuição dizia que sim. O que fazer agora era uma pergunta para a qual não tinha resposta. Talvez devesse sair correndo para se esconder em algum lugar até todas as peças se encaixarem. A realidade é que Pia tinha mesmo aberto as comportas no OCME. Quer agradasse a Pia ou não, fosse intencional ou não, o fato é que a polícia agora seria envolvida, juntamente com todas as outras instituições pertinentes. Trocando em miúdos, a merda estava prestes a ser jogada no ventilador.

A intenção de Pia quando saiu do metrô era voltar depressa ao alojamento. Sentia que seu único recurso era George. Embora sem alimentar a ilusão de que ele fosse saber o que fazer, Pia tinha esperança de poder usá-lo como um bom ouvinte. A questão é que ela não tinha mais ninguém. Por um instante cogitou entrar em contato com as outras duas pessoas importantes de sua vida — Sheila Brown e a madre superiora — para pedir conselhos, mas a história era excessivamente longa e complicada. Além disso, Pia relutava em colocá-las em perigo. Na situação atual, o conhecimento era uma ameaça.

Embora estivesse desesperada para chegar a seu quarto, ela também estava aterrorizada. No momento em que saiu da relativa segurança do metrô, sentiu-se muito vulnerável. Os homens que a haviam atacado disseram que iriam vigiá-la, e ela acreditava neles. Isso significava que estavam aqui, espreitando em algum ponto da escuridão que cercava o centro médico. Embora o lugar onde ela se achava naquele momento, próximo à esquina da Broadway com a 168th Street, fosse iluminado e cheio de pessoas passando, o trecho a oeste da rua não era nada disso.

Prendendo o guarda-chuva entre o ombro e o pescoço, Pia pegou o celular que havia desligado antes de entrar no OCME e o ligou de novo. Logo viu que tinha mais de dez chamadas não atendidas e três mensagens de voz na caixa postal. Ligou para George, mas ele não atendeu. Então deixou uma mensagem para ele: “George, sou eu. São quinze para as sete. Estou na entrada do hospital que dá para o metrô na 168th Street. Você pode vir me buscar para andarmos juntos até o alojamento? Vou ficar esperando aqui.”

52

HAVEN AVENUE, CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
25 DE MARÇO DE 2011, 18H59

George não pretendia cair no sono, mas foi o que aconteceu. A sonolência foi consequência da aula maçante. Também havia o fato de não ter dormido tão bem quanto de costume, por conta de tudo que andava acontecendo. Não só tinha adormecido, como estava nos estágios mais profundos do sono, e por isso não ouviu o celular emitir seu toque de grilo. O aparelho estava sobre a mesa, a menos de três metros de distância. Quando tocou de novo, quinze minutos depois, George tornou a não ouvir. Mas aquele ruído o fez emergir das profundezas, e quando o celular tocou pela terceira vez George se levantou e disse alô.

— George, aqui é a vovó. Tentei falar com você antes, mas não consegui. Como vai você?

George despertou subitamente. Não sabia por quanto tempo havia dormido e se atrapalhou quando foi olhar a hora no relógio. Eram quase sete, e ele entrou em pânico. Onde Pia estava?

— Vovó, eu estou bem, mas vou ter que ligar para a senhora depois, combinado?

— Tudo bem, George. Mas vê se me telefona desta vez. Faz tempo que não conversamos. Está tudo bem?

— Está sim, eu telefono logo, mas agora preciso desligar.

George viu que havia duas chamadas não atendidas e ouviu a mensagem que Pia tinha deixado na primeira vez. Viu que horas eram. Nossa, fazia 14 minutos que ela estava esperando. Enquanto calçava os sapatos, tentou falar com ela, mas caiu na caixa postal. Então saiu disparado para o corredor e se dirigiu aos elevadores.

Prek e Genti estavam sentados na dianteira do furgão observando os passantes através do para-brisa. Neri havia se empoleirado no caixote de leite, um pouco atrás, entre os dois, causando incômodo. A tarefa de vigiar os estudantes, que mais cedo tinha sido fácil, agora estava difícil. Na esquina de Fort Washington e Haven havia um poste de luz, mas ficava tão distante que não tinha muita utilidade. Chovia e estava muito mais escuro. Os três homens tinham ficado tanto tempo ali que sentiam o corpo rígido e dolorido, e estavam de mau humor.

— Porra, por onde ela anda? — indagava Prek, irritado. Não esperava resposta, nem recebeu. — Isso está virando um pesadelo.

Neri, o mais inexperiente, era quem sofria mais. Tinha ficado tão agitado antes que agora, obrigado a esperar, se sentia decepcionado e cabisbaixo. Embora seu papel fosse o mais fácil, pois assumiria a tarefa de matar, na verdade ele nunca fizera isso. Neri mantinha a mão direita no bolso da jaqueta segurando sua Beretta M9 semiautomática, de uso das forças armadas, com a trava de polegar acionada. Ele tinha praticado com aquela arma centenas de vezes, e se considerava bom de mira. Mas atirar na cabeça de um homem à queima-roupa era uma situação muito diferente da de atingir alvos estáticos a sete, quinze ou trinta metros de distância. Ainda assim ele sabia que seria obrigado a cumprir sua parte para poder subir na hierarquia da quadrilha. A exemplo de Prek e Genti, ele mantinha o gorro ninja de lã sobre os joelhos, pronto a enfiá-lo na cabeça e partir para a ação.

Uma viatura da polícia de Nova York passou ao lado deles e os três se abaixaram numa reação automática. Prek ficou observando no espelho lateral o carro desaparecer. Depois outra viatura passou por eles e Prek ficou ainda mais tenso. Mais uma vez observou o veículo sumir de vista.

— Está vendo só? — perguntou ele.

— Claro que estou — admitiu Genti. — É sexta-feira à noite. Eu não daria muita importância a isso.

— Não gosto de ver policiais na área quando estamos fazendo um trabalho. Onde aquela vaca se meteu?

— Está cada vez mais difícil enxergar o rosto desses caras, a não ser quando já estão em cima da gente — queixou-se Genti.

Três estudantes de jalecos compridos passaram juntos ao lado do furgão, seguidos por algumas pessoas que caminhavam sozinhas. Um deles atraiu a atenção de Genti, que se curvou e apanhou o gorro. Um minuto depois relaxou no banco. Mais uma vez tinha sido alarme falso.

Pia tinha ficado andando pra lá e pra cá, ao lado das escadas do metrô, aguardando o telefonema de George, tentando imaginar por onde ele andaria. Eles haviam combinado de se encontrar quando ela voltasse do OCME. Mais de uma vez ela resolveu desistir de esperar George e sair caminhando sozinha de volta ao alojamento, mas só até olhar para a 168th Street e ver que a rua estava mais escura e deserta que quinze minutos antes. Já a ponto de ligar para George pela terceira vez, ela se apavorou quando sentiu a mão de alguém em seu ombro. Girando nos calcanhares, teve de se conter para não se atirar sobre a pessoa. Mas não era alguém a atacando: era Will McKinley, que, saindo do metrô, vira Pia andando de um lado para outro. Depois de conversarem banalidades e trocarem algumas palavras solidárias sobre o falecimento de Rothman e Yamamoto, Pia grudou nele para ter companhia para voltar ao alojamento. Para servir de incentivo, como se fosse necessário, ela se ofereceu para dividir o guarda-chuva com ele.

Depois de conversarem sobre as mortes, cada um deles se fechou em seu próprio mundo. Caminharam calados até passarem pela entrada do hospital na 168th Street. Pia ficou se perguntando o que Will diria, caso revelasse o que sabia agora. Pensou que ele provavelmente não lhe daria crédito.

— Fiquei surpreso em vê-la — disse Will. — Você estava no metrô, como eu?

— Sim, estava — admitiu Pia. Ela tentou pensar no que diria se ele perguntasse onde ela foi, portanto mudou de assunto. — Você viu o George hoje em algum momento do dia?

— George Wilson? Não, mas desde a hora do almoço estou longe daqui. Lesley e eu não encontramos uma vaga para fazer nosso mês de pesquisa na matéria eletiva. Aproveitei para fazer umas compras — disse, levantando uma sacola.

Pia avistou uma viatura indo na direção deles ao longo da 168th Street. Ela inclinou o guarda-chuva para evitar que vissem seu rosto, atitude que Will percebeu na mesma hora, pois o guarda-chuva bateu em sua testa. Pia tinha reagido por reflexo. Não se surpreenderia se a polícia já a estivesse procurando. Embora certamente não desejasse ser levada pelos policiais, pelo menos não naquele momento, ela foi a primeira a admitir que seria muito melhor do que vivenciar um novo confronto com as pessoas que a atacaram.

— O que foi, você é foragida da justiça? — gracejou Will, sem ter consciência de que tinha interpretado corretamente o gesto da colega.

— De jeito nenhum — respondeu Pia com uma risada forçada. Como outro carro da polícia se aproximava, ela manteve o guarda-chuva inclinado.

Chegaram à Fort Washington Avenue e ficaram esperando o sinal abrir. Até a entrada do alojamento havia só mais duzentos metros. Pia relaxou um pouco. Não tinha visto nenhum homem com o uniforme de guarda de segurança do Centro Médico Columbia. Pia ansiava por chegar à relativa segurança do quarto de George.

Genti foi o primeiro a avistar Pia e Will dobrando a esquina e andando diretamente na direção deles, iluminados por trás pela lâmpada do poste da rua.

— Ali, em frente, cinquenta metros.

— São os dois! — anunciou Prek satisfeito. — Que fantástico! Hoje é o Dia D! Esperem pela minha ordem. Você está bem, Neri?

— Com certeza! — respondeu Neri, fingindo uma tranquilidade que não sentia. Removeu a trava da pistola e enfiou na cabeça o gorro ninja, enquanto Prek e Genti faziam o mesmo.

Neri olhou pela janela traseira do furgão para ver se alguém vinha na direção oposta.

— Espere! Quem vem lá do alojamento? É ele?

— Ele quem? — perguntou Prek, virando e deparando com George.

Abriu o flip do celular e verificou a foto que Buda tinha enviado. A única iluminação dentro do veículo vinha das luzes difusas da rua, e a foto era pequena. Ele tornou a se virar e olhou para o homem que andava ao lado de Pia. Na enevoada penumbra os dois poderiam ser gêmeos.

— Ele só pode ser o cara ao lado dela. Afinal, o que é isso, o time olímpico da Suécia? É todo mundo louro.

Prek esperou alguns segundos até o casal se aproximar.

— É ele. Ora, está com o braço no ombro dela. A que distância está o cara que vem chegando por trás?

Neri olhou de novo.

— A uns duzentos metros.

Prek apanhou um pano no porta-luvas e o ensopou com uma porção generosa do anestésico Ultane, que eles usariam para drogar Pia. Depois deu uma olhada para Genti, que reagiu com um aceno de cabeça.

— É agora, já!

No momento exato em que Pia e Will passaram ao lado da van, os três homens mascarados saltaram do veículo, Prek e Genti vindo da frente pelos dois lados e Neri vindo de trás. Neri deu a volta, saindo dos fundos do furgão, enquanto Will McKinley ficou paralisado diante dele, a boca escancarada. Neri apontou a arma para a cabeça de Will, que levou uma fração de segundo para reagir, virando-se na direção de Pia, que tinha soltado um grito. Neri apertou o gatilho, disparando uma bala de calibre 9 mm, que penetrou a cabeça de Will pela lateral. Ao mesmo tempo Genti envolveu Pia num forte abraço, enquanto Prek apertava o pano embebido em Ultane no rosto dela. Quase imediatamente Pia parou de lutar e perdeu a consciência.

Neri deu a volta na frente do veículo e se sentou no lugar do motorista enquanto Genti arrastava Pia para o banco traseiro da van e a puxava para dentro. Quando Prek correu para ajudar Genti, viu na calçada o cartucho da bala disparada por Neri, e o recolheu do chão, pouco antes de saltar dentro da van seguindo Genti e bater as portas, fechando-as. Neri já havia ligado o motor

e no momento que ouviu a ordem de Prek para dar partida, acelerou junto ao meio-fio, fez um rápido retorno e partiu rumo ao norte pela Haven Avenue. Toda a ação durou cerca de sete segundos.

Três testemunhas viram tudo e mais oito ouviram o disparo e viram o furgão se afastar. Uma das testemunhas, que tinha suas próprias razões para não querer falar com a polícia naquela noite, continuou caminhando como se nada tivesse acontecido. A segunda era um estudante de medicina que se dirigia ao alojamento, vinte metros atrás de Pia e Will. Tinha observado com horror o desenrolar do ataque. No começo, pensou que estava assistindo a uma filmagem, mas estava escuro e não havia câmeras. E o sangue que saiu da cabeça do rapaz atingido pelo tiro era muito autêntico. A testemunha ligou para o serviço de emergência e tentou desesperadamente recordar o que havia aprendido nos dois últimos anos — se é que tinha aprendido alguma coisa — sobre vítimas de armas de fogo.

A terceira testemunha foi George. Ele tinha avistado Will e Pia antes do ataque, e ficou parado à espera de que os amigos viessem a seu encontro. Ficou aliviado ao ver Pia, mas o sentimento durou pouco. No segundo seguinte ele viu os homens saltarem do furgão, atirarem em Will e sequestrarem Pia. Tudo aconteceu tão rápido que ele não teve chance de se mexer. George piscou, como se piscar fosse fazer a cena recuar ao momento no qual Pia e Will vinham caminhando ao encontro dele. Mas de nada adiantou. Então ele começou a correr em direção ao lugar onde os outros estudantes estavam ajoelhados junto a Will McKinley.

No interior da van, Prek usou uma seringa previamente preparada e injetou em Pia, que estava semiconsciente, uma dose de Valium que bastou para fazê-la perder a consciência por completo.

— Não corra tanto assim! — berrava ele para Neri. — Mantenha o carro estável.

Então Prek e Genti se esforçaram para enrolar Pia num tapete puído. Não foi fácil, pois o furgão saltava e oscilava de um lado para outro.

As mãos de Neri tremiam e ele quase não conseguia conter o impulso de vomitar. O alvo tinha olhado diretamente para ele. Neri piscou depressa e se

concentrou para não sair da pista.

— E Neri... — disse Prek.

— O que é?

— Bom trabalho.

Neri estacionou atrás do furgão azul-escuro que estava à espera deles numa sossegada rua lateral ao norte da ponte George Washington, e os homens rapidamente transferiram sua carga. Ao fim da atividade, Prek voltou a se sentar no banco do motorista, e Genti no do carona. Neri recebeu a incumbência de vigiar Pia.

Após abandonarem a van branca, Prek seguiu adiante para um lugar onde pudesse entrar na Henry Hudson Parkway e fazer um retorno completo, para voltar à ponte George Washington e se dirigir a Nova Jersey. Conforme esperavam, a ponte estava abarrotada pelo trânsito do horário de pico. Mas o grupo não se importou com nada: o assassinato seguido de sequestro tinha sido impecável, e eles estavam impressionados com o próprio sucesso. Tinha sido um tributo à tradição do crime organizado albanês, como Prek resumiu.

— Eu ainda consegui isto aqui — disse Prek com orgulho, enquanto puxava do bolso o cartucho da bala disparada por Neri e o levantava no ar. — Afinal, não somos mesmo muito bons?

Então entregou o celular a Genti e pediu que mandasse a Buda uma mensagem de texto relatando que a operação tinha sido totalmente tranquila.

53

BELMONT, BRONX
NOVA YORK
25 DE MARÇO DE 2011, 20H05

Aleksander Buda ficou feliz ao receber a mensagem de Prek. Embora a operação fosse uma tarefa relativamente simples, ele tinha ficado apreensivo. Sabia por experiência que "sempre podia dar merda". Seja como for, a garota irritante jazia inconsciente na traseira da van, e o bando estava a caminho do local combinado, a casa de veraneio de Buda; o namorado estava morto. O furgão branco que haviam utilizado foi abandonado. Agora o único detalhe que restava em aberto era o destino da moça.

Buda achava que Pia Grazdani não tinha parentesco com nenhuma das famosas quadrilhas da máfia albanesa dos arredores; ele já teria ouvido aquele nome, que certamente era albanês. O problema é que se ela tivesse parentes em algum clã, em qualquer ponto da Costa Oeste ou até num lugar tão distante quanto Detroit, o costume ditava que lhe fosse oferecida certa proteção. Mesmo assim, Buda refletiu em seu íntimo se teria justificativas para se livrar da moça e, ao mesmo tempo, do amigo dela. Teria sido limpo e eficiente. Ela com certeza tinha se tornado um sério problema, principalmente depois de ter descoberto, de algum jeito e por conta própria, a questão do polônio. Mas na máfia albanesa, provocações ainda menores tinham deflagrado banhos de sangue. Buda resolveu que era preciso se certificar.

Homem cauteloso, Buda tinha feito questão de investigar Pia Grazdani de maneira discreta. Naturalmente, ele era conhecido pelo FBI, e sabia que os caras adoravam padrões e não acreditavam em coincidência. Sabia que se um chefe de quadrilha albanesa, como ele, começasse de repente a telefonar para todas as outras lideranças locais, em rápida sucessão, era grande a chance de os federais descobrirem e aparecerem para bisbilhotar.

Portanto Buda tinha enviado pessoal a quadrilhas no Queens e em Staten Island, e, só por segurança, pedira a um sócio que ligasse para um clã na Pensilvânia. Manhattan e Brooklyn também tinham sido sondados, e como ele controlava o Bronx, essa área estava coberta. Buda recebeu respostas negativas de todos os consultados, até mesmo de Detroit. Não havia ninguém da família Grazdani. Para a moça, o futuro não estava parecendo promissor.

Mas ainda havia uma organização para sondar: o bando de Berti Ristani, sediado em Weehawken, Nova Jersey. Ristani era um sujeito particularmente desagradável, disposto a fazer praticamente qualquer coisa para angariar fama pessoal. Buda se deu conta de que havia um ano que não o encontrava. Pensou que não seria má ideia fazer a visita pessoalmente, por motivos políticos, e, além disso, garantir um álibi para aquela noite, só por segurança. Buda pegou a chave do carro e se pôs a caminho de Weehawken. Sabia que não precisava telefonar com antecedência: Ristani sempre podia ser encontrado no mesmo lugar.

54

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
25 DE MARÇO DE 2011, 20H31

O detetive e capitão Lou Soldano sentia-se frustrado. Parou no interior da área isolada com fita amarela na rua, que marcava o local do crime contra McKinley. Uma equipe completa de perícia criminal tinha varrido o lugar em busca de pistas, mas nenhuma foi encontrada. Nem mesmo foi achado o cartucho de bala da arma que usaram para atirar no estudante. Tudo o que a perícia encontrou foi uma sacola de compras contendo um aparelho que um dos técnicos identificou como sendo um contador Geiger, e que Pia carregava no momento em que foi sequestrada.

Os policiais anotavam declarações das testemunhas, na esperança de obter detalhes sobre os suspeitos e o tipo de veículo que tinham usado. As informações obtidas por Soldano, desde a altura dos homens até seu modo de vestir, eram extremamente contraditórias. Uma testemunha jurou que só dois homens participaram da ação, enquanto todas as outras afirmavam que eram três. O único dado em que houve concordância foi que todos estavam usando máscaras de esquiar. O furgão foi descrito como branco sujo por todos, mas não se conseguiu nada sobre a marca nem o número da placa.

A descrição mais detalhada tinha sido feita por George Wilson, que até informou a Lou um detalhe importante e muito provavelmente relacionado ao

caso. Ele disse que Pia tinha sido agredida em seu quarto do alojamento na noite anterior e ameaçada, ameaça que agora tinha se concretizado. Quando lhe perguntaram por que ela não dera queixa do incidente, George explicou que Pia tinha medo da polícia por causa de suas experiências de infância. Ele disse que em diversas ocasiões havia sugerido a ela que procurasse a polícia. Quando lhe perguntaram por que ele próprio não havia notificado as autoridades, disse que respeitava o desejo e a privacidade da colega, que lhe pediu que não o fizesse.

A frustração de Lou não se devia apenas à escassez das provas materiais; ele também estava insatisfeito porque a delegacia local não destacou efetivos para cobrir a área, depois que ele enviou uma mensagem especificamente nesse sentido. Ele dera à polícia a descrição de Pia fornecida por Jack e Laurie, e acrescentou a informação de que ela estava carregando um guarda-chuva e uma sacola de compras feita de lona. A esperança do detetive era de que a polícia ou a segurança do hospital da universidade a encontrassem. Ele queria deter a estudante não só para averiguar exatamente o que ela sabia, mas também para protegê-la, e agora os bandidos tinham levado a melhor. Se a polícia tivesse atendido ao pedido dele, o homicídio e o sequestro poderiam ter sido evitados.

A única parte da operação que parecia bem encaminhada era a questão da radiação. Lou sabia que o instituto médico-legal tinha notificado aos canais competentes a possibilidade de radiação alfa em quatro locais da cidade de Nova York: o Centro Médico da Universidade Columbia, o próprio OCME e as duas funerárias para onde tinham sido levados os corpos dos Drs. Rothman e Yamamoto. Mas os legistas não tinham conseguido mobilizar o aparato policial. Soldano foi obrigado a fazê-lo pessoalmente, e sua força-tarefa ainda trabalhava mais com teorias do que em campo.

Outro motivo de frustração para Lou foi a demora na obtenção de uma foto de Pia Grazdani. O próprio detetive tinha ligado para a segurança do hospital da Columbia e confirmado que Pia era de fato uma estudante de medicina. Ele também tinha pedido que fornecessem detalhes sobre ela, além de uma foto recente, que a segurança do hospital teve dificuldade em conseguir. As fotos estavam trancadas no gabinete da pró-reitora estudantil, que não pôde ser encontrada, e só foram enviadas às autoridades policiais depois do sequestro. Foi como trancar a porta depois que o ladrão roubou a casa.

— Que merda! — praguejou Lou em voz alta pela enésima vez.

Em relação àquele caso nada parecia estar dando certo. A única evolução tinha sido a localização de um furgão branco, o qual se acreditava ter sido o veículo usado no sequestro. Naquele momento, estava sendo vasculhado por outra equipe de legistas. Lou não sabia se o esforço renderia alguma pista, mas continuava esperançoso. Enquanto isso, um alerta às autoridades tinha sido emitido em Nova York, Connecticut e Nova Jersey. Ele esperava que tivessem sorte. Mas sua intuição lhe dizia que o crime organizado estava envolvido do início ao fim da história. E ele sabia que não fora um sequestro com fim de pedido de resgate, o que significava que temia pela vida da moça.

De repente diversos furgões de veículos de comunicação apareceram e estacionaram bem junto à área isolada da cena do crime. Enquanto as antenas eram erguidas, as portas eram escancaradas, liberando um enxame de cinegrafistas e jornalistas.

Lou gemeu. Sabia que um circo midiático seria montado, e ficou se perguntando quanto tempo levaria até o prefeito ser envolvido.

Primeiro Will McKinley deu azar — na verdade, por duas vezes. Depois ele deu sorte, também por duas vezes. Deu azar inicialmente ao ser envolvido no caso Rothman: ao ser encontrado na rua com Pia e confundido com George, o que o levou a ser tratado como alguém que sabia demais. Ele também deu azar pelo fato de a arma de Neri Krasnigi não ter falhado. Horas antes, naquele mesmo dia, Neri limpou e carregou a pistola, mas não foi tão cuidadoso quanto supôs. Alguns fragmentos de areia tinham ficado agarrados à primeira bala posta no tambor da arma e se alojaram no interior da câmara. Fossem diferentes as circunstâncias, ou ligeiramente maiores os fragmentos de areia, talvez a arma tivesse explodido na cara do atirador, em vez de apresentar uma pequena falha e fazer o projétil sair com metade da velocidade normal. Isso foi sorte.

Will tornou a ser contemplado pela sorte, se é que se pode falar assim em relação a uma pessoa que leva um tiro na cabeça. Ele virou a cabeça e por isso foi atingido na têmpora, em vez de na testa, o que levou a bala a fazer um trânsito completo através do lobo frontal, um tipo de lesão que já registrou

recuperações miraculosas. Também o fato de ter sido alvejado quando se encontrava a cem metros de um importante centro de traumatologia, com exímios especialistas imediatamente disponíveis, pode ser considerado um golpe de sorte. Uma equipe médica magnífica tinha tratado de Will minutos depois de ele ter sido ferido a bala e continuou a monitorá-lo criteriosamente. Agora ele estava em coma induzido, e conectado a uma série de monitores e de aparelhos que garantiam a sua vida. Todo mundo torcia para que a sorte dele não se esgotasse.

55

GREEN POND, NOVA JERSEY
25 DE MARÇO DE 2011, 20H45

Prek entrou cautelosamente em Green Pond, um condomínio particular de veraneio à beira de um lago em Morris County, ao norte de Nova Jersey. O que podia ter levado uma hora de viagem durou quase duas, em parte por causa do trânsito e em parte porque Prek conduzia o furgão abaixo do limite de velocidade máxima, mesmo nos trechos livres da estrada. Se o veículo fosse parado numa operação de trânsito, alguns dos objetos que levava a bordo exigiriam muitas explicações.

A Green Pond que emprestava seu nome à cidade não era bem uma lagoa, mas sim um lago. Nessa noite sua superfície estava escura, pois a lua ainda não tinha nascido. Prek percorreu com cuidado a estrada cheia de curvas e de ladeiras da margem oriental, onde as poucas casas que se erguiam ao fim de longos acessos de garagem estavam na maioria escondidas pela densa floresta composta de árvores desfolhadas. Nas escarpas da margem ocidental havia só um punhado de construções, às quais se podia chegar somente de barco. O povoado propriamente dito ficava mais ao norte. Depois de quase dois quilômetros, a estrada fazia uma curva para perto do lago e das residências ao longo da praia. Algumas pertenciam a moradores permanentes e suas janelas brilhavam com o calor das lâmpadas incandescentes e o lampejo ocasional das televisões de tela grande. Na margem meridional do lago havia alguns bangalôs

de veraneio e estes eram escuros, com seus atracadouros empilhados ordeiramente e barcos protegidos por lonas.

Prek estacionou no acesso à garagem do bangalô de praia de Aleksander, situado numa península no extremo sul do lago, voltado para uma enseada de uns duzentos metros de diâmetro. O que atraiu Aleksander naquela casa foi sua localização discreta numa pequena faixa de terra. Entusiasmou-se com a descoberta de que casas e bangalôs vizinhos ao dele na enseada oriental passavam sete ou oito meses por ano às escuras e sem ocupantes, com o sistema de aquecimento desligado e a rede hidráulica inoperante. No lado ocidental da península só havia duas casas, e elas também ficavam desocupadas, exceto durante os meses de verão. Buda adorava o lugar por causa de sua serenidade, principalmente no inverno, quando o lago congelava.

Prek estacionou nos fundos, que davam para a estrada, encontrou a chave e abriu a porta, acendendo as luzes e o aquecimento a óleo.

— Querida, cheguei! — disse ele em voz alta e às risadas.

Quanto mais perto foram chegando do refúgio, mais alegre tinha se tornado o ânimo dentro da van. Prek estava eufórico por tudo ter corrido tão bem. O chefe com certeza ficaria muito satisfeito.

Os três descarregaram o tapete enrolado que envolvia Pia, e sem demora o levaram para dentro. A porta da casa se abria diretamente para a sala de estar, onde havia dois sofás de couro, um preto e um marrom, colocados de frente um para o outro no centro do aposento, diante da lareira de pedra bruta. Prek afastou uma mesinha de centro baixa para o lado, coberta de revistas de automóveis, para os outros dois poderem deixar no chão o rolo de tapete que prendia a estudante. Então o desenrolaram até Pia acabar esparramada e de cara para baixo, sobre o imenso tapete oriental falsificado da sala.

Prek telefonou para Buda. Queria avisar ao chefe que tinham chegado e que tudo estava bem. Também esperava receber o sinal verde para liquidar Pia. Era uma noite tranquila e escura, perfeita para desovar um corpo no vasto pântano que se estendia por quase dois quilômetros, desde a margem sul do lago até a área fechada de proteção ambiental que cercava um arsenal do governo chamado Picatinny. Era um tipo de mata que surpreendia a maioria dos moradores de Nova York. Em mais de uma ocasião o isolamento com certeza se mostrou útil para a quadrilha de Buda.

Para irritação de Prek, Buda não atendeu ao telefone. Prek não deixou recado; ao ver a chamada perdida, o chefe saberia que Prek estava tentando falar com ele.

A irritação de Prek se exacerbou quando ele percebeu que, apesar de todo o planejamento, o grupo tinha se esquecido de levar comida. Havia uma loja de conveniência na estrada, a cerca de oito quilômetros ao norte, mas ele não considerava boa ideia um deles mostrar a cara em local público, quando ainda estavam prestes a desovar um corpo. Prek entrou na cozinha, modesta, e examinou a geladeira. Havia uma caixa de leite com prazo de validade vencido. Os armários eram ainda mais deprimentes. Ele encontrou uma caixa de cereal matinal, que estava aberta, mas um canto estava roído e viam-se fezes de rato.

Desanimado, Prek entrou de novo na sala de estar. Fez-se um silêncio repentino. Prek percebeu que Genti e Neri estavam conversando sobre alguma coisa e tinham parado de forma abrupta.

— O que é? — indagou Prek.

Os dois estavam olhando para Pia. Tinha havido uma discussão.

— Quanto tempo ela ainda leva para acordar? — Neri quis saber.

— Ela recebeu 10 mg de Valium, logo, vai ficar dormindo um bom tempo — respondeu Prek. — Vai começar a acordar, mas ainda muito tonta. Se for necessário, a gente pode dar a ela mais uma dose. Buda não atendeu ao telefone.

— Ela é bonita — comentou Neri.

— Nosso jovem amigo aqui estava justamente me dizendo o que ele gostaria de fazer com ela — disse Genti. — Acho que nós todos podemos nos revezar, talvez seja até interessante ficar assistindo. O que você acha, Prek? Devíamos ter feito isso ontem à noite quando estávamos no quarto dela.

— Eu gosto que minhas namoradas participem — disse Prek. — De toda forma, não vamos fazer nada até Buda me dizer que é seguro acabar com ela. Lembrem que ela tem sobrenome albanês. Precisamos ter certeza de que não vamos atropelar a honra de ninguém, se é que vocês me entendem.

— Ah, Prek, qual é — disse Genti. — Qual a probabilidade de acontecer isso? Na área vivem 250 mil albaneses e esta é apenas uma moça. Nunca vi ninguém tão bonito assim ter parentesco com qualquer um de nós. Ela com certeza não é parecida com a sua irmã.

Genti e Neri caíram na risada. Prek ficou sério. Tinha uma premonição de que haveria problemas depois de tudo ter transcorrido tão serenamente.

Neri e Genti estavam sentados em sofás separados. Neri lembrava um cachorro no cio, praticamente ofegando quando se agitava. Olhava alternadamente para Pia deitada e para Genti, que parecia concordar com ele no tocante a ter relações com a moça. Genti Hajdini tinha subido na hierarquia da quadrilha ao mesmo tempo que Prek, mas Buda confiava mais responsabilidades e as tarefas importantes a Prek. Como consequência, Prek ganhava mais que Genti, e era quem dava as ordens quando o chefe não estava presente. Prek sabia que isso deixava Genti ressentido, mas não constituía um problema declarado entre os dois. Prek sabia que Genti ainda estava ofendido por causa da noite anterior, quando não foi autorizado a fazer com a moça o que tivesse vontade.

— O garoto fez um bom trabalho hoje à noite — disse Genti, apontando para Neri e imitando o som de um tiro. Genti e Neri riram de novo, depois pararam e Genti olhou para Prek. — Quem sabe a gente não deveria dar a ele uma recompensa? Talvez a gente devesse recompensar a todos nós.

Fez-se um silêncio pesado no ar.

— Afinal de contas, quem foi que botou você de chefe? — provocou Neri em voz baixa.

Prek olhou de Neri para Genti, e vice-versa. Neri ainda estava com a jaqueta preta que usava quando atirou no rapaz na rua, e Prek supôs que ele ainda estava com a arma no bolso interno. Genti também podia estar armado, até onde ele sabia. A arma de Prek estava no porta-luvas do furgão. Ele realmente achava que seus comparsas iriam se voltar contra ele? Nessa quadrilha, conforme Prek e Genti sabiam muito bem, coisas ainda mais estranhas tinham acontecido. Voltando sua atenção para Neri, Prek sustentou o olhar impertinente do outro.

— Buda disse que sou o chefe quando ele não está presente.

Pia deu um gemido.

— Escutem aqui, seus babacas! Buda me mandou esperar até ter certeza de que não há nenhuma família ligada a essa mulher. Se vocês se meterem com ela e Buda descobrir que ela é a filha ou a sobrinha de alguém, e que vocês não conseguiram ficar com o pau dentro das calças, o tio ou o pai dela, seja lá quem

ele for, não vai ficar nada feliz. Vai ficar zangado com o Buda e isso quer dizer que Buda vai ficar muito zangado com vocês.

— Ela está inconsciente — argumentou Neri. — Está fora do ar. Nem vai ficar sabendo, pelo menos não com certeza. É um desperdício. É como se fosse um crime.

— Ela vai saber, sim, seu imbecil.

— Você não está mais interessado em garotas, Prek?

Agora era hora de encarar Genti com firmeza. Prek sabia que o comentário do outro visava a irritá-lo, mas resolveu não ligar.

— Ela com certeza é uma garota bonita, mas há muitas garotas bonitas por aí.

— Não estou vendo nenhuma outra nesta sala — disse Neri.

Olhava para Genti, esperando receber apoio dele.

— Você não vai querer ser o motivo de uma rixa entre clãs. Pode acreditar em mim.

— Infelizmente ele tem razão — disse Genti.

Levantou-se do sofá e se aproximou de Prek. Apoiou o braço nos ombros do companheiro e o sacudiu.

— Só estamos provocando você. Se recebermos o sinal verde, Neri ganha a moça, combinado? Eu posso até dar uma voltinha, por que não?

Genti foi até o corpo de Pia e levantou a saia dela com o indicador.

— Nada mal, não é mesmo? O que você me diz, hein?

— Eu digo que a gente não toca nela até receber o sinal verde para acabar com ela. Quando isso acontecer, vocês podem fazer o que quiserem. Mas agora, venham me ajudar a colocá-la na cama, para tirá-la de vista. Vocês parecem dois adolescentes.

Prek foi até onde estava Pia e agarrou-a pelos dois tornozelos.

— Venham cá me dar uma ajuda!

Com Genti e Neri, cada qual segurando um braço, eles carregaram a moça para o quarto e a jogaram em cima da cama.

— Agora deixem a moça em paz — ordenou Prek, gesticulando aos dois colegas que passassem à frente dele para voltarem à sala de estar. Enquanto Prek os seguia, ele se perguntava o que estaria atrasando o telefonema de Buda.

56

WEEHAWKEN, NOVA JERSEY
25 DE MARÇO DE 2011, 20H48

— E aí, Berti, o que sabe sobre essa garota, Grazdani? — perguntou Buda. — Alguém da sua organização pode ser parente dela? Me disseram que tem uns vinte e tantos anos e que é muito bonita. Uma belezura.

Berti Ristani estava sentado a uma mesa em seu escritório, num pequeno prédio industrial em Weehawken. O escritório de Berti parecia, para todos os efeitos práticos, o local de trabalho de um confiável empresário do setor de construção civil. Catálogos de suprimentos se empilhavam sobre a mesa. A sala estava rodeada de arquivos de aço, e no fundo havia uma mapoteca para plantas arquitetônicas. Ristani era empreiteiro, Buda sabia, mas nem todas as suas empreitadas envolviam construção.

Berti se reclinou em sua cadeira executiva, o corpo pesado levando a estrutura da cadeira a ranger. O rosto avermelhado de Berti, desenhado de pequenos vasos sanguíneos, franziu-se de leve enquanto ele avaliava a pergunta de Buda.

— Ah, sim, o negócio de que você veio tratar. Mas eu nunca vejo você, Aleksander. Precisamos mesmo falar de negócios? Que tal a gente tomar umas?

— É um negócio inacabado, Berti, uma coisa de que preciso cuidar logo, e estou procurando fazer o que é certo. Não posso deixar a situação do jeito que está por muito tempo.

Berti Ristani não tinha uma agenda de negócios a tratar com Buda e ficou ligeiramente ofendido quando o outro insistiu em abordar aquele assunto. Tinha gostado de conversar com Buda sobre os velhos tempos, quando os dois haviam acabado de chegar da Albânia. Naquela época não era fácil ir para os Estados Unidos. Os dois deram sorte. Além de um passado em comum, Aleksander Buda era um dos líderes de clã respeitados por Berti, que teve uma agradável surpresa quando ele apareceu sem avisar.

— Tudo bem, vamos descobrir. Não conheço ninguém que tenha esse nome especificamente, mas dois dos meus melhores homens têm o sobrenome parecido. Mas não é albanês, é italiano. De qualquer jeito, mesmo eu reclamando, gostei de ver sua preocupação. Tem havido mortes em excesso por vingança entre famílias. Eu fico grato por ter vindo conversar comigo.

— Não há de quê, Berti. Teria sido insensato agir de outra maneira.

Ristani jogou o peso do corpo para a frente e a cadeira tornou a ranger. Ele colocou os braços roliços em cima da mesa e apertou o botão do interfone.

— Drilon, você pode vir ao meu escritório?

Ristani olhou para Buda.

— Drilon, um dos meus homens mais leais. Ele e o irmão, que está fora fazendo um trabalho.

— Alguma coisa especial?

— Na verdade, não. Ele cuida de um monte de casas de apostas ao sul de Nova Jersey, até Filadélfia. Nas noites de sexta-feira ele gosta de recolher os ganhos. É um cara muito inteligente, comparado a Drilon, que conforme se diz por aí, não é dos mais brilhantes. Ah, Drilon, pode entrar aqui.

Toda noite em que estava de plantão, Drilon costumava ser chamado várias vezes ao escritório do chefe, deixando seu posto perto da entrada do edifício. Em geral Ristani queria algo para comer, e Drilon esperava que fosse isso. Entrando no escritório ele viu as costas de uma pessoa sentada diante da mesa de trabalho de Ristani.

— Drilon, o Sr. Buda tem uma pergunta.

Buda? Será que Drilon tinha ouvido bem? O homem girou na cadeira e Drilon viu a cicatriz na testa dele. Era Aleksander Buda, um sujeito que não era de brincadeira. O que será que ele queria?

— Uma pergunta simples — disse Buda impassível. — Você conhece uma pessoa chamada Pia Grazdani?

— Pode repetir? — pediu Drilon. Pensou que estava tendo uma alucinação.

— Pia Grazdani.

Ele tinha ouvido corretamente. O nome deu início a um filme que ficou passando aceleradamente na cabeça dele. Pelo menos vinte anos antes, aproximadamente, Drilon bebia, bebia demais. Um dia chega à casa onde morava com o irmão, Burim, e com a mulher dele, Pia, e se depara com a cunhada, a coisa mais linda, totalmente nua; o irmão está fora, como sempre realizando algumas tarefas, na tentativa de ascender na quadrilha Rudaj, uma das mais notórias máfias albanesas do início dos tempos. Mas a vadia, embora esteja pedindo por aquilo, rejeita os avanços do cunhado e crava as unhas no peito dele, bem fundo, e Drilon fica fulo de raiva. Então perde a cabeça. O que acontece depois não foi planejado. Ele pega furioso o revólver e dá um tiro na testa da mulher. Fim da história. Mas a criança está ali, a pequena Pia. Ele pensa em também matá-la a tiros, mas de repente, ouvindo vozes na casa ao lado, dá uma coronhada na cabeça da menina, deixa o apartamento todo depredado e rouba os quinhentos dólares que os irmãos guardavam escondidos no forno. Drilon volta ao bar onde estivera bebendo, bebe ainda mais, fica lá até a hora de fechar, dorme uma hora num banco de jardim e volta para casa para dar o alarme de que a cunhada tinha sido assassinada por invasores.

As consequências foram tranquilas. Burim aceitou a história dos invasores, pois estava muito feliz em se livrar da mulher, que ele tinha pensado seriamente em abandonar, e a organização Rudaj e sua equipe cuidaram de tudo. Não houve investigação policial, nem nada. No que dizia respeito a todos, a mulher, Pia, tinha simplesmente ido embora, deixando para trás a filha pequena.

Será que Buda estava se referindo a uma das duas Pias?

— E então? — insistiu Buda. Tinha notado a hesitação e a expressão vazia de Drilon. — Você conhece alguma Pia Grazdani?

Drilon sentiu o cabelo da nuca arrepiar. Sentiu também o rosto ficar vermelho. Três perguntas lhe cruzaram a mente na mesma hora: primeira, Buda estava falando sobre Afrodita, sua sobrinha pequena, ou sobre Pia, sua cunhada? Drilon não tinha pensado nelas nem por um momento durante mais de vinte anos; mas uma estava morta, e outra, quem sabia? Em segundo lugar,

Buda teria feito a mesma pergunta a Burim? E terceira, qual era a porra da resposta certa?

— Ahn... eu acho que não — respondeu Drilon. — Por que está perguntando?

Drilon tinha falado com Buda, mas foi Berti Ristani quem se pronunciou.

— Ele está perguntando porque precisa saber. Eu também estou lhe perguntando, Drilon. Não chamei seu irmão porque no momento ele está ocupado. Imagino que você saberia, caso você ou seu irmão fossem parentes dessa moça. O sobrenome é muito parecido.

— Deixa pensar, nós temos uma família grande — disse Drilon. Então Burim não sabia, e isso era uma vantagem para ele. E talvez não se tratasse dela. Mas ele temia que fosse a garota cuja mãe ele havia assassinado, um segredo que tinha conseguido manter durante todo esse tempo. Mas se Aleksander Buda estava perguntando sobre a moça, ela provavelmente já estava enterrada pela metade. Drilon não viu motivo para ficar apreensivo. Certamente não podia haver nada que o ligasse à garota. — Acho que nunca ouvi o nome.

— Tem certeza disso, Drilon? Você levou um longo tempo pensando na questão.

— O senhor me conhece, chefe, sabe que não sou muito esperto. Como eu disse, temos uma família muito grande, mas a maioria ainda está lá no velho mundo.

— Foi o que ouvi dizer — disse Ristani, em tom informal.

— Pois ouviu certo, chefe.

— Como é seu sobrenome? — perguntou Buda. O tempo todo a expressão de seu rosto não tinha sofrido a menor alteração.

— Graziani — respondeu Drilon.

Tinha sido de Burim a ideia de abandonar o nome Grazdani depois do fim da quadrilha Rudaj, quando muitos de seus integrantes foram mandados para a cadeia. Graziani foi o nome que Burim arranjou quando pediu emprego a Ristani, havia muitos anos. Era o sobrenome de um de seus jogadores favoritos no futebol italiano, além de lhe agradar a semelhança com seu nome: a diferença era só de uma letra.

— Parece, mas é diferente. É italiano, em vez de albanês — declarou Berti. — Chegou pertinho, mas foi só isso. Obrigado, Drilon.

Drilon saiu da sala. Suava e a cor tinha abandonado seu rosto. Ele queria ficar o mais distante possível de Buda, até ele ter ido embora.

— Tem mais alguém a quem você precise perguntar? — Buda quis saber.

— Não, eu conheço as famílias de todos os outros homens e nunca ouvi falar de um Grazdani.

Os dois homens se abraçaram, e Buda quase não conseguiu passar os braços em volta de Berti.

— Vê se aparece outras vezes — cobrou Berti, acenando em despedida.

Buda entrou em seu carro, mas antes de partir telefonou para Fatos Toptani, seu auxiliar de maior confiança no Bronx. Na organização de Buda, Fatos era o número dois.

— Sou eu. Preciso saber sobre uma pessoa agora mesmo. O nome é Burim Graziani, um dos homens de Ristani. Ele está trabalhando no sul de Nova Jersey... não, nada pesado, só preciso fazer uma pergunta a ele. Sim, alguma coisa aqui não está batendo.

De seu escritório, Ristani aguardou alguns minutos até achar que Buda tinha saído do local, e então resolveu dar um telefonema.

57

GREEN POND, NOVA JERSEY
25 DE MARÇO DE 2011, 20H52

Prek ficou feliz por sair do clima tenso da casa, mesmo sendo para cuidar de uma tarefa menor como a limpeza do furgão, coisa que caberia a Neri fazer. Prek estava enlouquecendo de ficar sentado sem fazer nada, à espera do telefonema de Buda, em que ele daria ou não o sinal verde. Os outros dois boçais não conseguiam parar de falar de sexo e sobre quem seria o primeiro, mesmo a mulher estando fora da vista deles.

Num armário da casa, Prek achou um pano de chão e um balde, além de uma boa variedade de material de limpeza, inclusive um aspirador portátil a pilha pendurado na parede. Prek encheu o balde com água, derramou nela uma generosa quantidade de detergente, e saiu carregando o material em direção ao carro. Pela manhã eles levariam o veículo ao lava-jato e cuidariam do exterior; no momento só queria garantir que o interior fosse ficar livre de qualquer vestígio da presença da garota. Prek passou aspirador na cabine e lavou todas as superfícies com limpa-vidros. Quando acabou, foi para a parte traseira. Estava em plena atividade quando o celular tocou.

Até que enfim, pensou.

Neri Krasnigi levantou-se do sofá na sala de estar, foi para a janela e ficou observando Prek entrar na traseira da van carregando seu esfregão. *Lá está o Prek fazendo trabalho de mulher*, ele pensou. Parecia apropriado. Neri não tinha conseguido tirar Pia da cabeça, e também se sentia ofendido pela atitude do outro com relação a ele. Durante a missão inteira, Prek ficara lhe dando ordens, jogando coisas nele na van, entregando-lhe a parte mais difícil, mas sem mostrar o menor respeito. Mesmo quando Prek o elogiou pelo bom trabalho realizado, foi num tom de voz que se usaria com um cachorrinho que estivesse urinando na rua.

Neri tinha superado o terror inicial que sentiu depois de atirar no estudante. Agora ele estava se sentindo ousado, realizado, cheio de moral, sentimentos que se intensificaram quando ele tomou a última lata de Red Bull. Talvez tivesse uma chance de desmoralizar Prek e até se divertir com isso, mesmo sem poder ficar se gabando com os outros.

Neri foi verificar onde estava Genti, que tinha caído no sono em um dos sofás. Com Prek fora de casa e ocupado, e Genti adormecido, Neri achou que poderia se arriscar a uma rapidinha. Afinal, o que o outro poderia fazer? Neri escorregou a mão para dentro da jaqueta e acariciou a pistola. Aquilo o encheu de coragem. Ele era seu próprio chefe.

Com todo cuidado para não fazer nenhum barulho que pudesse acordar Genti, Neri se esgueirou para dentro do quarto de casal, foi até a cama, e deu uma boa olhada em Pia. Ela estava de novo deitada de barriga para cima, claramente respirando, mas parecia tão morta para o mundo como estivera no primeiro momento em que eles a trouxeram para dentro de casa. Andando na ponta dos pés, foi de novo ver o que Prek estava fazendo e, quando chegou à janela da cozinha, constatou que as portas da van estavam abertas e havia alguém lá dentro. Com Prek executando suas tarefas de dona de casa, Neri achou que estaria a salvo por no mínimo uns dez ou quinze minutos. Numa excitação crescente, foi à porta da frente da casa e passou o ferrolho. Depois voltou depressa ao quarto de casal, na ponta dos pés, e fechou a porta, literalmente tremendo de excitação.

— Então, o que isso significa para nós? — perguntou Prek a Buda. Não estava seguro de ter entendido o que o chefe tentava lhe dizer.

— Significa que não vamos fazer nada com a garota até descobrirmos o que está havendo com esse boçal do Drilon.

— Tem certeza de que ele está mentindo?

Prek não conseguia entender por que alguém poderia mentir ao lhe fazerem uma pergunta simples sobre ser parente de alguém ou não.

— Tenho muita certeza. Tudo em relação ao comportamento dele me disse que estava mentindo. Quando fiz uma pergunta direta, ele vacilou e depois respondeu gaguejando que não sabia se era parente ou não. Para mim é óbvio que ele conhece o nome. E é quase o mesmo nome dele. Se alguém for mudar de nome, pois então que mude totalmente.

— E o chefe dele não disse nada? — perguntou Prek, referindo-se a Berti Ristani.

— Nada. Ou ele não notou ou não quis dizer nada comigo sentado ali. Posso apostar que foi isso, porque ele não é burro. Burro mesmo é esse tal de Drilon.

— Por que iria mentir em uma coisa dessas? Ele deve saber quais são as consequências.

— Eu também pensaria assim — respondeu Buda.

Esta era, naturalmente, a questão que o estava atormentando. Se Drilon Graziani estava mentindo, significava que, para ele, o que estivesse tentando ocultar ao chefe era mais importante do que a vida da moça, mesmo sendo sua parenta. Paradoxalmente, aquele fato fez a garota de repente valer mais para Buda, mesmo sem ele saber o motivo. Daí ser tão importante para ele falar com Burim Graziani, se de fato o nome era esse. Buda percebeu que Ristani também notou que Drilon mentia, e essa percepção acarretava uma série de consequências à parte.

O próprio Buda não gostava que mentissem para ele, em especial quando o mentiroso era um subalterno, e Prek não gostaria de estar no lugar de Drilon, em especial se Buda estivesse correto em sua suposição. Isso também colocava Buda numa posição difícil. Provavelmente sua visita agora seria a causa de um problema dentro da organização de Ristani, que ele esperava que não fosse culpá-lo por isso.

— Não quero mais falar disso — declarou Buda, dando a entender que nem mesmo aquela conversa cautelosa ao telefone o deixava à vontade. — Estou a caminho da casa de verão; até tudo ficar esclarecido, cuide para que nossa hóspede seja tratada como hóspede.

— Vou cuidar disso — garantiu Prek, encerrando a chamada. Tinha deixado Genti cuidando da casa e a maior parte do tempo confiava nele, mas achou melhor ir dar uma olhada.

Imediatamente depois de falar com Prek, Buda recebeu outra chamada.

— Aleksander, aqui é o Berti. Desculpe incomodá-lo.

— Não é nenhum incômodo, Berti.

— Eu falei com o Burim, perguntei a ele sobre Pia Grazdani, imaginando se ele já teria ouvido esse nome. E quer saber? Ele disse que já ouviu, sim. Dá pra gente acreditar numa coisa dessas?

— Não — disse Buda, mas dava.

— Então o Burim ligou de novo e disse que um dos seus homens tentou falar com ele por telefone.

Berti não acrescentou mais nada e deixou a afirmativa no ar. Buda achou melhor abrir o jogo.

— Eu pedi a um dos meus homens que ligasse para Burim — admitiu Buda. — Você sabe tão bem quanto eu, Berti, que a reação do Drilon diante da minha pergunta foi muito esquisita. Tive a impressão de que ele estava mentindo. Suponho que ele mentir para você seja problema seu, mas ele também mentiu para mim. Se eu pudesse perguntar ao irmão, talvez não fosse obrigado a incomodar você diretamente. Mas preciso descobrir, para não começar um banho de sangue se eu der um fim à moça que está comigo.

— Fico grato por isso, Aleksander. Naturalmente nenhum de nós quer começar outra disputa interna: irmão albanês contra irmão albanês. É claro que reparei que o Drilon estava mentindo, e depois que você saiu, eu o chamei de volta e tornei a perguntar. Disse a ele que deixasse de sacanagem e ele admitiu que talvez conhecesse uma Pia Grazdani. Tentou dizer que tinha esquecido porque em mais de vinte anos não viu a garota nem ouviu o nome dela.

Buda ficou aliviado por Berti estar vendo as coisas da mesma forma que ele.

— Então, o que fazemos, Berti?

— Aguenta aí, eu posso botar no viva voz para você falar com o Burim.

— Primeiro preciso dar outro telefonema — disse Buda.

— Certo, faça o que tem de fazer e depois me telefone de novo.

Buda estava seguindo com cautela um percurso complicado, mas ligou para Prek. Quando ele atendeu, Buda não lhe deu a menor chance de responder. Explicou a Prek que precisava falar com um homem chamado Burim Graziani antes de poder dizer sim ou não em relação a Pia Grazdani. Informou ao subalterno que estava a ponto de falar com Burim e que daria um retorno por telefone diretamente com a resposta final.

— Mantenha o curso com nossa hóspede por mais meia hora — disse Buda. — Estou somente a meia hora de distância. Estou em Wayne, na rodovia 23. Falo de novo com você daqui a pouco.

Prek desligou o celular depois do segundo telefonema de Buda, em que este lhe dizia para manter o curso, e saltou da van. Por um momento ficou parado tentando ouvir alguma coisa. Esperava ouvir conversas abafadas de seus dois subordinados libidinosos, mas não ouviu nada, o que era inquietante. Meia hora antes eles não conseguiam parar de falar. Com uma urgência crescente Prek se dirigiu à porta da frente da casa, ouvindo mentalmente a voz de Buda lhe dizendo que a mulher devia ser tratada como hóspede.

Com sua intuição fazendo disparar um alarme, Prek se recriminou: não devia ter deixado os dois sozinhos, por mais que quisesse sair da casa. Ao tentar abrir a porta da frente, descobriu que estava trancada.

— Mas que porr... — começou a dizer. Contornou correndo o imóvel, e foi diretamente para a janela do quarto de casal. Neri não tinha nem se preocupado em fechar as cortinas. Prek esmurrou a janela duas vezes, depois correu de volta ao furgão, pegou o revólver no porta-luvas, e correu de volta até a janela, cuja vidraça foi estilhaçada por suas coronhadas. Estava furioso. Esticando desajeitado o braço para dentro, disparou um só tiro.

58

SAÍDA DA RODOVIA 23
WAYNE, NOVA JERSEY
25 DE MARÇO DE 2011, 21H19

— Eu soube que o senhor estava tentando falar comigo — disse Burim Graziani.

— Berti, você ainda está na linha? — perguntou Buda.

— Eu vou sair. Vocês dois conversem aí.

Ouviu-se um estalido quando Berti desligou.

— Sim, preciso falar com você — disse Buda a Burim. — Nós não nos conhecemos, correto?

— É, acho que não. Mas naturalmente sei quem é o senhor.

No ramo deles, todo mundo conhecia Aleksander Buda. Essa ia ser uma conversa complicada, Buda previa. Precisava garantir que também não fosse muito comprometedora. Celulares podem ser rastreados, até mesmo os modelos novos como o que ele usava.

— Por essa razão precisamos ser prudentes.

— Entendi.

Nenhum dos dois estava querendo começar. Burim ficou surpreso quando recebeu o telefonema de Ristani. Estava em seu carro, voltando do sul de Nova Jersey para Weehawken, onde havia terminado mais cedo seus negócios. A

pergunta de Ristani o tinha deixado tão abalado que ele quase entrou na traseira de um caminhão à sua frente.

— Pia Grazdani? — repetiu ele em voz alta, e pensou na esposa, não na filha. Pensou em sua personalidade fogosa, nas brigas, na mulher que ficava na rua a noite inteira se divertindo em festas, deixando-o sozinho com a bebê. A fúria repentina que sentiu o impediu de ouvir com a devida atenção o que o chefe estava perguntando.

— Ela tem uns 25 anos — dissera Berti. — Pelo visto, é muito bonita. Porra, Burim, você está me ouvindo?

A conexão não estava boa, o sinal ficava indo e voltando. Foi a essa altura que Burim entendeu que o chefe não estava falando de sua falecida esposa, mas sim de sua filha, Afrodita Pia Grazdani.

Buda pigarreou.

— Berti me disse que você reconheceu o nome Pia Grazdani. Há algum parentesco entre vocês?

— Eu me lembro dela por outro nome — respondeu Burim. — Afrodita, que foi como eu a registrei. O segundo nome era Pia, igual ao da mãe. Ela era minha filha.

Afrodita. A criança era um pé no saco, quase tão irritante quanto a mãe, de quem tinha herdado a personalidade. Drilon era o único que sabia lidar com ela. Uma coisinha desprezível, muito exigente e numa época em que Burim estava ocupado demais tentando se firmar dentro da organização Rudaj. Não tinha tempo para uma criança. Depois que ela foi levada pelo serviço social, o pai prometeu a si mesmo ir buscá-la quando estivesse legalizado no país; mas quando recebeu sua licença de trabalho e de residência, decidiu que estava mais feliz como um homem livre do peso da responsabilidade. Então foi obrigado a desaparecer como Burim Graziani e nunca chegou a estabelecer sua nova identidade além de tirar uma carteira de motorista para o caso de ser parado numa blitz. Imaginava que agora teria de explicar tudo isso a Berti Ristani, coisa que para ele era um problema mais sério que o destino da filha.

— Então você acha que essa moça pode ser sua filha? — perguntou Buda, sem querer acreditar que aquilo estivesse acontecendo.

— É possível, com certeza. O sobrenome não é muito comum, e a idade confere, entre 25 e 30 anos.

Apesar do esforço, Burim não conseguia se lembrar do aniversário de Afrodita — nem o dia nem o ano.

— Que história é essa da mudança de sobrenome?

Burim relatou qual tinha sido o problema. Buda entendeu a questão, pois, como toda a máfia albanesa, ele conhecia os detalhes do desastre da organização Rudaj. Quando o FBI chegou arrebentando tudo, muita gente foi obrigada a viver na clandestinidade.

— Então você perdeu contato com sua filha há muito tempo?

— Sim, sabe como são as coisas neste ramo.

A condição de menino de recados de uma quadrilha de bairro fortemente envolvida no tráfico de drogas não fazia dele um candidato a pai ideal. Buda e Burim entendiam a questão. Burim não viu necessidade de completar os detalhes. O fato de a polícia ter levado a criança para adoção, de ele não ter se dado ao trabalho de manter contato, tudo isso foi entendido. Burim calou-se de novo.

— Você acha que ela se lembraria de você?

— Quando ela foi embora, acho que tinha seis anos; imagino que uma criança consiga lembrar coisas dessa época.

Burim não pôde deixar de estranhar que um homem como Buda estivesse se ocupando dessa mulher que possivelmente era sua filha.

— Como foi que essa Pia Grazdani apareceu? Como se envolveu com o senhor?

— Ela está envolvida em um trabalho que me pediram para fazer — respondeu Buda vagamente. — Estuda medicina na Universidade Columbia, e estava trabalhando com um pesquisador que sofreu um acidente e morreu.

Burim tornou a ficar surpreso. Será que sua filha podia ser estudante de medicina? E numa universidade tão famosa? Parecia inacreditável. Se lhe tivessem perguntado, ele teria pensado que a garota acabaria percorrendo um caminho parecido com o da mãe, se juntando com um cara como ele ou talvez se prostituindo na rua. Mas, estudante de medicina? Ficou surpreso em sentir alguma coisa parecida com orgulho.

— E ela é bonita, como disse o Prek?

— Eu não a vi, mas me disseram que é muito bonita. E... bem, é marrenta.

— Quer dizer, como se gostasse de briga?

— Pode-se dizer que sim.

— Isso parece legítimo — disse Burim desanimado. — A mãe dela era uma tigresa. Esse caso envolve o quê?

— Onde você está? Por causa desses fatos nós precisamos conversar pessoalmente.

Por coincidência, Burim estava a uns vinte quilômetros de distância de onde Buda havia estacionado, perto da saída do Lincoln Tunnel na via expressa de Nova Jersey.

— O senhor conhece o Swiss House Inn? — perguntou Burim, e Buda conhecia.

O restaurante ficava ao lado da rodovia 80, o que era conveniente para ambos, e também não ficava muito longe de Green Pond.

— Eu quero que meu irmão me acompanhe — disse Burim.

— Tudo bem — concordou Buda, curioso.

Os irmãos se pareciam tanto quanto a noite e o dia. Buda não conseguia imaginar por que Burim ia querer a presença do irmão, mas tampouco lhe importava. Afinal, aquilo era um assunto de família.

— Eu também vou levar um sócio comigo — avisou Buda, pensando em Fatos Toptani. Se conseguisse que seu braço direito chegasse a tempo, ele pensou. — Dentro de uns trinta minutos — disse Buda e desligou.

Não gostou da duração do telefonema, mas de certa forma tinha sido obrigado a isso. Que probabilidade havia de Burim, um dos homens de Berti, ser pai dessa moça? Daquela perspectiva, ficou aliviado por ter decidido verificar melhor a questão. Matar a filha de um homem bem relacionado, mesmo uma filha perdida num passado remoto, ou que despertasse no pai sentimentos ambíguos, teria sido um caso sério, principalmente para um homem que pertencia ao bando de Ristani. Aqueles ali, mais que qualquer outro grupo conhecido de Buda, eram viciados em violência. Para eles, era como um esporte.

Buda telefonou em seguida para Berti e fez um resumo da conversa.

— Por mais estranho que pareça, essa Pia Grazdani pode ser a filha que Burim perdeu há muito tempo.

Berti ficou tão surpreso quanto os demais.

— Nós vamos conversar pessoalmente — acrescentou Buda.

— Ótimo — replicou Berti. — Gostei muito do cuidado que está tomando com esse caso. Eu não gostaria de ver nenhuma questão se colocar entre nossas organizações.

— Eu também não — respondeu Buda, e foi sincero.

Antes de se dirigir ao encontro com Burim no restaurante, Buda deu mais um telefonema. Ligou para Prek. Agora era mais importante que nunca que a moça fosse tratada com luvas de pelica. O destino dela estaria forçosamente nas mãos de Burim.

59

GREEN POND, NOVA JERSEY
25 DE MARÇO DE 2011, 21H24

O telefone de Prek tornou a tocar. Era Buda de novo, como ele bem havia imaginado. Recebeu as notícias sem falar muito até o chefe terminar. Então voltou a lhe garantir que tudo estava bem no bangalô, e antes de desligar pediu a Buda que levasse comida para eles, caso fosse possível. Buda concordou, dizendo que iria ao restaurante Swiss House.

— O que foi? — perguntou Genti depois de Prek ter desligado.

— O Buda está indo com o Fatos para um restaurante perto daqui, e vão se encontrar com dois homens do Berti Ristani que são irmãos. Tudo indica que a moça é parente deles, filha de um e sobrinha do outro. Se isso for verdade, meu palpite é que eles vão conversar um pouco e combinar um modo de garantir o silêncio dela, exatamente como nós vamos garantir a segurança dela. Então eles vão chegar aqui e descobrir que nossa promessa não valeu de nada. Então vão dar um tiro na cabeça do Neri e mandar bala nas suas pernas. Se você tiver sorte.

Prek apontou primeiro para Neri e depois para Genti. Neri estava todo encolhido no canto do sofá. Tinha as mãos enfiadas entre os joelhos e o corpo jogado para a frente, embora a cabeça estivesse levantada e ele olhasse para Prek. Seu olho, no ponto em que Prek tinha lhe dado uma coronhada, estava bem vermelho. A cor se transformaria numa grande mancha negra, se ele

permanecesse vivo. Genti estava sentado na outra ponta do sofá. Queria estar sentado com Prek, que havia se empoleirado no encosto do sofá em frente, pousando os pés nas almofadas do assento, mas entendeu o simbolismo. Ele estava em apuros, tanto quanto Neri.

— Seu babaca imbecil! — disse Prek a Genti.

— Espere aí, também confiei nele.

— Eu confiei *em você*! E você ficou enchendo a bola dele com aquele papo todo sobre sexo.

— Você não disse: "agora eu vou lá para a van, Genti, e você faça o Neri ficar com as calças no lugar". O que você falou foi: "o chefe disse que ainda não sabe; não mexam com a garota", e disse isso para mim e para ele. Imagino que ele tenha ouvido tão bem quanto eu ouvi.

— Mas aí você foi tirar um cochilo.

— Você estava lá fora, Prek. Se estava tão preocupado com ela, por que não ficou aqui? A culpa é sua, tanto quanto minha.

— A culpa é minha?

— Tudo bem, Prek, não é culpa sua, mas eu não toquei nela. E este filho da puta aí?

Genti agitou as mãos em direção a Neri.

— Eu não cheguei a fazer nada — defendeu-se Neri bem baixinho.

— O que foi que você disse?

— Ele disse que não chegou a fazer nada — esclareceu Genti. — Disse que você interrompeu antes que ele conseguisse fazer alguma coisa. Ele já tinha dito isso.

— Para mim não deu essa impressão.

— Eu tendo a acreditar nele. Se alguém quase me arrancasse a cabeça a tiro, como você fez, e depois me batesse no rosto com um revólver, eu acreditaria nele, sim. Escuta aqui, Prek, de todo jeito a garota não vai se lembrar de nada.

— A questão não é essa. — Agora Prek estava quase aos berros. — Ele está dizendo que não fez nada e eu estou dizendo que não foi isso o que eu vi.

— Qual parte, Prek?

— Como assim, qual parte?

— O que foi que você viu?

O que Prek tinha visto pela janela foi Neri com as calças arriadas, deitado em cima de Pia. Não havia outra explicação, ele a estava estuprando. Quando Prek quebrou a vidraça e disparou o tiro, foi com a intenção de assustar Neri, mas a bala passou perto demais, alguns centímetros acima da cabeça do rapaz, arrebentando o guarda-roupa barato e se alojando na parede de alvenaria atrás do móvel. Mas surtiu o efeito desejado. O tiro acordou Genti, que foi abrir a porta da casa para o encolerizado Prek. Este imediatamente partiu para cima de Neri e o golpeou no rosto, parado como ele estava com as calças arriadas nos tornozelos.

Neri se sentiu profundamente humilhado e bastante assustado. Tinha falado a verdade, não estuprou a garota, mas não foi por falta de tentativa. Descobriu que diante de uma beldade adormecida tinha o mesmo problema que com qualquer prostituta. Não conseguia ter uma ereção. Querendo provar algo a si mesmo, tinha fracassado. E naquele momento o fracasso não era o pior. A preocupação dele era de que a moça não estivesse tão inconsciente quanto aparentava, já que embaixo dele ela se agitara muito.

Pia foi aos poucos se sentindo mais desperta. Mesmo com a cabeça latejando, ela recordava algumas coisas. Lembrava-se de ter estado na estação de metrô perto do hospital, e de que George iria buscá-la. E que Will estava lá. Alguma coisa tinha acontecido com ele. Lembrava-se de que a rua estava molhada, pois chovia. Ela havia machucado de leve o joelho quando caiu. Por que tinha caído?

O quarto em que se encontrava era uma mistura de formas confusas que ela custou a compreender. Sentia que esteve deitada numa cama. Ouvia vozes que vinham de um cômodo vizinho. De quem eram as vozes? Ela balançou a cabeça. Isso mesmo, ela esteve num carro. Não, num furgão. E alguém tinha enfiado uma agulha na coxa dela. Aquilo doeu. Pia se pôs a escutar. As vozes pertenciam aos homens que a haviam espetado com uma agulha. Eram as vozes dos homens que a atacaram em seu quarto no alojamento. Eram os homens que tinham feito alguma coisa com Will. *E ainda há pouco um deles estava fazendo alguma coisa comigo. Tenho de sair daqui,* ela pensou.

Pia não conseguiu mexer os braços e as pernas. Ficou surpresa ao descobrir que não estava amarrada. Olhou ao redor e num lado viu uma porta fechada e no outro uma janela quebrada. Também tinha havido um barulho muito alto. *E um homem deitado em cima dela.* Alguma coisa disparou em seu cérebro. Ela precisava sair daquele quarto, nem que fosse apenas para o outro lado daquela porta ou pela janela afora. Qualquer alternativa seria melhor que ficar ali. As vozes dos homens elevaram-se de novo e vinham de trás daquela porta. Então seria a janela.

Pia jogou as pernas pela beirada da cama e tentou ficar em pé, mas caiu de quatro. Evitando os cacos de vidro, foi engatinhando até a janela e se pôs de pé com esforço. A janela de estilo antigo tinha um trinco no qual ela se apoiou. Quando girou o trinco, a moldura se abriu de repente, deixando-a com metade do corpo para fora. Foi preciso certo esforço para se esticar e tocar com as mãos o solo abaixo da janela e se mover para a frente, usando as mãos até conseguir passar uma perna por cima do peitoril, e depois a outra. Ela desabou no chão. Achou que o barulho poderia ter sido alto o suficiente para ser ouvido por quem estivesse no outro cômodo. Mas Pia ainda ouvia as vozes, mais abafadas, porém presentes, elevadas em acalorada discussão.

— E então, o que você vai dizer ao Buda? — Genti perguntou. Agora ele estava apavorado.

— O que você acha que eu deveria dizer?

— Diga a ele que nada aconteceu. Olhe firme no olho dele e diga que nada aconteceu.

— Não quero mentir para o Buda. Por que deveria mentir? São vocês que estão encrencados.

Neri olhou para a porta do quarto onde Pia estava dormindo. *É melhor ela não se lembrar de nada,* ele pensou*, senão estou morto.*

Agora agachada no chão, Pia resistiu ao impulso de fechar os olhos, se deitar e voltar a dormir, embora cada osso de seu corpo estivesse ordenando isso. Não foi a primeira vez em sua vida que se deixou impulsionar por uma corrente de adrenalina. Ela olhou para o furgão, mas presumiu que o veículo devia estar na

linha de visão do lugar de onde vinham as vozes. E ela não estava em condições de dirigir. Ia bater na primeira árvore com que se deparasse.

Não fazia ideia de onde estava, portanto tentou avaliar a situação. Sentia frio, isso ela sabia. Estivera numa casa e não conseguia ver nenhuma outra nas imediações, nem mesmo luzes. Aquilo era água? Sim. Um rio? Um lago? Seria o mar? Não tinha ideia. Viu o clarão de uma lua crescente, semioculta nas nuvens, mas não conseguia saber se ela estava nascendo ou se pondo. Mantendo-se abaixada, ela começou a se mover para a direita, afastando-se da van. Enxergando melhor, ela viu na margem oposta uma casa isolada com a luz acesa. Havia outras, mas as que ela conseguiu avistar no outro lado e na vizinhança não passavam de escuras formas geométricas.

Saindo da casa e fazendo uma curva, havia um acesso de garagem pavimentado com cascalho, pelo qual Pia foi andando vacilante, tentando não pisar nas pedras. Agora ela começava a sentir as pernas mais firmes. Quando chegou à rua, não sabia para que lado seguir, se o esquerdo ou o direito. Reparou que estava em algum lugar da zona rural, com mata por toda parte. Tomando uma decisão ao acaso, virou à direita. Na pista, tentou acelerar o passo e correr, mas cambaleava como se estivesse embriagada. Supôs que tinham administrado algum tipo de droga a ela. Novamente se lembrou da dor lancinante na coxa.

A estrada era plana e reta e ela passou por acessos de garagem à direita, mas nenhum à esquerda. As árvores tornavam o caminho escuro; não havia luzes em nenhuma das casas pelas quais ela passou. Pia apurava os ouvidos à espera do barulho do furgão sendo ligado lá na casa. De repente, a estrada se interrompeu e se dividiu numa constelação de acessos de garagem que mergulhavam na escuridão. O clarão da lua irrompia por entre as nuvens e por uma brecha do arvoredo, permitindo-lhe ver água à esquerda. Água à direita, água à esquerda. Pia teve a inquietante sensação de estar se aproximando dos limites de uma península.

Pia girou nos calcanhares e voltou pelo mesmo caminho, mas naquele instante, para seu horror, o silêncio da mata foi quebrado pelo barulho rouco de um motor sendo ligado. O ronco vinha do exterior da casa de onde ela acabara de escapar. A luz dos faróis ricocheteava enquanto o furgão avançava acelerado pela saída de garagem. Se o carro dobrasse à direita, ela seria alvo

fácil. Pia se virou e entrou correndo num acesso de garagem à sua esquerda, tentando fazer o mínimo de barulho possível no pavimento de cascalho. Quando alcançou a casa, fez a volta sobre as lajotas de pedra encravadas no gramado que circundava o imóvel, chegando rapidamente às areias de uma pequena praia. Agora conseguia ver que estava na margem de uma enseada circular, de duzentos a trezentos metros, cuja faixa de terra à esquerda, relativamente estreita, levava a um grande lago. A margem oposta distava apenas uns duzentos metros e abrigava a casa cuja luz estava acesa.

Pia avaliou suas opções. Sabia que se desse um berro, seria ouvida mais provavelmente pelos ocupantes da van que por qualquer outra pessoa. Ela podia se esconder, mas por fim seria obrigada a deixar o esconderijo, e, com a alvorada, ficaria plenamente visível para os homens que a haviam sequestrado. Notando um amontoado de pedras que afloravam da superfície da água, no meio do estreito trecho entre o ponto onde ela estava e a margem oposta, Pia ficou se perguntando se a enseada seria rasa até o outro lado. E mesmo sabendo que a água sem dúvida estaria gelada, ela pensou que a travessia representava sua melhor aposta.

Tirando os sapatos e a camisa, que carregou junto ao peito como uma trouxa, Pia entrou na água. Como imaginava, estava fria a ponto de congelar, e Pia respirou fundo. Olhou para trás, mas não viu sinal dos faróis do carro. No fundo da água havia areia, e depois lama escorregadia e pedras esparsas. Quando a água lhe chegava pela cintura, só havia pedras no fundo e ela escorregou, molhando-se ainda mais. Recuperando o equilíbrio, ela seguiu adiante. De súbito a luz dos faróis brilhou na água à sua frente, seis metros à direita. Pia diminuiu o ritmo quando chegou ao amontoado de pedras. Com as pernas e os pés totalmente entorpecidos, tinha a sensação de andar sobre pernas de pau. Ao contornar as pedras, faltavam apenas uns quinze metros a percorrer.

Sem aviso, o fundo desceu abruptamente e os pés dela escorregaram por um declive coberto de lodo. No momento seguinte ela estava tentando manter a cabeça fora d'água usando uma das mãos, enquanto com a outra segurava os sapatos e a roupa acima da cabeça. Pia tentou nadar, prendendo a respiração na água gelada. Quase imediatamente sentiu os músculos começando a perder parte das funções. Tentava respirar com dificuldade: agora sentia torpor no corpo inteiro, com exceção do rosto. Desistindo de carregar as roupas acima da

cabeça, deixou cair os sapatos e tentou nadar algumas braçadas. Conseguiu avançar um pouco mais depressa embora tivesse a impressão de que mal se movia.

Depois de algum tempo, seu pé direito tocou num fundo arenoso. Ela se ajeitou, com água até o pescoço, e prosseguiu em direção à praia. Tremia tanto que quase não conseguia segurar as roupas molhadas. Alguns metros adiante a água voltou à altura da cintura. A casa iluminada ficava cerca de trinta metros à esquerda. Tentou gritar, porém o som mais forte que conseguiu produzir foi um sussurro. Andava aos trancos — as pernas não lhe obedeciam. Finalmente saiu da água numa espécie de ponta de terra em que a praia descia de repente para os dois lados, tanto o do lago quanto o da enseada. Mas o caminho até a casa, ao longo do lago, estava bloqueado por grandes rochedos, vegetação rasteira e várias árvores. Para alcançá-la, teria de passar pela estrada.

Pia achou uma trilha que percorria o solo acidentado, e notou que uma longa e escura entrada de garagem seguia da estrada até a casa. Ela se dirigiu para lá na intenção de chegar à estrada. Pisando em pedras cortantes com os pés ainda entorpecidos, ela carregava suas roupas encharcadas. O que pensariam essas pessoas? Pia chegou à estrada e virou à esquerda. Era difícil caminhar, mas a casa parecia cada vez mais próxima.

Então ouviu atrás de si um veículo que se aproximava. Não conseguia determinar a que distância. Com o sentimento de pânico aumentando, ela olhou para trás na escuridão e viu o brilho dos faróis que se aproximavam. Não teria tempo de se esconder e sabia que não tinha condições de correr. Tentou gritar, mas o grito débil morreu, e ao mesmo tempo ela foi banhada pela luz intensa. Uma parte do cérebro lhe dizia que talvez se tratasse de outra pessoa. Protegendo com a mão desocupada os olhos semicerrados, já adaptados à escuridão, Pia olhou para trás. O veículo freou, parando a alguns centímetros de seu corpo trêmulo e seminu.

Por favor, por favor.

Sentiu um aperto no coração. O carro era uma van, uma van azul.

60

SWISS HOUSE INN
NOVA JERSEY
25 DE MARÇO DE 2011, 22H09

No estacionamento do Swiss House Inn, Aleksander Buda esperava Fatos. Naquela organização sempre se dizia de brincadeira que Fatos era o homem mais magro que eles conheciam, embora só uma vez alguém lhe tivesse dito isso na cara. Fatos era esguio e musculoso como um galgo, e a agilidade de suas mãos o tornava muito eficaz no manejo de uma faca. Raramente era visto sem seu boné de beisebol, que usava com a viseira virada para trás, como um fã de hip-hop. Fatos era sempre convocado quando Buda queria um apoio como o daquela noite.

Confiável como sempre, Fatos estacionou seu Cadillac preto na vaga ao lado do carro de Buda, cinco minutos depois que este chegou. Os dois carros ficaram isolados nos fundos do estacionamento. Nenhum dos dois ocupantes saltou. Buda cumprimentou Fatos discretamente com um meneio de cabeça. Eles não precisavam falar muito.

Os olhos de Buda percorreram o estacionamento, com metade das vagas ocupadas. Um sujeito com ar desafiador, que ele imaginou ser Burim, estava sentado dentro de um Chevy Camaro novo, a uns vinte metros de distância à direita de Buda. O homem sentado ao volante fingia que não o estava vendo.

Naquele momento, mais um carro entrou no estacionamento, um Escalade, e Buda reconheceu Drilon ao volante. Drilon piscou os faróis para o Camaro.

— A gangue inteira já está aqui — disse Buda baixinho.

Drilon estacionou, e todos foram saltando de seus carros: primeiro Burim, depois Buda, seguido dos outros. Os homens se encontraram no meio do estacionamento e se cumprimentaram.

— Vamos comer alguma coisa — propôs Buda. — Estou morrendo de fome.

O bar e restaurante estava situado numa casa de madeira de dois andares, de aparência trivial, pintada de verde-escuro com detalhes em branco. Exceto pelo painel luminoso na frente do imóvel, junto à estrada, que anunciava SWISS HOUSE INN, a estrutura não lembrava muito um restaurante. Parecia mais uma casa qualquer à beira da estrada, só que em melhor estado de conservação. O estacionamento estava com uma ocupação razoável, portanto aquele era um lugar obviamente popular numa noite de sexta-feira. Burim foi o primeiro a entrar e a mulher que estava junto à porta o cumprimentou, perguntando sobre a saúde dele e informando que sua mesa estava pronta. Buda supôs que o outro tinha telefonado com antecedência e que era frequentador habitual. Outras pessoas que aguardavam uma mesa deram uma olhada no grupo e foram unânimes na decisão de não criar problemas com os homens que furaram a fila. Eles usavam jaquetas de couro de tamanho exagerado, o traje consagrado na máfia albanesa.

Nos fundos do restaurante apinhado havia uma área isolada, a meio caminho entre a cozinha e o salão principal. A única circulação era do pessoal de serviço que vinha da cozinha, e diversos deles fizeram questão de ir cumprimentar Burim.

— Então você é conhecido aqui — constatou Buda. Sentiu uma leve contrariedade. Se soubesse que Burim era freguês da casa, não teria concordado com aquele local para realizar a reunião.

— Eu dou boas gorjetas — respondeu Burim, piscando um olho para Drilon do outro lado da mesa.

Buda estudou os dois homens. Drilon transpirava e parecia pouco à vontade. Burim estava relaxado e emanava uma serena confiança. Burim herdou a beleza e também a inteligência, pensou Buda.

— O que posso fazer por vocês, rapazes?

Era a recepcionista, acumulando funções. Eles pediram quatro cervejas e, para todos, o prato especial: escalopes à milanesa.

— Vou expor a questão, cavalheiros — disse Buda, indo direto ao assunto, dispensando a conversa fiada. — Estou fazendo um serviço para alguém e na metade do serviço surgiu um problema. O problema é essa garota que está metendo o nariz onde não deve, investigando uma situação e tornando as coisas muito difíceis para mim. Nós tentamos dissuadi-la, mas não adiantou. A medida sensata é eliminar o problema; portanto, meu cliente, que está disposto a pagar cem mil dólares pelo serviço extra, me autorizou a dar um jeito na cadela intrometida.

Buda fez uma pausa para tomar um gole de água e olhou para Fatos. Este sabia que o contrato era de duzentos e cinquenta mil, mas os caras não tinham por que ficar sabendo.

— Se, como talvez seja o caso, essa garota for sua filha, então você tem que assumir a responsabilidade por ela, e nós dois, você e eu, vamos rachar a quantia. Mas isso quer dizer que é sua tarefa garantir que ela desista para sempre de investigar o caso, de ficar bisbilhotando, de ficar falando com outros, de pensar sobre ele, até mesmo de sonhar com ele. E se ela não for sua filha, então vamos cumprir o contrato e você precisa me prometer não mencionar coisa alguma sobre o que fizemos. Neste caso, você vai receber um quarto do dinheiro pelo transtorno.

— Onde ela está agora? — perguntou Burim. A essa altura alimentava a expectativa de encontrá-la.

— Não muito longe daqui. Está em perfeita segurança.

— E em que ela está metendo o nariz, conforme o senhor descreveu?

— Eu prefiro não dizer. Ah, aí vem nossa comida.

Os pratos fumegantes de escalope e macarrão foram servidos. Lembrando o pedido de Prek, Buda encomendou mais quatro, para viagem.

— O principal é que ela pare de fazer o que está fazendo — reforçou Buda, equilibrando uma garfada de vitela. — Ela está tornando as coisas muito perigosas para mim. Seria bom que se afastasse numas férias prolongadas.

— Tenho certeza de que podemos providenciar isso — disse Burim. Não tinha como acreditar na própria capacidade de conseguir realizar este feito, mas

lhe agradava pensar no ganho financeiro que teria. — Não é mesmo, Drilon?

— Com certeza.

Drilon estava enfrentando sua própria legião de demônios, mas não tinha muita escolha senão concordar. Circundou a beirada do prato com o macarrão espetado no garfo.

— Ficaremos felizes em ajudá-lo, Sr. Buda, mas estamos falando de mais algumas despesas aqui.

— Não se preocupem, o jantar é por nossa conta — respondeu Buda.

— Não, na verdade aqui não aceitarão seu dinheiro. Haverá outras despesas para a moça.

Burim já tinha se convencido de que ela só poderia ser a filha desaparecida. As coincidências eram extraordinárias demais. E se a personalidade da garota equivalesse à da falecida mãe, ele precisaria de algum dinheiro a mais para poder controlá-la.

— Naturalmente — disse Buda, que já estava contando com aquilo. — Acho que dez mil é uma boa quantia para a garota.

— É para os transtornos que ela vai ter — esclareceu Burim.

Buda fez um sinal para Fatos, e este, recostando-se, contou sob o tampo da mesa algumas cédulas e ofereceu a Burim um gordo maço de notas dobrado ao meio.

— De uma forma ou de outra — disse Buda —, sendo filha ou não. Se ela não for sua filha, você pode guardar o dinheiro para suas despesas.

— O senhor foi muito gentil — assinalou Burim.

— E você foi muito prestativo.

Buda e Burim trocaram um aperto de mão por cima da mesa, e os quatro homens fizeram o mesmo, tornando o acordo tão compulsório quanto qualquer contrato, segundo a tradição e a lógica albanesas. Os homens terminaram depressa a refeição e foram embora, levando as embalagens de comida. Tendo deixado três notas de vinte em cima da mesa, Burim recebeu a incumbência de seguir Buda, que deveria indicar o caminho, numa espécie de carreata.

Ao deixar o restaurante Burim deu umas batidinhas no próprio bolso, onde havia guardado o pacote de dinheiro vivo, e sorriu, pensando que aquela seria uma noite interessante e lucrativa.

61

GREEN POND, NOVA JERSEY
25 DE MARÇO DE 2011, 23H15

Aos ocupantes da casa de veraneio não restava alternativa senão esperar. Prek sentou-se ao lado de Neri num sofá, com Pia e Genti sentados em frente. Ele pensou em amarrá-la, como deveria ter feito antes, mas não quis causar uma impressão pior que a necessária. Além disso, a garota não iria a lugar nenhum. Prek tinha achado num armário uma camiseta velha, que entregou a ela para usar com um suéter de moletom dele, dos New York Jets, que ficava guardado na casa. O agasalho chegava à metade das coxas de Pia. Ela também estava usando um par de meiões de futebol puxados até os joelhos. Mesmo com uma toalha enrolada nos ombros a moça ainda tiritava de frio.

Pia ficou sentada, olhando com raiva para Neri. Tinha certeza de que ele era o sujeito que a havia tocado. Deu também olhares desconfiados para os outros dois, o que parecia estar no comando e tinha uma cicatriz enorme no lábio superior, e o sujeito do nariz intimidador. Ela não tinha certeza absoluta, mas achava que eles eram os homens que a haviam atacado na noite anterior. Ela reconheceu as vozes.

Prek aninhava um revólver na mão. Estava se perguntando se seria obrigado a usá-lo naquela noite, e, em caso positivo, quem seria o alvo. O uso da arma era justificável contra qualquer um dos dois: para Neri, pela desobediência a uma ordem; e para Genti, por não ter impedido a desobediência. A única

pessoa com quem ele não estava furioso era Pia. Ele a admirava por ter tentado fugir e por ter ido tão longe. Se fosse obrigado a atirar nela, o ato não envolveria sentimentos: seria puro negócio.

Pelo menos, em breve, o fiasco teria uma conclusão, pensou Prek, quando ouviu carros estacionarem, um de cada vez, no acesso à garagem. No momento seguinte ouviu, em rápida sucessão, as portas se abrirem e se fecharam com um estrondo.

— Fique esperando lá no quarto — ordenou ele a Pia.

Logo que entraram na casa, Buda, Fatos, Burim e Drilon sentiram que algo estava errado. Havia uma tensão perceptível entre os três homens na sala. Neri, sentado no sofá, olhava fixamente para o chão e não se levantou. Genti evitou fazer contato visual e Prek parecia fora de si. Buda precisava descobrir sem demora o que tinha acontecido.

— Senhores — disse ele, dirigindo-se a Burim e Drilon —, eu deixei a comida que trouxemos na parte de trás do meu carro. Importam-se de ir lá buscar? Eu gostaria de falar rapidamente com meus homens.

Burim e Drilon saíram da sala e fecharam a porta. Buda partiu para cima de Prek.

— Que porra está acontecendo aqui? Levanta Neri. Genti, olhe para mim quando eu estiver falando! Onde está a garota?

— Está no quarto — disse Prek. — Ela fugiu pela janela, pulou dentro do lago e saiu nadando.

— Como é? Você está falando sério?

— Estou, mas nós a encontramos logo.

— Alguém a viu?

— Não, tenho certeza de que não. Só nós estamos aqui.

— Você está certo disso?

— Estou.

Os três homens de Buda estavam de pé como colegiais culpados na frente do diretor da escola.

— O que aconteceu com você? — perguntou Buda a Neri, cujo olho se fechava rapidamente. Neri não disse nada, mas olhou de soslaio para Prek.

— Foi ela quem fez isso?

— Não, fui eu — respondeu Prek.

— E por quê? — perguntou Buda inclinado para a frente com as mãos nos quadris.

Fatos estava de pé ao lado da porta com os braços cruzados. A mensagem era clara: ninguém entrava nem saía.

— Prek, é melhor você me contar agora mesmo o que houve — disse Buda —, ou vamos ter um problema dos grandes.

— Ele atacou a moça — disse Prek.

Neri ficou mortificado; tinha a esperança de que Prek fosse inventar uma história para livrar sua barra.

— Isso foi antes ou depois da fuga?

— Foi antes.

— E por onde você andava? — perguntou Buda a Genti.

Silêncio.

— Tudo bem, eu cuido disso depois. Tudo depende de a garota ser a filha, ou não. Por sua causa, vamos torcer para ela não ser. Fatos, pode deixar os dois entrarem.

— Burim, Drilon — disse Buda com o tom mais amistoso que conseguiu imprimir à voz —, o que aconteceu aqui é que a garota tentou fugir, mas não conseguiu. Meus homens estão muito envergonhados, como deveriam estar.

Burim olhou para Neri, mas nenhuma explicação sobre o machucado no rosto dele foi dada.

— Minha mulher era sem dúvida uma onça. E talvez essa moça também seja — disse Burim. — Sr. Buda, estou pronto para encontrá-la.

Buda deixou Burim entrar no quarto e saiu. Pia estava sentada na cama, olhando pela janela e tremendo de frio.

— Afrodita. Pia — disse Burim. — É mesmo você? Eu sou Burim. Burim Grazdani. Acho que sou seu pai. Pia, olhe para mim, por favor.

Pia ficou imóvel por um segundo e depois se virou, olhando de cara feia para o homem, com o rosto carregado de fúria e asco. A expressão de Burim passou da descrença ao puro assombro.

— Nossa, você é exatamente a imagem de sua mãe — exclamou. Burim conhecia a expressão no rosto dela, da primeira Pia, uma mulher linda e cheia de ódio. Burim sentiu emoções que nunca havia experimentado e ficou sem saber direito o que falar.

— Me disseram que você estuda na faculdade de medicina da Universidade Columbia. Isso é fantástico. Você deve ser muito inteligente.

Pia tinha se virado de novo para a janela e Burim continuou a falar para as costas dela.

— Você se parece com a sua mãe, sabia disso? O mesmo cabelo, os mesmos olhos, é impressionante.

Pia não disse nada. Então era ele mesmo.

— Sinto que isso é um milagre, nosso encontro. Pia, por favor, diga alguma coisa.

Silêncio.

— Seu tio Drilon está aqui.

Nesse momento Pia reagiu. Pigarreou para juntar saliva e cuspiu no chão ao lado da cama. Burim ficou desconsolado.

— Pia, me perdoe, nunca voltei para buscar você. Eu era jovem e burro. Muitas vezes tive vontade de voltar, muitas e muitas vezes, mas eu sabia que se aparecesse, eles iam descobrir que eu estava ilegal no país e me mandariam embora para casa, então eu nunca teria a chance de encontrar você. Eu estava trabalhando com aqueles caras, a quadrilha do Rudaj, sabe, e a organização foi desmantelada, e o Drilon e eu tivemos de virar clandestinos. Aí, quando começamos a trabalhar para o Ristani, tivemos que mudar de nome e deixar o passado pra trás. Gostaria que não fôssemos obrigados a fazer isso, mas fizemos. Pia, por favor.

No momento em que viu o rosto de Burim, Pia soube quem ele era. Aquele era o homem pelo qual ela havia esperado durante anos, o homem que a deixou entregue a sofrimentos enquanto ela esperava com fervor que ele voltasse para salvá-la. Ele nunca voltou. Agora estava dando as caras, e para quê? E tinha trazido consigo aquele monstro? O que eles iriam fazer, matá-la? A essa altura ela pouco se importava.

— Ouça, eu abandonei você, mas, de repente, agora que eu a vi, para mim é importante que seja minha filha e que esteja segura.

— Segura? Você ao menos imagina o que foi, para mim, viver em um orfanato? — rosnou Pia. Burim ficou chocado com o som da voz dela. — Você imagina?

— Mas você vai ser médica, veja como tudo terminou!

— *Isto aqui* é como tudo terminou, seu babaca! Armas, bandidos, *assassinos*. É disso que me lembro desde pequena. E minha mãe estava presente e de uma hora para outra já não estava mais. O que aconteceu com ela?

— Eu não sei.

— Você é um mentiroso! — Pia se virou e gritou as palavras.

Buda abriu a porta. Devia estar de pé do lado de fora.

— Está tudo bem aí?

— Por favor, nos deixe conversar — pediu Burim.

Lágrimas silenciosas escorriam pelo rosto da moça. Ela se virou de novo e encarou a parede. Não conseguia entender o que estava acontecendo. Como seu pai estaria envolvido com as pessoas que assassinaram Rothman, Yamamoto e Will McKinley? Tinham esperado que ele aparecesse, o que significava que talvez Burim fosse conseguir impedi-los de matá-la. Quando Pia tornou a falar, sua voz estava mais baixa.

— É só o que sei a seu respeito. Que você é um mentiroso.

— Estou aqui agora.

— Você está aqui para terminar o trabalho que eles começaram?

— Eu entendo por que você está dizendo essas coisas, mas precisa acreditar em mim. Estou aqui para salvá-la.

— Você e seu cavalo branco.

— O quê?

— Ah, deixa pra lá.

— O que estou dizendo não é mentira. Os caras que estão lá na sala, eles foram pagos em dinheiro para fazer você parar, porque andou investigando umas mortes. Eles querem que você pare de investigar.

Pia não disse nada.

— Eles sabem que você tem sobrenome albanês e andaram perguntando por aí se alguém conhecia você, e eu disse que talvez sim. A questão é que albanês não pode matar albanês: não em nosso ramo, a não ser que o assassino

também queira morrer. Se você não fosse albanesa, se não fosse minha filha, já estaria morta. Você entende?

— É muita gentileza deles.

— Na verdade é, sim.

— Eles mataram meu professor e outro médico com uma febre tifoide e uma dose maciça de polônio. Mataram meu amigo com um tiro na cabeça porque ele estava me ajudando. Eu devia agradecer a eles por terem me poupado?

— Não posso fazer nada em relação aos outros. O que posso fazer é salvar você.

— E como você vai fazer isso?

— Eu dou a eles a garantia de que você vai abandonar a investigação. E de que você não vai mencionar o envolvimento deles para as autoridades. Tire umas férias. Qualquer coisa assim. A gente pode pensar em alguma coisa.

— Você? Você não me vê desde que eu tinha seis anos. Eles vão aceitar sua palavra?

— Se eu der minha palavra, sim. Eu apertei a mão deles e a honra da minha família está em jogo.

— Senão eles me matam.

— Senão eles matam você.

— E você vai aceitar minha palavra de que vou desistir?

— Se me der sua palavra, sim.

Pia bufou em sinal de desprezo. Pelo visto a única pessoa que podia salvá-la era o pai dela, a pessoa menos provável no planeta, o cara que lhe parecia menos confiável e mais odioso, o homem que tinha sido a causa de todos os sofrimentos pelos quais ela havia passado. Numa situação que desafiava qualquer entendimento, ela estava tentando refletir de forma isenta. A droga ainda não havia sido eliminada por completo de seu organismo, dava para sentir; não conseguia lembrar outra ocasião em que estivesse tão cansada, assustada, transtornada, furiosa, e, no entanto, fosse obrigada a raciocinar.

Para continuar viva, Pia teria de prometer que desistiria da investigação, mas será que poderia fazer isso? Restava muito pouco a verificar. No OCME Pia tinha provado que o polônio estava envolvido nas mortes dos pesquisadores. Tinha certeza de que os legistas estariam examinando o que ela havia

encontrado. Com certeza a polícia devia estar por toda parte na universidade, procurando os homens que assassinaram Will e a sequestraram. Ela já não podia contribuir com coisa alguma para a investigação, além de fornecer provas materiais, e quanto a isso Burim não tinha mencionando nada. O trabalho dela estava encerrado.

— Até parece que você se importa com a honra da família — disse ela.

— Eu me importo, sim. Mas se você não acredita, aceite minha palavra de que eu me importo com minha honra.

— E é só isso que tenho de fazer, parar de investigar?

— Mas você tem que parar de verdade. Talvez se afastar por uns tempos. Você precisa acreditar em mim, se não parar eles vão matar você. Seja qual for sua opinião a meu respeito, veja bem a alternativa. Você tem que ficar o mais calada possível. Se levar a polícia até Buda, não há a menor chance de você algum dia poder testemunhar contra ele.

Pia entendeu que não tinha escolha. Mas talvez houvesse algo que o pai pudesse fazer por ela para reparar algumas das humilhações sofridas. Pia virou-se para encará-lo.

— Tudo bem, mas você deve saber que nem todos esses homens foram exatamente honrados em relação a mim.

— Fico feliz por você concordar, Pia. Mas o que está querendo dizer?

— Quando cheguei aqui eu estava drogada. Mas lembro que pelo menos um dos homens me atacou, o mais novo com certeza. Talvez todos eles.

Burim reagiu da forma que Pia tinha esperado. Ficou olhando para ela por um momento, e seu rosto foi ficando roxo; depois deu um salto e escancarou a porta.

— Sr. Buda! Preciso falar com o senhor.

Buda sentiu que Burim estava louco por uma briga, disparando olhares furiosos em direção a Neri. A moça devia ter contado ao pai o que aconteceu na casa. Todos os presentes se levantaram e a tensão foi imediata. Buda pegou Burim pelo braço e o levou para a cozinha. As embalagens de comida continuavam fechadas em cima do fogão. Burim falou calmamente, mas com uma fúria reprimida.

— Ela é de fato minha filha. E diz que foi estuprada. Pelo mais novo com certeza, talvez por mais de um deles. O senhor sabia disso?

— Olha, me disseram que um dos homens tinha perdido momentaneamente o controle, mas que não tinha havido sexo...

— Mas...

— Eu entendo que para você isso seja ultrajante, mas era tão remota a probabilidade de que ela fosse sua filha...

— Isso não é desculpa. Talvez fosse melhor ela ter sido morta do que ter sido violentada assim. Eu dei meu aperto de mão, mas talvez seja obrigado a desfazê-lo.

Buda olhou Burim no olho. Estava falando sério ou estaria só tentando arrancar dele mais dinheiro? Dez minutos antes o cara nem sabia que tinha uma filha, e agora estava preocupado com a honra dela? Alguns desses sujeitos eram realmente uns caipiras.

— Vou punir os homens, disso você pode ter certeza.

Burim fez que não com a cabeça, e abriu a jaqueta, expondo o coldre de ombro.

— Isso só pode ser reparado se eu for autorizado a aplicar a punição. O senhor quer que eu chame o Berti?

— Não, claro que não. Eu chamei você aqui justamente para evitar esse tipo de situação. Uma morte só pode levar a outras mortes. É sempre assim. Punição, sim. Matança, não. Eu pedirei desculpas a ela pessoalmente.

— Duvido que ela vá aceitar qualquer pedido de desculpas. Foi por isso que eu soube que se tratava dela. Tem o mesmo gênio da mãe.

— Escute, eu pedirei desculpas. Pagarei em dinheiro a ela e a você, dinheiro que vou tirar dos três homens que estão lá dentro. Mas não vou transformar isso num banho de sangue. Não devia ter acontecido, eu lamento muito. Em última instância, a culpa é minha. Mas eu preciso que você, Burim, honre seu aperto de mão e que ela abandone a investigação que está fazendo.

Burim parou para pensar. Buda não permitiria que alguém de outra organização punisse os homens dele. Uma vendeta não interessava a ninguém, e Burim não queria ser a causa de uma disputa entre Aleksander Buda e Berti Ristani.

— Tudo bem, vou falar com ela.

Burim retornou ao quarto. Pia soube que por mais repugnante que lhe parecesse a ajuda de Burim, seria obrigada a aceitá-la. Agora queria

principalmente ir embora dali, e procurar George. Burim fechou a porta e comunicou o que Buda havia lhe dito. Estava disposta a abrir mão da vingança a que tinha direito? Ela sabia que a justiça lhe estava sendo duplamente negada. Impediam-na de acusar os assassinos de Rothman e também de ver alguma "justiça das ruas" aplicada à pessoa que a atacou.

— Se é desse jeito que vai ser, quero falar com os homens lá fora — disse Pia.

— Tá certo, mas eu quero que você aperte minha mão pelo nosso acordo: um aperto de mão albanês.

Burim esticou a mão. Pia olhou para ela. Que lhe importava? Apertou a mão de Burim e sua pele se arrepiou quando tocou na dele.

Pai e filha entraram na sala em que todos ainda estavam de pé, embora em atitude um pouco mais relaxada.

— Eu vou aceitar a oferta — disse ela a Buda. — Vou fazer o que pediu e abandonar a investigação. Mas tenho algumas coisas a dizer.

Pia foi para junto de Neri e ficou parada na frente dele. O rapaz começou a tremer, olhando primeiro para Prek, depois para Buda, e por fim para Burim.

— Você é um lixo.

— Juro que não fiz nada. Eu não consigo, é impossível...

Pia empurrou com força o indicador no peito de Neri.

— Você não é tão valente quando a mulher está acordada, não é? Sabe o que meu pai vai fazer com você? Vai cortar esse seu pauzinho insignificante e enfiá-lo no seu cu.

— Não, não, eu não fiz...

— Como é que é?! — cobrou Pia, empurrando Neri de novo com o dedo.

Ele agora estava chorando e tremendo, e grandes torrentes de lágrimas jorravam de seus olhos. Chorava de mãos juntas, implorando a Pia.

— Está vendo que sou muito mais forte que você? Você é um garotinho desprezível.

Pia tornou a cutucá-lo e Neri recuou, desabando em cima do sofá, onde ficou sentado choramingando.

— E você... — disse ela a Drilon —, você nunca mais vai falar comigo nem chegar perto de mim.

Drilon ficou olhando para Burim e levantou as mãos como quem diz: "Não estou entendendo". Pia prosseguiu.

— Agora tenho uma pergunta para fazer ao senhor.

Pia olhou para Buda, que ergueu as sobrancelhas.

— A mim?

— Alguns homens lhe deram dinheiro para me ameaçar?

— Sim.

— Alguns homens lhe deram dinheiro para me matar?

— Sim.

— São os mesmos que lhe pediram para matar o Dr. Rothman e o Dr. Yamamoto?

Buda hesitou.

— São.

— Por que fizeram isso? Quando entendi que as mortes não foram acidentais, não consegui imaginar por que alguém iria querer se dar a tanto trabalho para matar dois pesquisadores da área médica. O trabalho que eles estavam fazendo... eles estavam prestes a mudar o mundo.

Buda olhou para Burim. Seria totalmente impossível controlar essa mulher?

— Algumas pessoas tinham investimentos que foram ameaçados pela pesquisa.

— Investimentos? O senhor está querendo me dizer que eles fizeram isso por *dinheiro*?

— Acho que sim — disse Buda e pensou: Por que outro motivo alguém faria qualquer coisa?

Pia estava pasma. Recordou a conversa franca que teve com Rothman e que aquele diálogo parecia ser o começo de algo significativo na vida dela: o pai que nunca tivera. Recordou as gentilezas de Yamamoto, pequenas e grandes. E Will, cuja vida tinha sido extinguida como uma vela. Depois se lembrou de si mesma parada no laboratório iluminado de azul, olhando para os banhos de órgãos artificiais e o enorme entusiasmo que tinha sentido. E a alegria ainda mais intensa vivenciada diante da visão espetacular do pâncreas artificial. Agora era provável que aqueles dois laboratórios estivessem sendo trancados e deixados de reserva. A pesquisa iria continuar, mas não na Universidade Columbia, e não com ela. Pia sentiu-se vazia e roubada.

Era possível que os assassinos de Rothman e Yamamoto estivessem ali naquela sala. Pia não podia tocar neles, sabia disso; sua vida dependia de que eles escapassem impunes. Ela estava completamente impotente.

— Neste caso, há uma coisa que eu quero que o senhor faça. E aí prometo que fico fora do caminho e seguro a língua.

Pia expôs sua ideia. Buda gostou. Aquele serviço estava com um excesso de pontas soltas. Burim concordou que aquilo iria vingar o ataque à honra da filha. Os homens apertaram as mãos e depois cada um apertou a mão da moça.

Buda ficou satisfeito com a solução, mesmo que fosse custar mais trabalho e tivesse de decidir o que fazer com seus homens, principalmente com Neri, que parecia arrasado. Prek e Genti estavam comendo a refeição morna, mas Neri ainda estava encolhido no sofá.

Buda encontrou um velho par de tênis de sua mulher, que eram grandes demais para Pia, mas que serviriam por enquanto. Ele os levou até o quarto onde ela estava descansando.

— O que você vai fazer agora?

— O senhor acha mesmo que vou dizer?

— Lamento que as coisas tenham acontecido assim.

— É um pouco tarde para isso. Só quero que você me deixe em paz.

Quando Pia voltou à sala de estar, o ambiente estava cheio de fumaça de cigarro. Os homens conversavam e dois deles riam. Pia foi direto falar com Buda.

— Cadê meu celular?

Buda olhou para Prek, que deu de ombros.

— Pode devolver o celular dela. Mas não ligue até terminarmos isso aqui.

— Não vou ligar.

Prek pegou o celular, o documento estudantil de identidade, a carteira em que Pia guardava o cartão de crédito e o dinheiro no bolso da jaqueta e devolveu tudo a ela.

— Vou esperar lá fora — disse Pia. — Aqui dentro está fedendo.

Sem dizer mais nada, ela saiu batendo a porta atrás de si com um estrondo que estremeceu a casa.

Burim balançou a cabeça.

— Ela é exatamente como a mãe.

— Nós devíamos ir lá pra fora. Ela é capaz de telefonar para alguém — disse Prek.

— Ela não vai fazer isso — garantiu Buda. — Ela é albanesa, e prometeu.

— Ela é *metade* albanesa — disse Burim — e metade italiana. Acho melhor eu ir lá.

Os homens deram risada.

Parada atrás da van, Pia tinha ligado o celular, que foi inundado de e-mails e torpedos. Ela viu que havia uma mensagem de Lesley Wong: "Deus a proteja. Rezando pela recuperação de Will."

— Pia?

Era Burim. Ela desligou o telefone e surgiu de trás do furgão.

— Estamos indo embora — anunciou Burim.

Pia só tinha um pensamento: recuperação? Era possível que Will estivesse vivo?

62

GREEN POND, NOVA JERSEY
26 DE MARÇO DE 2011, 0H03

Buda deu a seus homens as ordens de serviço. Ele voltaria de carro para o Bronx, com Prek e Genti, enquanto Neri ficaria na casa e limparia o imóvel e o carro, para apagar todos os sinais da passagem de Pia. Buda foi muito específico em relação aos produtos que Neri usaria, e ao tempo que deveria gastar em cada etapa da tarefa. O chefe enfatizou que desejava que o novato fizesse um bom trabalho, que demoraria todo o fim de semana para ser realizado. Aquilo daria a Buda o tempo necessário para decidir o que fazer com Neri. Antes de sair da casa, ele colocou no bolso as chaves do furgão. Fatos teve de levar Drilon até o estacionamento do restaurante, para que ele pegasse o próprio automóvel, porque Pia se negou a entrar num carro com o tio. E ela não quis saber de dar explicações.

Pia sentou-se no banco do carona no carro do pai e ficou olhando à sua frente enquanto os homens se despediam no acesso de garagem. Burim e Pia partiram em direção a Weehawken. Em consideração a ela, Burim ligou o aquecimento.

— Qual é seu problema com o Drilon?

— Não vou falar sobre isso — declarou Pia.

— Espero que você fale depois. Então hoje à noite vamos para minha casa.

Será que ele está brincando? pensou Pia. Estava desesperada para se afastar desse homem.

— Não, eu quero voltar para o hospital.

— Não posso deixá-la fazer isso — reagiu Burim.

— Claro que pode — retrucou Pia. — Prometi não me meter mais e vou cumprir a promessa. Você vai ter que confiar em mim. É a mesma coisa hoje, ou em uma semana, ou em um mês. Preciso verificar uma coisa.

— O lugar estará cheio de policiais.

— Vou acabar tendo que falar com eles. Ou está achando que vou me mudar para sua casa em Nova Jersey e ficar morando lá e brincando de família feliz? Porque isso não vai acontecer. Você não pode entrar de novo na minha vida assim, ainda não entendeu? Nós temos um acordo e nada mais. Você tem que confiar em mim, eu tenho que confiar em você. Nós demos um aperto de mão, está lembrado?

— Você não pode contar nada à polícia, obviamente, e sabe disso. Nada sobre Buda, nem sobre os homens dele nem sobre ter visto a mim e a Drilon.

— Não se preocupe, não parece difícil esquecer você.

Burim ignorou a provocação.

— Então precisamos inventar uma história para o que aconteceu com você — disse ele.

— Sobre o polônio, a polícia vai saber tanto quanto sei. Mas eu não sei quem cometeu os assassinatos, só o motivo.

— Eu também, quanto menos souber, melhor.

— Imagino que eles vão descobrir que meu organismo está cheio de drogas — disse Pia. — Portanto, vou dizer que me drogaram, e depois fui mantida em cativeiro numa casa fora da cidade, mas consegui fugir.

— Então, como foi que você voltou pra Nova York?

— Já acordei em Nova York e não sei por onde estive.

— Onde você conseguiu as roupas?

— Não lembro onde consegui as roupas e isso é verdade.

— Então a história é a seguinte: você estava drogada, inconsciente. Foi levada de carro por uns homens, mas em nenhum momento viu o rosto deles. Depois pararam numa casa em algum lugar e deram outras roupas a você. Daí tornaram a levá-la de carro e a soltaram em Manhattan. Não posso levá-la ao

hospital pessoalmente. Seria muito arriscado, podem me ver. É melhor você viajar no banco traseiro, que fica fora da visão das câmeras na ponte. Vou deixar você em Manhattan, em algum lugar da Broadway. Dali em diante você pode pegar um táxi.

— Combinado.

Pia passou para o banco traseiro e ficou encolhida. Estava exausta e ainda tremia de frio.

— Pia, temos que ficar em contato. Qual é o número do seu celular?

Imaginando que se quisesse ele poderia descobrir, ela deu o número e Burim disse que se lembraria. Não se deu ao trabalho de dar seu próprio número à filha.

Burim continuou falando, contando pequenas histórias de que se recordava, sobre os tempos em que ela era criança. Estava convencido de que sua memória não falhava, que essas coisas tinham acontecido da forma como ele se lembrava. Concentrando-se na estrada, ele sabia que Pia provavelmente não estava ouvindo. Ele tentaria se aproximar dela, mas não tinha certeza de sua receptividade. Depois de algum tempo Burim parou de falar e continuaram viajando em silêncio.

Quarenta minutos depois tinham chegado à Broadway, na ponta da ilha de Manhattan. No meio de uma quadra sossegada, ele reduziu a marcha e Pia saltou do carro sem dizer uma palavra, nem olhar para trás. Burim parou o carro e ficou observando a filha atravessar uma esquina e fazer sinal para um táxi que ia passando. Um táxi pirata se aproximou e Pia, inclinando-se na janela, disse alguma coisa ao motorista. Antes que ela entrasse no carro, Burim pensou que parecia pequena e vulnerável com aquelas roupas esquisitas. Mas ele teve a sensação de que ela ficaria bem.

63

CENTRO MÉDICO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA
NOVA YORK
26 DE MARÇO DE 2011, 1H

Pia pediu ao motorista do táxi que a deixasse o mais perto possível do prédio do alojamento estudantil em Haven Avenue. Os policiais ainda trabalhavam com luz artificial no local onde o sequestro e a tentativa de homicídio ocorreram. A corrida de táxi custou doze dólares; ela deu ao motorista a nota de vinte que recebeu de Burim e não esperou pelo troco. Na viagem de volta Pia concentrou o pensamento em Will, e não se importou com o pai, que ficou tagarelando no banco da frente. Ela tentou não pensar na provação pela qual tinha passado. Pelo menos agora estava em segurança. Pia não sabia se tentaria ou não estabelecer uma relação com o pai, mas tinha certeza de que não queria ter absolutamente nada a ver com Drilon. Suas poucas lembranças a respeito dele eram todas dolorosas.

Pia se concentrou. A conversa com a polícia não a preocupava. Afinal, não seria a primeira vez. Ela havia construído um muro ao redor do que acontecera na casa e não revelaria nada daquilo; de todos os outros detalhes podia falar com franqueza. E havia algumas verdades que ela ainda estava decidida a levar ao conhecimento público. Não haveria possibilidade de encobri-las.

Ela se dirigiu ao balcão da recepção do alojamento. Havia dois policiais uniformizados junto ao elevador, mas Pia esperou que as roupas esquisitas que

estava usando e o fato de ter escondido os cabelos com um boné de beisebol deixassem um possível vigia confuso. Apesar do adiantado da hora havia alunos voltando dos estudos no Centro de Ciências da Saúde ou chegando de uma noitada. Outros estavam a caminho da saída, por terem sido chamados ao hospital em alguma emergência.

Pia conhecia o funcionário de plantão na recepção e lhe perguntou por Will McKinley.

— Pia, é você? — perguntou o jovem. — A polícia está à sua procura. Dizem que você foi *sequestrada* e outras loucuras.

— Não, comigo está tudo bem; o Will... você sabe dele?

Pia colocou um dedo nos lábios para silenciar o rapaz, impedindo-o de chamar a atenção para a presença dela.

— Ih, garota, ouvi dizer que ele levou um tiro na cabeça, mas que sobreviveu. Foi levado para o Instituto de Neurologia e passou por uma cirurgia. Um dos estudantes me contou que ele está na UTI.

Sem mais uma palavra, Pia se virou e se afastou do balcão, dirigindo-se à UTI da neurocirurgia. Viu muitos policiais e seguranças, mas todos procuravam uma mulher de cabelos negros e longos, não alguém com agasalho de moletom do New York Jets, meiões de futebol e um boné de beisebol. Ela estava parecendo uma animadora de torcida.

Na entrada da UTI havia mais policiais. As enfermeiras a barraram, por causa da roupa inadequada e do hematoma no queixo. Depois de explicar que era estudante de medicina, Pia mostrou a identidade estudantil, cobrindo o nome com o dedo. Contava com que todos ali tivessem passado a noite inteira no plantão, sem tempo de ver o noticiário. A enfermeira-chefe disse que não deixaria a estudante entrar na UTI, mas contatou o responsável pelo setor pelo pager.

Quando ele chegou, olhou curioso para a estudante. Mesmo assim tratou-a com amabilidade, depois de informado que ela era uma estudante de medicina interessada no caso. Partiu do princípio de que fosse uma namorada do rapaz.

— O Sr. McKinley está sendo mantido em coma induzido pós-operatório — explicou o Dr. Hill. — Foi ferido na cabeça por um tiro, mas a bala fez o trânsito completo através do lobo frontal. É um tipo de lesão de que algumas pessoas se recuperaram no passado. Mas eu destacaria o fato de que qualquer

um que sofre esse tipo de lesão pode não voltar a ser exatamente a mesma pessoa que era antes de ser ferido e submetido a uma cirurgia no cérebro.

— Ele é meu amigo — explicou Pia. — Eu estava lá quando ele foi ferido.

— Então é muito importante que entenda que ele vai ser diferente, mesmo que tenha uma recuperação aparentemente completa.

— Diferente em que sentido?

— É uma longa história para explicar agora. Estude o caso de Phineas Gage, de 1848, que envolveu um trauma muito mais severo do lobo frontal. Foi o primeiro caso registrado sobre o modo como o trauma penetrante na cabeça pode afetar a personalidade.

— Eu posso vê-lo?

— Não vejo por que não. A família dele está a caminho. E você vai ter que usar um jaleco.

— Naturalmente.

Pia saiu para vestir o traje de segurança.

Só então o Dr. Hill se lembrou de alguma coisa sobre ficar atento à aparição de uma moça.

No quarto de Will McKinley, Pia encontrou George parado à cabeceira de Will.

— Santo Deus, Pia! — disse George e a agarrou num abraço. — Você está bem? O que houve com você?

— Eu estou bem. Mais tarde eu conto. E o Will, como ele está?

— Ninguém sabe. Tenho que voltar para falar com mais alguns policiais, mas eu quis vê-lo. Eu vi a coisa toda. Vi quando ele foi baleado e quando você foi sequestrada. Mal posso acreditar que ele esteja vivo. E que você também esteja. Graças a Deus! O que aconteceu?

George olhava para Pia como se ela fosse uma aparição, mas ela virou-se na direção de Will. A respiração dele estava sendo regulada por uma máquina, havia emaranhados de fios e tubos envolvendo-o e ele estava cercado de aparelhos com visores iluminados. Seu rosto parecia calmo e tranquilo; a pele estava com uma cor normal. Se não fosse por todo o equipamento médico e os ruídos de apitos e estalos, ele poderia muito bem estar só dormindo. Uma

enfermeira rondava pelas imediações. Pia olhou em torno e viu a própria imagem refletida na enorme vidraça da unidade: estava com uma aparência horrível. Ela voltou a atenção novamente para George.

— George, sinto muito ter colocado você nessa situação. E, por favor, me perdoe — disse ela. — Sei que se eu tivesse ouvido você, isso teria tomado um rumo diferente.

— Pia, eu me sinto tão mal em relação a isso quanto você. Enquanto você me esperava na estação eu estava dormindo. Continuei dormindo durante seus telefonemas. Eu devia ter ido encontrar você. Aí seria eu deitado nessa cama.

— Isso não me faz me sentir nem um pouco melhor. O Will nem imaginava o que estava acontecendo, pois eu não disse nada. Não sei o que vai acontecer comigo, então quero dizer algumas coisas enquanto tenho oportunidade. Quero agradecer a você por ter feito todo o possível para me ajudar. Eu realmente não entendo por que você deveria fazer isso por alguém, sem a pessoa pedir, nem valorizar o que você está fazendo. Mas há muitas coisas que eu não entendo. Acho que das coisas que não entendo, a principal sou eu mesma. Acho que você se conhece, e é por isso que consegue dizer que ama alguém, como fez comigo. E eu lamento por não ter escutado você naquela ocasião. Eu o invejo por conseguir fazer isso, e me pergunto por que não consigo. Acho que alguma coisa dentro de mim está quebrada, ou nunca existiu, e eu demorei até agora para conseguir enxergar isso. Por uma série de razões acho muito difícil confiar nos outros. Como se eu precisasse dizer isso a você... Mas também não sei como amar alguém, ou aceitar o amor de alguém. Ser amado é uma grande responsabilidade e é preciso pensar muito antes de rejeitar o amor de outra pessoa. Mas você me fez ter vontade de aprender mais sobre mim mesma, de ver se consigo consertar aquela parte quebrada. Acho que fizemos juntos aquele curso, na cadeira de psicologia do primeiro ano, aquela parte sobre pessoas que têm problemas de personalidade e que nunca aceitam que são elas as diferentes. Por isso, se estão marchando, se marcam o passo com o pé direito enquanto todos os outros marcam com o pé esquerdo, elas dizem com inabalável convicção que os outros estão marchando errado, e elas não. Acho que sou assim.

Pia olhou em volta. Não tinha percebido a saída da enfermeira nem tinha visto nem ouvido um homem entrar no quarto. Ele era robusto e estava

usando, sobre a roupa, o conjunto de jaleco e touca que ela e George também estavam usando. Ficou parado no fundo do quarto enquanto ela permanecia com George ao lado da cama de Will. O homem acenou como se dissesse: "Não ligue para mim, continue falando!"

— Nunca entendi os sentimentos dos outros, George. Eu zombava das pessoas que se diziam apaixonadas, porque eu nunca soube o que significava isso. Não sei se consigo mudar, e não sei se alguém pode ser ensinado a amar. Mas sei de verdade que quero tentar.

Pia estendeu o braço e tocou a face de George com a ponta do dedo.

— Por favor, tente me perdoar.

George fechou os olhos.

— Pia, não há nada a perdoar. Estou muito contente em ver você sã e salva.

Pia recuou e observou a expressão serena de Will. Depois se voltou para o visitante. Sentiu que ele estava ali para falar com ela.

— Sou o detetive capitão Lou Soldano. Você deve ser Pia Grazdani, imagino.

— Sou eu mesma.

— Você precisa me acompanhar agora.

— Entendi. Posso ir ao banheiro antes?

— Naturalmente — disse Lou.

Depois que Pia prometeu a George que o veria mais tarde, ela saiu com Lou da unidade de tratamento intensivo.

— Estou feliz em vê-la — disse o detetive. — Está tudo bem com você?

— Comigo está tudo bem — respondeu Pia, antes de desaparecer no toalete feminino perto dos elevadores.

Depois de trancar a porta, ela pegou o celular. Rapidamente digitou um endereço eletrônico, enviando uma mensagem bem longa que já tinha escrito. Depois de garantir o envio da mensagem, ela usou o toalete. Então olhou para si mesma no espelho acima da pia e disse: "Agora sim, a merda foi jogada no ventilador." Com um profundo suspiro, ela se recompôs para sair e se encontrar com o detetive Lou Soldano, que representava sua antiga rival, a cidade de Nova York.

64

EAST 10TH STREET
NOVA YORK
26 DE MARÇO DE 2011, 2H13

O homem tomou consciência do ruído de um telefone bem ao lado de seu ouvido. Imediatamente passou do sono profundo à consciência parcial, mas levou alguns segundos para entender onde estava. Levantou o celular e viu o identificador de chamadas; não reconheceu o número, mas aceitou a ligação só para interromper o barulho.

— McGovern. Seja você quem for, é melhor que tenha um bom motivo.

— É o Chet McGovern quem está falando? — perguntou uma voz feminina.

— Acho que sim, mas pode me perguntar amanhã. Aliás, que horas são?

— Umas duas e quinze da madrugada. Desculpe-me por ligar a essa hora.

— Eu conheço você?

— Meu nome é Jemima Meads. Estou telefonando do jornal *New York Post.*

— Do *Post?*

A menção ao nome do jornal levou McGovern a se sentar. Olhou a ruiva deitada a seu lado na cama dormindo um sono profundo. Na cama dela, ele se lembrou, em algum lugar do Village. Qual era mesmo o nome *dela*?

— Dr. McGovern, estamos fazendo a apuração de uma matéria em que dois pesquisadores da Universidade Columbia foram mortos pelo agente radioativo

polônio-210, exatamente como o coronel da KGB em Londres. O senhor tem algum comentário a fazer?

— São duas e quinze da madrugada — respondeu McGovern.

— Eu peço desculpas, mas queremos ser os primeiros a dar a notícia e precisamos ter a informação correta.

— Mas pensei que não íamos liberar a causa da morte — disse McGovern.

— Então o senhor pode confirmá-la?

— Não foi o que eu disse.

— Até certo ponto foi.

— Olha, fale com meu colega Jack, foi ele quem fez as autópsias. Mas recomendo que seja amanhã durante o horário normal do expediente.

— Jack Stapleton, o legista?

— Ele mesmo.

— Tudo bem, muito obrigada. E desculpe por incomodá-lo.

A mulher encerrou a chamada e Chet voltou a se deitar na cama. De que se trataria aquilo?

EPÍLOGO

GREENWICH, CONNECTICUT
26 DE MARÇO DE 2011, 6H05

Embora fosse um sábado, Russell Lefevre tinha posto o relógio para despertar às 5h45. Ele desligou o alarme antes de ir acordar a esposa. Lefevre andou preguiçosamente até o banheiro e depois desceu a escada para fazer café e ler as notícias do dia na internet. Enquanto o café estava sendo coado, Russell percorreu as manchetes on-line dos jornais *The New York Times*, *The Wall Street Journal* e *The Washington Post*. Ele sempre tivera o costume de se manter em dia com as notícias, mas nas últimas semanas o hábito se tornara obsessivo, principalmente porque Edmund foi ficando cada vez menos comunicativo.

Ainda que Russell tivesse perguntado várias vezes, Edmund nunca revelou ao sócio o que tinha conversado semanas antes, na sua casa, com Jerry Trotter, embora parecesse profundamente abalado depois da conversa. Passada uma semana ou pouco mais, Jerry Trotter desapareceu. Quando Russell ligou para Higgins, Max alegou que Jerry estava numa viagem de pesquisa na Ásia, e que não sabia quando o outro voltaria. Edmund não fez nenhum comentário. Então Russell leu sobre o ataque sofrido por Gloria Croft certa manhã quando praticava corrida no Central Park, e Edmund alegou não ter noção do que havia acontecido.

Dois dias antes todos os jornais tinham publicado a história sobre Rothman e Yamamoto. Primeiro, o fato de terem adoecido; depois a mídia informou que

os dois pesquisadores tinham morrido num trágico acidente no laboratório. Russell não sabia o que sentir nem o que pensar. Primeiro Jerry desapareceu, depois Gloria foi atacada, e então Rothman e Yamamoto morreram. Isoladamente, cada um dos dois últimos acontecimentos tinha representado um golpe de sorte, mas juntos pareciam mais que mera coincidência. Será que Edmund tinha alguma coisa a ver com isso? Esses eventos seriam o que seu sócio e Jerry tinham falado a respeito? Parecia impossível supor que Edmund estivesse envolvido, mas Russell não conseguiu reunir coragem para confrontar o parceiro.

Russell preparou o café e procurou o *New York Post.* Quase se engasgou ao ver a manchete recém-atualizada na página principal:

MÉDICOS DA COLUMBIA EM CRIME SEMELHANTE AO DA KGB? Na coluna de Jemima Meads havia uma reportagem exclusiva sobre Rothman e Yamamoto. Moderada por advérbios como "presumivelmente" e "supostamente", a matéria dizia que a repórter, seguindo uma denúncia anônima, tinha entrado em contato com profissionais do OCME em Nova York que trabalhavam com a teoria de que o exótico agente radioativo polônio-210 estava envolvido nas mortes de dois famosos pesquisadores da Universidade Columbia. A descoberta foi feita pela equipe de médicos-legistas, o Dr. Jack Stapleton e Dra. Laurie Montgomery, marido e mulher, que procurados pela jornalista na residência deles em Upper West Side, recusaram-se a confirmar ou a desmentir a história, orientando a repórter a falar com o departamento de relações públicas do OCME.

A descoberta foi imediatamente comunicada ao FBI, à CIA, à agência de segurança nacional, e à força de combate ao crime organizado da polícia da cidade de Nova York, em razão de suas significativas implicações e semelhanças com o homicídio cometido pela FBS — atual encarnação da KGB — contra um agente desertor daquela instituição, ocorrido em Londres em 2006.

O polônio-210, dizia o artigo, é um composto extremamente venenoso, milhões de vezes mais letal que o cianeto, se engolido ou aspirado. Também é muito difícil de obter por causa de suas associações com a detonação de armas nucleares. Acredita-se que só esteja disponível na Rússia, no Paquistão e na Coreia do Norte.

Àquela altura ainda não se sabia se as mortes estavam relacionadas a um atentado a tiros cometido no entardecer do dia anterior, diante do Centro Médico Columbia.

Russell correu para o telefone e ligou atabalhoadamente para Edmund. Percebeu que o estava acordando, pois o sócio só atendeu depois de seis toques.

— Russell, que diabo está havendo? — reclamou Edmund com a voz pastosa de sono.

— Edmund, entre agora na internet e veja o *Post*. Eles dizem que os pesquisadores foram assassinados com algum veneno nuclear. Ai, meu Deus.

— Tudo bem, Russell, tenha calma. É melhor você vir para cá.

Edmund desligou. Russell sentiu vontade de vomitar, mas se controlou. Voltou para o andar de cima e foi se vestir.

Ele começou a dirigir para a casa de Edmund, com a mente acelerada na tentativa de estabelecer conexões, pensando nas coincidências e no fato de que agora elas pareciam muito menos fortuitas. Como num assassinato. Enquanto dirigia, Russell não reparou que um Toyota Corolla velho e maltratado tinha entrado na pista e o estava seguindo pelas sinuosas estradas de terra de Greenwich.

Edmund tinha aberto os portões e Russell entrou no pátio murado que ficava diante da mansão à beira d'água. Saiu do carro e subiu aos saltos os degraus da frente, tocando impaciente a campainha, cujos acordes abafados ele mal conseguiu ouvir soarem através da robusta porta. Onde estava Edmund? Russell tornou a tocar a campainha. Os únicos outros sons que conseguia ouvir eram a cacofonia suave das aves canoras.

Finalmente Russell escutou um ferrolho sendo puxado para trás na pesada porta, e depois outro som, o de um carro avançando veloz pelo acesso à garagem. Ele se virou e observou enquanto um sedã bege derrapava e freava à curta distância de seu carro. Dois indivíduos saltaram e correram na direção dele. Estavam de capuz e de arma em punho. A porta se abriu e Russell virou a cabeça de novo e disse uma palavra. "Edmund".

— Eles rifaram a gente — disse Edmund.

Então os homens abriram fogo, ambos com pistolas munidas de silenciador. Russell caiu para a frente, de cara, e ficou atravessado na soleira da casa de Edmund. Este não teve tempo de processar o que estava vendo, que havia dois

homens disparando contra ele, que ele tinha feito uma aposta nessa empreitada e foi assim que tinha perdido. Caiu de costas, impulsionado por três balas no peito. Tombou com o corpo ereto, e só ficaram visíveis os solados de seus chinelos mais confortáveis.

O primeiro homem subiu os degraus, olhou para Edmund, fez pontaria e o acertou mais uma vez, na testa. Com o pé, o segundo homem desemborcou o corpo de Russell e fez a mesma coisa. Os homens se entreolharam e assentiram com a cabeça. Procuraram e recolheram os cartuchos vazios. Depois caminharam de volta ao carro, entraram e removeram os capuzes antes de dar partida.

Ao volante, Prek Vllasi percorreu a entrada até o portão e pegou a estrada. Voltando-se para Genti Hajdini, deu um soco no volante. Ambos sorriram.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Benefício na morte

Site oficial do autor
http://robincook.com/

Wikipedia do autor
http://pt.wikipedia.org/wiki/Robin_Cook_(escritor)

Good reads do autor
http://www.goodreads.com/author/
show/19697.Robin_Cook

Facebook do autor
https://www.facebook.com/DrRobinCook

Capa
Rosto
Créditos
Dedicatória
Agradecimentos
Prólogo

PARTE I

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21

22
23
24

PARTE II

25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44

PARTE III

45
46

47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64

Epílogo
Colofão
Saiba mais